

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIRIO

Programa de Pós-Graduação em Memória Social

Sandra Patricia Arenas Grisales

**Os vaga-lumes da memória:
altares espontâneos e narrativas de luto em Medellín-
Colômbia**

Rio de Janeiro,

2014

**Os vaga-lumes da memória:
altares espontâneos e narrativas de luto em Medellín-
Colômbia**

Sandra Patricia Arenas Grisales

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social.
Linha de Pesquisa: Memória e espaço.

Rio de Janeiro, 2014

G869 Grisales, Sandra Patricia Arenas.
Os vaga-lumes da memória : altares espontâneos e narrativas de luto em Medellín-Colômbia / Sandra Patricia Arenas Grisales, 2014.
226 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Javier Alejandro Lifschitz.
Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

1. Memória coletiva. 2. Altares - Sistemas de memória. 3. Violência-Medellin (Colômbia). 4. Luto - Aspectos psicológicos. 5. Resistência - Aspectos sociais. 6. Memória - Aspectos sociais. I. Lifschitz, Javier Alejandro. II. Universidade Federal do Estado do de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. III. Título.

CDD – 302

Os vaga-lumes da memória:

altares espontâneos e narrativas de luto em Medellín-Colômbia

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Linha de Pesquisa: Memória e espaço.

Defesa em: 24 de setembro de 2014

Prof. Dr. Javier Alejandro Lifschitz, Orientador Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO

Profa. Dra. Josaida Gondar

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO

Profa. Dra. Icléia Thiesen

Programa de Pós-Graduação em História - UNIRIO

Profa. Dra. Adriana de Resende Barreto Vianna

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Museu Nacional-UFRJ

Prof. Dr. Michel Misse

Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ

Rio de Janeiro, 2014

Para mim,

que nestes quatro anos caminhou pelos labirintos do esquecimento até perder-se. E hoje ressurgiu sorridente, luminosa, nas nossas mais doces lembranças.

Para Felipe,

minha alegria, minha força, *mi polo a tierra*.

Para José,

pelo prazer da sua companhia, pela magia dessas mãos dadas que contemplam o horizonte. Porque todo o vivido por nós é apenas o começo.

AGRADECIMENTOS

Nos mais de quatro anos de pesquisa foi fundamental o apoio institucional, pessoal e afetivo recebido, daí que a lista seja longa.

Em primeiro lugar quero agradecer às pessoas que aceitaram falar comigo e contar-me suas histórias, abrir-me as portas das suas casas e convidar-me para entrar. Vocês foram muito generosas comigo, falar de um passado doloroso não é fácil e ainda assim vocês o fizeram com a melhor disposição e interesse por meu trabalho. Obrigada pela oportunidade de conhecê-las, hoje suas memórias fazem parte das minhas.

Sou grata à Universidade de Antioquia e à Escuela Interamericana de Bibliotecología, por me permitir tomar o tempo necessário para a realização dos meus estudos. Ao programa PEC-PG da Capes, pela bolsa de estudos. Ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, cujos professores estiveram sempre muito atentos às minhas necessidades neste processo, em especial aos coordenadores Diana de Souza Pinto e Francisco Ramos de Farias e às secretárias Andressa e Patrícia, pela paciência e disposição para encontrar sempre soluções aos meus pedidos.

A Javier Alejandro Lifschitz, por sua orientação precisa e acertada. Por seu interesse em compreender o intrincado da nossa guerra e ajudar-me a vê-la com outros matizes. Mas especialmente agradeço a Javier sua solidariedade nos momentos difíceis, a palavra oportuna e o apoio incondicional.

Aos meus professores Jô Gondar, Francisco Ramos de Farias, Regina Abreu, Sergio da Silva, do PPGMS da UNIRIO, e Adriana Vianna e Olivia Gomes da Cunha, do PPGAS da UFRJ. Nas suas aulas minha pesquisa encontrou o caminho, as leituras e as discussões instigaram-me e levaram-me por novos rumos.

Todavia, o caminho começou muito antes daquele março de 2010, por isso devo agradecer a María Teresa Uribe, minha professora e amiga, que me desafiou sempre a fazer além daquilo que de mim se esperava. Suas

pesquisas são meu principal referente para compreender nossa realidade colombiana.

Aos membros da Banca de qualificação: Adriana Vianna, Michel Misse, Icléia Thiesen e Jô Gondar, obrigada pela leitura atenta, pelas sugestões bibliográficas, as conversas e as ideias compartilhadas. Minha tese beneficiou-se da capacidade de análise e agudeza de todos vocês.

A Juan Carlos Posada e Mary Hincapié do Programa de Atención a las Víctimas del Conflicto Armado, por brindar-me com sua assessoria nas primeiras aproximações com o tema da memória em Medellín e por facilitar os contatos iniciais com meus entrevistados.

A Elsa Blair, Patricia Nieto, Ana María Jaramillo, Max Gil, Natalia Quiceno, Angela Facundo e Alexis Vélez que me mostraram caminhos possíveis, fizeram valiosos aportes e tiveram sempre o tempo e a disposição para escutar dúvidas e me ajudar a encontrar saídas.

A Daniel Yepes, que me ajudou na difícil tarefa de pesquisar na imprensa e mergulhar nas bibliotecas de Medellín.

A Diego Arango, pelas fotos em La Milagrosa e na Universidade Nacional.

Aos meus colegas e amigos do PPGMS, em especial a Lorena, Gyl, André, Eladir, Eliza, Rosângela, Regina, Rosalí, Hercília, Denise. Muito obrigada a todos pela maravilhosa companhia, vocês fizeram da minha estada no Rio uma experiência única. Vou sentir muita saudade dessa turma.

Às amigadas que fiz no Brasil: Ana María, Natalia e Luciano, Diana, Angela e Lucho, Alexis, Luis Mauricio e Bel, Natalia e Juan, Carolina e Charles, Adriana, foi maravilhoso encontrar vocês na minha vida.

A Vini, Andrés, Laura, Raiza e Valeria por me abrigar nos primeiros meses no Rio, por me orientarem neste outro universo. Vocês me fizeram sentir como em casa.

Os amigos da Colômbia foram essenciais neste processo, não só porque me brindaram com seu carinho incondicional, senão porque, de diversas formas, todos contribuíram para a conclusão deste trabalho: Margarita, Adriana, Deicy, Ana María, Larissa, Marta Lucía, Marta Silvia, Nathalia, Gloria Naranjo, Gloria Galeano, Eliza, Amparo, Catalina, William, Adrian, Juan Carlos, Manuel, Jaime.

À minha família extensa pela solidariedade, pelo carinho, por sentir como suas minhas alegrias e tristezas.

Ao meu pai Rodrigo e aos meus irmãos Josefina, Rodrigo e Giovanny, meus sobrinhos Tobias, Juan Pablo e Jacobo. A todos vocês que enfrentaram com tanta coragem momentos tão difíceis e, no entanto, sempre tiveram para mim um sorriso e uma palavra de alento, devo muito a vocês.

A Felipe, que veio para morar no Rio de Janeiro e fez com que todos meus dias tivessem o brilho e a intensidade do céu de maio.

Ao José, esta tese deve a você em muitos sentidos, desde as nossas leituras juntos, as conversações no jantar, o voto de confiança diante das minhas incertezas até a leitura sempre atenta e a correção dos textos. Mas especialmente eu sou grata pela companhia, pelo apoio nos momentos difíceis, pela felicidade dos nossos dias. Você me deu um lar e um lugar na sua vida. Se há alguma coisa certa nesta tese é graças a você.

À minha mãe, Gilma, e à minha avó, Noemi, devo tudo a vocês. Muito obrigada por tanta vida e tanto amor.

RESUMO

Nosso objetivo é o de analisar as ações e as práticas culturais pelas quais os sujeitos reconstróem suas memórias em contextos de violência. Identificar os usos políticos da memória, como resistência política nos espaços do cotidiano, do íntimo, familiar ou comunitário. Trata-se de pesquisa qualitativa, o método usado foi o estudo de caso por seu foco no particular e por abordar o significado de uma experiência a partir da análise sistemática de um mesmo fenômeno. As técnicas usadas para obter informações foram a pesquisa documental e bibliográfica e a entrevista em profundidade. Identificamos quatro experiências de criação de altares espontâneos na cidade de Medellín, na Colômbia: um mural com nomes de pessoas mortas, um grafite em homenagem a duas estudantes mortas, um altar à virgem para lembrar as vítimas de uma chacina e um calvário para enterrar os restos do filho assassinado. Optamos pelas micro-histórias para compreender o sentido político do retorno ao cotidiano após enfrentar situações de violência. Os altares espontâneos são rituais de luto no espaço público, criados como resposta diante de mortes consideradas injustas. São formas de ação política não institucional, que têm como objetivo chamar a atenção para o que aconteceu, expressar sua indignação e evitar que aconteça de novo. Nos casos estudados constatamos que na criação dos altares expressa-se uma narrativa de luto que demanda pelo reconhecimento da perda.

Palavras-chave: Teses. Memória social. Memórias subterrâneas. Altares espontâneos. Narrativas de Luto. Resistência. Violência. Medellín – Colômbia.

ABSTRACT

Our aim is to analyze the actions and cultural practices by which the subjects rebuild their memories in the context of violence. Identify the political uses of the memory as political resistance in the everyday life, in the family or the community intimacy. It is a qualitative research and the method used was the case study for its focus on the particular and for approaching the meaning of experience from the systematic analysis of a same phenomenon. The techniques used for gathering the pieces of information were the documental and bibliographic research and the in-depth interviews. We have identified four kinds of experience regarding the creation of spontaneous altars in the Medellin city, Colombia: a wall with the name of dead people, a graffiti honoring two killed students, an altar to the Virgin to remind the victims of a slaughter and a Calvary to bury the rests of a murdered child. We have chosen the micro-histories to understand the political sense of the return to the everyday life after facing violence situations. The spontaneous altars are mourning rituals in the public space built as an answer to the deaths considered unfair. They are ways of non-institutional political action whose objectives are to get attention to what happened, express indignation and avoid that such thing happens again. In the cases studied, we find that in the creation of altars it is expressed a mourning narrative which demands the recognition of loss and vulnerability.

Key words: Theses. Social Memory. Subterranean Memories. Spontaneous altars. Mourning Narrative, Resistance. Violence. Medellin – Colombia.

LISTA DE TABELAS, DIAGRAMAS E IMAGENS

Lista de Mapas		Pag.
Mapa 1	Mapa político da Colômbia.....	24
Mapa 2	Mapa de Medellín e localização geográfica dos altares na cidade.....	44
Lista de Tabelas		
Tabela 1.	Indicadores de qualidade de Vida, 2012.....	45
Tabela 2	Indicadores de violência em Medellín 1992-2005.....	46
Lista de Gráficos		
Gráfico 1	Indicadores de violência em Medellín 1982-1996.....	46
Lista de fotos		
Capítulo 5		
Foto 1	Mural, Santo Domingo Savio. Tomada por Sandra Arenas.....	93
Foto 2	Sacerdote Julián Gómez. Arquivo pessoal.....	93
Foto 3	Sinal na rua. Arquivo pessoal.....	93
Foto 4	Cerimônia de apresentação do mural. Arquivo pessoal.....	93
Foto 5	Cristo de tijolo. Arquivo pessoal.....	93
Foto 6	Cerimônia de apresentação do mural. Arquivo pessoal.....	93
Foto 7	Mural Santo Domingo Savio. Tomada por Sandra Arenas.....	93
Foto 8	Sinal na rua. Arquivo pessoal.....	93
Foto9	Jovens escrevendo os nomes no mural de Santo Domingo. Arquivo pessoal.	93
Capítulo 6		
Foto 1	Grafite Universidad Nacional. Tomada por Diego Arango.....	121
Foto 2.	Grafite Universidad Nacional. Tomada por Diego Arango.....	121
Foto 3	Faculdade de Humanidades, Universidad Nacional, foto tomada de http://es.wikipedia.org/wiki/Facultad_de_Ciencias_(UNAL_Medell%C3%ADn)	121
Foto 4	Fragmento Grafite Universidad Nacional. Tomada por Diego Arango.....	121
Foto 5	Fragmento Grafite Universidad Nacional. Tomada por Diego Arango.....	121
Foto 6	Fragmento Grafite Universidad Nacional. Tomada por Diego Arango.....	121
Foto 7	Grafites Universidad Nacional. Tomada por Sandra Arenas.....	121
Capítulo 7		
Foto 1	Altar em La Milagrosa.Tomada por Diego Arango.....	148
Foto 2	Detalhe do altar com os nomes. Tomada por Sandra Arenas.....	148
Foto 3	Rua do bairro La Milagrosa. Tomada por Sandra Arenas.....	148
Foto 4	Altar em La Milagrosa.Tomada por Diego Arango.....	148
Foto 5	Rodrigo. Tomada por Sandra Arenas.....	148
Foto 6	John Jairo. Tomada por Diego Arango.....	148
Capítulo 8		
Foto 1	Calvário de Robin Asmed. Tomada por Sandra Arenas.....	173
Foto 2	Carmen. Tomada por Sandra Arenas.....	173
Foto 3	Robin Asmed. Arquivo pessoal.....	173
Foto 4	Carmen no calvário florecido. Arquivo pessoal.....	173
Foto 5	Carmen e suas amigas. Tomada por Sandra Arenas.....	173

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AUC: Autodefensas Unidas de Colômbia

Coosercom: Cooperativa de Seguridad y Servicio a la comunidad

Bacrim: Bandas criminais

BCN: Bloque Paramilitar Cacique Nutibara

CAP: Comando Armados del Pueblo

CNRR: Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación

DAS: Departamento Administrativo de Seguridade

ELN: Ejército de Liberación Nacional

EPL: Ejército Popular de Liberación

ESMAD: Escuadrón Móvil Antidisturbios

FARC: Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia

M-19: Movimiento 19 de abril

OEA: Organização de Estados Americanos

PEPES: Perseguidos por Pablo Escobar

SIJIN: Departamento de investigação criminal da Policia

TLC: Tratado de Livre Comercio

UdeA: Universidad de Antioquia

UN: Universidad Nacional

SUMÁRIO

	Pag
1.INTRODUÇÃO	1
1.1 Condições da pesquisa.....	8
1.2 A estrutura do texto.....	18
1.3 Objetivos.....	21
2.COLÔMBIA: A MEMÓRIA NO MEIO DA GUERRA.....	22
2.1 A guerra na Colômbia: uma estirpe condenada a cem anos de solidão?	24
2.2 A memória, um passado que não passa.....	33
2.3 Centro de Memória Histórica e o informe “Basta Ya”.....	38
3. MEDELLÍN, CIDADE DE POBRES CORAÇÕES.....	43
3.1 As análises sobre a cidade	48
3.2 Os atores enfrentados	50
3.3 As dinâmicas locais em meio dos conflitos urbanos	59
3.4 Onde estão os rastros na paisagem dessa memória da violência?.....	64
4. OS ALTARES ESPONTÂNEOS: NARRATIVAS DE LUTO E FORMAS DE RESISTÊNCIA.....	68
4.1 Entre monumentos e altares.....	68
4.2 As memórias subterrâneas	75
4.3 Fazer visíveis as perdas. Morte, memória e cultura material.....	78
4.4 Os altares espontâneos: expressão de memória e resistência ...	83
4.5 A tática como ação política.....	87
5. O MURAL COM OS NOMES EM SANTO DOMINGO SAVIO: “EL MURAL ES SAGRADO”	94

5.1 Os criadores: “Eso empezó porque a mí me ha afectado mucho el conflicto”.....	94
5.2 Os acontecimientos: “muchos amigos nos tocó enterrar, tantos que hasta no es uno capaz de contar cuantos eran”.....	102
5.3 A elaboração do mural: “En honor a nuestras víctimas. Que no nos vuelva a pasar”.....	109
5.4 Os significados do mural. “El mural es sagrado”.....	116
6. O GRAFITE A PAULA ANDREA E MAGALY: “JUGANDO CON CHISPITAS MARIPOSA”.....	122
6.1 As criadoras: “Yo iba enfilada para el mismo destino trágico”.....	123
6.2 O acontecimento: “La hecatombe”.....	126
6.3 A criação grafite: “Cómo lo vamos a dejar pasar?”.....	136
6.4 Os significados do grafite: “Hubo un silencio total. Pero no podíamos dejar que no valiera nada”.....	140
7. O ALTAR EM HOMENAGEM AOS JOVENS ASSASSINADOS NA CHACINA DE LA MILAGROSA: “NO PODÍA HABER PASADO Y POR QUÉ HABÍA PASADO ESO”.....	149
7.1 Os criadores: “Porque es que eso sí nos marcó a todos en el barrio”.....	150
7.2 O acontecimento: “Los mataron como tumbando flores”.....	155
7.3 A criação do Altar: “Entonces el duelo, el pesar, porque eso sí fue muy grave”.....	162
7.4 Os significados do Altar: “ellos eran buenos muchachos, no tenía porque pasar eso”.....	166
8. O CALVÁRIO DE ROBIN ASMED SANCHEZ: “HAY GENTE QUE PREFIERE OLVIDAR, YO TENGO EL CALVARIO DE MI HIJO”.....	174
8.1 A criadora: “me enferme del corazón. El doctor dijo que era porque todo el dolor lo tenía por dentro y que yo debía de llorar”.....	175
8.2 O acontecimento: “Esos hombres bajaron con el alma	

envenenada”	180
8.3 A criação do calvário: “es la vida de mi hijo la que tengo aquí en la bolsa”	191
8.4 Os significados do calvário: “solo una madre para saber lo que duele perder un hijo”	196
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS: VOLTAR A PROCURAR OS VAGA-LUMES.....	201
10. REFERÊNCIAS	214

1.INTRODUÇÃO

Colômbia vive nas últimas seis décadas um conflito armado, o mais prolongado do continente. Sem um início claro, suas raízes podem ser identificadas em contendas antigas, do século XIX e nas primeiras décadas do XX, com as guerras civis, nas confrontações entre os partidos políticos e nas lutas pela terra. É uma guerra profundamente degradada. O alvo, em lugar dos próprios combatentes, tem sido a população civil, de tal forma que uma das suas principais características é a sevícia contra as vítimas. Segundo dados do Centro Nacional de Memória Histórica¹, temos 220.000 mortos entre 1958 e 2012, além dos deslocados forçados, desaparecidos e outras tantas formas de violações aos direitos humanos (CENTRO NACIONAL DE MEMÓRIA HISTÓRICA, 2013). O Estado tem pouca autonomia e legitimidade questionada por grupos de guerrilheiros, narcotraficantes, mercenários, paramilitares e grupos de justiça privada. A presença do conflito armado é diferencial no território colombiano, pois algumas regiões desfrutam de relativa estabilidade enquanto em outras a incidência de confrontos é intensa e constante. Os atores armados podem estabelecer alianças transitórias ou combates, dependendo em boa medida dos interesses econômicos e das dinâmicas de cada região.

Por sua parte, a cidade de Medellín, capital do estado de Antioquia, uma das mais importantes em termos econômicos do país, tem sido fortemente golpeada pela violência. Ainda que essa situação esteja influenciada pelo conflito armado nacional, os conflitos urbanos geradores de tal violência estão determinados pelas lógicas dos conflitos preexistentes, derivados de fenômenos como o narcotráfico, as bandas criminosas e os grupos de autodefesas, além das condições sociais e econômicas desiguais. Quer dizer, certamente há uma articulação entre o conflito armado nacional e sua expressão local; porém é necessário destacar que os conflitos urbanos na cidade de Medellín estão arraigados num complexo enredo preexistente ao conflito político nacional. (BLAIR TRUJILLO; QUICENO, 2008).

¹ Em diante os nomes próprios conservaram a ortografia do espanhol.

O nosso conflito armado tem sido tão complexo e prolongado, com tantos e tão diversos atores implicados e com expressões tão díspares no território, que é de se esperar que uma possível saída dessa situação não seja fácil. Hoje a reconstrução da memória no meio do conflito armado apresenta-se igualmente conflitante. Na Colômbia as lutas pela memória estão no primeiro plano da discussão. No Congresso da República dois senadores, Iván Cepeda (defensor de direitos humanos, senador pelo partido de esquerda Polo Democrático Alternativo e líder do Movimiento de Víctimas de Crímenes de Estado) e Álvaro Uribe Vélez (Ex-presidente, senador eleito em 2014 pelo partido de direita Centro Democrático, incentivador e defensor das CONVIVIR, cooperativas de vigilância que deram origem a muitos dos grupos paramilitares na Colômbia) representam os lados antagônicos de um conflito armado que se estende por mais de seis décadas. Em Havana, Cuba, representantes do governo e guerrilheiros das FARC estão discutindo os pontos para um acordo de paz. Entretanto, na Colômbia, as vítimas, pela primeira vez convocadas para fazer parte da mesa de diálogo em Havana, mantêm acaloradas discussões para definir quem deve estar presente ali, se os representantes das vítimas da guerrilha e dos crimes de Estado ou as vítimas dos paramilitares, e quais temas serão colocados na mesa.

Assim, temos hoje uma concorrência desigual de memórias na esfera pública. Há pouco tempo parecia que na mídia as memórias que tinham ganhado visibilidade e reconhecimento eram as dos perpetradores, memórias carregadas de uma narrativa que buscava legitimar o poder. Mais recentemente o esforço de organizações sociais, ONGs, universidades, centros de pesquisa, têm conseguido que a narrativa das vítimas tenha um espaço na esfera pública. No entanto, como afirma Gonzalo Sánchez, a memória dessas vítimas não é homogênea nem em seus usos, nem em seus conteúdos.

Em consequência, muitas dessas memórias continuam confinadas ao âmbito privado ou de pequenos grupos. Por conseguinte, a memória tem sido transmitida através de redes de sociabilidade afetiva ou política, guardada em estruturas de comunicação informal, invisíveis à sociedade: são memórias subterrâneas (POLLAK, 1992, 2006, 2010). Assim, pessoas que perderam entes queridos, encontraram formas criativas, cotidianas, simples de conservar a memória, de expressar publicamente seu sentimento.

Exemplos dessas memórias subterrâneas são os quatro casos analisados nesta pesquisa. Todos eles têm lugar na cidade de Medellín. São formas de materialização da memória por meio de objetos criados para marcar o espaço, lembrar a perda e a dor sentida. A criação dos objetos propicia o cenário para a realização de rituais públicos de luto, neles os sujeitos expressam seus sentimentos, sendo também forma de ação política que demanda ajustes, reconhecimento do dano causado e mudanças para o futuro.

São pequenas histórias de pessoas ordinárias que viveram eventos considerados por eles como catastróficos. Contudo, são também formas de padecer, perceber e resistir à dominação, são táticas empregadas para se sobrepor às perdas, rearmar a existência e a cotidianidade(DAS, 2008a).

Dessa forma, numa parede da igreja do bairro Santo Domingo Savio há um mural com os nomes de 386 pessoas assassinadas. Os nomes das vítimas e dos atiradores estão ali juntos, para fazer memória e para demandar que não aconteça de novo. Numa parede da Universidad Nacional de Medellín há um grafite em homenagem a duas estudantes mortas em quanto manipulavam explosivos durante uma manifestação na Universidad de Antioquia, o grafite foi feito para conservar a memória das jovens e rejeitar o silêncio e o esquecimento que o medo impõe. No bairro La Milagrosa há uma virgem em cada esquina. No entanto, uma delas faz a diferença, ela foi colocada ali para lembrar seis jovens assassinados na chacina de 1992. A virgem lembra o lugar da morte, mas também a capacidade da comunidade de superar o medo. No bairro La Libertad, quase escondido no meio do mato está o calvário a Robin Asmed, sua mãe cuida dele há doze anos. Algumas pessoas preferem esquecer, Carmen tem o calvário do seu filho, para que ninguém esqueça quem ele era e para mostrar a dor que a violência provoca.

Quase invisíveis para o olhar inadvertido, esses altares são os vestígios da violência vivida na cidade de Medellín. Esta pesquisa propõe-se analisar os quatro casos apresentados, seu objetivo é reconhecer as ações e as práticas culturais mediante as quais os sujeitos reconstroem suas memórias em contextos de violência. Na análise dos altares espontâneos tentamos rastrear os usos políticos da memória, como resistência nos espaços do cotidiano, do íntimo, familiar ou comunitário. Propomos indagar quem, como e por que foram criadas essas marcas simbólicas e espaciais da memória denominadas na

pesquisa altares espontâneos. Da mesma forma, buscamos identificar os sentidos e significados que lhes concederam seus criadores; analisar os conteúdos da lembrança associados com eles e as disputas ou negociações de sentidos do passado que estão implícitos ali.

Acadêmicos colombianos como Elsa Blair, Gonzalo Sánchez e Alejandro Castillejo, entre outros, insistem na necessidade de articular os processos históricos com situações pessoais, inscrever a experiência do sujeito em contextos políticos mais complexos, ou transformar a escala da mirada na qual os macroprocessos políticos entrelaçam-se com os microprocessos gestados na vida cotidiana. Este giro na mirada é importante para compreender o sentido político do retorno ao cotidiano depois de enfrentar situações de violência(DAS, 2008a). A pergunta pelo passado, a reconstrução da memória do evento trágico, mas também a forma como elas reagiram, permitirão nossa entrada, não nas causas objetivas da guerra, senão na maneira como os sujeitos viveram essa experiência, a resignificaram e a narram hoje.

Autores como Veena Das e Michel de Certeau em sua aposta pelo retorno ao ordinário e cotidiano, são centrais. Ambos, em contextos diferentes, afirmam que é na cotidianidade, nas formas de fazer, onde se resolve a complexa relação entre agenciamento e estrutura, subjetividade e objetividade. Ambos reconhecem que os sujeitos estão imersos em relaciones assimétricas de poder, que muitas vezes são definidos pelos contextos e que ainda assim conseguem, através de seus repertórios, gerar novos contextos.

De início, optamos por denominar essas iniciativas de memória como artefatos de memória. Com a noção de artefatos destacávamos a forma material das memórias invisíveis que não tem um espaço na memória oficial. Queríamos usar esta categoria para diferenciá-la de outras usadas na literatura sobre memória como lugares, monumentos, iniciativas de memória. A nosso entender, a categoria artefato dava conta de um objeto criado com um fim e que tinha uma capacidade de agência com seu entorno e seus criadores. No entanto, as observações feitas pelos avaliadores do artigo enviado à revista *Universitas Humanística*, fizeram-nos reconsiderar seu uso. O artefato visto na perspectiva de Bruno Latour (2008), como era nossa proposta, era pensado como um objeto que faz coisas, não obstante como foi assinalado pelos avaliadores, nosso foco estava nas pessoas por trás desses objetos, a relação

entre os objetos e as pessoas na criação de uma narrativa sobre o passado. Assim a recomendação da leitura do texto compilado por Peter Jan Margry e Cristina Sánchez-Carretero, “Grass roots memorials. The Politics of Memorializing Traumatic Death”, acendeu luzes para outras abordagens.

Nele encontramos uma ampla quantidade de pesquisas que indagavam pelas formas de memorialização e rituais públicos do luto diante de eventos catastróficos ou de mortes consideradas injustas. Todavia, ao mesmo tempo, os altares eram vistos como uma forma de ação social, uma maneira de reclamar mudanças, pedir justiça, uma forma de resistência por parte de coletivos ou indivíduos. Autores como Jack Santino, Erika Doss, Elizabeth Hallan e Jenny Hockey, Sylvia Grider, além de Peter Jan Margrye Cristina Sánchez-Carretero foram capitais para abordar a análise dos casos.

Essas pesquisas mostraram-nos como os processos de luto, morte e lembrança são culturalmente constituídos e socialmente compartilhados e expressam uma ampla diversidade de valores sociais e significados culturais. Os objetos materiais podem gerar respostas emocionais, eles estão possuídos de certa agência ou capacidade para agir na forma de percepções e relações sociais. Contudo, ao centrar a atenção nos altares espontâneos, revelou-se não só o fato violento senão também o que as pessoas fizeram para tentar enfrentá-lo, a figura do sobrevivente tomou relevância. Na relação entre o objeto e o sujeito surgiu a resposta diante da violência e a ação política implícita na criação dos altares.

Os altares também problematizam a separação entre a dor sentida pela pessoa diretamente afetada e o sentimento de luto coletivo; entre memória individual e memória coletiva, entre privado e público. Ao criar os altares espontâneos estas pessoas encontraram a maneira de fazer pública sua dor, criaram uma narrativa de luto que buscava dar às emoções um espaço na esfera pública (CONNERTON, 2012). Mas o que faz com que a morte de uma pessoa que deveria importar a seus familiares e ser um assunto privado, pelo contrário seja sentido como uma perda para um coletivo? A consideração da morte como injusta, o sentimento de vulnerabilidade compartilhado por todos, faz com que essa memória que se constrói após a morte violenta não fale tanto do indivíduo que sofre a perda como dos outros, de um sentimento que liga uns aos outros. Judith Butler (2006) afirma que a dor vivida e sentida como um luto público

subministra um sentido de comunidade que presentifica os vínculos relacionais. Os altares e os rituais de luto, como formas de memorialização e de comemoração, dão lugar à formação de comunidades emocionais, que têm em comum a identificação por via da vulnerabilidade (BUTLER, 2006; JIMENO, 2010).

Todavia, ainda que muitas vezes o termo identidade seja relacionado com a memória, para nosso caso consideramos pertinente distinguir entre identidade e identificação, retomando a diferenciação que faz Coimbra (2013). Segundo o autor, se houver uma identidade constituída não haverá possibilidade de constituição de um 'comum'. Isso porque, em certo sentido, identidade terá o mesmo valor e significado que indivíduo, quer dizer, aquele que não pode ser dividido. O comum adviria justamente da impossibilidade de conciliação de si consigo mesmo, o que apontaria para um 'fora', para algo que diz respeito a mim, mas que está 'fora' da identidade, que, efetivamente, retirando o indivíduo desse lugar da identidade, lança-o num processo, nunca completamente terminado, de identificação. Assim, sobre a base da vulnerabilidade, cria-se uma identificação, uma ideia de "nós" que está fora daquilo que é individual e transpassa essa esfera para se tornar comum.

No entanto, como veremos nos casos, a formação dessa comunidade emocional não está isenta de conflitos. Em cada um dos casos que apresentaremos a possibilidade ou não da criação dessa comunidade emocional estará no centro do debate. A memória como espaço de lutas para narrar o passado e definir o futuro também mostrará os conflitos por definir o "nós", quem merece ser lembrado e quem não, o que deve ser lembrado e o que deve ser silenciado; que narrativas podem ser expressas e quais não. E no meio disso tudo as múltiplas camadas de significados que com o tempo esses altares adquirem. As releituras dos fatos. As lutas pela conservação intacta de uma memória.

Os sujeitos e as comunidades que estudamos enfrentaram acontecimentos críticos, no sentido dado por Veena Das (2008), quer dizer, fatos que transformaram completamente suas vidas e instituíram uma nova realidade. Situações que desestabilizaram os contextos, que geraram outras condições. Desta forma, os critérios com os quais o mundo era conhecido e

percebido desapareceram, restando uma realidade nova e sem elementos para sua compreensão.

Em alguns dos casos estudados veremos como a ideia de um “nós” é gradualmente destruída pelas consequências que porta consigo o acontecimento crítico: após a morte vem a desconfiança, os rumores, as justificativas, o descrédito, o medo e o silêncio. O assassinato do ser querido era seguido da suspeita por “quem sabe em que estava envolvido” ou “isso acontece aos que usam todas as formas de luta”, ou “os mortos nas comunas são assassinos pagos”, ou “ele não fez o que mandaram fazer”.

Como afirma Jô Gondar, o que pode ser considerado como trauma vem num segundo momento, com o descrédito, o não reconhecimento e validação da violência sofrida, “[...] o que se desmente não é o evento, mas o sujeito” (GONDAR, 2012, p.196). Assim, como o indica Gondar, na esfera política o desmentido é o avesso do reconhecimento. Diante do desmentido, do descrédito, dos rumores, dos silêncios, os sujeitos criavam altares para lembrar a pessoa ausente e uma narrativa que assinalava a perda e demandava o reconhecimento do erro, da injustiça, do sofrimento infringido. A resposta afirmativa ou negativa a esse chamado ao reconhecimento determinará a possibilidade ou não da criação das comunidades afetivas.

Na descrição dos casos tentaremos responder às perguntas sobre quem criou, como, por que, para que, quem ou o quê é lembrado nesses altares espontâneos. Os altares estão localizados na fronteira entre a paralisia, o medo, o estupor que a morte produz e a necessidade de fazer algo, que em muitos casos têm uma conotação claramente política. Não podemos esquecer que os sujeitos realizaram estes altares de memória em meio de situações de violência extrema, medo e imposição do silêncio por parte de grupos armados ou de medidas legais ou extralegis executadas pelo Estado ou por suas forças armadas para manter a população sob controle.

Os altares são assim formas de resistência diante da dominação. São as formas táticas como os cidadãos comuns resistem ante o exercício do poder, como se constituem em agência da sua própria vida (CERTEAU, 2000). Como veremos, as pessoas entrevistadas encararam experiências-limite, souberam interpelá-las fazendo uso de minúsculas práticas de resistência que não chamavam a atenção de quem ostentava o poder. Elas não mudaram

radicalmente a situação, porém lograram manter viva a memória dos seres queridos mortos e dos fatos por eles vividos. Provocaram uma discussão sobre o passado e o futuro. Os criadores dos altares são a evidência de que na Colômbia as pessoas viveram situações de violência, mas também que têm uma surpreendente capacidade de resistência.

Hoje, depois de muitos anos de criados, esses altares ainda possuem uma forte capacidade de agência, eles interagem com as pessoas que por ali passam, ainda provocam perguntas e questionamentos.

1.1 Condições da pesquisa

Pelos jornais ou por artigos em revistas conheci certas iniciativas de memória na Colômbia que desafiavam esse ditado popular que afirmava que éramos um país sem memória. Os que maior impacto causaram-me foram as mantas bordadas de Mampujan, estado de Bolívar; as pedras pintadas da comunidade de paz de San José de Apartadó e El Carmen de Viboral em Antioquia; os túmulos adotados dos cadáveres não identificados no cemitério de Puerto Berrio em Antioquia, e o arquivo das vítimas da Asociación de Víctimas por la Paz y la Esperanza de Sonsón (GRISALES RESTREPO; OSPINA OSPINA, 2008). As iniciativas de memória foram criadas em contextos de guerra, tinham o propósito de lembrar as vítimas e chamar a atenção sobre um fato violento e considerado injusto.

Dificuldades logísticas e econômicas não permitiram que estudássemos esses casos. Tentando resolver este dilema consultei várias pessoas que trabalham com o tema da memória em Medellín². Todas coincidiram em afirmar que na cidade havia muitos exemplos de iniciativas de memória e de criação de altares como aqueles nos quais estávamos interessados. Era só olhar com atenção.

² Realizei entrevistas com Patricia Nieto, Elsa Blair, Max Gil Ramírez e Ana María Jaramillo. Todos eles são pesquisadores reconhecidos em temas sobre memória, violência e ação social em Medellín. Para esse momento alguns deles tinham participação como membros da equipe de especialistas que estavam discutindo o porquê e para que da casa Museu da Memória, que estava em construção.

Uma entrevista com Juan Carlos Posada, então coordenador, e Mary Hincapié, pesquisadora, ambos do Programa de Atención a las Víctimas del Conflicto Armado da Secretaría de Gobierno de Medellín³, mostrou-me um universo de possibilidades. Surgiram iniciativas de memória espalhadas pela cidade, algumas bastante reconhecidas por serem esculturas em praças públicas, mas outras invisíveis ao nosso olhar. Eram altares em casas, cruzeiros, grafites, placas, entre muitas outras possibilidades. A compilação destas iniciativas foi publicada no livro “Imágenes que tienen memoria”(MEDELLÍN. ALCALDÍA. PROGRAMA DE ATENCIÓN A LAS VÍCTIMAS, 2010).

Junto com meu orientador, analisamos alguns dos casos apresentados no livro, selecionamos quatro, tendo em conta o contexto e as circunstâncias da sua elaboração e seus criadores. Os casos selecionados estão localizados em diferentes bairros de Medellín. Dois dos quatro estão em bairros que são resultados de processos de urbanização ilegal, Santo Domingo Sabio e La Libertad, com um histórico de exclusão e iniquidade social, econômica, cultural e política. Além disso, apresentam-se confrontações armadas produto da presença -algumas vezes diferenciada no tempo e no espaço, em outras coincidindo- de múltiplos grupos armados como bandas criminosas, milícias, blocos das AUC, guerrilhas das Farc, ELN e M-19.

O terceiro caso está localizado em La Milagrosa, tradicional bairro de classe média baixa, que também viveu o confronto entre bandas e a presença de grupos criminosos tentando controlar o bairro. O último caso apresentou-se numa universidade pública da cidade e as criadoras são duas estudantes.

Dos quatro casos, um teve lugar em 1992, o altar aos jovens assassinados no bairro La Milagrosa. Criado na década de noventa, ponto máximo da guerra contra o narcotráfico por parte do Estado, quando havia confrontos entre bandas criminosas e milícias. Em 2002, foi criado o altar de Robin Asmed Sánchez; em 2005 o mural às vítimas do conflito em Santo Domingo Savio e, no mesmo ano, o grafite às jovens estudantes da Universidad Nacional. Este momento, entre os anos 2002 e 2005, a cidade viveu o confronto entre bandas organizadas, milícias e paramilitares, além dos

³O Programa de Atención a Víctimas del Conflicto Armado faz parte da Secretaría de Gobierno y Derechos Humanos da Prefeitura de Medellín. O programa tem como objetivo conceder uma atenção integral às vítimas do conflito armado, oferecendo assessorias e acompanhamento psicossocial e jurídico. Igualmente ações de reparação integral, medidas de proteção, reconhecimento das vítimas e mecanismos de participação também compõem os objetivos do Programa.

operativos militares das forças armadas do Estado nas comunas de Medellín. Todos esses grupos tinham a pretensão de exercer controle sobre o território, a população e as atividades legais e ilegais nos bairros. Mas também era o momento da aplicação da política de segurança do governo do presidente Álvaro Uribe, que gerou o ambiente de repressão e medo.

Os criadores dos altares são por sua vez diversos, só para o caso do mural da igreja em Santo Domingo Savio participaram um grupo amplo de pessoas junto com desmobilizados das autodefesas, motivados pelo sacerdote que oficiava na igreja nesse momento. Os demais foram criados por pequenos grupos de amigos, vizinhos ou núcleo familiar. Não há presença de ONG ou de organizações comunitárias, sociais ou estatais na elaboração dos altares. Nem tiveram para sua criação um reconhecimento institucional por parte da Prefeitura ou de outro organismo do governo nacional.

O estudo de caso foi escolhido como método para a realização desta pesquisa, em primeiro lugar, por nutrir-se de uma perspectiva qualitativa. Em segundo lugar, por seu foco no particular, no micro (GALEANO MARIN, 2004).

Desprende-se que o binômio perspectiva qualitativa/casos particulares coloca em destaque que o objetivo desse método é compreender o significado de uma experiência a partir da análise sistemática de um mesmo fenômeno. Isto é, o estudo de caso é antes de tudo interpretativo e aborda “las realidades subjetivas e intersubjetivas como objetos legítimos de conocimientos científicos” (GALEANO MARIN, 2004, p. 18).

Nesse sentido, a intenção primária desse método não é gerar generalizações, mas eleger o particular como alvo. Assim, o estudo de caso caracteriza-se pelo “descubrimiento de nuevas relaciones y conceptos, más que La verificación de hipótesis previamente establecidas” (GALEANO MARIN, 2004, p. 70). Antonio Carlos Gil acrescenta que o estudo de caso é o método frequentemente utilizado no campo das ciências sociais com diferentes propósitos, como, por exemplo: “explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos” e “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” (GIL, 2010, p. 58).

Nessa mesma perspectiva, Robert K. Yin(2012) esclarece que o estudo de caso é o método de preferência quando a pesquisa apoia-se em questões relativas a ‘como’ e ‘por que’. Assim, esse método deve ser utilizado quando o

investigador possui pouco controle sobre os eventos estudados e quando o foco do trabalho repousa sobre um fenômeno contemporâneo relacionado a um contexto de vida real, em oposição a abstrações ou eventos históricos. Nesses casos, é preciso, segundo Yin (2012), que abstrações e argumentos estejam representados em um contexto de vida real a fim de que o método estudo de caso possa ser aplicado.

Sabe-se que uma possível crítica ao método estudo de caso é justamente sua atenção ao particular, o que limitaria as possibilidades de generalização das respostas obtidas nos estudos que nesse método estão apoiados. Contudo, Yin (2012) especifica que o estudo de caso permite a generalização de proposições teóricas, ainda que seus resultados não sejam generalizáveis para populações ou grupos, por exemplo. Por isso, o alvo desse método, antes de tudo, seria o de maximizar o alcance de teorias e não o de enumerar frequências ou o de asseverar sobre incidências.

O estudo de caso pode valer-se de uma série de técnicas para obter informações. Aqui, utilizamos a pesquisa documental e bibliográfica e entrevista. As pesquisas documental e bibliográfica proporcionaram informação relevante para compreender os fenômenos de violência vividos nos bairros e as referências usadas por nossos entrevistados. A revisão de imprensa⁴ proporcionou informação para reconstruir o ambiente que se vivia na cidade e no país em cada um dos momentos históricos que abarcam nossos casos. Foram consultadas pesquisas e tese feitas sobre Medellín e em particular sobre as comunas onde estão localizados os casos. Também as memórias e relatórios de atividades realizadas pela Prefeitura, especialmente oficinas com moradores e líderes de diferentes setores sociais. Esta informação foi especialmente útil nos casos de Santo Domingo Savio e La Libertad, onde por condições de segurança foi difícil entrevistar os moradores.

Três arquivos foram compartilhados por seus proprietários para a pesquisa. O primeiro é o arquivo digital criado por Teresa e Rosana, estudantes da Universidade Nacional, com informação de imprensa local e nacional: boletins, documentos, declarações, folhetos de estudantes, comunicados das autoridades universitárias e dos movimentos estudantis,

⁴Foram consultados El Colombiano, El Espectador e El Tiempo. Consultamos três meses antes e três meses depois de registrado o evento violento concreto a que faz referência cada caso.

fotos, e-mail, artigos de revistas, entre outros, publicados depois da morte das colegas.

Em segundo lugar, o sacerdote atual da Paróquia Santo Domingo Savio permitiu-me consultar seu arquivo. Ali encontrei fotos e cadernos com o registro das atividades realizadas pelo sacerdote Julián Gómez durante o tempo que esteve à frente dessa comunidade eclesial. É importante destacar que ainda que o sacerdote não tenha aceitado ser entrevistado, e em dois ou três momentos tenha manifestado sua desconfiança pela pesquisa que eu estava desenvolvendo, ele não criou nenhum obstáculo à consulta.

O terceiro foi Julián, sacerdote em Santo Domingo Savio durante a criação do mural, proporcionou informação documental e fotográfica sobre Santo Domingo Savio e o processo de criação do mural. Além disso, ele dedicou toda uma tarde a olhar comigo seu arquivo fotográfico, explicando cada uma das fotos, falando sobre as pessoas que ali estavam e ampliando o contexto no qual a foto foi tirada. Esse exercício de mirar juntos os arquivos fotográficos foi frutífero, tanto com Julián como com Carmen. Criava um espaço de recordações íntimo, afloravam lembranças e relações com certas pessoas que desencadeavam outras histórias ou a ampliação de eventos já narrados, mas que agora adquiriam novos contornos.

Foram feitas várias entrevistas extensas durante dois meses com Rodrigo (vizinho do bairro La Milagrosa), Carmen (Mãe de Robin Asmed, assassinado no bairro La Libertad), Julián (sacerdote do bairro Santo Domingo Savio), Teresa e Rosana (Estudantes da Universidade Nacional). Para o caso do Altar na Milagrosa foi feita uma entrevista extensa com John Jairo, irmão de Rodrigo, Juan Guillermo, um vizinho do bairro, e Dona Fanny, a mãe de Sandra, uma das vítimas. No caso do mural em Santo Domingo Savio foram feitas uma entrevista com um líder comunitário e outra com Esteban, um dos jovens que ajudou na construção do mural. No caso do calvário a Robin Asmed tivemos uma entrevista coletiva com três amigas de Dona Carmen.

Tanto na Universidade Nacional como nos bairros Santo Domingo Savio e La Milagrosa tivemos conversações espontâneas com diversas pessoas. O objetivo era indagar o que sabiam sobre o altar, os motivos da sua criação, o evento ao qual faz referência, a opinião das pessoas sobre ele. No bairro Santo Domingo Savio foi particularmente difícil estabelecer contato com as pessoas

para falar. Apesar de o bairro viver hoje uma situação de relativa calma e de se poder transitar por ele sem muitos problemas, as pessoas continuam muito reticentes em falar, em especial do passado. Em 2014 logamos realizar algumas entrevistas com vizinhos do bairro, ainda que reveladoras, não alcançaram o nível de profundidade esperado. No bairro La Libertad, onde está o calvário de Robin Asmed, não conseguimos realizar entrevistas com os vizinhos pelo momento de tensão que vivia o bairro, devido ao confronto entre bandas. Voltamos em 2014 e embora a situação de ordem pública estivesse controlada, Carmen considerava que não era prudente falar com as pessoas na rua, ou tentar fazer alguma reunião para tratar do tema: as pessoas estavam apreensivas e com medo.

Para pensar o trabalho de campo em contextos de violência retomo o artigo publicado por Natalia Quiceno(2008), para expor minha própria experiência de campo. Por contexto entenderemos as situações, os lugares e cenários das entrevistas, as condições propícias para o relato, as regras e as linguagens que as determinaram (QUICENO, 2008).⁵ Para começar, a entrada em campo foi com a intermediação de Mary Hincapié do Programa de Atención a las Víctimas Del Conflicto Armado da Prefeitura de Medellín. A entrada pela via institucional facilitou o vínculo com as pessoas, uma vez que elas mantinham relação mais estreita com a Prefeitura naquele momento.

A entrada no caso do grafite de Paula Andrea e Magaly foi pela via pessoal. Uma amiga com quem eu falava sobre minha tese, contou-me sobre sua filha e o que ela fez quando uma das suas melhores amigas morreu na explosão de fevereiro de 2005 na Universidade de Antioquia. Quando eu tive problemas com um dos informantes decidi abandonar o caso⁶ originalmente previsto, procurando então a filha da minha amiga, que aceitou ser entrevistada por mim.

⁵Este artigo faz referência ao trabalho de campo da autora na comuna 8 de Medellín.

⁶O caso era a placa em homenagem a Gustavo Antonio Vélez, instalada num boteco do bairro Santo Domingo Savio No. 2, proposto na qualificação. Em companhia de Mary Hincapié, apresentamo-nos ao dono do boteco, um dos responsáveis pela instalação da placa, explicamos para ele qual era o objetivo da minha pesquisa e que precisaríamos fazer uma breve entrevista com ele. Mostrou-se disposto e aceitou, deu o telefone da sua casa e marcamos para nos encontrar o domingo seguinte. Só que ele pediu para eu ligar um dia antes para acordar hora e lugar do encontro. Eu liguei várias vezes, uma mulher respondia o telefone e sempre falava que ele não estava em casa. Na segunda vez expliquei para a mulher quem eu era e o motivo da ligação, mas ela deu a mesma resposta. A vez seguinte respondeu a mesma mulher e fui recebida com uma diatribe que não consigo reproduzir aqui, mas no qual minha mãe foi especialmente lembrada. Não sei se era uma crise de ciúme, ou se o senhor pediu para a esposa de desfazer de mim. No entanto, compreendi nesse momento o risco do pesquisador irromper na vida das pessoas, perturbando certo estado de coisas e, em alguns casos, despertar fortes reações.

Carmen, Julián e Teresa convidaram-me às suas casas para realizar as entrevistas. O espaço privado favoreceu um ambiente de tranquilidade e de segurança para falar. Apesar da forte dinâmica comunitária dos bairros, da realização de inúmeras oficinas de vítimas, do aumento de cenários onde as pessoas falam publicamente do que aconteceu, a esfera pública continua a ser perigosa. Falar dos diferentes conflitos que vivem os bairros pode implicar ameaças ou represálias tanto para os entrevistados como para os pesquisadores. Além disso, em público as pessoas limitam seus relatos, devido ao temor de serem escutadas ou de serem vistas falando, em companhia de pessoas externas ao bairro (QUICENO, 2008).

Com Rodrigo, o encontro foi no centro da cidade. Apesar de ser um lugar público, tivemos um ambiente de tranquilidade para falar. Rodrigo tem sua mercearia na própria casa, assim que lá tínhamos interrupções constantes.

Também com Rosana apresentou-se uma situação especial. Ela estuda fora da Colômbia e Teresa fez o contato para que nós pudéssemos falar. Marcamos um encontro pelo Skype. Mas eu percebi que talvez o meio não propiciasse um ambiente descontraído para conversar. Acho que por conta disso, nossos encontros - foram três, com duração de uma hora cada um deles - não alcançaram um nível de proximidade para enunciar certas coisas que com Teresa acabaram por fluir mais rapidamente.

Compreendi que para estabelecer condições apropriadas para a fala era preciso um intermediário para chegar aos meus informantes. A vez que tentei estabelecer diretamente o contato com as pessoas, não deu certo. Em Santo Domingo Savio a situação apresentou-se especialmente complexa. Inclusive tendo o nome do sacerdote Julián como referência, não foi possível conseguir entrevistar os familiares das pessoas que estão inscritas no mural.

Apesar desta dificuldade, nos demais casos encontrei pessoas dispostas a falar sobre o acontecido. Incluso expressavam mais a surpresa pelo meu interesse que desconfiança. Os fatos analisados tiveram lugar, na maioria dos casos, há décadas. Esse distanciamento com o evento traumático possibilitou as entrevistas e a reconstrução dos fatos (JELIN, 2002). Porém, na medida em que os encontros aconteciam, e aprofundávamos mais nas emoções vividas os sentimentos afloravam. Ali parecia como se o tempo se encurtasse e a distância não parecia tão evidente. No final desses encontros, nos quais

tínhamos falado de assuntos dolorosos e difíceis, as pessoas se mostravam reconfortadas pela possibilidade de falar.

Para as entrevistas fiz um roteiro com perguntas para cada caso, procuravam obter informação sobre o porquê, como, quando e quem tinha elaborado os altares. Rapidamente dei-me conta que eu devia ser flexível em relação com meus objetivos na entrevista. Eu perguntava e as pessoas respondiam, mas seus relatos tomavam caminhos imprevisíveis para mim. No entanto, era naquilo que eu considerei inicialmente como dispersão, que estavam as chaves para compreender e dimensionar a intensidade do que estas pessoas tinham vivido e os significados que elas davam às experiências.

O relato não esteve fixado no acontecimento violento, senão que deu lugar para falar sobre outros aspectos da vida das pessoas que também são reveladores. Por exemplo, os relatos sobre os primeiros anos nos bairros, no caso de Carmen e Rodrigo, resultaram centrais para compreender como eram criados os vínculos entre os vizinhos, o sentimento de pertencimento ao território, a forma como se relacionam com o resto de Medellín e com os outros bairros. No caso de Julián, Rodrigo, Esteban, Teresa e Rosana, escutar as histórias sobre suas famílias, sua experiência de vida na infância, os fatos marcantes deram muitas pistas para interpretar suas ações e as formas como eles compreendiam o mundo.

Contudo, escutar os relatos de violência e dor foi para mim marcante. O encontro com a dor do outro significou um torrente de sentimentos encontrados. Por um lado, eu me sentia privilegiada por ser a receptora das histórias de vida destas pessoas. Mas também responsável por provocar o retorno desse sofrimento, eu desatava as lembranças, e preocupava-me desatar emoções neles que eu mesma não saberia como manejar.

Os encontros com cada um dos meus entrevistados significaram um choque com minhas próprias emoções. Tal como foi relatado por Quiceno(2008) o trabalho de campo gerou sentimentos fortes de tristeza, desesperança, incerteza e medo. Como afirma Ludmila Catela:

Entre lo que se dice en una entrevista y lo que se silencia puede haber una gama variada de motivos: estratégicos, conscientes, inconscientes. Pueden depender del contexto em El cual se está realizando y también em función de quién o quiénes son los públicos y espectadores reales, potenciales o imaginarios(CATELA, 2004).

Como afirma Quiceno, em contextos de violência prolongada como o colombiano, os silêncios podem ser uma estratégia para sobreviver e para evitar os riscos que dar testemunho pode ocasionar. Em cada um dos casos, eu tive a experiência de confrontar-me com esses silêncios. Desde aqueles que guardam os horrores vividos, que não se nomeiam; aqueles que protegem ou encobrem. Desde os silêncios que marcavam as pausas dolorosas do relato, até aqueles que me lembravam que por muito que eu tentasse, era uma estranha e havia coisas das quais não era prudente falar comigo.

Outro rumo que toma o silêncio poder ser encontrado nos lapsos. Aconteceu algumas vezes que os entrevistados referiam-se a um grupo armado com o nome do outro, ou faziam a descrição de uma situação vivida e logo não conseguiam localizá-la numa época ou ano. Ou o relato começava num passado remoto e sem prévio aviso estavam falando de fatos recentes. O silêncio também se apresentava no uso de termos genéricos para fazer referência a um evento ou a pessoas, “El conflicto”, “Los muchachos”, “La violencia”, assim evitavam usar referências concretas que pudessem comprometê-los.

Em suas pesquisas Alejandro Castillejo(2007, 2009, 2005) fala sobre as formas de silenciamento que essa instituição extrativa dos testemunhos pode gerar. Eu me dei conta como minha presença havia gerado expectativa assim como também havia silenciado outras versões dos fatos.

No dia da última entrevista com Dona Carmen, tínhamos planejado encontrar-nos com suas amigas e vizinhas, Rocio, Virgelina e Edilma, que também perderam seus filhos. Elas formavam uma comunidade emocional e de apoio a qual Carmen fazia menção frequentemente. Rocio e Virginia tiveram os filhos assassinados dentro de suas casas, o filho de Edilma foi atropelado por um carro. Contudo, o enredo dos fatos desse dia 22 de março de 2002 em que assassinaram a Robin, também teria a Edilma e a Rocio como protagonistas. Em quanto o filho de Carmen morreria esse dia 22, os outros dois se salvariam.

Esse dia, em lugar de falar como sempre em casa de dona Carmen, ela combinou com suas amigas em reunir-nos na casa de dona Rocio que ficava bem perto. Depois de participar dos relatos por quase duas horas eu comecei a perceber um movimento estranho acontecendo lá fora. Dona Carmem falava que sua nora estava inquieta pelo que estávamos falando nesse momento. Ao

final eu acompanhei a dona Carmem até sua casa e quando estávamos entrando cumprimentei a nora que estava na porta da casa.

A nora de Carmen (relendo as entrevistas dei-me conta de que ela nunca tinha sido nomeada, eu não sei qual é seu nome) queria falar comigo. Começou questionando o motivo de durante todo esse tempo eu nunca ter querido falar com ela, nas suas palavras ela era a esposa de Robin e eu nunca a procurei, ela tinha o que dizer e também tinha sofrido. Eu tentei explicar-lhe o objetivo das conversações com dona Carmen, mas ela interrompia-me constantemente e de maneira bastante exaltada repetia que estava furiosa comigo. Eu pedi desculpas pelo erro e reconheci que devia tê-la procurado, mas ela não quis continuar a falar.

Esse acontecimento deixou-me uma profunda inquietude. Porque razão eu havia envolvido-me tão fortemente com Dona Carmen a ponto de não enxergar as outras pessoas inseridas nessa história? A esposa de Robin, seus filhos, os irmãos, as sobrinhas. Durante esses dois meses em cada encontro na casa de Carmen todos eles estavam presentes, sempre tinha mais alguém na sala falando conosco ou escutando as nossas conversações. Em quase todos os encontros a esposa de Robin fez-se presença na casa, ela fez questão de que eu a reconhecesse, mas eu nunca pensei sequer em entrevistá-la.

O trabalho de campo é mais complexo do que se pode imaginar. O encontro com os outros é sempre uma experiência única, da qual se aprende e para a qual não se está preparado. Por enquanto, Natalia Quiceno expressa muito melhor do que eu o que significou para mim essa experiência:

Como se ha visto, el ejercicio etnográfico en contextos de “guerra” demanda reflexiones metodológicas que van más allá de las herramientas y las formas como se hace el trabajo “con” los otros; lo cual propone debates y cuestionamientos teóricos sobre lo que implica reconstruir las memorias de la guerra, acercase al dolor del otro, escuchar e interpretar las historias de las víctimas. En ocasiones, los investigadores nos acercamos al trabajo de campo con la pretensión de “darle voz al otro” como si las personas con quienes trabajamos carecieran de ella. No se trata simplemente de producir relatos y discursos sino de entender las implicaciones y condiciones de producción de los mismos. Lo que pone en evidencia este trabajo de campo, en el marco de la pregunta por el “quehacer” etnográfico, es la importancia de reconocer las formas, los contextos de producción de las voces de las víctimas y de qué manera, en aquello que prefiere callarse o aquello que es silenciado, hay razones que dan luces a las preguntas de investigación (QUICENO, 2008, p. 206).

1.2 A estrutura do texto

Os demais capítulos deste trabalho estão divididos do seguinte modo:

Capítulo 2: Colômbia: a memória no meio da guerra. Nele queremos mostrar como a guerra e suas expressões de violência fazem parte da nossa história e de nosso presente. A pergunta que surge é: como fazer memória no meio da guerra? Tentamos mostrar o processo de recuperação da memória do conflito, as iniciativas que surgiram por parte da sociedade civil para criar espaço próprio à memória das vítimas. Também os esforços institucionais por reconhecer e reparar às vítimas. Concedemos lugar especial ao informe “Basta Ya”, do Centro Nacional de Memoria Histórica, por seu esforço por dimensionar a guerra e suas consequências, em especial para as vítimas.

Capítulo 3. Medellín, cidade de pobres corações. Proporciona elementos para compreender os casos analisados. Mostramos as principais hipóteses interpretativas sobre a violência na cidade, os atores armados enfrentados, sua intrincada rede de alianças, cooptações e eliminações e suas ações para manter o domínio do território e da população. Por último abordamos as formas de memorialização dessa violência na cidade.

Capítulo 4. Os Altares espontâneos: narrativas de luto e formas de resistência. Apresentamos o marco teórico usado para a análise dos casos. Abordamos o conceito de “lugares de memória”, para mostrar como esse conceito refere-se à memória nacional, no entanto as memórias subterrâneas demandam outras categorias para analisar a relação entre memória e cultura material. Retomamos o conceito de altares espontâneos como formas de expressão pública de luto e de ação política tática num contexto de violência.

Capítulo 5. O mural com os nomes em Santo Domingo Savio: “O mural é sagrado”: Altar espontâneo que reúne vítimas e atiradores, permitindo notar a dimensão da catástrofe vivida pelos habitantes do bairro. Mas também propõe a discussão sobre que vidas merecem ser lembradas e quais não.

Capítulo 6. O grafite em memória de Paula Andrea e Magaly: “Jugando con chispitas mariposa”. No altar elaborado para lembrar a morte das colegas de faculdade, as criadoras do grafite demandam da comunidade universitária o

reconhecimento da perda. Com o altar elas criam uma narrativa de luto que procura evitar que o silêncio e o esquecimento imponham-se.

Capítulo 7. O Altar em homenagem aos jovens assassinados na chacina de La Milagrosa: “No podía haber pasado y por qué había pasado eso”. O altar e a lembrança de um acontecimento que desfez os critérios de compreensão do mundo. Todavia, é também a evidência da capacidade para reconstruir as estruturas de sentido sobre a base do reconhecimento da perda.

Capítulo 8. O Calvário de Robin Asmed Sanchez: “Hay gente que prefiere olvidar, yo tengo el calvario de mi hijo”. O Calvário evidencia as formas como se reconstrói a cotidianidade depois do evento crítico. Algumas vezes a dor e o sentimento de injustiça demandam uma ação decidida na esfera pública, outras é preciso encontrar as formas de habitar novamente a cotidianidade.

Capítulo 9. Considerações finais: Voltar a procurar os vaga-lumes.

Os capítulos que apresentam os casos, do capítulo 5 ao 8, têm toda a mesma estrutura. O objetivo deles é mostrar os diferentes lados de uma mesma situação, respondendo às perguntas quem, quando, porque, como, para que. Nesses capítulos, primeiro apresentamos os *criadores*, as pessoas que participaram na criação do altar. Com os elementos proporcionados durante a entrevista e com material documental arriscamos criar uma história que respondesse à pergunta quem criou o altar e o seu motivo. Consideramos que nessa história de vida estão muitas das chaves para entender a criação do altar.

Em segundo lugar estão o *acontecimento*, quer dizer o fato que provocou a situação que finalizou com a morte violenta das pessoas para quem foi feito o altar. Neste segmento optamos por uma descrição do contexto histórico, das situações vividas nesse momento no país e na cidade para tentar articular esses processos históricos com as situações pessoais dos nossos entrevistados e das pessoas que são lembradas. Inscrever a experiência individual num contexto político mais complexo. Ali mostramos as lógicas das dinâmicas do poder, mas também a percepção que as pessoas tinham da situação. Com o material das entrevistas e com a documentação consultada,

procuramos apresentar a versão das pessoas, de como elas viviam e percebiam os fatos.

Em terceiro lugar a *criação do altar*. Neste segmento mostramos as circunstâncias que rodeiam a criação dos altares espontâneos; identificamos o momento da sua criação, os materiais usados, as outras pessoas que colaboraram, as mensagens apresentadas, as referências culturais.

No quarto segmento abordamos o que denominamos *os significados dos altares*. Tentamos descrever o que os altares significaram para os criadores, o que eles representaram em seu momento e o que representam hoje. Interessamos especialmente as narrativas de luto criadas por ocasião da criação do altar e com que outras narrativas elas estão dialogando. As diferentes memórias que entram em conflito e o que isso pode significar.

Consideramos que nos casos que vamos mostrar nesta pesquisa, estamos diante de histórias de sofrimento, mas especialmente de dignidade e resistência. Podemos apreciar três eixos narrativos: um que registra o que aconteceu, o fato, a violência e a crueldade vivida. O segundo que busca interpretar, encontrar razões para o vivido. E o último que outorga significados, neles estão registradas as respostas das pessoas, a ação após a paralisia inicial que provocou o fato e os significados posteriores que adquirem essas ações.

O título da tese, “Os vaga-lumes da memória: Altares espontâneos e narrativas de luto em Medellín-Colômbia” faz referência ao livro de Georges Didi-Huberman, “Sobrevivência dos vaga-lumes” (2011). Neste livro o autor afasta-se das posições apocalípticas do nosso tempo para encontrar sinais de resistência. A metáfora dos vaga-lumes serve a Pasolini para mostrar, em 1941, como a deslumbrante luminária fascista não deixa ver os vaga-lumes da resistência e posteriormente, em 1975, como o neofascismo da cultura da modernidade fez desaparecer as luzes das resistências populares. Contudo, o que Didi-Huberman quer no seu texto é propor outra leitura da experiência na modernidade segundo Walter Benjamin, distinguindo-a de posições apocalípticas de autores como Pasolini e Agambem, para destacar a resistência dos sujeitos frente ao poder. Como ele fala “Há sem dúvida motivos para ser pessimista, contudo é tão ou mais necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vaga-lumes”(DIDI-

HUBERMAN, 2011, p. 49) É isso o que tentamos fazer nesta pesquisa, procurar os lampejos da memória, furtivos, minúsculos, improváveis, pequenos. Os “povos vaga-lumes” que fogem dos projetores, fazem o que podem para agir livremente, emitem seus lampejos tentando construir uma nova comunidade, um desejo compartilhado.

1.3 Objetivos

Objetivo geral

Analisar as ações e as práticas culturais pelas quais os sujeitos reconstruem suas memórias em contextos de violência. Identificar os usos políticos da memória, como resistência política nos espaços do cotidiano, do íntimo, familiar ou comunitário.

Objetivos específicos

Descrever os altares espontâneos criados em Medellín, Colômbia, como rituais públicos de luto e manifestação das emoções.

Examinar os conteúdos da lembrança associados como altares espontâneos e as disputas ou negociações de sentidos do passado que estão implícitos.

Estabelecer quando, por que, para que, como, com ajuda de quem, foram criados os altares.

2.COLÔMBIA: A MEMÓRIA NO MEIO DA GUERRA

No ensaio “Passados presentes: mídia, política, amnésia”, Andreas Huyssen (2004) nos adverte sobre a explosão da memória desde o fim do século XX até o presente, tanto no que tem a ver com catástrofes sociais, guerras, violência, como nos produtos da nostalgia e comercialização em massa, expressos na moda, no cinema, na televisão, nos museus etc. Interessa-nos particularmente os usos políticos que se fazem da memória em sociedades que enfrentaram situações-limite ou violência extrema, pois consideramos ser precisamente nesse contexto que a memória tem um caráter explicitamente político, evidenciado nos questionamentos da identidade, nos conflitos e negociações entre os diferentes atores envolvidos, nas lutas por legitimar certas narrativas e nos silêncios que se apresentam e o que eles significam (LIFSCHITZ; ARENAS GRISALES, 2012).

Essas situações extremas, como as vividas na Segunda Guerra Mundial, na Guerra de Argélia, em Ruanda, na África do Sul, na Bósnia, no Kosovo, nas ditaduras da América Latina, entre outras, levaram a uma reflexão sobre o passado, mostraram a necessidade ética de se escutar as diferentes versões sobre os fatos. Não era possível nessas sociedades refletir sobre o passado e pensar um futuro sem antes conhecer as outras versões da história, das vítimas ou daqueles que tinham permanecido em silêncio, voluntário ou forçado. A compreensão do que aconteceu radicava na capacidade e possibilidade de escutar, de configurar um contexto capaz de enfrentar os dilemas morais, éticos e de identidade que tais memórias trariam à sociedade.

Na Colômbia, porém, o conflito armado não acabou, os grupos armados ainda hoje têm presença em muitas regiões do país. Como afirma Gonzalo Sánchez (2004), a violência tem sido um problema recorrente na história da Colômbia. São poucos os tempos de paz que temos vivido, a guerra e suas expressões de violência parecem fazer parte da nossa história como nação, mas também de nosso presente, proporcionando a ideia de que nada muda, de que a violência é circular, contínua. A pergunta que se faz Sánchez (2004) é como fazer memória no meio da guerra? Como pensar o passado quando o

presente é tão marcante? A Colômbia vive, ainda assim, nos últimos dez, anos um processo lento de recuperação da memória do conflito armado, processo único no mundo, pois o conflito não terminou. Os processos jurídicos pelas violações dos direitos humanos só agora estão dando seus primeiros resultados, as vítimas estão sendo reconhecidas e reparadas pelo Estado, estão sendo investigados alguns atos de violência, que são emblemáticos por sua transcendência nacional, para conhecer a verdade do que aconteceu e seus responsáveis. Este capítulo apresenta esse panorama, as lutas pela memória num país em guerra e especialmente chama a atenção sobre aquelas expressões de memória feitas pelas vítimas para evitar que os fatos violentos e as pessoas que morreram ou desapareceram sejam esquecidas. Apresenta-se, inicialmente, o contexto da guerra na Colômbia; descreve-se, em seguida, o debate sobre a memória dos últimos anos e a apresentação em 2013 do informe “Basta Ya” do Centro Nacional de Memória Histórica. Finalmente, assinalam-se algumas expressões de memória no meio da guerra.



Mapa 1 Mapa político da Colômbia. Tomado de <http://www.netmaps.co/mapas-digitales/colombia/politico/>

2.1 A guerra na Colômbia: uma estirpe condenada a cem anos de solidão?

Numa das novelas mais reconhecidas e belas da literatura colombiana e universal, “Cem anos de solidão”, o coronel Aureliano Buendía liderou 32 guerras civis, perdeu todas, e sua linhagem, os Buendía, foi condenada a cem anos de solidão, sem ter uma segunda oportunidade sobre a terra. A obra é um espelho no qual nos miramos os colombianos e os latino-americanos: é nossa

história, mas contada através do realismo mágico de Gabriel García Márquez. A romance transcorre num povoado perdido no meio do nada, Macondo, a novela lembra os fatos mais trágicos de nossa história, as guerras civis do século XIX, a chegada das companhias estrangeiras de banana, as greves dos trabalhadores, o massacre das bananeiras, as lutas partidárias, a corrupção política, tudo num cenário mítico que não faz outra coisa que dar força ao real. A ordem dos acontecimentos é cronológica, mas o tempo não transcorre linearmente: é cíclico – o passado se repete no presente e o futuro parece conhecido porque de alguma maneira já existiu (CEBRIAN, 2009).

Ainda que o enredo se inicie com um instante de lembrança – “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2009, p. 43) –, em suas páginas finais, um de seus personagens recomenda a todos que fugissem de Macondo e “[...] recordassem sempre que o passado era mentira que a memória não tinha caminhos de regresso, que toda primavera antiga era irrecuperável, e que o amor mais desatinado e tenaz não passava de uma verdade efêmera” (GARCÍA MARQUÉZ, 2009, p. 433). A novela logra criar uma representação bastante acertada do que somos como sociedade, desse jogo permanente entre recordação e esquecimento. A pergunta pertinente, segundo Gonzalo Sánchez, é: “quanta memória e quanto esquecimento requer uma sociedade para superar a guerra?” (2004, p. 161)

Nas primeiras décadas do século XIX, as elites econômicas e políticas tiveram a tarefa de configurar essa ideia de nação, de criar a comunidade imaginada (ANDERSON, 1993) que permitisse construir uma identidade, dar sentido ao passado e pensar um possível futuro. Esse processo foi marcado pela divisão da sociedade em torno de duas coletividades, os partidos Liberal e Conservador, que foram o meio de responder à fragmentação do poder e à crise de legitimidade do Estado, e viraram veículos de identificação (GONZÁLEZ GONZÁLEZ, 1997). Foram os partidos políticos e suas guerras civis para ter e conservar o poder que formaram uma memória da nação marcada pela violência e pela política (URIBE DE HINCAPIÉ, 1993; SÁNCHEZ, 1990; GONZÁLEZ GONZÁLEZ, 2006).

As guerras civis do século XIX na Colômbia têm um lugar significativo em nossa história, não só pela quantidade (nove de alcance nacional e múltiplos conflitos de alcance regional), mas porque abarcaram boa parte do período e quase todo o território. Além da violência, a política teve um papel significativo, desempenhado em pactos, anistias, negociações, perdão e esquecimento, misturados a declarações de guerra, confrontos, violência exacerbada, tratamento do outro como inimigo: “En fin, fueron guerras por la política y acciones políticas vividas como si de una guerra se tratara” (URIBE DE HINCAPIÉ, 2004). No imaginário dos colombianos predomina essa imagem generalizada de um passado violento, no qual a construção da nação fez-se com guerras fratricidas e violências que não terminam, pelo contrário, se perpetuam como outras violências nos séculos XX e XXI.

Entre 1948 e 1953, o país experimentou uma guerra civil não declarada conhecida como “La Violencia”, produto de enfrentamentos entre os partidos Liberal e Conservador. Teve como origem as filiações políticas dos cidadãos, e um de seus rasgos principais foi a agressão de que foram vítimas os camponeses das diferentes regiões do país. Dos grupos de camponeses que precisaram fugir de suas terras e se confinar na selva para se proteger da violência partidária, surgiram as autodefesas que depois se denominariam Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia, as Farc. Durante “La Violencia”, práticas como a expropriação da terra, a expulsão dos proprietários, os assassinatos contratados e as chacinas foram muito frequentes. Os interesses econômicos misturavam-se às rivalidades dos partidos políticos e aos ódios e vinganças individuais para montar um cenário de crueldade e violência extremas. O resultado, mais de 200 mil mortos e consequências políticas como o surgimento das guerrilhas, e também um regime político restrito, sem espaços para a participação da oposição política (CAMACHO GUIZADO, 1990).

A Colômbia não teve ditaduras ou governos autoritários como outros países latino-americanos. Teve, aliás, uma relativa estabilidade institucional, e suas autoridades foram definidas através de eleições. Salvo a tomada do poder do general Rojas Pinilla⁷, não ocorreram golpes de Estado. Ainda assim, desde

⁷ Em 1953, foi imposto ao presidente Laureano Gómez um golpe militar que levou à Presidência da República o tenente-general Gustavo Rojas Pinilla. Rojas contava com o apoio de membros importantes

a década de 1950 há um conflito armado a expor o paradoxo entre instituições estáveis e condições de violência prolongada (URIBE DE HINCAPIÉ, 1993;SÁNCHEZ, 1990).

O conflito armado colombiano é prolongado no tempo e diferenciado em seus espaços: não tem um início claro, e suas raízes podem identificar-se com contendas antigas, do século XIX e das primeiras décadas do XX, com as guerras civis, nas confrontações entre os partidos políticos e nas lutas pela terra.

Hoje, observam-se elementos das novas guerras identificadas por Mary Kaldor (2001), nas quais o Estado tem pouca autonomia e uma legitimidade questionada por grupos de guerrilheiros, narcotraficantes, mercenários, paramilitares e grupos de justiça privada. A presença do conflito armado é diferencial no território colombiano, pois algumas regiões desfrutam de relativa estabilidade enquanto em outras a incidência de confrontos é intensa e constante. Os atores armados podem estabelecer alianças transitórias ou combates, dependendo em boa medida dos interesses econômicos e das dinâmicas de cada região.

Esse permanente desafio ao poder do Estado tem como efeito o que María Teresa Uribe Hincapié (1998) caracteriza como “soberanias em jogo”, em referência às disputas pela soberania entre o Estado e as guerrilhas das Farc, o Ejército de Liberación Nacional (ELN) e os diferentes grupos paramilitares e de autodefesa. Segundo a autora, esses grupos não reconhecem autoridade ou poder que não seja o próprio, resistem aos intentos de dominação do Estado e mantêm vivas a hostilidade e a vontade de usar a violência quando seus circuitos privados de poder estão ameaçados. De igual forma, a fim de debilitar as guerrilhas, o poder estatal pôs em xeque sua soberania e legitimidade ao usar de maneira arbitrária as leis do estado de exceção, tolerar e até fomentar os grupos paramilitares e outras estratégias privadas para controlar e combater a guerrilha. Além de debilitar sua soberania, ampliou os limites do conflito a setores da sociedade antes livres dele.

As conclusões de um balanço realizado por Fernán E. González González (2007) são relevantes para compreender o conflito armado colombiano.

dos partidos políticos, das forças armadas e da polícia, e se manteve no poder de 13 de junho de 1953 a 10 de maio de 1957.

Primeiro, assinalam o caráter político da violência, pois tanto guerrilheiros como paramilitares não aceitam o Estado como um referente político, mediador dos interesses opostos de uma sociedade. Os grupos armados expressam sua própria concepção e exercício do poder, têm uma ideia do que deveria ser o Estado e estabelecem suas próprias definições de público e privado. Muitos deles assumem uma função pública, exercem a justiça, prometem segurança, administram recursos, tudo isso argumentando incapacidade do Estado para realizar essas atribuições.

A relação entre a sociedade e o poder estatal colombiano está marcada pela precariedade, pela não aceitação do Estado como mediador das tensões e pela recusa da sociedade a se ver representada nele. Como afirma González González (2007), tal rejeição está relacionada a alguns setores não reconhecerem a autoridade do Estado e sua função reguladora na sociedade, consequência das condições de marginalidade em que muitos deles vivem. A violência se deve, portanto, mais à ausência do Estado que a sua onipresença. Na última década, o governo do presidente Álvaro Uribe Vélez fortaleceu a presença estatal em termos de força das armas, capacidade bélica e robustecimento das forças armadas. Ainda assim, o Estado como mediador ou como redistribuidor da riqueza e fiador dos direitos sociais e humanos se debilitou. Houve, aliás, uma reconfiguração cooptada do Estado⁸ por parte de grupos legais e ilegais (GARAY SALAMANCA, 2008). Mas é necessário compreender essa precariedade da relação entre Estado e sociedade sem considerar o Estado uma instituição colapsada por não ser capaz de manter o monopólio da coação, da justiça e da administração de recursos. Trata-se, antes, de um Estado que não consolidou, em todas as regiões do país, seu monopólio, o qual tem sido disputado por grupos guerrilheiros, paramilitares e mesmo pelos poderes locais e regionais (GONZÁLEZ GIL, 2009).

⁸ A reconfiguração cooptada do Estado consiste na ação de organizações legais e ilegais que, mediante práticas ilegítimas – não necessariamente ilegais –, procuram modificar o regime político de maneira sistemática e influir na formação, modificação, interpretação e aplicação de regras de jogo e de políticas públicas. O objetivo dessa reconfiguração é obter benefícios para seu próprio proveito de maneira permanente, além de lograr que seus interesses sejam validados política, legal e, no longo prazo, socialmente, ainda que não atinjam os interesses do bem-estar social (GARAY SALAMANCA, 2008). Em 2002, por exemplo, foram eleitos para o Congresso da República deputados próximos dos paramilitares. O processo, conhecido como “Parapolítica”, foi o julgamento da Corte Suprema da República aos congressistas que tinham vínculos com os paramilitares e demonstrou que pelo menos 35% do Congresso era de aliados dos paramilitares.

A tendência do conflito armado entre o fim do século XX e início do XXI foi de expansão e fortalecimento da guerrilha, além do surgimento e crescimento de grupos paramilitares. Esses grupos, por sua vez, vincularam-se a setores econômicos e políticos do país. A situação piorou também pela interferência dos Estados Unidos na política antidrogas, por exemplo, ao apoiarem o Plano Colômbia⁹ – pensado a princípio como controle do narcotráfico e dos cultivos ilícitos, rapidamente passou a dar suporte às forças armadas contra a guerrilha. A Constituição de 1991 ampliou a participação política e os direitos dos cidadãos, porém o neoliberalismo acirrou as desigualdades sociais e os problemas econômicos. Na primeira década do século XXI, a exacerbação da violência fez com que muitos órgãos de direitos humanos declarassem crise humanitária no país. Entre 1995 e 2005 houve um incremento quantitativo nas ações bélicas entre os diferentes exércitos e contra cidadãos não armados. Foram usadas estratégias de guerra, como o deslocamento forçado, o repovoamento das regiões, o assassinato seletivo, as chacinas, as minas terrestres e os bombardeios indiscriminados (GONZÁLEZ GIL, 2009).

A intensificação do conflito armado nas últimas décadas é resultado do fortalecimento da guerrilha e o impacto dos grupos contra-insurgentes e sua expansão territorial. Segundo González Gil (2009), alguns fenômenos explicam o surgimento do paramilitarismo como:

1. Parte de um processo de organização dos grupos de autodefesa camponeses que surgiram para combater as ações da guerrilha;
2. Estratégia de setores econômicos para defender ou garantir a execução de projetos econômicos ou de infraestrutura em regiões relevantes – de criação de gado, de produção agroindustrial, de exploração mineral ou de importância para o transporte de mercadorias nas quais a guerrilha tinha presença, ou onde havia organizações sociais e sindicais fortes que eram contrárias aos projetos econômicos ou donas de terras;
3. Resultado da debilidade militar e institucional do Estado, o que facilitou ou promoveu o surgimento de grupos armados com o objetivo de exercer justiça e prover segurança;

⁹ Plano Colômbia é uma acordo bilateral assinado em 1999 com os Estados Unidos, durante os governos de Andrés Pastrana Arango e Bill Clinton e ratificado nos governos de Álvaro Uribe Vélez e Juan Manuel Santos. O acordo era uma estratégia na luta contra o narcotráfico que incluía recursos destinados a uma reabilitação econômica e social nas áreas de cultivos ilícitos.

4. Estratégia das forças armadas na luta contra a insurgência – daí os grupos paramilitares serem treinados por militares e agirem em colaboração e coordenação com o exército em algumas regiões.

Ainda assim, a luta pela terra é um fator determinante no devir da guerra irregular na Colômbia. O controle de territórios de cultivos ilícitos, áreas de produção e de distribuição de drogas, regiões de produção agrícola, mineral ou de gado são alvos dos grupos armados e, portanto, epicentros tanto de combates como de hostilidades contra a população civil (GONZÁLEZ GIL, 2009).

Outra característica do conflito armado relaciona-se com o fortalecimento da capacidade militar das forças armadas, nos governos de Andrés Pastrana (1998-2001) e Álvaro Uribe Vélez (2002-2010), nos campos operativo, estrutural e de gestão, mas também na cifra do gasto colombiano com defesa. O orçamento destinado ao setor durante o período de 2007 a 2010 foi de 57,9 bilhões de pesos, o que representa 3,6% do PIB, em quanto que, por exemplo, o destinado a saúde correspondia o 2% (Ministério de Defesa da Colômbia, 2007 apud GONZÁLEZ GIL, 2009, p. 91).

Outro aspecto é o processo de desmobilização, desarme e reinserção dos paramilitares proposto, em 2005, pelo governo Uribe Vélez, fortemente questionado por não concluir a desintegração dos exércitos. Muitos militares formaram posteriormente novos grupos armados, chamados pelo governo e a mídia de “Bandas Criminais” (Bacrim). Ainda que o governo tenha tentado desvinculá-las dos paramilitares, elas têm um jeito de agir bastante similar e estão presentes em regiões antes ocupadas por eles. Também não se realizou um julgamento dos comandantes paramilitares, muitos dos quais foram extraditados para os Estados Unidos, onde são julgados por delitos de narcotráfico enquanto cometeram, na Colômbia, crimes de lesa-humanidade.

Os vínculos dos chefes paramilitares com grupos econômicos, políticos regionais e agências de segurança do Estado, como o Departamento Administrativo de Seguridad (DAS)¹⁰, foram denunciados por congressistas da

¹⁰ Em 2011 no decreto 4057 o presidente Juan Manuel Santos suprimiu o DAS. As razões foram os inúmeros escândalos pela interceptação de ligações; os vínculos com os narcotraficantes e os paramilitares; seguimento ilegal de alguns políticos, juizes e jornalistas e os processos judiciais a seus últimos diretores.

oposição, ONGs e mídia. A reparação econômica e a devolução das terras usurpadas também não foram bem-sucedidas, uma vez que os chefes paramilitares não declararam a verdade acerca de suas propriedades e aquelas que foram devolvidas aos antigos proprietários não podem ser habitadas novamente devido à presença das Bacrim, as ameaças de morte contra os líderes do processo de retorno às terras ou porque foram cedidas pelos paramilitares a outras comunidades campesinas ou ex-combatentes.

Entre 1996 e 2001, a estratégia militar da guerrilha das Farc caracterizou-se por grandes contingentes de tropa, numa guerra de posições que abarcava boa parte do território. O Bloco Oriental, comandado pelo Mono Jojoy¹¹, foi uma das principais frentes de combate e, ainda que tenha sofrido frequentes ataques do exército, impingiu-lhe muitas baixas (AVILA MARTÍNEZ, 2011). A morte do Mono Jojoy implicou uma nova estratégia de guerra por parte do sucessor, Alfonso Cano, baseada num processo de descentralização das tropas, de retorno à guerra de guerrilhas, permitindo afrontar as investidas dos militares menos traumáticamente, ainda que aceitando o risco da fragmentação e dispersão das tropas (AVILA MARTÍNEZ, 2011). Alfonso Cano¹² e Pablo Catatumbo lideravam o Comando Conjunto de Occidente, uma das estruturas mais ativas das Farc, que opera no sul e no oeste colombiano, nos departamentos de Nariño, Cauca, Valle del Cauca e sul do Chocó.

Em 2010, o grupo guerrilheiro realizou ações armadas em boa parte do território nacional, quase 20% do total de municípios, a maioria no sudeste e sudoeste do país. O projeto militar das Farc, porém, encontra-se debilitado, na realidade. Blocos como o Caribe e o Magdalena Medio, por exemplo, perderam poder em suas regiões. Apesar disso, como afirma Ávila Martínez (2011), em regiões como as planícies do leste, do Pacífico colombiano e do sul do país ainda têm uma significativa capacidade militar e continuam sendo importantes em Cauca, Nariño, Caquetá e Norte de Santander. Prova disso são os mais de 2500 militares, entre mortos e feridos, que ficaram fora de combate em 2010, cifra superior àquela de 2009.

Já as Forças Armadas Colombianas tiveram, como vimos, uma transformação de sua forma de agir e a modernização de seu armamento, além

¹¹ Mono Jojoy era chefe militar das Farc e membro do Secretariado General. Foi assassinado em 22 de setembro de 2010.

¹² Alfonso Cano era o chefe máximo das Farc e foi abatido pelo Exército em 4 de novembro de 2011.

do apoio militar e de inteligência dos Estados Unidos e de Israel. A força pública adotou a partir de 2008 uma estratégia denominada “borbulhas”, que consiste em assassinar os principais líderes das Farc, especialmente os membros do Secretariado do Estado-Maior, com o objetivo de fragmentá-la, provocando assim sua desestruturação e criminalização de suas frentes, de maneira que a guerrilha seja um problema antes regional que nacional. O triunfo dessa estratégia não deteria a violência no país, mas seria um importante triunfo midiático. Seu problema é concentrar 60% da atividade militar do Exército e quase toda a sua inteligência somente nesse objetivo (AVILA MARTÍNEZ, 2011).

Desde setembro de 2012, representantes das Farc e do governo de Juan Manuel Santos iniciaram oficialmente os diálogos de paz, em Cuba. A agenda para lograr um acordo para a finalização do conflito armado na Colômbia inclui: uma política de desenvolvimento agrário integral; mecanismos de participação política; o fim do conflito; uma solução ao problema das drogas ilícitas; direitos das vítimas a verdade e ressarcimento.

Não obstante, as Farc não são o único grupo armado com poder e capacidade de ação na Colômbia, que hoje enfrenta a violência das mencionadas Bacrim, compostas a partir da convergência de vários processos, como as tentativas de reinserção à vida civil entre 2005 e 2007, o reagrupamento de integrantes de nível intermediário na hierarquia dos grupos armados que não se desmobilizaram e o apoio de grupos armados do narcotráfico (GONZÁLEZ POSSO, 2011). Ausentes só em dois dos 32 estados, Amazonas e Vaupés, no resto do país elas exercem influência. Em 2008, reportaram-se ações em 259 municípios; em 2010, em 360; e, no primeiro semestre de 2011, em 347 municípios, o que indica sua permanência e reprodução (GONZÁLEZ POSSO, 2011). As Bacrim estão aliadas com máfias locais do narcotráfico e agem por meio da intimidação, sobretudo, mas também pela infiltração no Estado e nos partidos políticos.

2.2 A memória, um passado que não passa

Como afirma Daniel Pécaut (2004), na Colômbia o passado não passa, a guerra não termina e, por isso, o apelo à memória é ambíguo e problemático, pois o contexto de guerra permanente leva a uma impossibilidade da memória, do esquecimento e da história. As múltiplas formas de exercício da violência levam muitos setores da população a enfrentar na sua experiência cotidiana o terror e o medo; suas histórias de vida estão marcadas por acontecimentos que mudam radicalmente sua existência e se sucedem um após o outro¹³. Sem dar lugar a uma compreensão do que acontece, sem permitir criar um relato além do momento atual, pelo que não se cria memória senão esquecimento, daí a impossibilidade da memória (PÉCAUT, 2004).

Os fatos do período da “La Violência” constituem um passado que parece estar sempre presente, pois tem semelhanças com o conflito atual, não sendo possível construir um metarrelato desse evento, com um princípio e um fim. Aliás, sobre esse período se impôs um pacto de esquecimento que não permitiu pensar nem refletir sobre seu significado para a sociedade; também não se estabeleceu uma comissão da verdade ou um ato de reconhecimento às vítimas e um juízo aos responsáveis.

A ambiguidade da memória evidencia-se na infinidade de relatos dos guerreiros: discursos, biografias que narram as proezas dos grandes chefes dos exércitos do século XIX (URIBE DE HINCAPIÉ, 2004); as entrevistas na mídia e visitas ao Congresso Nacional dos chefes paramilitares; testemunhos dos guerrilheiros desmobilizados que publicam suas memórias, como Vera Grave¹⁴ em seu livro “Razones de Vida” ou Leonor Esguerra¹⁵ em seu livro “La búsqueda” e, ainda, o livro do chefe paramilitar Carlos Castanho, “Mi Confesión”, entre outros. Outra fonte fecunda de narrativas são as memórias publicadas dos narcotraficantes que são amplamente distribuídas e comentadas na mídia. O excesso dessas narrativas se contrapõe com a quase inexistência de narrativas das vítimas.

¹³ O cinema tem retratado essas experiências com filmes como “La primera noche” e “Los colores de la Montana”, entre outros.

¹⁴ Guerrilheira do grupo M-19, o qual foi desmobilizado e transformado no partido político Alianza Democrática M-19.

¹⁵ Ex-freira, guerrilheira no início da criação do grupo ELN.

Houve, contudo, a publicação do relato autobiográfico “El olvido que seremos”, em 2006 – publicado no Brasil como “A ausência que seremos” – de Hector Abad Faciolince, o qual causou uma grande comoção na Colômbia, convertendo-se rapidamente num *best-seller*. Era a primeira vez que o relato de uma vítima era tema de discussão e análise em espaços públicos de debate. O relato conta as lembranças que um filho tem de seu pai, um defensor dos direitos humanos, líder político e professor universitário, as circunstâncias de seu assassinato pelos paramilitares e a dor que isso produziu na família.

Por outra parte, publicam-se cada vez mais trabalhos como os de Patricia Nieto, que recuperam as memórias das vítimas por meio da metodologia de oficinas promovidas pelo Programa de Atención a Víctimas del Conflicto Armado da Alcaldía de Medellín. Como resultado, três livros compilam as narrativas autobiográficas das vítimas: “Jamás olvidaré tu nombre”(NIETO, P.; BETANCUR, J. M., 2006), “Donde nací aún crece la hierva” (NIETO, 2010) e “Me gustaba mucho tu sonrisa” (NIETO, 2007). Em 2012 a autora publicou o livro “Los Escogidos” (NIETO, 2012) com relatos sobre os corpos dos mortos recuperados do Rio da Magdalena.

Poder-se-ia dizer que a primeira década do século XXI significou uma mudança qualitativa e quantitativa dos estudos sobre memória do conflito armado. Segundo uma pesquisa realizada por Marta Lucía Giraldo *et al.*(2011), estamos num momento de relevância da memória. Essa nova situação obedece a vários fatores: a degradação e intensificação do conflito armado; a reativação na justiça de casos encerrados, como a tomada armada do Palácio de Justiça¹⁶ e o extermínio da Unión Patriótica¹⁷; a promulgação da Lei de

¹⁶ Em 6 de novembro de 1985, um comando de guerrilheiros do Movimento 19 de Abril (M-19) tomou por assalto o Palácio da Justiça, situado em frente ao Congresso da República, em Bogotá. Fizeram 350 reféns, entre magistrados das altas cortes, conselheiros de Estado, servidores judiciais, empregados e visitantes. A resposta das Forças Armadas foi igualmente violenta: entraram no prédio durante a noite, numa ação que até hoje não foi esclarecida – ainda se desconhece quem deu a ordem, se foi o presidente Belisario Betancur ou se foi uma decisão autônoma dos altos oficiais das forças armadas. Como resultado, 95 pessoas morreram e onze consideradas desaparecidas. Em 2005, a procuradoria reabriu o caso ao encontrar provas de que alguns deles tinham saído vivos do Palácio e sido levados a quartéis militares, torturados e assassinados. Os guerrilheiros do M-19 foram anistiados durante o processo de paz de 1990, e alguns membros do exército estão sendo julgados por esses fatos.

¹⁷ Na década de 1980, surge o movimento político Unión Patriótica, produto do processo de negociação entre as Farc e o governo de Belisario Betancur. O objetivo era que esse movimento político permitisse à guerrilha incorporar-se paulatinamente na vida legal. Desde 1984, deram início à perseguição e aos assassinatos dos membros que tinham logrado ganhar algum cargo público de eleição. O tempo mostraria que os atentados tinham como propósito o extermínio sistemático do movimento por parte de grupos paramilitares, em coligação com membros do exército e da classe política. Os assassinatos prolongaram-se por mais vinte anos, até que enfim cumprissem seu objetivo. Entre os mortos, destacam-

Justiça e Paz (CONGRESO DE LA REPÚBLICA DE COLOMBIA, 2005)¹⁸; o reconhecimento, desde a década de 1990, dos deslocados forçados como vítimas da guerra e a visualização dos seus dramas; a formulação de políticas públicas para garantir a proteção de seus direitos sociais; a criação da Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación (CNRR) e, dentro dela, o Grupo de Memória Histórica¹⁹, que tem um importante lugar na recuperação da memória do conflito armado e no reconhecimento das vítimas e seus direitos; por fim, a promulgação da Lei 1448 de Vítimas e Restituição de Terras (CONGRESO DE LA REPÚBLICA DE COLOMBIA, 2011), que implica o reconhecimento da situação de vítima, a reparação material e simbólica e a restituição das terras usurpadas pelos grupos paramilitares. A multiplicidade de iniciativas de memória – obras de arte, teatro, filmes, romances que tentam configurar um relato sobre esse passado violento e suas múltiplas arestas – será abordada adiante.

Na Lei 1448 de Vítimas e Restituição de Terras, de 2011, foram estabelecidas medidas de atenção, assistência, reparação integral às vítimas do conflito armado interno. Instituiu medidas judiciais, administrativas, sociais e econômicas às vítimas, tanto individual como coletivamente. Essas medidas buscam garantir os direitos à verdade, justiça e reparação, assim como a garantia de não repetição. Enquanto a Lei de Justiça e Paz estava pensada para os combatentes da guerra, a Lei de Vítimas pretende resgatar do esquecimento as vítimas da guerra. Estabelecer critérios de atenção humanitária, critérios de reconhecimento da condição de vítima. Entre os direitos reconhecidos estão a reparação adequada, diferenciada, transformadora e efetiva pelo dano causado. Isso inclui medidas de restituição, indenização, reabilitação, garantia de não repetição, na dimensão individual, coletiva, material, moral e simbólica.

se dois candidatos presidenciais, oito congressistas, treze deputados estaduais, setenta vereadores e onze prefeitos, além de milhares de partidários.

¹⁸ A Lei 975 de 2005, de Justiça e Paz, foi um marco normativo promovido pelo governo de Álvaro Uribe Vélez para facilitar a desmobilização dos grupos paramilitares. Aqueles que defendem a lei destacam: o número de desmobilizados, entre 2002 e 2010, em torno de 53.659, membros de diversos grupos armados tanto paramilitares como guerrilha; os fatos conhecidos nas confissões livres, a exumação dos cadáveres, e o registro das vítimas ante a Fiscalía General da Nación. Embora estes sejam os mesmos argumentos usados por aqueles que a criticam, para mostrar o pouco que avançou e os problemas de verdade e justiça dos processos. (VALENCIA; MEJÍA, 2010)

¹⁹.Em diante Centro Nacional de Memoria Histórica

A Lei 1448 de 2011, faz uma definição de vítimas como aquelas pessoas que individual ou coletivamente tenham sofrido um dano por fatos ocorridos a partir do dia 1º de janeiro de 1985, como consequência de infrações graves ao Direito Internacional Humanitário e às normas internacionais de Direitos Humanos, ocorridas por ocasião do conflito armado interno. Esta situação é extensiva aos esposos e familiares em primeiro grau quando a vítima fosse morta ou desaparecida. Essa Lei tem como princípio a dignidade, boa fé, igualdade, garante o devido processo, a justiça de transição, a solidariedade do Estado, o enfoque diferencial, a participação, o respeito mutuo, a sanção aos responsáveis, a progressividade, assim como que a ajuda possa-se manter no tempo e que seja complementar.

É preciso destacar que a Lei 1448 reconhece as vítimas sem importar qual foi seu *perpetrador*. Do mesmo modo, por estar no contexto de justiça de transição, a lei incorpora limites ao conceito de vítima para aquelas pessoas relacionadas ou pertencentes aos grupos armados ou grupos por fora da lei. Quer dizer, *perpetradores* não serão vítimas.

Rodrigo Uprimny Reyes (2011), numa análise sobre a lei, adverte acertos, mas também limitações e desafios. Entre os acertos estão: o reconhecimento da vitimização a partir dos fatos e não dos responsáveis. Mudança importante em relação com o governo de Álvaro Uribe Vélez que não reconhecia como vítimas aquelas afetadas pelos agentes do Estado. Igualmente a lei reconhece explicitamente que na Colômbia se vive um conflito armado, distinção rejeitada pelo governo Uribe que só atendia as categorias de terroristas e terrorismo.

Não mencionado por Uprimny, mas sim por Gonzalo Sánchez (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013), é necessário reconhecer que a lei destaca o problema da terra como central nas causas e desenvolvimento do conflito, daí a transcendência da restituição de terras no seu conteúdo. A lei incorpora os princípios internacionais sobre direitos das vítimas. Há uma sistematização dos direitos das vítimas no processo penal. Tem a intenção de melhorar os mecanismos de reparação administrativa e de atenção integral, no sentido de reduzir os tramites e as formas de aceder aos direitos. Estabelece medidas nos componentes da restituição (compensação, satisfação, reabilitação e garantia de não repetição). No capítulo de restituição de terras cria um sistema jurídico e administrativo para as pessoas que foram

deslocadas ou despojadas das terras, para que possam reclamar de maneira fácil. Também flexibiliza as provas que devem ser apresentadas no processo de restituição.

Ainda seguindo Uprimny (2011), as limitações da Lei 1448 são: não faz uma menção expressa à responsabilidade do Estado; repara as vítimas, mas não esclarece os fatos historicamente, desta forma as vítimas e a sociedade ficam sem saber o que aconteceu e sem uma efetiva judicialização dos fatos e as atrocidades cometidas. O reconhecimento e a verdade, que como veremos na apresentação dos nossos casos, são a demanda mais sentida, ficam vazios de conteúdo. A própria definição de vítimas é ambígua, em primeiro lugar pela definição da data, 1985, que para alguns é arbitrária, pois não têm em conta as vítimas do período da Violência. A exclusão dos perpetradores, por exemplo, implica não se reconhecer a tortura de um guerrilheiro por parte dos paramilitares. Essa lei também não tem em conta as vítimas das novas formas do paramilitarismo, como as Bacrim. Por último, falta uma articulação entre política social e lei de vítimas. Ainda que a lei distinga política social, reparação e assistência humanitária, as medidas concretas costumam confundir os três aspectos.

Para Uprimny (2011) os desafios da lei são muitos, em primeiro lugar, a regulamentação dos programas e das medidas, assim como assegurar a participação das vítimas e das organizações na aplicação delas. Segundo, garantir a segurança das vítimas, especialmente dos reclamantes de terras²⁰, proporcionando assim a estrutura institucional para garantir a eficácia da lei. Outro tema é o impacto fiscal, como o fantasma que assombra a aplicação da lei. Por último, o efeito simbólico da aprovação das normas pode se tornar negativo caso não seja concretizado.

²⁰ Segundo o *Human Rights Watch*, num informe publicado em 2013, denominado “El riesgo de volver a casa: violencia y amenazas contra desplazados que reclaman restitución de tierras”, desde o ano 2000 há 49 casos, oficialmente reconhecidos, de assassinatos a líderes, reclamantes ou participantes em processos de restituição. Assim como mais de 500 denúncias por ameaças desde o ano 2012. Ver <http://bit.ly/1A76U8z>.

2.3 Centro de Memória Histórica e o informe “Basta Ya”:

Devemos assinalar o esforço do Centro Nacional de Memoria Histórica²¹, para criar uma narrativa sobre o conflito que dê conta das razões para o surgimento dos grupos armados tanto como o interesse nas vítimas e suas versões sobre o que aconteceu. Anteriormente denominado Grupo de Memoria Histórica, foi transformado em Centro Nacional de Memoria Histórica, pelo Decreto 4803 de 2011. A transformação obedecia a uma diretriz estabelecida na Lei 1448, Lei de Vítimas. Segundo o publicado no seu site o Centro tem como objetivo:

(...) reunir y recuperar todo el material documental, testimonios orales y por cualquier otro medio relativos a las violaciones de que trata el artículo 147 de la Ley de Víctimas y restitución de Tierras. La información recogida será puesta a disposición de los interesados, de los investigadores y de los ciudadanos en general, mediante actividades museísticas, pedagógicas y cuantas sean necesarias para proporcionar y enriquecer el conocimiento de la historia política y social de Colombia.

O Centro também ajuda o governo a formular políticas públicas sobre memória, reparação das vítimas e garantia de não repetição, além de prestar assessoria e promover iniciativas para a reconstrução da memória nas diferentes regiões da Colômbia.

O Centro Nacional de Memoria Histórica destaca em seus informes casos emblemáticos de seu campo de ação. Esses casos permitem condensar processos que não se distinguem tanto pela força dos fatos senão pela força explicativa dos mesmos (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013). Neles os pesquisadores tentam reconstruir historicamente os fatos violentos, seus responsáveis, suas vítimas, os impactos sociais e políticos sobre a população.

Em 2013, depois de 6 anos de pesquisas²², o Centro publicou o informe “Basta Ya: Colombia memorias de Guerra y Dignidad” (CENTRO NACIONAL

²¹ Ver <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co>

²² Nos seis anos o Centro realizou 23 pesquisas que incluem os casos emblemáticos como a “El Salado: esa guerra no era nuestra”; “Trujillo: una tragedia que no cesa”; “Bojayá: una guerra sin límites”; “La Rochela: memorias de un crimen contra la justicia”; “Silenciar la democracia: Las masacres de Remedios y Segovia, 1982-1997”; “La masacre del Tigre, Putumayo, 9 de enero de 1999”. Os informes sobre justiça e paz que incluem: “Justicia y paz: verdad judicial o verdad histórica?”; “Ley de Justicia y paz: los silencios y los olvidos de la verdad”; “Justicia y paz: tierras y territorios en la versión de los paramilitares”;

DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013). A análise cobre o período de 1958²³ até 2012 e identifica os fatores determinantes e recorrentes na origem, transformação e continuidade do conflito armado. Principalmente os fatores vinculados à terra e à precariedade da democracia.

A apresentação desse informe gerou um forte impacto na opinião pública colombiana. Não só devido às cifras, que superavam amplamente as estimativas²⁴, mas principalmente por aquilo que era invisível até então. Apesar de muitas das ações da guerra, tais como chacinas, deslocamentos, atentados terroristas, ataques às populações, terem tido certa cobertura na mídia, foi a violência invisível, de baixa intensidade o que afetou a maior parte das vítimas, porque foi sistemática e permanente. Foi essa a estratégia utilizada pelos atores armados para manter a população sob controle e num estado de medo e insegurança. Uma guerra profundamente degradada, com crueldade excessiva contra a população civil, o que se nota com base na existência de um número maior de ações contra civis do que entre combatentes.

O informe “Basta Ya” não centra sua perspectiva unicamente nas ações de guerra e seus executores, ele tenta documentar a violência nos testemunhos das vítimas. Esta perspectiva permitiu-lhes aclarar os fatos, identificar os motivos dos perpetradores e também compreender a experiência das vítimas e os impactos individuais e coletivos da violência (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013). Adicionalmente, esse olhar nas

“Encuesta nacional: qué piensan los colombianos después de siete años de justicia y paz”. Por genero o Centro realizou as siguientes pesquisas: “El Placer: mujeres, coca y guerra en el bajo Putumayo”; “La masacre de bahía Portete. Mujeres Wayu en la mira”; “Mujeres y guerra: victimas y resistentes en el Caribe colombiano”; “Mujeres que hacen historia. Tierra, cuerpo y política en el Caribe colombiano”. Acerca do deslocamento, apropriação de terras foram feitos os siguientes informes: “Nuestra vida ha sido nuestra lucha. Memoria y resistencia en El Cauca indígena”; “San Carlos. Memorias del éxodo en la guerra”; “Tierra en disputa. Memorias del despojo y resistencias campesinas en la Costa Caribe (1960-2010)”; “La resistencia de la asociación de los trabajadores campesinos del Carare (ATCC)”; “La huella invisible de la guerra. Desplazamiento forzado en la Comuna 13”. Finalmente sobre a metodologia e o enfoque conceitual foram escritos manuais e cartilhas para ajudar na reconstrução da memória: “Herramientas para reconstruir memoria histórica”; “Conceptos y herramientas de memoria histórica desde la perspectiva de género”; “Una historia de paz para contar, recontar y no olvidar” y “Memorias en tiempos de guerra”. Ver: <http://bit.ly/1A7c3gV> .

²³ Neste ano, 1958, foram as primeiras eleições depois do golpe militar de 1953 contra o presidente Laureano Gómez, por parte do general Gustavo Rojas Pinilla, que esteve no poder entre 13 de junho de 1953 e 10 de maio de 1957. Nesse ano se firma um pacto conhecido como Frente Nacional, um acordo entre os principais partidos políticos, Liberal e Conservador, para alternarem-se no poder durante 16 anos e por fim assim ao período denominada “La Violencia”.

²⁴ Três de cada dez colombianos mortos nos últimos 55 anos foram vítimas do conflito armado. Um conflito que deixa 220.000 mortes desde 1958, entre eles 177.307 corresponde à população civil e 40.787 aos combatentes. Entre 1980 e 2012, 405 crianças e adolescentes foram vítimas das chacinas dos atores armados. Entre 1985 e 2012, segundo o registro Único de Vítimas, apresentaram-se 25.007 casos de desaparecimento forçada e em 97% do país há registro de deslocamento forçado. Contudo, como afirma Marta Nubia Abello, coordenadora do informe, a magnitude das cifras não dão conta do que aconteceu na Colômbia.

vítimas mostrou as falhas da justiça, pois a grande maioria dos casos não foram julgados, o que será evidente na totalidade dos casos analisados nesta pesquisa. Isto leva a duas consequências, a primeira é o abandono das vítimas por parte do Estado, não só na garantia dos seus direitos, mas também na administração da justiça e, o que é ainda mais grave, na cumplicidade com os perpetradores. Em segundo lugar, o informe nos leva a enfrentar uma realidade rotineiramente esquecida: nossa indolência, nossa incapacidade de reconhecer o sofrimento que milhões de colombianos viveram e admitir que não fizemos nada para evitá-lo ou denunciá-lo.

A palavra vítima foi, por décadas, ignorada nos discursos legitimadores da guerra. Para nomeá-la eram usadas palavras vagas como “população civil” ou “danos colaterais”. “Desde esta perspectiva, fueron consideradas como un efecto residual de la guerra y no como el núcleo de las regulaciones de esta”. (CENTRO DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013, p. 14). Mais o informe mostra também um aspecto que nesta pesquisa ficou bem claro, as vítimas se manifestaram de diversas formas. É assim que além de uma memória do sofrimento vivido por décadas, o informe registra também uma memória da resistência e da dignidade:

Es la memoria de los esfuerzos para enfrentar la guerra y para construir la paz, es la memoria del coraje y la valentía que habla de la solidaridad extraordinaria de la que también somos capaces los seres humanos. Desde esta memoria emerge otra connotación de la palabra *víctima*: la víctima como protagonista, como agente social que desafía el poder, que reclama y reivindica, y que desde ese lugar no solo sobrevive y se rescata a sí misma, sino que transforma y construye una nueva sociedad (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013, p. 27) .

Segundo o informe, na Colômbia propiciou-se um lento processo de demanda da legitimação das memórias das vítimas. Universidades, ONGs, associações de vítimas, organizações sociais, sindicatos, entre outros, criaram estratégias contra o esquecimento. É a expressão clara do que Elizabeth Jelin (2002, p. 49) denomina “empreendedores da memória”.

Jelin retoma a expressão usada por Howard Becker, “*moral entrepreneur*”, para aplicá-la ao campo das lutas pela memória. A pergunta que se coloca é: como e por que certas questões viram assuntos públicos? Sua hipótese é que para que isso aconteça há um alto investimento em esforço e energia, e existe alguém que promove e mobiliza esses esforços. Esses são, segundo Jelin, os

“*moral entrepreneur*” de que falava Becker, que se pode traduzir como “empreendedores da memória”:

En el campo que nos ocupa, el de las memorias de un pasado político reciente en un escenario conflictivo, hay una lucha entre ‘empreendedores de la memoria’, que pretenden el reconocimiento social y la legitimidad política de una (su) versión o narrativa del pasado. Y que también se ocupan y preocupan por mantener visible y activa la atención social y política sobre su emprendimiento” (JELIN, 2002, p. 49).

Colômbia tem exemplos diversos desses empreendimentos de memória. Um grupo de mulheres borda uma manta para lembrar os acontecimentos que levaram sua comunidade a abandonar suas terras e suas casas e se deslocar para outro povoado. No desenho, está representada toda sua história, desde a chegada do grupo armado, as ameaças, o medo, até a saída das casas, abandonando tudo o que tinham. Passeatas iluminadas com luz de velas percorrem os lugares dos povoados onde seus familiares foram assassinados ou desaparecidos. Nos povoados do litoral norte do país um grupo de jovens criou um clube de cinema itinerante, *La Rosa Púrpura del Cairo*, que cada semana apresenta filmes em praças com o objetivo de que as pessoas percam o medo de sair de suas casas e habitem as ruas novamente (GRUPO DE MEMORIA HISTÓRICA DE LA COMISIÓN NACIONAL DE REPARACIÓN Y RECONCILIACIÓN, 2009; BLAIR TRUJILLO, 2011; MEDELLÍN. ALCALDÍA. PROGRAMA DE ATENCIÓN A LAS VÍCTIMAS, 2010).

Essas iniciativas são múltiplas, diversas, criativas, estão em quase todos os estados do país, a maioria delas surgiram nas comunidades e famílias. São formas de agenciar e tramitar a dor e o sofrimento, trasladando para a esfera pública os sentimentos que por anos têm permanecido no âmbito privado (GRUPO DE MEMORIA HISTÓRICA DE LA COMISIÓN NACIONAL DE REPARACIÓN Y RECONCILIACIÓN, 2009).

As iniciativas de memória nos obrigam a pensar o conflito armado numa perspectiva diferente, não só dos fatos violentos, das ações da guerra e dos guerreiros, mas também nas formas como os indivíduos logram reconstruir, preservar a vida, a possibilidade de uma cotidianidade que permita manter laços, vínculos e identidades. É nessa memória da sobrevivência que podemos esquadrihar as ações políticas dos sujeitos que convivem com a violência. O silêncio para as vítimas foi uma imposição: suprimir o luto, proibir a denúncia

ante as autoridades, silenciar os líderes das comunidades com ameaças ou com a morte, tudo isso foi uma prática generalizada. Ainda assim, as vítimas não se calaram, ao contrário, desenvolveram táticas para se expressar.

3. MEDELLÍN, CIDADE DE POBRES CORAÇÕES

En esta puta ciudad
todo se incendia y se va,
matan a pobres corazones.
En esta sucia ciudad
no hay que seguir ni parar,
ciudad de locos corazones.
Fito Paez.

Os casos que vamos analisar ocorreram em Medellín, cidade que reflete como poucas as manifestações dos diversos conflitos vividos na Colômbia. Algumas das políticas de segurança e de intervenção social aplicadas no Rio de Janeiro emulam as ações dos últimos governos na capital do estado de Antioquia. No entanto a nossa história tem mais em comum do que UPP ou parques bibliotecas. A violência institucional e criminal faz parte da nossa memória como habitantes destas complexas cidades.

Neste capítulo tentaremos aproximar o leitor brasileiro da realidade dos anos recentes na cidade. Nosso objetivo é levantar elementos para compreender os casos que vamos a relatar e analisar as situações que os habitantes de Medellín viveram e ainda continuam enfrentando.

Medellín, capital do estado de Antioquia, é a segunda cidade em importância na Colômbia. Tem uma população estimada em 2.417.325 habitantes, 52,92% mulheres e 47,8% homens. Medellín é uma cidade que ainda tem 80% da população em níveis socioeconômicos baixos. Prova de que, não obstante o esforço das últimas administrações, não se consegue avançar na redução da pobreza e da insegurança (MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN, 2014). A cidade está dividida administrativamente em 6 “zonas”²⁵ ou regiões, e cada “zona” se divide em comunas, sendo 16 comunas²⁶ (Ver mapa 1, p. 44).

²⁵ Zonas Nordeste, Noroeste, Centro-leste, Centro-oeste, Sudeste, Sudoeste

²⁶ Comuna 1, Popular; Comuna 2, Santa Cruz; Comuna 3, Manrique; Comuna 4, Aranjuez; Comuna 5, Castilla; Comuna 6, Doce de Octubre; Comuna 7, Robledo; Comuna 8, Villa Hermosa; Comuna 9, Buenos Aires; Comuna 10, La Candelaria; Comuna 11, Laureles, Estadio; Comuna 12, la América; Comuna 13, San Javier; Comuna 14, El Poblado; Comuna 15, Guayabal; Comuna 16, Belén.



Mapa 2. Mapa de Medellín e localização geográfica dos altares na cidade

Comuna 1, Popular, o mural com os nomes em Santo Domingo Savio

Comuna 7, Robledo, o grafite a Paula Andrea e Magaly na Universidad Nacional

Comuna 9, Buenos Aires, o altar em homenagem aos jovens assassinados na chacina em La Milagrosa

Comuna 8, Villa Hermosa, o calvário de Robin Asmed Sanchez

As “zonas” não têm valor territorial, são usadas para agrupar comunas segundo sua localização na cidade. As comunas, por sua vez, dividem-se em bairros e em áreas institucionais.²⁷

Na tabela 1 apresentamos os indicadores de qualidade de vida em Medellín reportados pela prefeitura e discriminados anualmente por comunas.

²⁷ As Áreas institucionais são grandes setores que têm algumas características de bairro, mas sua população não é permanente e tem poucas vivendas, exemplo disso são os campus universitários.

Pode-se notar a melhora dos indicadores, contudo ainda assim os dados evidenciam também os problemas de desigualdade da cidade: poucos bairros com bons índices; muitos com índices ruins.

A despeito desse cenário, a cidade é reconhecida pela qualidade da prestação de serviços básicos como água, eletricidade e esgoto. Destacamos na tabela 1, as comunas onde estão localizados nossos casos de estudo (Ver mapa 2, p. 44) .

Comuna / Año	2008	2009	2010	2011	2012
Popular	75,38	74,80	76,27	75,98	76,88
Santa Cruz	77,17	76,53	77,73	79,21	78,21
Manrique	78,92	77,68	79,67	78,31	78,85
Aranjuez	81,23	80,37	81,90	82,72	81,22
Castilla	82,94	83,51	84,41	84,58	84,54
Doce de octubre	80,82	79,37	81,16	81,60	81,31
Robledo	82,20	81,69	83,35	83,61	82,79
Villa Hermosa	79,21	78,30	79,71	79,46	78,80
Buenos Aires	82,94	83,24	83,74	84,97	85,33
La Candelaria	86,53	86,22	87,55	87,00	87,66
Laureles	90,95	89,91	91,01	91,18	91,03
La América	87,52	87,39	88,66	89,31	89,74
San Javier	80,15	79,35	80,52	80,77	80,79
El Poblado	93,17	91,94	92,76	93,41	93,62
Guayabal	85,47	84,76	86,49	85,44	85,40
Belén	87,02	86,07	87,60	88,17	87,88

Tabela 1. Indicadores de qualidade de Vida, 2012. Alcaldía de Medellín. Tomado de:
<http://servicios.medellin.gov.co/sistemadeindicadores/index.html?codigo=36>

Medellín é reconhecida como uma cidade industrial e de serviços, mas também como uma das cidades com maior índice de homicídios. Entre os anos 1990 e 2005 foram assassinadas na cidade 48.000 pessoas (GIL RAMÍREZ, 2009). A cidade já foi reconhecida como uma das mais perigosas do mundo. Em 1991, o ano mais violento, registrou a cifra de 444 homicídios por 100.000 habitantes. Nem sequer Cidade Juarez no México, considerada uma das cidades mais violentas hoje, supera essa cifra. Como afirma Gerard Martin no seu livro sobre a história recente da cidade:

Medellín sufrió, en carne propia, durante las últimas décadas del siglo XX, las dramáticas consecuencias de un colapso estatal parcial,

llevado a su paroxismo por una bonanza global del tráfico de cocaína. Escasas son las ciudades en el mundo que han vivido una crisis de seguridad tan extrema como ella.” (MARTIN, 2012, p. 16)

No gráfico 1 podemos ver as cifras da violència homicida na cidade durante as décadas dos oitenta e parte dos noventa:

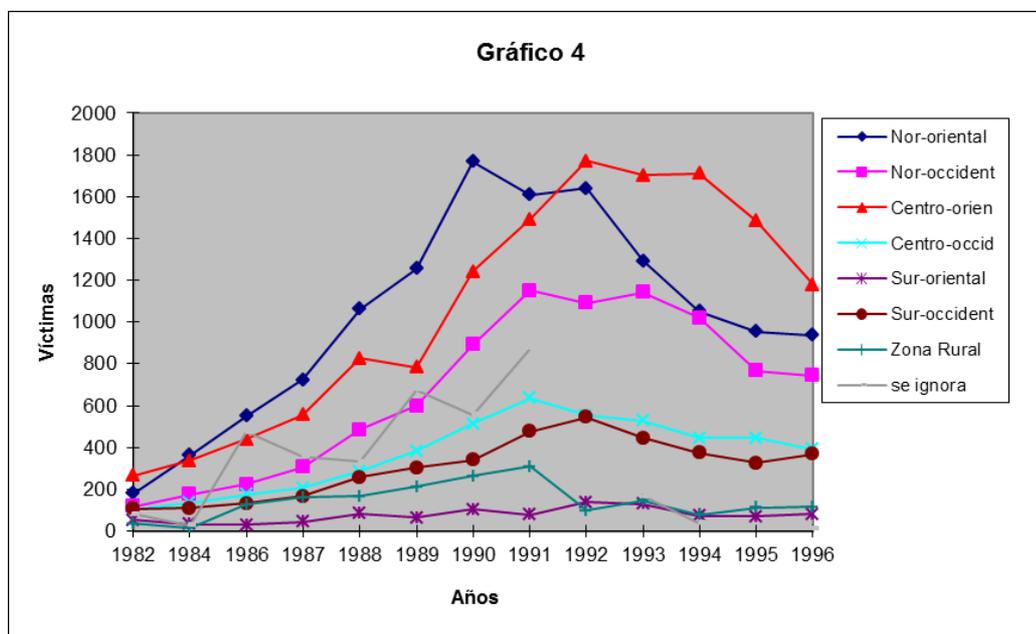


Gráfico 1 Indicadores de violència em Medellín 1982-1996. Tomado de Violência Homicida em Medellín. (RESTREPO et al., 1997)

Um estudo mais recente, tabela 2, aporta os seguintes dados em relação com o número de assassinatos por comuna entre 1992 e 2005:

Año/comuna	Centro riental	Nororie ntal	Norocci dental.	Centroc idental	Surocci dental.	Surorie ntal.	TOTAL
1992	1793	1672	1122	445	707	152	5981
1993	1891	1425	1097	423	557	133	5526
1992	1793	1672	1122	445	707	152	5981
1994	1716	1124	1066	410	365	151	4832
1995	1505	962	82	439	336	91	4157
1996	1207	952	798	397	128	372	3854
1997	973	1026	702	369	114	384	3568
1998	764	900	598	325	255	45	2887
1999	824	989	637	368	272	46	3136
2000	735	1024	632	325	276	59	3051
2001	812	1111	587	450	298	70	3328
2002	768	1031	636	653	289	73	3450
2003	499	572	442	206	148	30	1897
2004	253	224	253	144	126	25	1025
2005	209	163	148	105	97	14	736
Total	13949	13175	9542	5059	3968	1645	47338

Tabela 2. Indicadores de violencia em Medellín 1992-2005. Fonte: Instituto Popular de Capacitación²⁸, apud GIL RAMÍREZ, 2009

²⁸ Tabela construída por Max Gil tendo como base os informes do Instituto Popular de Capacitación: “Derechos Humanos Integrales, Informe de derechos humanos 2004” e “Que los árboles dejen ver el bosque, Informe de derechos humanos 2005”.

Como evidenciam estas fontes, os indicadores de violência homicida na cidade foram bastante altas durante três décadas, especialmente nas comunas nas quais realizamos nossa pesquisa, comuna nordeste e comuna centro este.

Talvez por isso mesmo Medellín tenha sido objeto de múltiplas análises políticas, sociais e culturais (SALAZAR J., A.; JARAMILLO, 1992; RIAÑO ALCALÁ, 2006; NIETO LÓPEZ, J; ROBLEDO, 2006; ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, 2006; FRANCO, 2003; BLAIR TRUJILLO; QUICENO, 2008; JARAMILLO, A. M.; CEBALLOS. R.;VILLA, 1998). Algumas dessas pesquisas relacionam a violência na cidade como uma expressão local do conflito armado que se vive no nível nacional, especialmente, pela presença de milícias e de grupos de autodefesa no período de 1995 a 2005.

Contudo, concordamos com Blair e Quiceno (2008), Franco (2003) e Alonso, Giraldo e Sierra (2006) quando afirmam que pensar a violência na cidade como uma expressão da guerra no país é minimizar as dinâmicas locais. A despeito da presença dos atores da guerra como paramilitares e guerrilha, não se pode reduzir o que acontece na cidade à lógica da guerra nacional, pois a presença desses grupos armados esteve determinada pelas lógicas dos conflitos preexistentes, derivados de fenômenos como o narcotráfico, as bandas criminosas e os grupos de autodefesas. Assim em lugar de falar do conflito armado na cidade ou guerra na cidade, Blair e Quiceno propõem o termo de “conflitividades urbanas”, e Franco propõe conflitos urbanos, que incluiria todas essas dinâmicas. Aliás, consideramos pertinente, tal como propõe Vilma Franco, analisar ditos “conflitos urbanos” não só através dos atores e de suas ações senão também das relações que se estabelecem entre eles e os habitantes dos bairros e, em consequência, a criação de novas tramas sociais (FRANCO, 2003a).

O que é preciso aclarar, citando a Blair e Quiceno é que:

Sin duda, estas conflictividades urbanas se desarrollan en un contexto intrincado de relaciones de poder que es, por otro lado, lo que caracteriza *lo político* (Bolívar, 1999). No se trata entonces de negar el contenido político de estas violencias, pero si de la necesidad de *reconceptualizar la noción misma de lo político* que, generalmente, se asume bajo una concepción muy estatal e institucional, negándole su carácter político a otras relaciones de poder que no son, necesariamente, estatales y/o institucionales. En esto nos acercamos a concepciones del poder como las que viene desarrollando la geopolítica crítica e incluso a análisis más novedosos hechos desde la ciencia política. (BLAIR TRUJILLO; QUICENO, 2008, p. 141)

Para compreender melhor a dinâmica dos conflitos urbanos, apresentaremos um sucinto balanço sobre os estudos feitos sobre a violência em Medellín e as hipóteses que eles apresentam.

3.1 As análises sobre a cidade

Retomaremos aqui o balanço feito por Vilma Franco (2003a) sobre esses estudos. Ela realiza uma identificação das principais hipóteses interpretativas sobre a violência em Medellín, na qual assinala três momentos: a década de oitenta, na qual as pesquisas estabeleceram uma relação entre o crescimento urbano, a pobreza e a violência. O segundo momento, a década de noventa, quando os estudos indagaram pelo substrato cultural dos comportamentos violentos, em relação com o auge do narcotráfico. E, o último momento, a irrupção da guerra na cidade com o enfrentamento entre milícias apoiadas pela guerrilhas e paramilitares associados com bandas criminais.

O que está presente em cada um desses momentos é a pergunta, não pela violência, e sim pela intensidade da mesma. A autora identifica dois enfoques que se aproximaram da pergunta pelas razões da intensidade da violência: um enfoque sociocultural e outro sociopolítico (FRANCO, 2003).

O enfoque sociocultural argumenta, com base na existência de uma falha na família, na educação e na sociedade para inculcar valores como o respeito da lei e da autoridade, o pluralismo, a tolerância, que culmina num cidadão predisposto à agressão. A perda dos valores da cidadania e os valores cívicos do “*antioqueño*”²⁹ se atribuem também ao processo de modernização econômica, secularização da sociedade e o impacto da mídia nela, tudo isso unido à irrupção do fenômeno do narcotráfico. O narcotráfico influenciou na sociedade de Antioquia num duplo sentido, na esfera econômica, num momento de urbanização e consolidação urbana, e na esfera cultural uma vez que alimentou valores já existentes tais como o de buscar ascensão social sem

²⁹Antioqueño gentílico dos nascidos no estado de Antioquia.

se importar com o recurso à ilegalidade. Mas ao mesmo tempo introduziu mudanças nos valores e práticas sociais, auspiciando a formação de redes de jovens armados e a ilegalidade como fator de mobilidade social ascendente (FRANCO, 2003).

Num estudo feito por Gustavo Duncan (2011) - não incluído na análise de Franco, mas que ajuda a entender o enfoque sociocultural - afirma-se que o sucesso do narcotráfico em Antioquia teve como antecedente histórico o fato de ser uma sociedade com uma estrutura social hierárquica e discriminadora, não racialmente senão socialmente. Mas também era uma sociedade que permitia e aceitava a ascensão social por meio do sucesso econômico, concomitante com um grau forte de permissividade com a ilegalidade: “La deshonestidad era un valor social si tenia como propósito el bienestar de la familia y de la comunidad y si una parte de las ganancias era destinada a obtener el perdón de las autoridades religiosas” (DUNCAN, 2011, p.183). Além do anteriormente dito, o autor expõe como os setores de baixa renda tinham familiaridade com a lógica do mercado e o comércio o que lhes permitiu usar esses conhecimentos no negocio do narcotráfico.

O enfoque sociopolítico atribuiu as razões da violência a fatores como:

La no construcción de la polis y la república; la brecha entre cambios socioeconómicos acelerados y una baja institucionalidad; la ruptura entre Estado y sociedad civil; la precariedad del Estado; las dinámicas de exclusión; la lucha por el territorio urbano; la privatización de lo público; y la articulación de las violencias urbanas con el conflicto político armado.” (FRANCO, 2003, p. 67).

Tais como nas análises que fez Fernán González (2007) para o caso da nação, na cidade de Medellín atribuiu-se a violência à ineficiência do Estado, a sua incapacidade para manter o monopólio das armas, à justiça e à redistribuição dos recursos. Como consequência, a cidade experimentou uma forma de privatização do público, no sentido de prover seguridade e administrar justiça, especialmente nos setores de urbanização recente ou bairros periféricos. Em oposição a esses argumentos, outras pesquisas afirmam que a violência decorreria do caráter difuso da relação público-privado e a prevalência do privado na construção do público.

Também o problema da violência foi entendido como consequência da baixa institucionalização em momentos nos quais a cidade se expandia e

modernizava, produzindo setores nos quais o Estado tinha presença e outros nos quais a ilegalidade, a exclusão e a informalidade imperavam. Neste enfoque sociopolítico, a violência é entendida como continuidade. A ausência do Estado favoreceu inicialmente a aparição da criminalidade, mas posteriormente sua presença foi só repressiva e não através de políticas sociais, especialmente em bairros de urbanização ilegal. Num segundo momento, alguns setores comunitários organizaram-se em grupos de autodefesas, consolidou-se o narcotráfico e parte da delinquência desorganizada se transformou em bandas. Depois apareceram as milícias como defesas diante das bandas criminais e o auge do narcotráfico. Ao mesmo tempo aumentava o desemprego daí que pertencer a um grupo armado ou banda transformou-se em opção de obter algum lucro.

3.2 Os atores enfrentados

Ainda que inicialmente os conflitos urbanos estivessem ligados ao narcotráfico e à delinquência organizada, na década dos 80 surgem as milícias - grupos armados que alguns analistas associam com a guerrilha e outros com autodefesas - criados para combater a delinquência e as bandas (MEDINA FRANCO, 2006). O projeto das milícias teve sua origem como autodefesa frente às bandas e aos delinquentes. Elas proporcionavam segurança e controle nos territórios onde a presença do Estado era precária. Em 1990 havia cerca de 10 grupos de milícias na cidade³⁰ foi então quando se iniciou uma disputa entre os diversos grupos armados (milícias, delinquência, narcotraficantes) que registrou, entre 1991 e 1992, o maior índice de homicídios na cidade, 444 para cada 100.000 habitantes, segundo estatísticas da Asesoría de Paz y Convivencia de Medellín:

³⁰ Esses grupos eram: Milicias Populares do Pueblo y para o Pueblo, Milicias Pueblo Unido, Milicias Ché Guevara e Milicias Obreras 1º de Marzo, todas elas de caráter autônomo. As Milicias Populares do Valle de Aburrá e as las Milicias 6 e 7 de Noviembre, com influencia do Eln; las Milicias América Libre e as Milicias Populares Revolucionarias, com influencia da Corriente de Renovación Socialista; as Milicias Bolivarianas, com influencia das Farc; os Comandos Obreros Populares, com influencia do Epl.

(...) a mediados de la década de 1990 se evidencia una profunda fragmentación de los grupos milicianos. Ella se manifiesta en la clara diferenciación que se establece entre aquellas organizaciones que se reclamaban como típicas formas de autodefensa barrial e aquellas organizaciones que estaban ligadas a estructuras armadas de las guerrillas. Las primeras, que están relacionadas con el primer momento de auge de las milicias, establecieron acuerdos con los gobiernos municipal y nacional para desmovilizarse en 1994 y 1998. Las segundas, que están relacionadas con la expansión del proyecto guerrillero en la ciudad a partir de 1997, serán aniquiladas, desplazadas o absorbidas como consecuencia de la consolidación del proyecto paramilitar y o despliegue de la Operación Orión en la Comuna 13 en el mes de octubre del 2002 (ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, 2006, p. 356).

Segundo Angarita (2004), durante a década de noventa e até 2005 a cidade de Medellín enfrentou uma exacerbação da violência que superou os limites imagináveis (2004, p, 131). Na cidade fizeram presença grupos armados como as Farc e o ELN, através do cooptação de grupos milicianos autodenominados Comando Armados del Pueblo (CAP). Os paramilitares também estavam ali representados no Bloco Cacique Nutibara (BCN). As antigas bandas do narcotráfico, agora estavam transformadas em “Oficinas”, organizações criminosas que faziam trabalhos para o narcotráfico. Cada um destes grupos oferecia segurança nos bairros, controlava a economia ilegal e o microtráfico de drogas, ao tempo que administrava justiça executando aqueles que não obedeciam às regras e realizavam ações de extermínio da população chamadas eufemisticamente de “*limpeza social*”.³¹

Sobre a irrupção e consolidação do paramilitarismo na cidade e o recrudescimento da violência existem diversos trabalhos (JARAMILLO, A. M.; CEBALLOS. R.; VILLA, 1998; FRANCO, 2003a; FRANCO, 2003b; NIETO LÓPEZ, J; ROBLEDO, 2006). Não obstante, vamos privilegiar a análise feita por Manuel Alonso Espinal, Jorge Giraldo Ramírez e Jorge Diego Sierra (2006). Essa análise consegue incluir tanto o fenômeno paramilitar na cidade quanto

³¹ Um exemplo dessa situação é a comuna 13, dominada nos anos 90 pelos Comandos Armados del Pueblo, que realizava ações de “limpeza social”, controle das bandas e do narcotráfico. É precisamente nessa comuna 13 onde se inicia a luta do Estado contra as milícias vinculadas com a guerrilha. O operativo Mariscal em maio de 2002, contou com a presença do Exército, agências de segurança estatais, a promotoria e outras organizações governamentais de proteção e garantia dos direitos humanos. O objetivo era atacar e expulsar aos membros das Farc, ELN e os Comandos Armados del Pueblo que tinham presença na comuna. Mais tarde, em outubro de 2002 levaram a cabo o operativo Orión, onde fizeram presença os mesmos órgãos do Estado que participaram no operativo Mariscal, mas também civis com as caras cobertas que denunciavam aos milicianos. Depois do operativo e embora o território estivesse controlado por militares e polícia, aumentaram os grupos paramilitares na zona e, entre os anos 2001 a 2003, o deslocamento forçado intra-urbano, os assassinatos, as desapareições, as ameaças a população alcançaram níveis inusitados. (CINEP, 2002).

as conexões dele com as bandas criminosas e sua articulação com o conflito armado nacional, mas assinalando as particularidades dos conflitos urbanos.

Inicialmente os autores fazem uma diferenciação na forma de nomear a confrontação armada, não falam de guerra, senão de “competência armada” para referir-se a:

Un proceso en el que múltiples grupos con intereses, motivaciones y estrategias diversas desafiaron las pretensiones de universalidad e inclusividad del Estado en la región, al romper fácticamente el monopolio de la violencia y lograr sostener esa ruptura continuamente durante dos décadas (ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, 2006, p. 457)

A pesquisa toma como ponto de partida uma definição dos paramilitares, não como grupos armados contra-insurgentes, com uma estrutura hierárquica e organizada, pelo contrário os definiu, conforme com Fernando Cubides (2005) e Mauricio Romero (2003), como “federações armadas ilegais”. Ditas federações tinham dinâmicas e organizações regionais e obedeciam a interesses locais ou pessoais, tinham como objetivo comum uma negociação com o estado que consolidasse seu poder. Para entender o fenômeno paramilitar, os autores advertem sobre a necessidade de analisar cada caso particular e o entorno no qual se desenvolveu, para deslindar sua verdadeira natureza.

Para compreender o padrão de ação dos grupos paramilitares na cidade de Medellín, Alonso et al. retomaram o conceito de rede. Sua hipótese é que o grupo paramilitar, Bloque Cacique Nutibara (BCN)³², funcionava como uma rede. Sua estrutura agia como uma pluralidade constante de elementos, irredutíveis a uma chefatura única e centralizada e na qual convergiam, de maneira controlada e em permanente tensão, os protagonistas das guerras e das negociações feitas em Medellín na década de 1990.

Para demonstrar essa hipótese, identificam quatro percursos ou nodos dentro do processo paramilitar: o percurso das autodefesas³³, o percurso do narcotráfico³⁴, o percurso das bandas³⁵ e o percurso especificamente

³² O BCN foi o grupo paramilitar vencedor dos enfrentamentos entre os distintos grupos armados que fizeram presença na cidade durante a década de noventa e primeiros anos do novo século.

³³ O percurso ou nodo das autodefesas urbanas faz referência basicamente às milícias, já mencionadas anteriormente. Ainda assim, é importante sinalar que muitos dos homens que fizeram parte destas milícias, passaram depois a formar parte dos chamados *Combos*, pequenos grupos criminosos, com reconhecimento no bairro e uma mínima hierarquia, com um raio de ação claramente estabelecido

³⁴ Este nodo tem sua origem no narcotráfico e suas atividades ilegais, mas é importante assinalar algumas das suas derivações: no início o *sicário* tem um atuar restrito às atividades próprias do

paramilitar.³⁶ Em primeiro lugar, a rede se evidencia nas relações que são produto dos processos de aniquilação, negociação, absorção, dominação e contratos resultado dos entrecruzamentos entre tais percursos. No segundo lugar, devido à pluralidade constante de seus elementos, não existe uma estrutura de mando centralizada e unificada. Desta maneira o BCN é o resultado das configurações, estratégias e composições dos diferentes percursos (ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, 2006).

O BCN apelou às redes mafiosas e às Oficinas do narcotráfico para lograr o domínio territorial que lhe permitiu alcançar o controle de bairros de prévio domínio miliciano. Entre suas atividades estava oferecer serviços de segurança, realizar atos ilegais sem interferência das autoridades e mesmo incursionar em negócios legais como as empresas de transporte público, para finalmente exercer um controle social e político sobre a vida cotidiana das comunidades. Para se impor como grupo armado hegemônico na cidade o BCN teve que enfrentar ao Bloco Metro.³⁷ Quando finalmente o venceu, logrou consolidar-se também em outras regiões de Antioquia, como nordeste e leste próximo, com o nome de Bloco Héroes de Granada:

Si nuestra hipótesis es válida, podemos afirmar que el BCN es una estructura reticular que articula actores tradicionales del conflicto armado como unidades rurales provenientes de los paramilitares y las guerrillas, actores primarios del conflicto armado (como bandas, *combos* e milicias) y núcleos refinados del crimen organizado (como

narcotráfico. Depois ampliam seu agir a outros âmbitos políticos, assim seu alvo são juízes, jornalistas, políticos, entre outros. A consolidação do *sicariato* fortalece as bandas, sendo isso a porta de entrada do fenômeno paramilitar, devido ao surgimento de esquadrões da morte e de grupos de "limpeza social". Os narcotraficantes criam o grupo Morte a sequestradores (MAS), depois do sequestro da irmã de um importante narcotraficante do cartel de Medellín, por parte do grupo guerrilheiro M-19. Também neste nodo do narcotráfico descrito por Alonso et al, é importante assinalar a presença do grupo Perseguidos por Pablo Escobar (PEPES), conformado por membros do cartel de Cali, os irmãos Castaño Gil, futuros chefes das Autodefensas Unidas de Colômbia (AUC), as Autodefensas do Magdalena Medio e membros das agências de seguridade do Estado, com um objetivo comum, a aniquilação de Pablo Escobar. Este fato é importante porque marcou o fim dos grandes cartéis da droga, propício a formação das chamadas Oficinas, estruturas criminosas organizadas que funcionavam como empresas e controlaram os negócios ilegais e o surgimento e funcionamento de outras bandas na cidade.

³⁵ São grupos criminosos organizados, fizeram presença na cidade desde os 80. Calcula-se que podiam existir mais de 150 dessas agrupações, mas houve momentos nos quais foram incorporados nos grupos armados milicianos ou paramilitares. Na atualidade se apresenta o ressurgir destas bandas na cidade (MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN, 2009)

³⁶ A Irrupção da contra-insurgência na cidade, é estabelecida a partir do Bloco Metro das Autodefesas. Este Bloco foi criado como resposta ao avanço da guerrilha nas cidades. As AUC formaram um grupo de autodefesa urbana e trasladaram combatentes de diversas regiões de Antioquia para Medellín. No comando estavam importantes homens das AUC como Carlos García Fernández, Rodrigo Franco ou Doblezero. O Bloque Metro é um exemplo do trânsito dos sujeitos de um grupo armado para outro. Muitos dos membros eram ex-integrantes das Farc e o ELN, este fenômeno já tinha antecedentes em Urabá e Córdoba. Por outra parte, no seu agir o Bloco Metro teve vínculos com Convivir (Cooperativas de segurança privada, autorizadas pelo governo) e com bandas como La Terraza.

³⁷ O Bloco Metro, organização paramilitar, não aceitavam os vínculos que o comandante do BCN, Don Berna, tinha com o narcotráfico. Disso derivou em enfrentamento entre ambos e o triunfo final do BCN.

las grandes bandas y *oficinas*). La inscripción estratégica y política de carácter contrainsurgente del BCN fue aportada por las AUC, mientras que la identidad estructural la aportó la mafia. (...) La descripción que hasta aquí hemos realizado se complementa, finalmente, con la afirmación de que el BCN posee un importante nivel de presencia en las comunidades como consecuencia del ejercicio de regulación que ejerce en cuatro tipos de actividades: a) la regulación de las transacciones criminales a través de la eliminación de delincuentes y la infiltración y control sobre formas delictivas organizadas como microempresas armadas, b) la participación directa en actividades legales, c) el acceso y control sobre instituciones y formas de participación comunitaria, y d) el despliegue de un claro ejercicio de intermediación entre las comunidades y la administración local.”(ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, 2006, p.456).

Para resumir, Medellín viveu na década de 80 sobre o controle do narcotráfico e as bandas criminosas associadas a ele; ao final dessa década surgiram as autodefesas que se transformariam em milícias populares concorrendo ou cooperando no controle territorial com bandas organizadas como La Terraza. Depois, nos 90, veio o domínio paramilitar exercido, primeiro, pelo Bloque Metro, posteriormente pelo Bloque Cacique Nutibara, eles por sua vez associados com bandas criminosas e as chamadas Oficinas. Numa intrincada rede de alianças, cooptações e eliminações que demonstram o caráter transitório do domínio.

No centro desta luta pelo controle territorial e econômico esteve sempre a população, no meio do que Vilma Franco denomina círculos de liberação e opressão. No enfrentamento entre os grupos, o vencedor parecia “libertar” os cidadãos do controle do outro grupo, mas reproduzia rapidamente os mesmos mecanismos de controle, voltando a fechar o círculo (FRANCO, 2003a). Os habitantes tiveram que se adaptar à presença de um ou outro bando, cada um dos quais prometia segurança. O bando hegemônico passava a exercer domínio político, econômico e social, expressado na extorsão e na cobrança de impostos, na imposição de normas para vestir, na determinação de certos parâmetros estéticos, nos limites territoriais para o trânsito das pessoas e na regulação das relações afetivas. Os castigos arbitrários para aqueles que descumpriram as normas, podiam ser tanto ações que provocavam a vergonha social - caminhar nu pela metade da rua mais transitada – ou outras que eram sérias violações aos direitos humanos como a tortura, deslocamento forçado ou a desapareição forçada (GIL RAMÍREZ, 2009).

Os grupos paramilitares ocuparam muitos dos espaços das organizações sociais, as lideranças tiveram que aceitá-los ou rejeitá-los ou arriscar-se a morrer. Segundo Max Gil (2009), elas criaram organizações sociais e ONG para capturar e administrar recursos do Estado. Recursos de planos nacionais como o Plan Colombia ou de programas locais impulsionados pela Prefeitura de Medellín. Tudo isso se traduz num empoderamento dos grupos armados que substituíram as lideranças sociais não armadas. Num claro exemplo do que Garay Salamanca (2008) denomina a reconfiguração cooptada do Estado, já abordado no capítulo 2.

No ano 2003, depois da derrota da guerrilha e das milícias na cidade e o controle hegemônico por parte do BCN, inicia-se o processo de desmobilização, no marco do processo de negociação dos grupos paramilitares com o governo de Álvaro Uribe Vélez. Aliás, esse movimento aparentava ser um processo bem sucedido, já que se entregaram cerca 900 homens. Mais tarde seria de conhecimento público que muitos dos jovens foram recrutados poucos dias antes da cerimônia de desmobilização e alguns deles continuavam fazendo parte de organizações criminosas. Um ano depois eram poucos os que tinham sido realmente processados judicialmente por seus delitos. Ainda assim, as autodefesas e o governo local consideravam como um sucesso e uma prova-piloto para futuras desmobilizações.

Mesmo sendo realidade que o processo de reinserção a vida civil dos grupos paramilitares marcou um ponto de inflexão nos índices de criminalidade na cidade, certamente até hoje não se debelaram os vínculos de paramilitares com grupos ilegais como as bandas, também não se fizeram públicos seus nexos com setores políticos e econômicos da região.

Ainda que o processo de desmobilização tenha parecido apagar dos habitantes a representação de uma cidade em guerra, os conflitos urbanos permanecem até hoje. Apenas foram rearranjadas as estratégias e seus atores.

A intimidação, a ameaça e o medo são formas de controle dos habitantes dos bairros, o terror substitui às armas e exerce uma eficácia simbólica que marca os ritmos dos habitantes e seu cotidiano (SANCHÉZ MEDINA, L. A.; VILLA, M.I.; JARAMILLO, 2002; RIAÑO ALCALÁ, 2006; BERRÍO, A.; GRISALES, M. ; OSORIO, 2011).

A partir de 2007, Medellín viveu o recrudescimento da violência devido ao enfrentamento pelo controle do narcotráfico entre os principais homens de confiança de Don Berna³⁸: Sebastian³⁹ e Valenciano⁴⁰. Depois da extradição de Don Berna, Sebastian continuou no controle da Oficina de Envigado e sua rede de assassinos pagos e Valenciano foi o encarregado das operações do tráfico de drogas. Cada um deles tinha controle sobre alguns bairros da cidade e os *combos* ou bandas que agiam neles. Sebastian criou alianças com a Bacrim Los Rastrojos, Valenciano por sua parte aliou-se com a Bacrim Urabeños. Como foi apresentado no capítulo anterior, as Bacrim são as novas versões dos grupos paramilitares depois do processo de reinserção do governo de Álvaro Uribe.

O recrudescimento da violência teve seu nível maior no ano 2009, a cifra quase atinge os 2000 homicídios, similar a 2003 que teve um total de 2012 homicídios, ano de consolidação dos grupos paramilitares na cidade (MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN, 2009). O aumento da violência homicida deve-se ao enfrentamento entre diferentes bandas e *combos* criminosos pelo controle da cidade e da Oficina de Envigado, logo após a extradição de Don Berna.⁴¹ Esses grupos

(...) generaron en la ciudad una situación de ingobernabilidad debido a que con sus prácticas desafían el orden legal mediante la combinación de acciones delictivas y prácticas de sometimiento territorial y poblacional, instauran micro-órdenes paralelos que constituyen espacios de soberanías parciales e híbridas, generando en una buena parte de la ciudad un orden múltiple en el cual conviven legalidad e ilegalidad. (MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN, 2009, p. 7)

Aparentemente, em outubro de 2010, Sebastián ganhou o controle da Oficina de Envigado. Como resultado reduz-se consideravelmente a cifra de mortes na cidade. Todavia, quanto a isso existe também a versão sobre um

³⁸ Narcotraficante e paramilitar chefe do BCN e extraditado aos Estados Unidos.

³⁹ Sebastián é um claro exemplo da maneira como os sujeitos transitam entre os percursos do paramilitarismo analisados por Alonso et al. Inicialmente trabalhou como sicário para Pablo Escobar e os irmãos Galeano (narcotraficantes que primeiro eram sócios de Escobar e que por negócios do narcotráfico se converteram em seus principais inimigos). Mais tarde integrou os Pepes (Perseguidos por Pablo Escobar) e a banda da Terraza, que prestou seus serviços ao Bloco Metro dos Paramilitares. Finalmente, formou parte do Bloco Cacique Nutibara e Héroes de Granada. Capturado pela polícia em agosto de 2012 (“Medellín en manos de Sebastián,” 2010).

⁴⁰ Capturado no dia 5 de dezembro de 2011, na Venezuela, e logo e extraditado à Colômbia.

⁴¹ Para o ano 2009, o Departamento Administrativo de Seguridad, DAS, estimava que na cidade existissem cerca de 140 combos; a Polícia Metropolitana afirmava que eram 123 e El Colombiano, periódico de circulação regional, afirmava que eram 300.

possível pacto entre autoridades políticas e eclesiásticas da cidade para deter as ações violentas destes grupos. Ainda assim, continuou a cobrança de “impostos” denominados “vacinas”, a extorsão, o assassinato, a violência sexual, o deslocamento forçado intraurbano, as ameaças, a cooptação e o controle sobre as organizações comunitárias.

Em 2012, logo depois da captura de Valenciano e Sebastian, a cidade viveu o incremento das ações delitivas e dos enfrentamentos entre os diversos grupos armados, agora sem chefe claramente definido. Os Urabeños e diversos integrantes da Oficina de Envigado enfrentaram-se pelo controle da cidade. Nas comunas se experimentou novamente o enfrentamento entre os bandos rivais, os assassinatos de jovens que traspassassem as fronteiras invisíveis⁴², as extorsões, o deslocamento intraurbano.

No fim de 2013, as informações oficiais reportam uma redução significativa no número de mortes na cidade. O prefeito, Anibal Gaviria, foi condecorado pelo Presidente Juan Manuel Santos pelos excelentes resultados em matéria de seguridade pública. A cúpula de militares da polícia criou um grupo de apoio para ajudar a combater os delinquentes e mafiosos da cidade. Segundo o prefeito, é essa política de segurança a que logrou capturar ou liquidar os chefes das bandas, desarticular os grupos e reduzir os índices de criminalidade na cidade.

Ainda assim, a mídia reporta um suposto acordo de não agressão entre as bandas na cidade. Os chefes dos Urabeños e a Oficina de Envigado fecharam o “pacto do fuzil”. O pacto contém os seguintes pontos: respeitar os bairros que são de controle dos grupos, não tentar monopolizar um negócio na cidade, no entanto, controlar diversos negócios nos bairros (venda de drogas, extorsões, contrabando, microtráfico); suspender os confrontos; acabar com as fronteiras invisíveis. Como último ponto do acordo, será assassinado aquele que desrespeite os pactos. Não é a primeira vez que esses pactos se apresentam na cidade, por isso a desconfiança diante deles. No entanto a população vive hoje certa calma. Diminuem os homicídios com arma de fogo, mas continuam as extorsões, os deslocamentos forçados, os homicídios com arma branca, as desapareições e a limpeza social ou morte de pessoas

⁴² As fronteiras invisíveis fazem referência à delimitação do território por parte dos grupos armados, faz parte de uma estratégia de militarização que lhes permite controlar o território e disputar seu poder nos bairros. Adiante retomaremos esse .

consideradas indesejáveis socialmente. O poder dos grupos continua se aprofundando através do medo e do controle da população.⁴³

Após a década de noventa, no que diz respeito às políticas públicas, a violência urbana e a insegurança são os temas prioritários na agenda pública da cidade (JARAMILLO, 2011). Apesar dos esforços das distintas administrações, as diversas análises sobre as políticas de segurança e convivência, coincidem em assinalar as seguintes falências: apesar dos programas sociais terem sido implementados, o governo privilegiou as ações repressivas e burocráticas. Em alguns casos, a intermediação com os grupos armados por parte da administração municipal foi só um discurso. Segundo Alonso, Giraldo e Sierra (2008) a década de noventa caracterizou-se pelo deslocamento ou retiro paulatino do Estado na sua tarefa de oferecer segurança e intermediar ações relativas ao conflito armado.

Em um modelo de negociação permanente da desordem com todos os grupos armados, o governo local não logrou monopolizar o uso da força, virou um concorrente a mais entre outros. Em termos de políticas públicas de segurança é preciso assinalar que as duas últimas administrações da cidade reconhecem que a criminalidade não é um assunto de jovens dedicados a delinquir, o tema corresponde a grupos organizados e com muito poder de ação. Apesar desse contexto, o governo não reconhece a existência de grupos com controle territorial, social e econômico com presença em muitos setores da cidade (MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN, 2010).

Em conclusão, podemos afirmar que os diversos conflitos urbanos presentes na cidade de Medellín estão marcados por uma multiplicidade de interesses, intencionalidades, atores e estratégias. As relações dos grupos no nível nacional e local são complexas, caracterizadas por processos de aniquilação, negociação, absorção, dominação e contratos. Não se pode dizer que os conflitos urbanos sejam uma expressão do conflito armado na cidade, embora não se possa negar sua influência. O que há de comum entre esses grupos são as motivações e interesses diversos, os quais desafiam as pretensões de universalidade e exclusividade do Estado, ao romper de fato o monopólio da violência e lograr-se manter no poder.

⁴³ Informação proporcionada pelos principais jornais do país: El Espectador <<http://bit.ly/1t3xFsJ>>; Semana <<http://bit.ly/1t3xQUZ>>; El Colombiano <<http://bit.ly/1t3y7XQ>>.

3.3 As dinâmicas locais em meio dos conflitos urbanos

Poder-se-ia pensar que pelas intrincadas relações entre milícias, bandas, narcotraficantes e paramilitares, o movimento dos membros de um bando para outro, as ações de extorsão, roubo, narcotráfico, sequestro, deslocamentos, estupros, entre outros, são expressão da delinquência na cidade. Pelo contrário, propomos pensar que esses grupos têm um sentido político. Segundo Blair e Quiceno (2008), o caráter político do agir das bandas e grupos armados não está dado pela confrontação ou associação com atores armados, senão pelas relações de força e pelas diversas formas como os habitantes dos bairros interagem com eles. As autoras pensam o político não exclusivamente em relação com o estatal ou institucional, senão na relação que se estabelece entre os cidadãos e esses grupos, na maneira como se integram, constroem sua cotidianidade.

Os conflitos urbanos tiveram consequências para seus habitantes. Para amplos setores da cidade não têm sido possível manterem-se neutros frente ao atuar dos grupos armados, eles reclamam apoio logístico e respaldo para suas atividades. Dividem a população entre amigos e inimigos e não fazem uma clara distinção entre combatentes e civis. A população se transforma, junto com o território e a economia legal e ilegal, num objetivo da guerra. Os atores armados mudam, no entanto suas práticas são análogas, deixando marcas no cotidiano e nas relações de convivência entre os habitantes:

(...) la población, al tener que vivir en medio de un régimen armado de facto tiene que adaptarse a él, se encuentran a sí mismos en una situación en la que nunca ganan. Si se adaptan con bastante éxito, pueden ser acusados de colaboración y apoyo. Si no se adaptan, se arriesgan a ser expulsados o muertos". (Angarita et al, 2008. Apud JARAMILLO, 2011, p.98)

Segundo Ana María Jaramillo (2011) as consequências nos habitantes são de diversas ordens, tais como apresentamos a seguir.

Em primeiro lugar, a destruição dos vínculos sociais e a transformação do sentido do cotidiano e dos referentes de confiança e convivência. Os projetos coletivos foram enfraquecidos pelo conflito. Conforme laços sociais se debilitavam por ciclos de violência ininterruptos, os mecanismos sociais e rituais para negociar a dor se obstruíam e seu impacto nas esferas psicológica,

social e cultural intensificava-se. Os atores armados fizeram uma diferenciação de seus vizinhos como amigos ou inimigos, construíram rivalidades, fronteiras territoriais. E, por sua vez, a violência fez com que a cidade estigmatizasse os habitantes desses bairros, sinalando-os como violentos e perigosos.

Uma das situações mais difíceis que esses habitantes deviam enfrentar - e ainda hoje prevalecem - eram as fronteiras invisíveis. As fronteiras invisíveis faziam referência a uma delimitação do território por parte dos grupos armados, como parte da estratégia de militarização que permitia controlar e disputar seu poder nos bairros. Ainda hoje continua sendo um dos principais problemas a enfrentar para os habitantes da cidade e suas autoridades. Estes limites não são um fenômeno exclusivamente criminal. A reapropriação e definição desses limites têm também uma dimensão comercial: por uma parte, a lógica do microtráfico que divide o território em função da oferta e a demanda e permite controlar a concorrência, por outro, o controle de bens e serviços legais dos quais os grupos armados obtêm importantes ganhos.

As fronteiras invisíveis não são um fenômeno recente, implicam marcas territoriais anteriores ao surgimento dos grupos armados. Elas têm início nos anos de fundação dos bairros onde era necessário definir um “dentro” e um “fora”, um “nós” e um “eles”, (JARAMILLO MORALES, 2013). De fato, em Medellín essas marcas territoriais que definem os bairros têm um forte conteúdo identitário. Os habitantes se reconhecem como moradores de um bairro em particular, antes que da cidade como um todo. (RUIZ RESTREPO; VÉLEZ CIFUENTES, 2004).

O controle dos grupos armados e sua delimitação de fronteiras têm fortes impactos sobre a população. Essas fronteiras mudam com facilidade, não são claras e geram nos vizinhos a incerteza e o medo de transitar por seu território. Além do evidente risco de ser assassinado. Elas impossibilitam muitas das rotinas cotidianas, das sociabilidades, os acessos a serviços como saúde, educação ou transporte. As fronteiras dificultam ou em outros casos pretendem apagar os vínculos familiares ou pessoais que os vizinhos possam ter com habitantes de outros bairros.

Há também no discurso sobre as fronteiras invisíveis um uso do medo para o controle da população. As bandas usam as marcas espaciais como grafites, sinais vermelhos sobre as luminárias da rua ou a localização de

homens armados como elementos simbólicos para fazer evidentes esses limites. Mas também o discurso institucional e da mídia retroalimenta essa representação da fronteira invisível como perigosa, que serve para controlar os espaços nos quais os moradores podem transitar e justificar muitas das mortes.

Assim:

“Las *tensiones internas* cambian las dinámicas de movilidad y distorsionan las *interacciones barriales*, las cuales a su vez son reforzadas desde los discursos del miedo y de restricción de la movilidad, puestos en boga por los medios de comunicación” (JARAMILLO MORALES, 2013).

Em segundo lugar, os espaços da vida comunitária, as associações, os grupos cívicos, culturais e grêmios foram o alvo das ações dos grupos armados, impedindo seu agir ou cooptando-os.

Em terceiro lugar, o impacto nas famílias refletiu-se na sua desestruturação, na ruptura dos vínculos afetivos. O cotidiano foi um dos espaços mais afetados pela violência. Atingiu especialmente as mulheres, pois elas tiveram que assumir responsabilidades no público e manter aquelas do âmbito privado. Devido à crença segundo a qual os homens eram as vítimas naturais da guerra, as mulheres adquiriram um papel relevante em muitas das organizações comunitárias nos bairros e nos grupos intermediários entre as comunidades e o governo local, demandando ações de proteção e de apoio das comunidades sob o controle de grupos armados. Do mesmo modo, devido à intimidação e as ameaças frequentes aos homens, muitos deles permaneceram nas casas, enquanto as mulheres saíram para trabalhar. A mulher também foi tomada como objetivo de guerra. A violência sexual se converteu numa forma de impor disciplina, exercer coerção e restringir a liberdade das mulheres. O corpo virou um butim de guerra e um território de disputa entre os grupos.

Em quarto lugar, os jovens são outro grupo social sobre o qual se sente o impacto dos conflitos urbanos. Desde a década de noventa quando atuavam como *sicários* para o narcotráfico, os jovens foram parte importante dos grupos armados. Converteram-se em vítimas e perpetradores dessas violências. Entraram nos exércitos sem uma inscrição ideológica ou política, muitos deles foram intimidados ou pressionados para ingressar, outros o fizeram por motivações econômicas ou pessoais. Os motivos da confrontação com outro grupo ou outra banda do bairro vizinho tinham relação com conflitos individuais

ou da comunidade, com ódios pessoais, inveja ou vingança antes que com os argumentos morais da guerra (esquerda - direita).

Como quinta consequência para os moradores, Ana Maria Jaramillo (2011) faz menção à representação que se faz nas análises sociológicas e políticas na academia, na literatura, no cinema, nas series da televisão, nas crônicas jornalísticas, dos jovens como submersos numa espiral de violência, sem muita perspectiva de futuro. Porém, o trabalho de Pilar Riaño (2006), “Jóvenes, memorias y violencia en Medellín: una antropología del recuerdo y el olvido” questiona essa representação. Segundo a autora, esses enfoques não admitem a variedade de respostas das pessoas e seus esforços por criar significados de esperança diante experiências “desumanas”. Segundo Jaramillo, a violência está presente de múltiplas formas e em diversos cenários; afeta de maneira diferenteos indivíduos:

Mas también activa prácticas alternativas de cruzamiento de éstos límites impuestos, lo que desafía la utilización del territorio como instrumento de guerra e medio para manipular los temores. Estas prácticas alternativas articulan una memoria de territorialidad como eventos significativos de construcción de lugar (JARAMILLO, 2011: 111).

De acordo com o anteriormente exposto, compreender os conflitos requer mergulhar nas dinâmicas dos bairros, conhecer as maneiras como se apresentam as interações entre os sujeitos e os grupos armados e entre os grupos armados e a comunidade. A pergunta de Ingrid Bolivar e Lorena Nieto (BOLIVAR, I.; NIETO, 2003) é útil para pensar como os habitantes vinculam-se às práticas dos atores armados. Da mesma forma, levam-nos a indagar: que implicações decorrem do fato do conflito armado ser vivido e entendido como fazendo parte do cotidiano?

Podemos continuar: muitos desses jovens que faziam parte dos grupos armados cresceram nesses mesmos bairros onde agiam, eram os filhos, os irmãos, os amigos e vizinhos, então qual é o lugar do afeto nesse conflito? Como compreender os sentimentos envolvidos nas ações - raiva, ódio, vingança; ou os provocados por eles - medo, angústia, humilhação, impotência, ansiedade?

Bolívar e Nieto chamam a atenção para a maneira como as ciências sociais e as análises políticas convencionais recebem os atos de sobrevivência

dessas pessoas, a forma em que interatuam e aprendem a conviver com os atores armados, como simples colaboradores ou auxiliares. Sem pensar nas negociações que se estabelecem num cotidiano marcado pela dominação e o medo, mas no qual a vida de alguma maneira continua, encontra seu caminho. Reclamam pela necessidade de produzir novas categorias analíticas e novas formas de entender a política, que permitam compreender as formas de interagir dos indivíduos e os vínculos sociais que se apresentam nessa vida cotidiana na guerra. Como elas afirmam “Es precisamente en la relación de interdependencia entre los grupos sociales donde se define aquello que puede ser considerado como un contenido propiamente político” (BOLIVAR, I.; NIETO, 2003, p. 84).

Mas também é necessário reconhecer as diversas formas de resistência diante do domínio dos grupos armados. Como afirma Uribe de Hincapié, Os domínios e controles dos grupos armados –sejam institucionais, contrainstitucionais ou parainstitucionais- não logram impor-se sobre a população, ela sempre encontra as formas de resistência. Essas formas podem ser abertas, desafiantes, rebeldes ou sutis, invisíveis, não públicas, mostrando uma diversa variedade de ações coletivas pelas quais expressarem a inconformidade. Ainda que não constituam um desafio explícito, elas expressam um questionamento implícito ao poder arbitrário, excludente e autoritário (URIBE DE HINCAPIÉ, 2006).

Esta pesquisa tem como objetivo analisar essas expressões de memória construídas nas margens, ações sutis que expressam um questionamento ao poder após eventos de violência. As expressões de memória analisadas nesta pesquisa não são facilmente identificáveis, que exigem uma mirada atenta à cidade para serem percebidas. Consideramos que fazer uma análise quase individual dos sujeitos golpeados pela violência e as maneiras como eles tentaram se expressar e resistir, nos permitirá compreender as intrincadas articulações entre memória, luto, biografia e processos políticos mais abrangentes (CARSTEN, 2007).

A mudança de escala, do macro ao micro, implica uma mudança metodológica na qual a escuta é central (CASTILLEJO CUÉLLAR, 2012). A atenção está nos sujeitos, nas suas experiências e nas maneiras como tratam de dar-lhe um significado, tais como são narradas. Um exercício de escuta que

nos permita descobrir como a violência irrompeu na vida dessas pessoas, logrando infiltrar-se nos âmbitos privados, rompendo os vínculos das comunidades e impondo o medo. Mas também, como conseguiram sobreviver, adaptando-se e resistindo às ações violentas. (BOLIVAR, I.; NIETO, 2003).

3.4 Onde estão os rastros na paisagem dessa memória da violência?

Em Medellín muitas coisas mudaram desde a década de noventa quando vivemos o auge da violência. Na última década a cidade desenvolveu o modelo de urbanismo social, que tem como premissas básicas equidade, competitividade, internacionalização, educação, inclusão social, arquitetura social, criação de espaços públicos, sistemas de mobilidade modernos e controle eficiente da criminalidade (QUINCHÍA ROLDÁN; ARRIETA NEIRA, 2012). Porém, a desigualdade social continua sendo um problema estrutural. Ainda que os indicadores de qualidade de vida mostrem uma redução da desigualdade em Medellín, que hoje está no mesmo patamar das principais áreas metropolitanas do país, as cifras da desigualdade continuam sendo muito altas, com 31% da população vivendo em condições de pobreza. (PROANTIOQUIA, 2011). De igual forma, certas lógicas da violência ainda estão presentes e os grupos criminosos se reorganizam e reestruturam dando uma ideia de continuidade no tempo e no espaço (JARAMILLO; GONZÁLEZ, 2012).

Onde estão os rastros na paisagem dessa memória da violência? A memória não só é registrada nos corpos e nas mentes das pessoas, ela também se inscreve no espaço e na paisagem em todo tipo de monumentos, memoriais, marcas, sinais (SCHRAMM, 2011). Como afirma Aleida Assmann a memória associada aos locais: “é sugestiva porque aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores de recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos” (ASSMANN, 2011, p. 317).

O local guarda em si uma memória, a solidifica, a ancora no chão, cria nela uma continuidade que pode superar à dos indivíduos. Nesses locais a memória se amplia na direção de outros grupos, perpassa a esfera do indivíduo para uma esfera cultural.

Para o caso de Medellín, poderíamos citar, a modo de exemplo, a escultura *El Pájaro* de Fernando Botero, semidestruído em junho de 1995 pela explosão de uma bomba na Praça San Antonio, durante uma festa popular. Como resultado, 22 foram pessoas mortas e mais de 100 feridas. As autoridades do governo deixaram *El Pájaro*, com seu enorme buraco, na mesma praça, como lembrança desse passado violento. Muitos criticaram a decisão de manter a escultura destruída, pois representaria Medellín de forma inadequada e confirmaria a má imagem da cidade no mundo. No obstante isso, para Fernando Botero a obra deveria simbolizar essa época de incerteza e morte para que ficasse nítida na memória.

Em 2009, quando foi celebrada a Assembléia do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Medellín, a escultura foi levada para outro local onde se realizaria uma exposição. Em seu lugar colocaram um ninho com uma urna para que as pessoas depositassem nela suas mensagens. Segundo Juan Carlos Posada⁴⁴, as mensagens depositadas na urna foram muitas e diversas.

Nas cartas escritas, a escultura continuava a ser a lembrança de uma tarde de horror e de uma época de incertezas. Escreveram mensagens para as vítimas, reflexões sobre o acontecido em Medellín, além de pedidos de perdão por parte de familiares de um dos maiores chefes do narcotráfico.

Durante o tempo em que o ninho esteve instalado, Juan Carlos Posada conseguiu observar como certas pessoas que passavam diariamente por ali faziam uma espécie de ritual: ficavam em pé, por momentos, como dizendo uma oração, faziam o sinal da cruz e seguiam seu caminho. Mesmo que a escultura não estivesse ali, o local continuava a ser um local de memória, as pessoas continuavam a executar os mesmos rituais cotidianos de recordação.⁴⁵

Medellín também erigiu monumentos para lembrar a violência vivida na cidade. O monumento pela chacina em Villatina é um exemplo. No dia 15 de novembro de 1992 foram assassinados nove jovens nesse bairro do centro-

⁴⁴ Hoje Diretor da Direção do Museu Nacional da Memoria adscrito ao Centro de Memoria Histórica.

⁴⁵ Entrevista com Juan Carlos Posada. Medellín, março de 2011

oeste de Medellín, agentes do Estado foram os responsáveis pelo crime. A Comissão Interamericana dos Direitos Humanos exigiu do Estado colombiano, entre outras ações, a construção de um monumento para a recuperação da memória e a reparação moral das famílias. O monumento foi instalado numa praça no centro da cidade, a despeito do desejo dos familiares de que a obra estivesse no bairro em que os jovens foram mortos. Cada ano, familiares e organizações de vítimas, comemoram no local o sucedido.

Em 2012 foi instalada a escultura *El árbol de la vida* em frente da Casa Museo de La Memoria. A obra foi criada pelo artista Leobardo Pérez Jimenez, com as armas brancas recolhidas nos processos de desarmamento voluntário dos grupos armados em Medellín. A escultura faz parte das atividades desenvolvidas pela Casa Museo que incluem exposições, obras de teatro, instalações, cinema, conferencias, apresentação de informes do Centro Nacional de Memória Histórica. O objetivo é oferecer um espaço de encontro, participação e reconstrução da memória histórica, tanto quanto ser um centro de referência para a pesquisa especializada sobre Medellín. Mas também, a Casa Museo quer ser um lugar que albergue manifestações e expressões das vítimas.

A Casa Museo de La Memoria foi criada durante o governo do prefeito Sergio Fajardo (2004-2007) num contexto no qual Medellín participava ativamente do processo de paz e reinserção dos grupos paramilitares. Era uma aposta da prefeitura por reivindicar a memória das vítimas na cidade. A administração seguinte continuou com o projeto, criou o Programa de Atención a Víctimas del Conflicto Armado, que fazia parte da Secretaría de Gobierno, oferecendo assim maior apoio institucional às vítimas, suas demandas de justiça e de acesso aos direitos previstos na Ley de Justicia y Paz de 2007.

Todavia, a prefeitura atual de Anibal Gaviria, não incluiu a casa Museo dentro do orçamento da cidade. O Museu enfrenta problemas como a mudança constante dos seus diretores, atrasos nas obras de construção do prédio onde vai funcionar, poucos funcionários e uma total indiferença por parte da administração municipal e do conselho da cidade. Medellín passou de ser pioneira nesse tipo de iniciativas de memória no país, sendo a demonstração clara de que a política da memória ainda não é um tema nacional e está submetida ao vaivém da política (RÍOS, 2014). Ainda assim o Museu faz um

esforço por manter uma permanente comunicação com a cidade. Ali são feitos seminários entre acadêmicos, encontros com as vítimas, apresentação de trabalhos de pesquisa, conferências de pesquisadores internacionais, intervenções artísticas, entre outras. Quer dizer, a despeito da pouca vontade política da prefeitura municipal, a Casa Museo da Memoria consolida-se como um espaço de reflexão sobre o nosso devir como cidade e coletivo.

Esses são exemplos de alguns monumentos oficiais e lugares de memória que pretendem lembrar esse passado violento. Não são muitos se comparados com a quantidade de mortes que décadas de violência deixaram na cidade. Mas Medellín tem muitas outras marcas espaciais da memória para lembrar essa violência. As Comunas contam sua história nas paredes com grafites, murais, placas e nas ruas com cruzeiros, virgens, altares. As marcas desse passado violento estão presentes na cidade, de maneira silenciosa, no entanto fazem parte das formas como as pessoas elaboraram o luto e narraram uma história associada aos traumas coletivos vividos na cidade.

Tanto quanto a história do narcotráfico, dos grupos milicianos e paramilitares, dos permanentes conflitos armados, da violência homicida ou dos grupos delinquentes organizados, precisamos também conhecer as histórias das pessoas que viveram no meio desses conflitos e que conseguiram se sobrepuser a essa situação e encontrar formas de agir e de sobreviver.

Os eventos extraordinários costumam ser o objeto da memória, contudo é necessário construir também a memória a partir do periférico ou marginal, do micro, das pessoas comuns e do que elas fizeram frente à violência e o sofrimento. (BLAIR TRUJILLO, 2011^a; BLAIR TRUJILLO, 2011^b; CASTILLEJO CUÉLLAR, 2012; SÁNCHEZ, 2012). Como afirma Blair "(...) una apuesta de reconstrucción de la (s) memoria(s) que rehabilita la periferia y la marginalidad que, en nuestros términos- sería lo micro, y toda una apuesta por el sentido político de la dignidad no es del todo desdeñable"(BLAIR TRUJILLO, 2011^a).

4. OS ALTARES ESPONTÂNEOS: NARRATIVAS DE LUTO E FORMAS DE RESISTÊNCIA

Nos dois capítulos anteriores mergulhamos na história de Colômbia e na de Medellín. Expomos a intrincada rede de atores armados, políticos e sociais e suas ações; mostramos as formas de violência a que estão submetidos os habitantes desta cidade, mas também as formas de resistência e sobrevivência.

Neste capítulo mostraremos a perspectiva teórica usada para analisar os casos e as razões pelas quais optamos pelas micro-histórias, para tentar compreender como os macroprocessos políticos entrelaçam-se com os microprocessos gestados na vida cotidiana.

Pela evidente relação entre o lugar e a memória presente em nosso trabalho, consideramos pertinente fazer uma breve apresentação dos chamados “lugares de memória” e suas narrativas legitimadoras de uma ordem social e política. Enquanto os lugares de memória falam da memória oficial, as memórias subterrâneas precisam de outro modo para expressar sua relação com as formas materiais. Assim escolhemos o conceito de altares espontâneos. Esses altares devem ser entendidos como manifestação da dor e formas públicas de elaboração do luto. Narrativas de luto que buscam dar às emoções um espaço na esfera pública. Expressão das memórias subterrâneas e formas de ação política táticas em contextos de violência prolongada.

4.1 Entre monumentos e altares

Ao falar da relação entre o lugar e a memória, o nome de Pierre Nora surge como referência obrigatória. A noção usada por ele de “lugares de memória” teve uma ampla difusão e repercussão na literatura sobre memória e história.

Sua obra “Les lieux de mémoire”⁴⁶ percorre temas como a memória, a história, a comemoração, tendo como fundo o Estado, a nação, a revolução e a diversidade da França. Segundo o próprio Nora :

Los lugares de memoria son, ante todo, restos, la forma extrema bajo la cual subsisten una conciencia conmemorativa en una historia que la solicita, porque la ignora. Es la desritualización de nuestro mundo la que hace aparecer la noción(NORA, 2009, p. 24)

Conforme o autor, os lugares da memória têm um triplo significado, são lugares materiais, podem ser apreendidos pelos sentidos; são lugares funcionais, pois são a base das memórias coletivas, e são lugares simbólicos, pois expressam a identidade coletiva. Os lugares da memória são construções, produto de processos sociais nos quais se expressam os conflitos pela imposição ou pela reivindicação de memórias (NORA, 2009). Essa noção caracterizada pela amplitude e a multiplicidade supõe, segundo Nora, duas ordens de realidade, uma tangível e apreensível inscrita no tempo, na linguagem e na tradição e outra realidade simbólica, portadora de uma história. Essas duas realidades teriam “algo em comum”, e deve o historiador encontrá-lo⁴⁷. Assim, lugar de memória é: “(...) toda unidad significativa, de orden material o ideal, que la voluntad de los hombres o el trabajo del tiempo convirtieron en el elemento simbólico del patrimonio memorial de una comunidad cualquiera”(NORA, 2009, p. 27).

A comunidade a que ele faz referência no seu livro é a nação francesa, a ligação desses lugares era com a memória da nação. Trata-se de uma perspectiva que privilegia a longa duração, a coesão social e o consenso (LIFSCHITZ; ARENAS GRISALES, 2012).

Essa narrativa histórica associada aos lugares tem como tarefa essencial, segundo Benedict Anderson, criar uma comunidade imaginada, definida por ele como um artefato cultural que tem o propósito de criar uma representação da unidade social, vinculada a um território específico, com

⁴⁶ “Les lieux de mémoire”. Sous da direction de Pierre Nora. Paris: Gallimard, 1997, 3 tomos.

⁴⁷ No entanto a História precisa, como afirma Trouillot, de uma dosagem de suspeita, já que é necessário diferenciar entre o que passou e o que se disse que passou, o processo da produção histórica e as condições de produção dessa narrativa. Só dessa forma será possível, segundo ele, descobrir o exercício diferencial do poder que faz com que algumas narrativas sejam possíveis e outras não (TROUILLOT, 1995).

fronteiras claramente definidas, com uma ideia de continuidade, permanência e transcendência no tempo (ANDERSON, 1993).

O processo de estruturar uma narrativa nacional cria um relato que dá sentido ao passado: personagens, acontecimentos, lugares estão ligados produzindo uma história coerente e verossímil. Essa narrativa é levada à esfera pública através de celebrações, monumentos, comemorações, datas oficiais. Elizabeth Jelin denomina essa narrativa oficial como o “grande relato da nação”(JELIN, 2002, p. 40). Tal como Pollak (1989), a autora descreve a memória oficial como tentativas, mais ou menos conscientes, de definir e reforçar sentimentos de pertença, coesão social e fronteiras simbólicas.

Assim, a memória é incorporada à constituição da identidade através da sua função narrativa (RICOEUR, 2008). Na história oficial o relato cria uma ação seletiva que poderia dar origem a manipulação e utilização de estratégias de esquecimento ou rememoração. Segundo Ricoeur, nesta manipulação do relato, a ideologia participa como discurso justificativo do poder, criando uma história autorizada, celebrada publicamente, criando um pacto, denominado por ele como temível, entre rememoração, memorização e comemoração (2008, p. 116).⁴⁸

Mas o século XX também foi testemunha do surgimento de lugares de memória que procuravam chamar a atenção, lembrar, educar, reclamar justiça, sobre eventos dolorosos vividos pela sociedade em seu conjunto ou por grupos sociais concretos. Lugares de memória que em lugar de unificar, marcavam as diferenças, a dor vivida por uns e infringida por outros, em muitos desses casos seus próprios concidadãos.

Assmann (2011) define esse lugar como “local traumático”. Enquanto os lugares de memória estão carregados de uma narrativa heroica sobre o passado, que busca legitimar uma história, os locais traumáticos, por sua parte, caracterizam-se pela impossibilidade de se narrar a história. Segundo a autora essa narrativa está bloqueada pela pressão psicológica do indivíduo ou

⁴⁸ Paul Connerton (2008) também nos indica as contradições de alguns memoriais e das comemorações pelos mortos na guerra. Segundo ele, a Primeira Guerra Mundial, com sua colossal perda de vidas, gerou um excesso de monumentalização, memorialização e comemoração. Anualmente as cerimônias exigiam minutos de silêncio e lembrança dos mortos. No entanto, os combatentes que sobreviveram e deambulavam pelas ruas como assombrações, doentes, famintos eram esquecidos e se tornavam invisíveis. As palavras recorrentes nessas cerimônias, “não esqueceremos”, ditas de maneira solene, faziam referência aos que morreram na guerra, mas não aos que sobreviveram a ela. É o que Connerton denomina como um “esquecimento humilhante”, em que a vergonha, a necessidade de deixar o passado atrás, leva a um silêncio maciço e conspirativo que se instala na sociedade.

pelos tabus sociais da comunidade. De maneira similar, Pollak (2010), na sua pesquisa sobre mulheres sobreviventes dos campos de concentração, analisa as dificuldades para falar sobre certas experiências. Diante da lembrança, o silêncio se impõe. Segundo Pollak, mais que a dificuldade de falar de uma experiência traumática, o que se apresenta é a dificuldade de evocar um passado difícil de comunicar, de fazer compreender, de transmitir. Além da capacidade ou vontade de narrar os fatos, a possibilidade de testemunhar está dada pelas condições sociais que a faça comunicável, condições que dependem do contexto. Na maioria dos casos, o silêncio denota a dificuldade de falar de um passado, uma experiência incompreensível àqueles que não participaram dela. O silêncio pode ser expressão das negociações que se dão na construção da identidade, mas também expressa as dificuldades que se apresentam para fazer coincidir o relato com as normas morais (POLLAK, 2010, POLLAK, 2006, BLAIR TRUJILLO, 2002).

Ao fazer referência aos “locais traumáticos”, um lugar como Auschwitz vem à tona. Ele simboliza a máquina de morte criada pelo nazismo, um lugar de rememoração para aqueles sobreviventes.⁴⁹ Embora, como expressa Reyes Mate, esses mesmos lugares já tenham perdido sua significação:

Los lugares están abandonados y los acontecimientos olvidados. Europa no ha aprendido nada. Y me pregunto si no hay una relación entre este olvido de lo ocurrido y una forma de olvido latente en la manera de pensar anterior al acontecimiento” (REYES MATE, 2003, p. 50).

As motivações para a criação desses lugares de memória ligados a eventos traumáticos são variadas, tanto como as interpretações e significações que adquirem. Essa discussão é abordada por Yung (2000) ao analisar a decisão de construir, no centro de Berlim, um memorial aos judeus assassinados durante a guerra. A iniciativa enfrentou fortes objeções devido à contradição de erigir um monumento em lugar de incentivar a visita de lugares que funcionaram como campos de concentração ou extermínio. O

⁴⁹ Mas, paradoxalmente, Auschwitz é também um museu que recebe milhares de turistas ao ano. Fazer desses locais de recordação museus revela um paradoxo, pois a conservação autêntica desses lugares traz uma perda de autenticidade. Assmann cita o testemunho de Ruth Klüger que reclama pela diferença entre o lugar que ela conheceu e aquele que se apresenta ao turista, entre o lugar da vítima e o lugar do visitante: “Enquanto se preserva o local, também não se pode evitar ocultá-lo e substituí-lo” (ASSMANN, 2011). Este conflito está também presente no filme “À Espera de turistas” do diretor Robert Thalheim.

monumento, segundo alguns, propunha um arquétipo abstrato de dor e fazia sumir a possibilidade de recuperação da singularidade biográfica dos mortos.

Assim como os sobreviventes dos campos de concentração, em muitos dos países que no século XX sofreram guerras civis, *apartheid*, ditaduras, realizaram-se processos de monumentalização dessas memórias, não isentas de contradições e paradoxos. O monumento aos Sete de Gugulethu, na África do Sul, rememora o assassinato de sete jovens por parte das forças de segurança e esquadrões da morte na comunidade segregada de Gugulethu. Na construção do monumento de pedra feito para reparar simbolicamente as vítimas, não tiveram em conta as opiniões da família ou da comunidade. Talvez por isso o monumento não tenha reconhecimento algum por parte dos diretamente implicados com as vítimas. Nesse fato evidencia-se o fracasso da escuta, a falta de consulta como uma metáfora do silêncio e uma institucionalização do mesmo (CASTILLEJO CUÉLLAR, 2009).

Por sua parte, os países da América do Sul criaram espaços de memória em homenagem aos mortos das ditaduras e aos desaparecidos. (JELIN; LANGLAND, 2003). Ainda que muitos deles fossem criados por iniciativa de organizações sociais e de familiares das vítimas, Shindel chama a atenção sobre os debates e conflitos que esses empreendimentos de memória geraram:

¿Qué ocurre con los lugares que fueron sede de crímenes humanitarios y violaciones de los derechos humanos cuando estas circunstancias han terminado? ¿Qué hacer con estos sitios “testimoniales”? ¿Deben emplearse solo para conmemorar a las víctimas? ¿Tienen un valor pedagógico del que puede beneficiarse el conjunto de la sociedad? ¿Quién decide sobre ello? Ante la existencia de antiguos centros clandestinos de detención y tortura, visibles o no, insertos en la trama urbana, las sociedades latinoamericanas afectadas por la violencia enfrentan el desafío de responder a estas cuestiones prestando atención a las dimensiones múltiples que poseen estos lugares. Ellos presentan simultáneamente un valor jurídico-documental, un significado afectivo, un capital político y un potencial pedagógico.(SHINDEL, 2009, p. 70).

Como se pode ver nos exemplos dados, os processos de monumentalização contêm em si mesmos formas de legitimação de narrativa histórica num momento determinado. Eles têm a pretensão de criar uma memória em relação com os fatos vividos por essa sociedade ou comunidade em particular. Seja por parte de Estados, seja por parte de grupos que se contrapõem à versão oficial, construir um monumento, instalá-lo num lugar

público, têm a pretensão de criar uma narrativa de legitimação (CONNERTON, 2012). Todavia, como os mesmos exemplos nos mostram, o processo de identificação da memória com o local não é evidente, implica um complexo entrelaçamento de recordação, esquecimento e produção de contra-memórias.

Neste trabalho nosso interesse está em outras formas narrativas da memória que não possuem a pretensão de legitimidade que têm os lugares de memória, os monumentos e os locais traumáticos. Concordamos com Elsa Blair quando propõe “*(des)estatalizar la(s) memórias*”, desligá-las dessa esfera de legitimidade do poder do Estado ou de grupos sociais hegemônicos e dar-lhes o poder para que sejam o cenário de onde emergem outras formas de expressão da memória (BLAIR TRUJILLO, 2011a). Permitir que as inúmeras iniciativas de memória como altares, grafites, cruzeiros, murais, revelem seu potencial político. Trata-se de localizar o poder nessa escala do micro e legitimá-lo na esfera do público, muito além do institucional-estatal.

Así, un asunto como la ‘legitimidad’ de la(s) memoria (as), no se agota en su dimensión estatal (léase en este caso memoria oficial) y, por el contrario, puede provenir de otros ‘espacios’ con enormes recursos donde también se juegan relaciones de poder y, entonces, la(s) memoria(as) conocidas como ‘subterráneas’, ‘invisibilizadas’, ‘marginales’ (Pollak, 2006) pueden emerger y lograr un importante potencial político (BLAIR TRUJILLO, 2011b, p. 21).

A criação dessas iniciativas de memória foi uma resposta diante das situações catastróficas vividas por indivíduos ou coletivos, e que lhes permitiu lidar com a experiência da perda e da dor. Assim, nos casos que vamos analisar a criação desses artefatos de memória e as narrativas que o acompanham buscavam antes que mais nada fazer evidente seu sentimento de perda, mais do que reclamar diante do Estado por justiça ou por ações de reconhecimento oficial. Como afirma Connerton (2012), elas não são histórias legitimadoras, mas narrativas de luto.

Com histórias legitimadoras o autor refere-se àquelas narrativas criadas para justificar uma ordem presente relacionada a um poder político ou social. A configuração do poder político costuma ser um processo geralmente marcado pela violência, acompanhada de uma narrativa que a insira na história de forma

coerente.⁵⁰ No entanto, para Connerton, talvez essas histórias legitimadoras sejam menos persuasivas do que se acreditava, por isso o interesse cada vez maior nas histórias do dia a dia, docotidiano e das formas de resistência diárias e invisíveis. O autor diferencia entre essas metanarrativas da modernidade e as pequenas histórias que entrelaçam a trama da vida cotidiana.

As pequenas histórias, segundo Connerton, são criadas por pessoas ou coletivos que viveram eventos catastróficos ou sobre regimes de repressão, ele as denomina como narrativas do luto. Nelas os sobreviventes encontram formas de dar testemunho, de mostrar para o mundo suas histórias. Não têm a pretensão de gerar consenso por meio de uma narrativa legitimadora. Pelo contrário estão no limite entre o público e o privado, não chamam particularmente a atenção e seus significados não são explícitos. Estas narrativas evidenciam as muitas camadas de sentido ligadas a um evento histórico.⁵¹

Como exemplo de narrativas de luto, Connerton descreve os *Aids Quilt*, tecidos bordados que são uma forma de história por fora da história, memória daqueles que padecem de Aids.⁵² Os *Aids Quilt* foram criados pelos familiares ou amigos de pessoas que morriam pela doença mas que antes que mais nada tiveram que confrontar situações de discriminação e estigma. Ele afirma que em muitos casos esses tecidos eram criados por mulheres que não tinham uma tradição de atuação na esfera pública, mas que encontraram neles uma forma de narrar a história e de lembrar a pessoa. Ao juntar todos os *Aids Quilt*, em 1987, em Washington no contexto da segunda passeata pelos direitos dos homossexuais, a praça cheia dos bordados evidenciou os impactos da Aids, mas também as vidas afetadas pela doença e pela discriminação social imposta aos doentes e a suas famílias (CONNERTON, 2012).

⁵⁰ No caso colombiano, como analisado por María Teresa Uribe (2004), as narrativas dos promotores das guerras buscavam persuadir e comover a nação para que se acreditasse na justiça dos seus atos de guerra.

⁵¹ É importante aclarar que para Connerton (2012) seria um erro imaginar que narrativas de luto e narrativas de legitimação são categorias separáveis. Frequentemente grupos majoritários apoiam-se em narrativas sobre os sofrimentos dos seus ancestrais para legitimar seu poder. Assim memórias de humilhação ou claudicação podem ser usadas para justificar um poder opressor, como no caso da Alemanha nazista. Para o caso colombiano poderíamos mencionar os chefes dos grupos paramilitares. Eles afirmavam que a decisão de pegar em armas foi tomada para defender-se da guerrilha, que tinha matado a sua família ou tomados suas propriedades. Também é interessante observar como no governo do presidente Uribe Vélez, boa parte do seu gabinete ministerial estava conformada por vítimas diretas da guerrilha.

⁵² Na Colômbia podemos lembrar as Mantas Bordadas de Mampujan, que relatam os eventos de deslocados no estado de Bolívar.

Nos casos analisados nesta pesquisa podemos identificar muitas características das narrativas de luto de Connerton. Elas não estão no centro da discussão sobre a memória, não são casos reconhecidos ou sobre os quais a cidade tenha algum conhecimento. Elas são pequenas histórias de pessoas ordinárias que viveram eventos considerados por eles como catastróficos. Todavia, fazem parte das muitas histórias de violência numa cidade como Medellín. Essas narrativas de luto são expressas através dos objetos criados para marcar o espaço e lembrar a perda e a dor sentida. Não são feitas por defensores dos direitos humanos ou por organizações de vítimas, não tem o apoio de instituições do governo. Não reclamam por justiça, não reivindicam direitos. Elas esperam reconhecimento por parte da comunidade próxima.

Há vários elementos que desenvolveremos a seguir a partir das considerações precedentes. Em primeiro lugar, com essas iniciativas nos referimos a processos de criação de memória elaborados a partir do que Pollak (2006) denomina como memórias subterrâneas. Em segundo lugar, mostrar de que maneira essas narrativas de luto adquirem um sentido eminentemente político ao serem feitas para expressar publicamente uma dor e fazê-la coletiva. Em terceiro lugar, essas narrativas de luto em contextos de violência prolongada, como o colombiano, nem sempre são apresentadas no formato de testemunho pela impossibilidade de falar em situações extremas de violência. Esses altares são formas de resistir, são táticas usadas pelos grupos subalternos para criar uma memória que não encontra canais de expressão, mas que deve fazer parte da memória do conflito vivido no país.

4.2 As memórias subterrâneas

Como pensar a memória numa perspectiva política nesses espaços do micro, dos vizinhos de um bairro, dos colegas da universidade, da família? O que leva essas lembranças a se configurarem abrangentes, a nos dizer algo sobre um coletivo maior, seja a comunidade ou a nação? Qual é o limite entre uma memória individual e outra coletiva?

Nos casos que estamos analisando as pessoas tinham uma dor íntima, era um luto que em outras circunstâncias seria um luto privado. Mas o que fez com que não fosse assim, muito pelo contrário, sendo essas narrativas do luto tomadas como públicas e coletivas? A consideração da morte como injusta, o sentimento de dor que perpassou os limites privados para se trasladar também ao público, transformou um episódio considerado individual, para dar-lhe uma transcendência coletiva. Essa memória que se queria conservar não dizia tanto da pessoa, quanto dos outros, era um sentimento que ligava uns a outros (COIMBRA, 2013).

A memória segundo Halbwachs (2006) é um processo subjetivo, ativo e construído socialmente, em diálogo e interação. Conforme Halbwachs, a memória produz-se na interação, por intermédio das instituições próprias da coletividade e em contextos sociais particulares. Como afirma José César Coimbra no seu trabalho sobre o testemunho dos adotados:

Desse modo, deparamo-nos com o que Halbwachs denomina *noções comuns*, como aquilo que constitui no grupo a possibilidade de reconstrução do passado pela memória. Interessante notar que o comum da noção é exatamente o que não me é próprio, o que não diz respeito apenas a mim, o que, em grande medida, está fora de mim, o que me liga ao outro. (COIMBRA, 2013, p. 127)

Coimbra relaciona esse aspecto impessoal da memória assinalado por Halbwachs, com o conceito de memória exemplar de Todorov:

Podemos dizer então, nos termos de Halbwachs, que seria esse exterior o índice de *impessoalidade* do indivíduo, ponto no qual a vida e a memória não são assumidas como exclusivamente próprias. Esse ponto exterior também seria assumido como *social* [...]. Entendemos que também para Todorov deve haver um grau de exterioridade da memória para que efetivamente ela possa ser assumida como exemplar, escapando ao ponto mais concentrado de sua realização que seria, na sua notação, o indivíduo. (COIMBRA, 2013, p. 130)

Ao fazer pública essa dor, ao compartilhar com outros a mesma percepção de injustiça, o significado individual do luto adquire uma representação coletiva. Uma narrativa de luto que não se refere só à mãe que perdeu um filho, e sim à comunidade que enfrentou o horror da morte e o medo. Quer dizer, no momento em que a dor transcende essa esfera individual para tocar a outros, para criar com eles um vínculo, é ali que essa memória individual se transforma numa memória coletiva. Os casos que vamos analisar mostram-nos diferentes formas como esse 'nós' é criado, ou rompido, na

expressão dessas narrativas de luto. Vamos ver como essa percepção de vulnerabilidade diante da violência dá lugar à criação de comunidades políticas e afetivas (JIMENO, 2010, BUTLER, 2006)

Por que denominar essas memórias como memórias subterrâneas? A categoria de memórias subterrâneas a retomamos de Pollak que analisa a relação entre memória, poder e identidade a partir dos processos e atores que intervêm na constituição e formalização das mesmas. O autor privilegia a análise dos marginais e das minorias, em lugar das memórias oficiais ou nacionais. Porém adverte que o rompimento entre memórias dominantes e memórias subterrâneas não remete, forçosamente, à oposição entre Estado e sociedade civil, em muitos casos o problema ocorre na relação entre grupos minoritários e sociedade (POLLAK, 2006, p. 20).

O autor afirma: “(...) las memorias subterráneas tienen un trabajo de subversión en el silencio y de manera casi imperceptible afloran en momentos de crisis a través de sobresaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 2006, p.18). Na medida em que o Estado e a sociedade não criam canais para a expressão das diferentes memórias, e, pelo contrário, privilegiam uma versão oficial ou dominante, as memórias subterrâneas permanecem no âmbito privado. Ainda assim, elas não desaparecem, ficam na espera do contexto propício e de um público interessado em escutar seus testemunhos. Durante esse tempo de silêncio, a memória se transmite através de redes de sociabilidade afetiva ou política, as quais são guardadas em estruturas de comunicação informais, invisíveis à sociedade, é o que Pollak chama “zonas de sombra, silêncios, não ditos” (POLLAK, 2006, p. 24).

Por essas razões Pollak adverte não sobre o que o silêncio encobre, senão sobre a forma como o silêncio instaura a possibilidade de inscrição de uma memória particular numa memória coletiva. “Un pasado que permanece mudo es tal vez menos el producto del olvido que de una gestión de la memoria según las posibilidades de comunicación en algún momento da vida”. (POLLAK, 1990, p. 128).

4.3 Fazer visíveis as perdas. Morte, memória e cultura material

Os processos de luto, morte e lembrança são culturalmente constituídos e socialmente compartilhados e expressam uma ampla diversidade de valores sociais e significados culturais. Hallam & Hockey (2001) propõem, em lugar de um enfoque psicológico, apoiar-se na cultura e na história para dar conta de como a vida e a morte encontram proximidade por meio de objetos e lugares, que são formas de expressão da lembrança que se inscreve como narrativa e sentimento.⁵³

A vida social das pessoas pode persistir, além da morte, nos objetos materiais que são metáforas e metonímias associadas à criação da memória. Os objetos materiais podem gerar respostas emocionais, eles estão possuídos de certa agência ou capacidade para agir na forma de percepções e relações sociais. Assim, por exemplo, as joias, cartas, fotografias, roupas, lembram a pessoa e guardam sua memória. Esse objeto material prepara o terreno para as estratégias de memória daqueles que enfrentam o trauma da morte. Assim os objetos são o veículo para a comemoração, eles se transformam no elemento de proximidade entre a vida e a morte (HALLAM; HOCKEY, 2001).

Ainda que geralmente se pense que as coisas, os objetos, têm o significado que conferimos a eles, numa perspectiva metodológica é importante seguir as coisas nos seus usos, formas e trajetórias para entender como elas iluminam o contexto social e humano (APPADURAI, 1991). Pensar através das coisas é permitir que sejam elas mesmas que forneçam uma teoria de si, deixar que as mercadorias falem. (HENARE, A.;HOLBRAAD, M.;WASTELL, 2010).

Nos casos analisados para a pesquisa, ao centrar a atenção nos objetos criados após a morte de familiares ou amigos, revelou-se não só o fato violento senão também o que as pessoas fizeram para tentar enfrentá-lo. Quer dizer, ao destacar a criação dos objetos, a figura do sobrevivente toma relevância, os objetos são o rastro da ação e da reação diante de fatos violentos. Não quer dizer isso que o objeto seja o centro, senão que é na relação entre o objeto e o

⁵³ A pesquisa destes autores, "Death, memory and material culture", destaca a diversidade de valores e significados culturais atribuídos a objetos materiais que guardam a lembrança das pessoas mortas e suas associações simbólicas com a memória. Examina as maneiras como eles são percebidos para lembrar e representar as mortes e seus mortos. Não analisam memoriais ou monumentos dedicados a pessoas famosas, pelo contrário, analisa pessoas comuns e seus processos de duelo.

sujeito que se revelou a resposta diante da violência e a ação política implícita no fato da sua criação.

Na pesquisa tomamos a decisão de retomar a categoria de altares espontâneos para a análise dos objetos criados por ocasião da morte violenta de uma pessoa. Nas últimas três décadas é cada vez mais frequente a criação de memoriais ou altares vinculados a eventos traumáticos, mortes violentas ou de pessoas consideradas vítimas. Exemplos desses artefatos é o altar criado na saída da boate Kiss em Santa Maria (RS) em 2013; na Escola Tasso da Silveira, em Realengo (RJ), em 2011; nos atentados do 9/11 em Nova York em 2001; nas estações de Atocha, na Espanha em 2004; na chacina de Columbine High School em 1999. Na mesma linha, temos os altares e cruzeiros erigidos ao longo das estradas para marcar os lugares onde aconteceram acidentes fatais de trânsito; os altares espontâneos na Irlanda para lembrar as vítimas da violência política; ou, ainda, os altares erigidos na Itália para lembrar as vítimas da máfia, entre outros (MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011).

O interesse acadêmico por esse tipo de iniciativa de memória surgiu na década de oitenta, com o etnólogo alemão Martin Scharfe (1989 apud MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011) que analisou os altares populares criados com rosas pela morte do primeiro ministro Olof Palme (primeiro ministro sueco assassinado na saída de um cinema em 1986). Em 1995 o sociólogo americano Allen Haney (1995, apud MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011) analisou as cruzeiros nas estradas. Um ano mais tarde o etnólogo australiano Konrad Köstlin (1999 apud MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011) realizou um estudo no qual pesquisou os altares nas estradas europeias. Este tipo de artefato de memória tem sido objeto de análise em campos como a antropologia, sociologia, etnografia, história, estudos culturais, folclore e estudos religiosos.

Entre os diversos autores que trabalham com o tema, retomamos o conceito de altares espontâneos⁵⁴, usado por Jack Santino (2003; 2011). Ainda assim, retomaremos para sua definição aspectos que outros autores destacam, em especial Margry e Sánchez-Carretero (2011) e Erika Doss(2006).

⁵⁴ São várias as palavras usadas para fazer referência a este tipo de rituais de luto: altares, santuários, memoriais e os adjetivos variam entre espontâneos, efêmeros, populares. Em inglês os substantivos mais utilizados são *shires*, *memorials* e *commemorative*. E os adjetivos: *temporary*, *improvised*, *ephemeral*, *vernacular*, *spontaneous*, *makeshift* e *grassroots*. (SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011, p. 15)

Segundo Santino (2011), os altares espontâneos estão entre a comemoração e o ativismo social. Eles são uma forma de ação social não institucional, que tem como objetivo chamar a atenção para o que aconteceu e incitar para agir no sentido de expressar sua indignação, evitar que aconteça de novo, encontrar responsáveis e fazer justiça. Surgem quando as mortes de alguma maneira são sentidas como próprias por uma comunidade e eles mesmos criam mecanismos de elaboração do luto no espaço público.

A forma como esses altares são construídos está de acordo com códigos de representação e com o contexto cultural e expressivo de sua origem. Alguns dos altares espontâneos analisados por Santino estão localizados no condado de Londonderry, Irlanda do Norte, cenário de confrontos entre nacionalistas católicos e unionistas protestantes. Local onde aconteceram os fatos conhecidos como Domingo Sangrento, onde o exército atirou contra pessoas que faziam protesto, assassinando 14 manifestantes, entre eles um menor de idade.

Os altares são diversos, alguns são criados em datas comemorativas, no lugar onde aconteceram fatos importantes ou onde foi morta uma pessoa. Alguns podem ser efêmeros, ter flores e imagens religiosas ou cachecóis com símbolos de times de futebol. Outros são permanentes e podem ser murais fotorrealistas dos heróis ou das vítimas das jornadas de protestos ou ter conteúdos religiosos.

Na elaboração dos altares são utilizados diferentes elementos da cultura material, em alguns casos são símbolos religiosos, mas eles transcendem esses rituais e costumes para adquirir significados mais políticos. (DOSS, 2006). São percebidos como formas de materialização do luto público, no qual morte e vida encontram proximidade na mediação desses objetos materiais. (MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011). Santino os chama “portais” entre a vida e a morte. Isso pode explicar porque alguns casos transformam-se em santuários populares ou lugares de peregrinação.

Para Jack Santino a principal característica desses altares é serem espontâneos. Usa a expressão altares espontâneos (*spontaneous shrines*), para destacar a natureza não oficial do fato, quer dizer, sua realização não tem vinculações com o Estado ou com outras instituições como a igreja, sindicatos ou organizações sociais. Com a palavra “espontâneo” não quer significar

frívolos ou impulsivos, ele se refere à automotivação das pessoas envolvidas, a seu desejo de participar ou contribuir na sua criação. Não há um dever formal, só um compromisso ético idiossincrático ou de responsabilidade.

Os altares podem ser efêmeros, mas outras vezes viram permanentes, acabam fazendo parte da paisagem e da história local. Nesses casos podem ser patrimonializados, como aconteceu com os altares em Atocha, que foram transformados nos *Archivos del Duelo*⁵⁵, assim como alguns dos objetos deixados nas Torres Gêmeas que hoje fazem parte do Museum 9/11 Memorial em Nova York (SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011).

Segundo Santino (2011), Doss (2002), Margry e Sánchez-Carretero (2011), Hallan e Hockey (2001) os altares são rituais públicos de luto diante de mortes inesperadas e consideradas injustas. Assim como formas de ação social que demandam justiça ou mudanças.

A memorialização da morte no espaço público não é só uma forma de expressão da pena, também precipitam novas ações no social e na esfera pública. Doss (2002) e Birman et al (2004) enfatizam a instrumentalização política dos altares espontâneos e assinalam sua força para provocar a ação social. Na criação dos altares não somente se comemora, essa ação questiona, procura encontrar respostas, entender o que aconteceu e pedir por responsabilidades ou demandar câmbios.

São chamados altares porque são mais do que memoriais. Geralmente construídos no último lugar onde a vítima foi vista com vida, significam vida em lugar de morte (SÁNCHEZ-CARRETERO, C, 2011, SANTINO, 2011). No entanto, alguns especialistas consideram que o termo altar não deveria ser usado, pois tem conotações religiosas, que nem sempre existem. Além disso, pode ocultar o sentido político da performance como resposta e ação social, por isso preferem outras denominações como memoriais efêmeros (DOSS, 2002).

Os altares problematizam essa separação entre a dor sentida pela pessoa diretamente afetada e o sentimento de luto coletivo; entre memória individual e memória coletiva, entre privado e público. Esses altares não foram

⁵⁵ Cristina Sánchez-Carretero (2011) faz uma análise do acontecido nas horas e nos dias seguintes aos atentados na estação de Atocha em Madrid. A pesquisa analisa o uso memorial do espaço público depois dos atentados, a resposta imediata, espontânea, coletiva da população que de forma massiva acudiam às estações para deixar cartas, flores, bonecos, fotos, velas.

feitos no espaço da casa, eles são públicos, o que indica que essa dor não se considera privada, senão compartilhada por uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 2006; JIMENO, 2010; BUTLER, 2006). A dor pela morte do filho ou do amigo pode ser considerada como privada, que concerne à pessoa ou a seu círculo familiar. Contudo, que acontece quando essa expressão de dor se faz em público e passa a ser sentida como coletiva e a viver-se como um ritual de luto? Da mesma forma, como pensar a reação de pessoas que diante da morte de desconhecidos a sentem como própria?

Com frequência pena e tristeza são compreendidos como uma expressão pessoal, uma angústia emocional, relacionada com perdas ou mortes. Por outro lado, o luto é definido como uma prática ritualizada que ajuda a mitigar a angústia. Ao considerar como injusta uma morte, ao pensar que é necessário fazer algo para que não aconteça novamente, que a morte não é um problema privado, senão coletivo, ali se apresenta um uso memorial do espaço público, transformando o lugar da morte num cenário para a expressão e a ritualização do luto. (SÁNCHEZ-CARRETERO, C, 2011).

Segundo Margry e Sánchez-Carretero, os altares espontâneos têm uma capacidade performativa, tentam fazer algo, gerar mudanças, interagir com o público. Essa capacidade não está limitada ao memorial ou a espaços, inclui a agência dos objetos, as narrativas dos indivíduos, o comportamento das pessoas envolvidas no memorial. Seu efeito vai além do evento que os provoca e fazem deles um enunciado maior. Adquirem um grande poder narrativo pelo significado e simbolismo implícito neles. Sua importância radica principalmente no que geram. Os altares espontâneos criam uma dinâmica e um processo expressivo que ajudam as pessoas a definir quem elas são como indivíduos e como coletivos.

Doss (2006) se pergunta como, por que, quem e o quê é lembrado, e para quem são feitos os memoriais espontâneos. Poderíamos agregar: quem os criou e o que eles representam em seu entorno. Os memoriais estão localizados na fronteira entre a paralisia, o medo, o estupor que a morte produz e a necessidade de fazer algo, que em muitos casos tem uma conotação claramente política.

4.4 Os altares espontâneos: expressão de memória e resistência

Nas pesquisas que fazem parte do livro de Margry e Sánchez-Carretero (2011), entre as quais está o texto de Santino, observa-se como os altares têm como objetivo mostrar a indignação das pessoas diante de fatos considerados como traumáticos, como o assassinato de jovens na escola, a morte de cidadãos por atos terroristas, os assassinatos das máfias italianas, entre outros. Todos eles realizam um ritual público de expressão do luto, através de uma ação performática, com uma audiência e com a participação da mídia, com o objetivo de mostrar a injustiça e reclamar mudanças ou ações legais. Em alguns desses casos a mídia ocupa um lugar importante na construção, disseminação e reprodução do evento devido à divulgação que nela se faz da sua criação. Assim, gera-se um padrão ritualizado do luto diante de mortes sentidas pelo grupo como traumáticas (MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011).

Nesses exemplos o contexto de criação dos altares permite uma expressão pública das demandas dos grupos. São sociedades que enfrentam conflitos sociais, mas que podem ser expressos publicamente. Em nosso caso, os altares que vamos analisar foram criados em contextos de violência, seja pelo confronto direto entre grupos armados, pelas ações de grupos que tentavam controlar os bairros da cidade, ou pela ação das autoridades contra a população. Além disso, as pessoas envolvidas na sua criação não tinham a pretensão de reclamar diante de autoridades competentes por ações de justiça ou demandas de direitos. Seu público-alvo eram os vizinhos, os amigos, os colegas de faculdade. Não são iniciativas de memória que tenham uma difusão pública pela mídia. Pelo contrário, veremos que o silêncio se impõe em muitos dos casos.

Também não se trata de iniciativas de memória num contexto de pós-conflito ou de transição democrática. Estamos falando de sujeitos que estavam no meio de confrontos armados ou ações violentas. Não são acontecimentos isolados ou circunscritos num tempo e num espaço, pelo contrário, os testemunhos revelam como durante anos eles estiveram submetidos a diversas formas de coação e enfrentaram situações de violência prolongada.

A violência é uma palavra constantemente usada por nossos entrevistados para descrever as situações que eles viveram. Conceito bastante difícil de definir é muitas vezes usado como sinônimo de guerra, conflito ou de agressão física. Stathis N. Kalyvas(2001) em sua análise sobre a violência das guerras civis, afirma que a maioria das pesquisas sobre a guerra civil discute suas causas e suas consequências, mas não sobre a dinâmica da violência na guerra. Ele propõe entender a violência como processo:

Entender la violencia como proceso permite investigar la secuencia dinámica de las decisiones y los hechos que se combinan entre sí para producir actos de violencia, y permite también el estudio de los, por los demás, actores invisibles partícipes de este proceso(KALYVAS, 2001, p. 4).

Assim para entender a violência na guerra é necessário explicar sua variação através do espaço, o tempo e seus atores (KALYVAS, 2001). Para o caso colombiano também é necessário pensar essa violência não como um fato isolado, mas como uma violência prolongada. Tomamos este conceito de Adriana González Gil (2009) que analisa o fenômeno do deslocamento forçado e a emergência das pessoas em situação de deslocamento como atores coletivos que reivindicam seus direitos em contextos de violência prolongada. Segundo este enfoque, antes que identificar o tipo de violência, trata-se de examinar os contextos nos quais essa violência se instala. Ela procura o elemento subjacente ou anterior ao fato violento em se mesmo, seu vínculo com o desenvolvimento da sociedade e seu papel no câmbio social. Desta forma, a violência faz parte tanto do processo de configuração do estado social moderno, como das formas sutis de controle e vigilância através da utilização da coerção e de aparelhos disciplinadores. É dessa forma que a violência não é um fato pontual, senão um fato social vinculado à política, economia, representações e imaginários sociais:

Subrayamos además, el carácter instituyente de la violencia en determinadas sociedades, en las que paradójicamente, si bien su permanencia no está asociada a una guerra declarada, su intensidad, su impacto sobre la sociedad, su presencia en todos los espacios geográficos y simbólicos y su anclaje en la cotidianidad, nos permite afirmar su existencia como contextos de violencia prolongada. La violencia así concebida es más que el telón de fondo de los procesos sociales y el contexto es más que el escenario en que tiene ocurrencia la violencia. Por ello, más que caracterizar el contexto o definir la violencia, parece relevante descifrar las lógicas de articulación de factores diversos que complejizan y/o explican la naturaleza de la violencia –su carácter constructivo y su potencial

constitutivo de sentido- (Jelin 2003), particularmente, como punto de referencia para entender las peculiaridades del proceso de configuración de los actores colectivos. Subrayamos de este modo, las formas específicas de interacción/articulación, más que los rasgos esencialistas de los contextos o las sociedades. (GONZÁLEZ GIL, 2009, p. 64).

Além das causas estruturais da violência, estamos interessados na maneira como as pessoas a percebem, padecem e resistem. A ênfase está na possibilidade de ação das pessoas, inclusive em situações de controle por parte de atores armados, nas quais o medo é a arma usada para se impor. No meio da guerra e do sofrimento, as pessoas guardam silêncio, mas, ao mesmo tempo, encontram os mecanismos de expressão de sua memória. Devemos perguntar-nos pelo sentido político inerente a essa expressão da memória.

Apoiamo-nos em Veena Das (2008) para dar esse *giro na mirada* sobre a violência. Veena Das acha que apesar das possíveis assimetrias de poder inscritas no contexto, as pessoas não são passivas diante da situação, elas têm uma forte capacidade de agência. Numa leitura sobre a obra de Veena Das, Francisco Ortega afirma:

Desde este punto de vista, la pregunta por el efecto, sentido y percepción, colectiva e individual, de las violencias cobra relevancia, intelectual y políticamente, una vez que permite entender los modos en que esas violencias configuran la subjetividad y a la vez son configuradas –y susceptibles de ser transformadas- por las acciones particulares y de las comunidades. Se hace necesario, por tanto, examinar el fenómeno de la violencia desde la perspectiva, el lenguaje y las prácticas de los sufrientes, los modos en que estos padecen la violencia, negocian y obtienen reductos de dignidad (a veces de manera poco evidente), resisten y reconstruyen sus relaciones cotidianas y sobrellevan la huella de la violencia de un modo que no siempre aparece perceptible para quien proviene de afuera, sea este científico social, funcionario, político o militante nacionalista. (ORTEGA MARTÍNEZ, 2008, p. 21).

Veena Das (1995) acredita que no esforço por voltar à cotidianidade depois do acontecimento crítico, evidencia-se o valor daqueles que se sobrepõem ao sofrimento⁵⁶, apropriam-se das marcas deixadas pela violência e as ressignificam.

Na noção de *critical event*, traduzido por Francisco Ortega como acontecimento crítico (ORTEGA MARTÍNEZ, 2008), ela retoma o conceito do historiador François Furer para designar eventos que transformam

⁵⁶Veena Das, Arthur Kleinman e Margaret Lock definem o sofrimento como: “el ensamblaje de problemas humanos que tiene sus orígenes y consecuencias en las heridas devastadoras que las fuerzas sociales infligen a la experiencia humana” (Das, Kleinman, Lock, 1997 apud ORTEGA MARTÍNEZ, 2008)

completamente a situação anterior e instituem uma nova realidade. São situações que desestabilizam os contextos, que geram outras situações. Os critérios com os quais o mundo era conhecido e percebido desaparecem, restando uma realidade nova e sem elementos para sua compreensão. O retorno ao cotidiano pode ser outra forma de lidar com a dor, e nesses casos o não dito é uma forma de apropriar-se dela e uma estratégia de agenciamento. Pensar o registro do cotidiano como uma forma através da qual se pode redimir a vida, criar novamente um eu através da reocupação do espaço da devastação (DAS, 2008, p. 159).

Há mães que diante da morte ou desaparecimento do filho lutam, se organizam, saem à rua, procuram os mecanismos legais para obter justiça, buscam infatigavelmente respostas.⁵⁷ Mas existem também aquelas que, como dona Carmen, constrói e cuidam por anos de um calvário, onde estão os restos do corpo do filho, bem como a representação da sua pena e da sua perda.

Os vizinhos do Bairro La Milagrosa, utilizaram os rituais religiosos de luto tradicionais como as novenas, as missas mensais e anuais para lembrar a chacina de 1992. Para eles o ritual de luto tinha outros significados além dos religiosos: dignificar os mortos, mostrar para a sociedade que aquelas mortes tinham sido injustas, que aquilo não devia ter acontecido e que era preciso evitar que acontecesse de novo. O ritual periódico servia para se acompanhar e falar do sucedido, para compartilhar a dor pela perda, para tratar de encontrar razões para o que passou. A virgem não seria só um ícone religioso no bairro, a virgem representava uma injustiça e um fato traumático para essa comunidade. Esses são, para nós, exemplos daquilo que Das denomina como agência no cotidiano:

En lugar de buscar una agencia en los momentos grandiosos y transgresores de la historia, es en los libretos cotidianos de la resistencia donde debe ubicársela. Nada malo hay en esta manera de conceptualizar lo cotidiano, pues tiene la ventaja de mostrar que la sociedad se hace de modo constante, no es algo dado. (DAS, 2008, p. 317).

⁵⁷ Dona Fabiola Lalinde é um exemplo de como uma mãe pode insistir e persistir na sua luta por saber o que aconteceu com seu filho. Ela aplicou uma estratégia que denominou “Operación Siriri”. Inspirada numa ave pequena chamada siriri, que persegue o gavião que leva suas crias, até conseguir que ele as devolva. Ela aplicou, por mais de 20 anos, essa estratégia diante das autoridades, a mídia, os tribunais internacionais, os organismos de direitos humanos, insistindo em saber o que tinha acontecido com seu filho desaparecido em 1984. Finalmente ele logrou que a OEA responsabilizasse ao Estado colombiano pela desapareção do seu filho. Ver: <http://comunicaciones.acantioquia.org/peliculasypdf/Lavigenciadelaoperacionciriri.pdf>

Para Veena Das (2008), o testemunho dos sobreviventes, aqueles que falaram em nome de outros, se conceitua melhor no contraste entre dizer e mostrar. Existem ações tão violentas que são inenarráveis: continuar com a vida e reconstruí-la apesar do acontecido, digerir esse conhecimento envenenado, é um compromisso com a vida, que evidencia as fronteiras entre dizer e mostrar.

As complexas transações entre corpo e linguagem permitem revelar a voz e mostrar a dor. Os testemunhos e as narrativas podem ser uma maneira de narrar os eventos catastróficos sofridos pelos sujeitos. Do mesmo modo, essa narrativa está presente na linguagem implícita no retorno ao cotidiano, às formas de habitar novamente o mundo. Os casos que vamos analisar se situam nesse espectro entre dizer e mostrar, alguns deles no momento em que foram construídos tiveram uma narrativa publicamente construída e debatida, mas que também albergavam o silêncio e o medo, como no caso do mural de Santo Domingo Savio e a Virgem de La Milagrosa. Em outros, o silêncio, a conexão íntima com o sofrimento e a perda, levou à elaboração dos altares, como é o caso do calvário de Robin e o grafite para Paula Andrea e Magaly. Sem exceção esses altares têm uma narrativa implícita, quem quiser saber o que aconteceu terá que perguntar. Eles marcam o lugar, evidenciam uma perda, mostram, mas não falam. Só um espectador atento e um ouvinte interessado poderão saber o que ali aconteceu.

4.5 A tática como ação política

Tais ações poderiam ser consideradas como táticas, no sentido dado por Michel de Certeau (2000). Veena Das e Michel de Certeau vêem na cotidianidade o lugar no qual se põe em prática a complexa relação entre agência e estrutura, subjetividade e objetividade. Se para ambos é claro que as causas e as origens da violência estão nas estruturas econômicas e institucionais, também é preciso ver que a agência humana está situada nesse campo de relações de poder, mas não sobredeterminada por ele. Como afirma Ortega, um estudioso dos dois autores:

Desde ese punto de vista, la pregunta por el efecto, sentido, percepción, colectiva e individual, de las violencias cobra relevancia, intelectual y políticamente, una vez que permite entender los modos en que estas violencias configuran la subjetividad y a la vez son configuradas –y susceptibles de ser transformadas- por las acciones particulares y de las comunidades. Se hace necesario, por tanto, examinar el fenómeno de la violencia desde la perspectiva, el lenguaje y las prácticas de los sufrientes, los modos en que estos padecen la violencia, negocian y obtienen reductos de dignidad (a veces de manera poco evidente), resisten y reconstruyen sus relaciones cotidianas, y sobrellevan la huella de la violencia de un modo que no siempre aparece perceptible para quien proviene de fuera, sea científico social, funcionario, político o militante nacionalista.(ORTEGA MARTÍNEZ, 2008, p.21)

Certeau (2000) analisa as maneiras particulares como cidadãos comuns recebem, vivem, transformam e resistem ante o exercício do poder, como se constituem em agência da sua própria vida. Sua pesquisa nasce da pergunta pelas “operações dos usuários” supostamente condenados à passividade e à disciplina. O autor questiona os estudos sobre hábitos de consumo, pois geralmente dedicam-se a estudar as representações ou os comportamentos da sociedade ante os produtos que são oferecidos pelo mercado. Ele entende que é possível também identificar o uso que desses objetos sociais fazem os indivíduos ou os grupos. Os sujeitos não são simples consumidores, essa ação vem acompanhada de uma aura silenciosa, astuta, dispersa, invisível que muda sua maneira de usar os produtos e de relacionar-se com o poder econômico. Os sujeitos interagem com o poder econômico, mas executam inúmeras metamorfoses dessa autoridade para transformá-la de acordo com seus interesses e regras.

Segundo o autor, os sujeitos encontram maneiras de fazer, minúsculas e cotidianas, procedimentos mudos que organizam a ordem sociopolítica. Nos casos analisados na pesquisa estamos diante de sujeitos e comunidades confrontados a poderes impostos pelas armas ou pelo medo. Ainda assim, veremos como eles encontram formas de fazer, de se manifestar perante situações consideradas injustas. As pessoas enfrentam experiências-limite, mas transformam e resistem às interpelações hegemônicas do poder. No entanto, não o fazem usando estratégias de mobilização política ou demandas ao Estado e suas instituições. Nos casos analisados as pessoas usam minúsculas práticas de resistência que não chamam a atenção de quem ostenta o poder, mas que lograram criar comunidades afetivas, demandar

reconhecimento e manter viva a memória dos fatos. Nada mudou quanto à correlação de forças, no entanto essas narrativas de luto sobrevivem até hoje, por cima inclusive de outras narrativas hegemônicas.

Para encontrar essas formas de fazer dentro da cidade, Certau propõe uma mirada ao micro, ao infinitesimal desses processos. Sugere duas possíveis perspectivas sobre a cidade: aquela que se pode ter desde um arranha-céu, panóptica, totalizadora, que oferece a ilusão de abarcar todo o cenário. E aquela que se pode ter na rua, ao caminhar, os se deslocar, cruzar numa esquina, ao reconhecer o heterogêneo da paisagem. O autor sugere para suas pesquisas este segundo olhar:

Si se puede tener por verdadero que la red de vigilancia se extiende por todas partes y se precisa por procedimientos múltiples y detallados, me parece más importante descubrir también cómo una sociedad entera no se reduce a este aparato. (Una vez que) los aparatos de vigilancia responden a los dispositivos de astucia, de mañas, que juegan con todos estos dispositivos y los arman, (es) necesario preguntarse cuáles son las minúsculas prácticas populares; (con) qué manera de hacer responden del lado de los practicantes a los procesos mudos de la 'puesta en orden' socio política por la 'disciplina'. (CERTEAU apud ORTEGA et al., 2004).

Por isso apela à distinção entre estratégias e táticas:

Llamo estrategia al cálculo (o la manipulación de las relaciones de fuerza que se hace posible desde que un sujeto de voluntad y de poder, una empresa, un ejército, una ciudad, una institución científica) resulta aislable. La estrategia postula un lugar susceptible de ser circunscrito como algo propio y de ser la base donde administrar las relaciones con una exterioridad de metas o de amenazas (los clientes, los competidores, los enemigos, el campo alrededor de la ciudad, los objetivos y los objetos de la investigación, etc) (...) llamo táctica a la acción calculada que determina la ausencia de un lugar propio. Por tanto ninguna delimitación de la exterioridad le proporciona una condición de autonomía. La táctica no tiene más lugar que el del otro. Además, debe actuar con el terreno que le impone y organiza la ley de una fuerza extraña. (...) Obra poco a poco. Aprovecha las ocasiones y depende de ellas, sin base donde acumular los beneficios, aumentar lo propio y prever las salidas. No guarda lo que gana. Este no lugar le permite, sin duda, la movilidad, mas con una docilidad respecto de los azares del tempo, para tomar al vuelo las posibilidades que ofrece el instante. Necesita utilizar, vigilante, las fallas que las coyunturas particulares abren en la vigilancia del poder propietario. Caza furtivamente. Crea sorpresas. Le resulta posible estar allí donde no se le espera. Es astuta. (CERTEAU, 2000,p. 42-43)

A tática opera no cenário mesmo da estratégia, é quase imperceptível, por isso mesmo tem um valor mais performativo que substancial, altera as relações sociais de maneira momentânea, dentro da cotidianidade mesma.

(ORTEGA et al., 2004). Como veremos os grupos armados têm a pretensão de controlar a rua, os espaços de socialização, as formas de movimentação, essa é a estratégia usada por aqueles que ostentam o poder. Em outros casos em lugar das armas é com ameaças e retaliações que se impõe o silêncio e a imobilidade. No entanto, veremos como as pessoas encontram a forma de retomar o espaço da rua, reapropriá-lo, manifestar-se de formas quase invisíveis, porém marcantes no seu entorno. É um agir tático, dentro do mesmo espaço controlado pelo domínio do outro. Assim os altares, por ter um conteúdo não explícito como resposta e resistência diante da morte, não são considerados como perigosos pelos detentores do poder local. Contudo, logram alterar, ainda que momentaneamente, a correlação de forças presentes nessas relações.

Centrar a atenção nas táticas, reconhecer a astúcia, a criatividade e a diversidade de práticas cotidianas dos sujeitos frente à imposição de um poder, é reconhecer o potencial político das mesmas, a dignidade da pessoa que se nega a ser reduzida à lógica do mais forte. Em cada um dos casos que analisaremos se evidencia o agir tático dos sujeitos. Os vizinhos que constroem um altar na esquina do seu quarteirão para lembrar a morte dos familiares e amigos, não realizam um ato deliberado de oposição ao poder das bandas ou milícias, também não convidam a seus vizinhos a protestar contra a violência. Eles assinalam a perda e reclamam o lugar da devastação. No convite anual para assistir à cerimônia litúrgica para lembrar aos mortos, justo no lugar onde fizeram o altar, talvez se expresse a necessidade de reparar o laço social roto pela violência, ou a necessidade de demonstrar que o sofrimento não é só da família que perdeu essas pessoas, é coletivo, faz parte da comunidade. Nesse olhar sobre o micro, sobre as ações insurrectas dos sujeitos em contextos de violência prolongada esperamos encontrar as expressões das memórias subterrâneas.

Voltando ao exemplo das mães, entre aquela que luta e reclama por saber o que aconteceu com seu filho, a mulher da estratégia do siriri que mencionávamos antes, e aquela que simplesmente tem como tática criar um calvário para lembrá-lo, há muito mais em comum do que parece. Nossa hipótese é que ambas são expressões do uso político da memória, são formas de resistência frente ao poder através da memória. Enquanto a primeira desafia

o poder dentro dos mesmos espaços ocupados pelos dominadores (a mídia, os estrados judiciais, as organizações sociais), a outra marca como próprio o lugar que é controlado por um grupo armado, só que o faz de uma maneira quase invisível, com uma cruz e sua presença constante perto dela.

Entendemos que nesses rituais de luto, nessa expressão pública do sofrimento e no retorno à vida cotidiana há um forte conteúdo político. Cada um dos casos que vamos apresentar mostra-nos as distintas formas que essa ação adquire. Desde um grupo considerável de vizinhos que cria memorial e nesse processo faz pública todas suas dores, contradições, sofrimentos, percepções de injustiça, reclamando pela dignidade, até uma mãe que solitariamente cria um altar para seu filho e se apropria do lugar da morte, ou nas estudantes que marcam com seu grafite uma parede da universidade para impedir que o esquecimento vergonhoso se imponha.

Como interpretar então essas expressões de memória que hoje nos surpreendem por sua quantidade e variedade, como entender que enquanto dizíamos que a Colômbia era um país sem memória, em nossas ruas estavam as evidências de que não era assim? Podemos continuar afirmando que somos uma sociedade que não reage diante dos graves acontecimentos? Que ninguém fez nada? Todas elas são ações políticas, são o que James Scott chama a “infrapolítica dos desvalidos”(SCOTT, 2000). O autor interessa-se por interpretar e compreender as ações políticas inapreensíveis dos que ele chama os grupos subordinados.

Em sintonia com Certeau, James Scott afirma que os grupos subordinados produzem, a partir do seu sofrimento, um discurso oculto que representa uma crítica ao poder do dominador (SCOTT, 2000). Esse discurso não se faz de frente para os dominadores, pelo contrário, os subordinados encontram as formas de disfarçar o conteúdo das críticas, fazendo-as passar por inocentes ou inofensivas⁵⁸. Esse discurso oculto tem certas características:

⁵⁸ É importante recordar que Scott afirma que essas estratégias de disfarçar são usadas tanto pelos dominadores como pelos subordinados. Ambos criam um discurso público que lhes permite relacionar, embora ambos tenham um discurso oculto: “El poderosos por su lado también elabora un discurso oculto donde se articulan las prácticas y las exigencias de su poder que no se pueden expresar abiertamente. Comparando el discursos oculto de los débiles con el de los poderosos, y ambos con el discurso público de las relaciones de poder, accedemos a una manera fundamentalmente distinta de entender al resistencia ante el poder”(SCOTT, 2000, p. 21).

ocorre num espaço social determinado, com um conjunto de atores e contém uma ampla gama de práticas, as quais precisamente devem ser desveladas.

Ainda que para Scott a infrapolítica seja o resultado de uma ação deliberada, de uma ação tática, nos casos que estamos analisando essa intencionalidade não é totalmente explícita. Mas as formas de agir dessas pessoas, o significado que esses altares espontâneos de memória adquirem no tempo, as narrativas de luto que eles contêm, permitem-nos afirmar que existe ali uma tática, uma intenção de marcar o lugar e de expressar e fazer pública uma dor. Diante do contexto de violência em que cada um desses altares é criado, esses atos de resistência têm um poderoso efeito político. As formas silenciosas, subterrâneas em que as memórias se expressam contêm um forte desafio simbólico, nas palavras de Scott:

La lógica del desafío simbólico tiene, pues, una enorme similitud con la lógica de las formas cotidianas de resistencia. Por razones de prudencia, discreción y protección, esos desafíos normalmente se presentan como negaciones, por decirlo así, de cualquier impugnación del orden material o simbólico. Sin embargo, cuando crece la presión o cuando aparece una debilidad en 'el muro de contención', la caza furtiva tenderá a convertirse en invasión de tierras; la evasión de diezmos, en rechazo total a pagar, y los rumores y chistes, en insultos públicos. (...) Finalmente, una visión clara del 'micro' forcejeo de las relaciones de poder, y especialmente de aquellas en las que la apropiación y la subordinación permanente son centrales, hace imposible una visión estática de la naturalización y la legitimación. Así, una élite dominante trabaja incesantemente para mantener y extender su control material y su presencia simbólica. Por su parte, un grupo subordinado se ingenia estrategias para frustrar y revertir esa apropiación y también para conquistar más libertades simbólicas. (SCOTT, 2000, p. 232)

A seguir veremos como escrever, ou apagar, os nomes dos mortos num mural, fazer um grafite numa universidade, criar um altar em homenagem aos mortos numa chacina, ou manter um calvário no lugar onde o filho foi assassinado são formas de expressão pública do luto e dor e micro-ações de resistência diante do poder exercido violentamente.

5 .O MURAL ÀS VÍTIMAS DO CONFLITO ARMADO EM SANTO DOMINGO SAVIO: “EL MURAL ES SAGRADO”

Na parte posterior da igreja Santo Domingo Savio, no setor nordeste de Medellín, há um mural com mais de 380 nomes de pessoas assassinadas, foi construído no mês de outubro de 2005, por iniciativa do sacerdote Julián Gómez junto com desmobilizados do Bloque Cacique Nutibara e ex-milicianos do bairro. Entre os nomes incluídos no mural estão os vizinhos que morreram em confrontos entre grupos armados, por balas perdidas, por cruzar fronteiras invisíveis, entre outras circunstâncias. Porém, também estão escritos nomes de homens e mulheres que fizeram parte ativa desses grupos e que em alguns casos foram responsáveis pelo assassinato dos vizinhos.

A reconstrução da memória do bairro Santo Domingo Savio foi uma estratégia criada por um grupo de vizinhos, junto com o sacerdote do bairro para fortalecer os vínculos de identificação debilitados pelos enfrentamentos entre as diversas facções armadas. Entre as estratégias estava a elaboração de um mural com os nomes das pessoas mortas nos confrontos entre os grupos armados. O mural incitou discussões sobre quem merece ser reconhecido como vítima e que vidas devem ser lembradas; também sobre a possibilidade ou impossibilidade de reconhecimento do dano e a vulnerabilidade como elemento comum.

5.1 Os criadores: “*Eso empezó porque a mí me ha afectado mucho el conflicto*”

A criação do mural em Santo Domingo Savio foi promovida pelo sacerdote Julián Gómez junto com jovens vinculados às atividades da igreja, integrantes dos grupos armados que faziam parte do processo de reincorporação à legalidade e vizinhos do bairro, especialmente familiares das

vítimas. Destacamos entre seus criadores a Julián Gómez e Esteban⁵⁹, jovem que fazia parte dos colaboradores na igreja e teve um papel ativo no processo de criação do mural. Inicialmente retomamos brevemente a história do bairro, como uma forma de falar de esses outros criadores anônimos que não puderam ser entrevistados como explicamos na introdução.

Santo Domingo Savio está localizado na Comuna 1, Popular, inclui 12 bairros do sector nordeste de Medellín.⁶⁰ No ano 2004, quando Julián chegou ao bairro, a Comuna tinha uma população de 129.806 pessoas, das quais 96.354 eram consideradas estrato 2, baixo, e as 33.453 restantes eram estrato 1, baixo-baixo (MEDELLÍN. ALCALDÍA, 2004).⁶¹ Segundo dados do *Observatorio de Políticas Públicas de Medellín 2004*, os indicadores de qualidade de vida (ICV) da Comuna 1 era baixo se comparada com outras comunas (73,47 para a Comuna 1 e 82,20 para toda a cidade de Medellín). Ainda que tenha melhorado nos últimos anos continua sendo o menor da cidade (Em 2012 era 76,88 para a Comuna 1 e 83,38 para Medellín) (MEDELLÍN. ALCALDÍA, 2013).

Os primeiros habitantes de Santo Domingo Savio chegaram na década de 60. Viviam em condições precárias, não eram proprietários da terra e enfrentaram uma luta árdua para legalizar as propriedades e obter condições mínimas de subsistência. Como afirma Gloria Naranjo (1992), os primeiros habitantes da Comuna nordeste uniam-se em torno das necessidades comuns e criavam códigos linguísticos e de comportamento que permitiam enfrentar a gestão do habitat. As formas de sobrevivência caracterizavam-se pela cooperação e a solidariedade. As formas associativas foram essenciais na conformação, legalização e consolidação como bairro.

Na década de oitenta, o aumento da ocupação ilegal e o crescimento da população no setor impacta significativamente a região, inclusive as áreas consideradas de alto risco. Simultaneamente, nesse período consolidou-se o poder do narcotráfico, identificado por alguns como a época em que as

⁵⁹O nome foi trocado para proteger a identidade do entrevistado.

⁶⁰Os bairros que pertencem à Comuna 1 são: Santo Domingo Savio 1, Santo Domingo Savio 2, El Popular, Granizal, Moscú No. 2, Villa de Guadalupe, San Pablo, El Compromiso, Aldeas Pablo VI, La Esperanza No. 2 y Carpinelo.

⁶¹ Em Colômbia são definidas as divisões socioeconômicas como base para a aplicação dos subsídios e impostos. Esta ferramenta permite classificar os imóveis residenciais de cada município num máximo de seis estratos, do estrato 1 ao estrato 6. Nas áreas urbanas a metodologia da estratificação considera as características físicas das residências, seu entorno e a oferta de serviços na área.

condições do bairro mudaram (GONZÁLEZ VÉLEZ; CARRIZOSA ISAZA, 2011). O narcotráfico estabeleceu contato com as bandas existentes desde a década de sesenta. Para elas o negócio do narcotráfico pareceu mais rentável que outras atividades como sequestros e assaltos. No entanto, o narcotráfico não era o único responsável pela violência. A cidade assistiu ao incremento da violência pela presença de grupos de milícias, bandas, autodefesas e paramilitares. Os enfrentamentos ocorriam em função do controle do território e de seus recursos. (JARAMILLO, A. M.; CEBALLOS. R.; VILLA, 1998), (MARTIN, 2012)

Como resposta à violência do narcotráfico, às bandas, à delinquência comum e à ausência do Estado, nasceram as milícias.⁶² Seu objetivo inicial era defender os moradores do controle e das arbitrariedades das bandas, oferecer uma ideia de ordem e de regras comuns.⁶³ A formação das milícias foi promovida e bem recebida pelos habitantes devido à ausência do Estado, que não conseguia garantir segurança e realizar o controle da delinquência. Com o tempo as milícias passaram a estabelecer hábitos e regras de comportamento à população, impuseram suas visões de mundo e agiram violentamente contra aqueles que desobedeciam a seus mandos (PULGARÍN RUIZ; RINCÓN, 2009, MEDINA FRANCO, 2006). Bandas e milícias entraram em disputa pelo controle territorial, extorquiam os comerciantes, ameaçavam os vizinhos, deslocavam as famílias.

Em 1994 as milícias que operavam na Comuna, Milícias Populares del Pueblo y para el Pueblo e as Milícias Populares del Valle de Aburrá, reincorporadas à vida civil e com o apoio da prefeitura, criaram a cooperativa de vigilância, Coosercom. O objetivo era realizar ações de vigilância privada nos bairros. Todavia, um ano depois de iniciado o processo de reincorporação à legalidade, tinham sido assassinados mais de 100 integrantes. Em 1997, a cooperativa Coosercom foi desativada e seus membros tomaram diferentes

⁶²Os milicianos eram grupos armados urbanos com forte arraigo local e estreitos vínculos com a comunidade, tinham um conhecimento profundo dos bairros e territórios onde operavam. As milícias na década dos 90 substituíam ao Estado nos bairros e tinham a pretensão de garantir a segurança coletiva. Isto derivou no reconhecimento e legitimidade do seu poder na comunidade e as diferenciou das bandas. Alguns grupos guerrilheiros como o M-19 e o ELN, deram treinamento militar, mais desatenderam a formação política dos milicianos.

⁶³ As milícias, com o apoio da comunidade, lograram conter a violência dos agentes de segurança do Estado quem, na sua guerra contra Pablo Escobar, agiram contra os jovens da cidade. Gilberto Medina Franco narra no seu livro como, paradoxalmente, os policiais pediam a proteção das milícias diante dos ataques dos assassinos contratados por Pablo Escobar e do Grupo Elite da mesma polícia que estava na procura de colegas aliados com bandas e com milícias. (MEDINA FRANCO, 2006).

caminhos, uns distanciaram-se dos grupos armados; outros lideraram trabalhos sociais no bairro, logrando certo reconhecimento; alguns se atrelaram às milícias emergentes ou passaram a fazer parte dos grupos paramilitares que iniciavam sua incursão no bairro.

No final da década de noventa, os paramilitares fizeram presença na Comuna nordeste, inicialmente foi o Bloque Metro e posteriormente o Bloque Cacique Nutibara. Em Santo Domingo Savio e El Popular as bandas conhecidas como a 38 e a 29 vincularam-se aos paramilitares com o objetivo de disputar o monopólio às milícias.

No ano de 2003, dentro do processo de reincorporação à vida civil do Grupo Cacique Nutibara, foi criada Corporación Democracia⁶⁴ que representava aos reincorporados que tinham como área de influencia a Comuna 1. No obstante, a reincorporação à legalidade destes grupos gerou dúvidas, pois alguns asseguravam que continuavam exercendo controle sobre os habitantes do bairro, os recursos econômicos e a venda de drogas. (PULGARÍN RUIZ; RINCÓN, 2009).

As lutas pelo controle do território e os enfrentamentos entre os grupos deixavam como resultado um número considerável de mortes na Comuna, tanto assim que a comuna 1 era considerada um dos territórios mais violentos de Medellín. Pesquisadores sobre a violência homicida na cidade, a primeira realizada pelo Instituto de Estudios Políticos na década de noventa (RESTREPO et al., 1997) e a segunda, pelo Instituto Popular de Capacitación na primeira década dos anos 2000 (Instituto Popular de Capacitación apud GIL

⁶⁴Corporación Democracia é uma organização não governamental, que chegou a ter durante sua vida institucional uns 4.500 desmobilizados do paramilitarismo registrados como associados. Ela só existe hoje no papel. Sua origem está ligada aos acordos entre os chefes paramilitares do Bloque Cacique Nutibara das Autodefensas Unidas de Colombia (AUC), a Oficina del Alto Comisionado para la Paz e a Prefeitura de Medellín. No momento da sua criação seu objetivo era ajudar aos desmobilizados no retorno à vida civil, também substituir o terror que exerciam os integrantes do Cacique Nutibara nos bairros de Medellín por uma ação cívica coordenada e uma representação política legal. O crescimento da Corporación Democracia alcançou um ponto máximo com a desmobilização do Bloque Héroes de Granada, o 1 de agosto de 2005. Chegou a considerar-se como uma organização legítima na interlocução com o Estado. Porém eram evidentes seus vínculos com a Oficina de Envigado. A guerra entre os membros da Oficina de Envigado em 2009 teve como consequência a falta de recursos para o manter a Corporación. Quer dizer, na prática, a Corporación Democracia tinha uma estrutura legal que contratava com a prefeitura e aparecia como interlocutor válido ante diversas entidades; e outra ilegal, clandestina, na qual seus dirigentes dedicavam-se a delinquir. Veja: <http://bit.ly/1tur7hF>

RAMÍREZ, 2009), assinalam como, durante três décadas, a Comuna 1 ocupou o segundo lugar em registro de mortes violentas em Medellín (Ver capítulo 2).⁶⁵

Em 2003, nos planos de desenvolvimento da prefeitura de Medellín tinham para a Comuna 1 incluíam intervenções físicas como o teleférico que começou a funcionar em 2004. Esta obra era considerada o pagamento de uma dívida social e a derrubada das barreiras sociais, culturais e políticas da cidade diante da Comuna. Sua construção e adequação das ruas, praças, parques derivaram em dinâmicas de resgate da institucionalidade e uma nova atitude e disposição frente ao Estado. Do mesmo modo, criou novas dinâmicas comerciais, resultado do fluxo cada vez maior de habitantes da cidade e turistas. (BALLESTEROS TORO, 2010).

As transformações do bairro nas últimas décadas não se devem só à implementação de uma política social e um projeto de cidade da prefeitura, são em boa medida o resultado de um trabalho de cooperação e negociação das organizações sociais da Comuna com as autoridades locais. Desde a década de 90, a Comuna Nordeste tem uma forte participação nos planos de desenvolvimento local do município de Medellín. ONGs como a Corporación Convivamos, e organizações do bairro como as Juntas Administradoras Locales e as Juntas de Acción Comunal, têm realizado um trabalho de consenso com a administração para a definição dos projetos de investimento público. Desde 2004 até 2009 haviam investido recursos para o desenvolvimento local da Comuna Uno, Popular, por um valor total de US 213.684 (MEDELLÍN. ALCALDÍA, 2009)⁶⁶.

Os primeiros anos do século XXI trouxeram mudanças e melhoras nas condições de vida dos moradores. O contexto para a negociação entre os diferentes grupos armados que agiam no bairro também era propício, devido aos processos de desmobilização, desarme e reincorporação à vida civil dos

⁶⁵ O primeiro lugar é ocupado pela Comuna Centroleste. ,No entanto, aos dados são altos devido a que nela estão localizados dois dos principais hospitais da cidade e as mortes que ali acontecem são registradas na Comuna Centroleste.

⁶⁶ Entre os resultados das políticas de desenvolvimento local em Santo Domingo Savio, vale a pena destacar o Centro de Desarrollo Empresarial Zonal (CEDEZO), que tem como objetivo dar oportunidades de capacitação aos membros da comunidade interessados na criação de pequenas e medianas empresas. O instituto de ensino meio Colegio Santo Domingo Savio, é um dos novos dez novos colégios de alta qualidade, localizados em lugares de baixa cobertura educativa. Um caminho para pedestres que percorre boa parte da Comuna e que propicia o uso do espaço público para os moradores. A reforma e ampliação do centro de saúde de Santo Domingo Savio e o parque Biblioteca España. (MEDELLÍN. ALCALDÍA, 2009)

grupos paramilitares Cacique Nutibara e Héroes de Granada, com presença em Medellín. No marco general do processo de negociação com as autodefesas (veja capítulo 2), Medellín foi a primeira cidade a enfrentarem processo de desmobilização, desarme e reincorporação à legalidade. Ainda que a responsabilidade política do processo fosse do Estado, a prefeitura coordenava as atividades concretas de retorno à legalidade dos reincorporados na cidade de Medellín (ALONSO ESPINAL; VALENCIA, 2008).

Em consequência, o ambiente na cidade e com a prefeitura era propício para gerar processos de desarme e retorno à vida civil dos grupos armados dentro dos bairros. Como vimos, na Comuna 1 havia antecedentes de ações similares, por isso o sacerdote Julián Gómez, junto com representantes de diversos setores econômicos e sociais, iniciou o trabalho de reconciliação e perdão com os integrantes dos grupos armados que agiam em Santo Domingo Savio.

Julián é um homem de uns 45 anos, branco, cabelo claro, alto. Chegou a Santo Domingo Savio aproximadamente em 2003. O Primado de Medellín pediu-lhe para trabalhar ali porque considerava que o bairro estava dentro dos planos de importantes projetos a serem realizados na cidade e ali a Igreja não tinha um papel importante de apoio à comunidade.⁶⁷

Ao perguntar-lhe acerca da origem do mural sua resposta foi “Eso empezó porque a mí me ha afectado mucho el conflicto, personal y familiarmente”.⁶⁸ A resposta em primeira pessoa surpreende, Julián é um homem que costuma falar na terceira pessoa do plural, no entanto, ao ser questionado sobre as origens do mural, sua resposta é pessoal, remonta a sua história de vida. Julián nasceu e cresceu em Envigado, Antioquia, cidade que nos anos 80 e 90 esteve fortemente vinculada com o narcotráfico, onde surgiram muitos dos líderes do cartel de Medellín. Foi testemunha do ingresso de seus amigos ao narcotráfico e suas posteriores mortes. Além disso, sua família foi vítima de um sequestro. Ele sente que a violência tem estado sempre presente na sua vida:

Cuando vivía en los barrios me tocaba ver las balaceras, sentir las, vivirlas. Me tocaba ver los muertos, ver como una persona la impacta un proyectil, como brota la sangre, me ha tocado muy de cerca vivir

⁶⁷ Entrevista com Julián. Medellín, junho de 2012.

⁶⁸ Entrevista com Julián. Medellín, junho de 2012.

eso y como no es mi cultura me afecta. Como uno no está enseñado a eso, uno ama la vida y al otro, entonces uno no entiende como el otro puede odiar tanto que coja un arma, entonces eso me afecta.⁶⁹

Julián liderou o processo de reconciliação e perdão entre os grupos armados e os habitantes de Santo Domingo Savio.⁷⁰ Porém, dita intermediação gerou demandas para controlar as ações dos grupos e o uso da força contra a população. Do mesmo modo exigiu relacionar-se com os chefes das bandas e também das autodefesas da cidade. Assim lembra Esteban⁷¹ essa gestão realizada por Julián:

Sí, el padre un día reunió toda esa gente, a milicianos, a los pillos, hicieron una reunión invitaron a don Berna [alias do chefe do Bloque Cacique Nutibara] , invitaron a Martín un pelao de San Pablo [chefe de um grupo armado], invitaron mucha gente, la iglesia se llenó. Imagínese el padre llegar con don Berna, lo veían, huy que respeto, eso influyó mucho para que los pelaos de allá no se fueran a descarrilar.⁷²

Para lograr seus objetivos no bairro, diminuir os enfrentamentos armados e proporcionar às pessoas certo nível de segurança, Julián intermediou entre diferentes poderes: o armado, o institucional, o eclesiástico e o social. Segundo Uribe de Hincapié (2006) em Medellín é frequente a realização de pactos de não agressão promovidos pelos sacerdotes com apoio dos habitantes do bairro e em algumas ocasiões contam com o apoio de ONGs ou de instituições da prefeitura. Esses pactos têm aspectos positivos para a tranquilidade dos moradores, porém podem resultar transitórios.

Esta estratégia de negociação demandou de Julián o trânsito entre diversos discursos: aqueles públicos sobre negociação e reincorporação à legalidade e os discursos ocultos dos diferentes interlocutores (SCOTT, 2000). Por uma parte, a necessidade que tinha o governo de legitimar o processo com as AUC; por outra, a urgência dos jovens por retomar seu lugar no bairro logo que seus chefes das autodefesas se desmobilizaram e eles enfrentaram a perda desse apoio.

Esteban, por sua parte, foi um dos jovens que participou na elaboração do mural. Tinha 10 anos quando chegou a Santo Domingo Savio proveniente de Barrancabermeja,⁷³ eram os primeiros anos da década de 90⁷⁴. Chegou a

⁶⁹ Entrevista com Julián. Medellín, junho de 2012.

⁷⁰ Julián fez parte dos grupos de moradores e organizações sociais que protestavam contra a prefeitura pelas arbitrariedades durante a construção do Parque Biblioteca Espana.

⁷¹ O nome foi trocado para proteger a identidade do entrevistado.

⁷² Entrevista com Esteban. Medellín agosto de 2012.

⁷³ Barrancabermeja é um porto sobre o rio Magdalena. Nele encontram-se as mais importantes refinarias de petróleo do país. Por sua localização estratégica e por sua riqueza agrícola, de gado e de mineração

viver num território bastante violento: “yo salía a la calle y bala, bala, bala, eso caía gente inocente, gente mala, de todo, hasta amigos míos cayeron ahí.”⁷⁵ Por muitos anos Esteban foi testemunha dos mais diversos enfrentamentos entre os grupos e logrou sobreviver. Hoje se sente seguro no bairro, sente que inspira respeito entre as pessoas. Embora, afirme que esse respeito que inspira pareça estar acompanhado de medo: “A mi respetan mucho, la gente me tiene como respeto o miedo yo no sé”.⁷⁶ Para Esteban é seu passado o que não perdoa, sua proximidade com certos integrantes das milícias produz desconfiança e medo.

Para Julián, Esteban era o exemplo de um rapaz que viveu e testemunhou todo o acontecido em Santo Domingo Savio. Esteban sobreviveu onde muitos não conseguiram porque, como ele mesmo afirma, obedeceu às regras, ajustou seu comportamento às exigências dos grupos armados (SCOTT, 2000). No entanto, paradoxalmente, sobreviver e relacionar-se habilmente com diversos poderes, provocou a suspeita entre algumas pessoas do bairro, daí o medo que parecia despertar nelas. Sobreviver, onde outros não tinham logrado, resultava suspeito (POLLAK, 1990).

Tanto Julián como Esteban são pessoas que viveram muitas formas de violência. Cada um deles tem uma história marcada por momentos nos quais sua habilidade para negociar com as diferentes forças em oposição e sua capacidade de adaptar-se ao contexto violento permitiu-lhes sobreviver. Seus argumentos para a elaboração do mural estão em relação com sua própria experiência pessoal, os nomes de seus amigos ou conhecidos estão no mural como expressão de luto. Porém, também para ambos o mural é uma forma de pensar essa violência e encontrar formas de fazer um alto no caminho e refletir sobre o passado.

Barrancabermeja foi por décadas epicentro de conflitos armados entre exercito, guerrilha, paramilitares e narcotraficantes.

⁷⁴Na década de noventa, Barrancabermeja era uma das regiões mais violentas do país, com forte presença de grupos guerrilheiros e paramilitares. Por esta razão foi local de chacinas e assassinatos de líderes sindicais e sociais.

⁷⁵ Entrevista com Esteban. Medellín agosto de 2012.

⁷⁶ Entrevista com Esteban. Medellín agosto de 2012.

5.2 Os acontecimentos: “muchos amigos nos tocó enterrar, tantos que hasta no es uno capaz de contar cuantos eran”

No caso de Santo Domingo Savio o acontecimento que dá origem ao mural não está localizado numa data específica, é um processo de mais de três décadas nos quais o bairro e a Comuna 1 enfrentaram situações de extrema violência, que deixaram como resultado, entre outros, a morte das pessoas que estão inscritas no mural. Ainda que o breve relato que fizemos do acontecido possa evidenciar a violência vivida, achamos que é com as narrações que poderemos dimensionar os acontecimentos e seu impacto sobre os moradores.

Nos informes de pesquisa consultados e em algumas das entrevistas realizadas, surgiu a ideia de um passado de dificuldades pelas condições de pobreza e precariedade. Ainda assim, o bairro em seus primeiros anos era considerado um lugar tranquilo para viver. Estava presente a representação de uma comunidade originária com valores compartilhados, solidária. Até que chegou um momento de rupturas no qual delinquência e narcotráfico desestruturaram esse mundo conhecido e criaram dinâmicas que lentamente fragilizaram os vínculos existentes. Um habitante e líder comunitário descreve assim a história do bairro:

El barrio era sano, la gente podía ir y venir con tranquilidad, podía amanecer en las calles y nada le pasaba. Con el transcurso del tiempo, cuando empezó el vicio de la marihuana se formaron los combitos que empezaban a esperar a la gente que venía de San Blas y les quitaban el paguito... la cosa se fue dañando. Luego se fueron formando los grupos llamados bandas, que no sólo atracaban sino que empezaron a pelear por territorios y a pedir en las casas colaboración, compra de boletas para ayudar a los que estaban en la cárcel, para el sancochito, por cuidar el sector, etc. En ese tiempo no lo llamaban vacuna [extorsión a cambio de protección], sino colaboración. Después hubo una legalización cuando el gobierno les dio permiso a algunos muchachos llamados reinsertados, y les dio la posibilidad de andar con armas con el pretexto de hacer justicia, y de ellos algunos abusaban y empezaron a extorsionar, a hacer vacunas y a formar la guerra entre los barrios. A la par existían otros actores armados de bandas de delincuencia común y otros llamados "pillos" que se caracterizaban por ser viciosos. Más adelante, al final de los años 90 se acabaron los grupos de los reinsertados, y comenzaron los grupos armados de izquierda a hacer fuerza en el sector. Cuando llegaron estos grupos comenzaron a hacer limpieza en el barrio y acabaron con los llamados pillos. A los que eran muy viciosos o a "los que la debían" los mataban y a los demás los invitaban a participar de los grupos o debían irse (SUAREZ QUICENO; CARDONA, 2002).

Por sua parte, Julián descrevia assim as dinâmicas da violência no bairro:

Aquí hay un barrio en conflicto, un barrio vulnerable, entonces el actor del conflicto detecta la vulnerabilidad del barrio y entra y ofrece. Entonces, por ejemplo, grupos de izquierda entraron con un ofrecimiento, grupos de narcotráfico también, grupos de autodefensa entraron con un ofrecimiento. Ese grupo entra e identifica cuál es el líder, lo mismo que yo hice, entra con actores externos, van ocho o diez manes en carros bacanos, venga que nosotros somos tal grupo, tenemos la plata tenemos el poder o trabajan con nosotros o los acabamos. ¿A quién acaba? Al jefe. Entonces cuando les matan el jefe los que siguen se tienen que unir, si el jefe dice no, si dice sí ya estuvo la vuelta hecha. Esa es la dinámica, empoderan a uno o a dos o a tres, ya el grupo que entró dominando sale a otro barrio, pero ese grupo reclutó al jefe de este con otros de otros barrios, con un jefe a nivel de comuna o a nivel de ciudad. Entonces ya en el barrio hay un jefe de un grupo representativo que tiene una misión, tiene que cumplir las órdenes que le vengan de arriba: cobrar vacuna, vender lotes, montar un lavadero de carros y cobrar, montar plaza de vicio, manejar munición, vender armas, usted controla todo lo ilegal. El hombre tiene poder, entonces se convierte en un reyecito, entonces viene la comunidad. Parcero que le dije que no le vuelva a pegar a su hermanita, a usted que no se meta en esa casa, usted me hace el favor y le arregla la humedad a la vecina, que pilas que la cucha vino a hablar conmigo. Entonces ellos entran a dirimir los problemas internos de la comunidad y van cogiendo todo el poder, eso es como un pulpo y ellos son los que van diciendo que se hace y que no. Pero entonces cuando hay problemas de este territorio con este otro, que esta señora pelio con esta otra, porque los mayores problemas se dan por eso. Eso fue lo que nosotros pedimos, aquí no hay un inspector que diga cómo se arregla un problema de una humedad, entonces quien lo arregla? Como no hay una institución, lo arregla el pelao del barrio. Cuando hay problemas de un barrio con otro se hablan entre jefes y si no se entienden se dan bala a ver cuál es el que coge más poder. Si la cabeza visible de la banda no actúa entonces el jefe los llama, venga usted y venga usted, porque se están dando bala, bueno entonces arreglen pues tienen que arreglar pero ya, ellos tienen que arreglar y se acabó el problema. Si no hay una cabeza visible se arreglan a bala, al que gane. Eso fue lo que pasó aquí después de la desmovilización que hubo una cabeza visible, esa cabeza visible arregló todos los problemas. Aquí dicen que hubo mucha paz porque hubo inversión porque hubo muy buena organización, por la policía por el ejército y sí, eso es verdad pero además de eso aquí hubo un espacio de una relativa paz porque hubo una cabeza dentro del crimen que era la que organizaba todo.⁷⁷

No relato de Julián vemos como os vizinhos demandavam aos poderes armados para solucionar conflitos que eram, por sua vez, locais e privados. Geralmente esses conflitos não tinham relação com as causas gerais da guerra ou com os objetivos dos beligerantes e sim com as dinâmicas locais próprias (KALYVAS, 2001).

⁷⁷ Entrevista com Julián Gómez. Medellín, junho de 2012.

Os relatos dos moradores dão conta das múltiplas “leis” instauradas pelos distintos poderes armados. Havia uma pluralidade de regras ou de mandatos para cumprir, desde os lugares de circulação, o pagamento das extorsões, horários de trânsito, celebrações, até formas de vestir, relacionar-se, comportamentos sociais, etc. E, claro está, os castigos. Como afirma William Pérez (2013), se o que define o Estado é sua possibilidade de castigar, o que caracteriza o poder político na Colômbia, não só na cidade senão também no campo, é a existência de múltiplas soberanias em disputa, impondo cada uma delas suas próprias leis, executando seus próprios castigos e definindo arbitrariamente a vida das pessoas. Então, milícias, bandas, autodefesas e paramilitares agiam como se de Estados se tratara, definindo regras e ordens, mas especialmente impondo castigos:

No por sus acciones sociales, por la formación de asociaciones o por el eventual reparto de bienes que hicieron. Ni siquiera por la “seguridad” que prestaron, se identificaron *como si fueran* Estado en esos territorios. Es cierto que algunas de esas actividades sociales o políticas les permitieron adquirir legitimidad para gobernar o les propiciaron la formación de algunas bases sociales, pero fue el castigo que desplegaron el que realmente les dio esa identidad estatal. Como la institucionalidad colombiana, ellos nunca se *presentaron* como criminales, sino que actuaron más bien como criminalizadores, formadores o portadores de un orden que parecía por momentos tener textura política y, aún, forma jurídica. Todos ellos, todas esas sentencias -aceptadas más o menos, y diferencialmente por diversos públicos-, contenían castigos a veces “motivados”, defendidos como “válidos” o anunciados como coherentes con el propio orden que las profería; aunque, en rigor, casi siempre contenían castigos mal fundados, muchas veces no castigos sino simples actos de hostilidad, venganza o inclusive, en algunos casos que hemos conocido en estos años, un simple placer de hacer sufrir. Y se dirigieron la mayoría de las veces a intimidar y no a repudiar o rehacer algo o a alguien, por eso las formas eran tan variables: penas afflictivas (azotes, pelias, amarrada) o afflictivas capitales (como la muerte seguida de tortura), o simplemente capitales (como las ejecuciones); penas restrictivas (prohibiciones de hacer, decir o usar algo en el futuro), penas de confinamiento territorial, de arresto, encarcelamiento, destierro, desplazamiento o extrañamiento, multas y penas de trabajo público, etc. (PÉREZ TORO, 2013, p. 5)

Por outra parte, a diversidade de grupos armados enfrentados fazia quase impossível a convivência.⁷⁸ A disputa pelo controle territorial e a demarcação de fronteiras invisíveis converteu-se num dos principais problemas. Uma das moradoras do bairro descrevia assim esse período: “Es

⁷⁸Julián afirma que só em Santo Domingo Savio havia cinco ou seis grupos armados, com controle sobre pequenas porções do território. Segundo dados da prefeitura, em 2005, após o processo de reinserção dos paramilitares, ainda subsistiam mais de 5000 jovens armados, pertencentes às bandas, combos ou milícias. Entre as cifras apresentadas a Comuna 1 continuava a ser a de maior quantidade de grupos: 1 banda, 56 combos, 2 milícias y 1 autodefesa (YARCE, 2005).

que esa violencia si fue una época muy brava, los de allá no podían venirse pa' acá, los de acá no podían ir pa' allá. Nos tocó dejar de ir al centro de salud porque no podíamos ir, fue una cosa tremenda”.⁷⁹

Os ciclos de violência determinavam uma forma de viver o dia a dia onde morte e sofrimento pareciam se impor no cotidiano:

En esa época los muertos eran asunto de diario, cada día había uno o varios entierros, hasta le tocaba a uno decidir a cuál de sus amigos y su familia iba a acompañar. Fueron tiempos muy difíciles y muy tristes para todos, es que imagínese usted a diario ver una mamá llorando, partida de dolor por la pérdida de su hijo, casi siempre joven, muchas veces menores de edad. Pero además uno vivía con miedo porque muchas muertes eran en el propio barrio, subían en motos o pasaban una camioneta dando bala, o sacaban a los pelaos a la fuerza de las casas. Muchos amigos nos tocó enterrar, tantos que hasta no es uno capaz de contar cuantos eran, eso es mucho dolor para uno, recordar que la vida en aquel entonces se puso tan desvalorizada (MONTROYA ARANGO, 2012, p. 192)

Essa percepção da violência como indiscriminada e generalizada é o que Veena Das (2008) denomina “acontecimento crítico”. Os acontecimentos instauram uma nova realidade completamente diferente da anterior e arrasam os critérios sobre os quais é baseada a existência. O sofrimento é generalizado e gera a percepção de injustificado, de não ter uma lógica. As solidariedades são destruídas pelas mortes que são muitas vezes justificadas com a expressão “algo habrá hecho para terminar así”, compreendendo a dor da família, mas ao mesmo tempo questionando o comportamento das pessoas assassinadas e aceitando, sem questionar, as ações dos grupos armados. É assim como a violência rompe os laços sociais e o medo, e a desconfiança debilita as redes de comunicação (JIMENO, 2010).

Uma crônica jornalística do ano 2002 descreve a intensidade dos acontecimentos, a incerteza e as dificuldades do dia a dia em Santo Domingo Savio:

A las nueve horas de la mañana brumosa de este viernes 26 de abril, un comando paramilitar incursionó en las calles de Santo Domingo Savio y se llevó a dos hombres y una mujer. Algunos milicianos del ELN, vestidos de civil, patrullan el sector alertados por el ataque. En sus rostros se notan malestar y desconcierto. La guerra está encendida. Cada vez hay más presión, más intensidad y más brutalidad. El año pasado le cortaron la cabeza con un hacha a un pelado que no tenía nada qué ver en esto y se la mandaron a la casa. Era Día de la Madre. Si ellos van con todo, a la gente, aquí, también le toca responder con todo”, narra un joven que confirma que la cita, para hablar del tema, está cancelada por razones de fuerza mayor. El fragor de los enfrentamientos se descubre en los avances y

⁷⁹ Entrevista com moradora do bairro. Medellín, fevereiro de 2014.

retrocesos de las fuerzas armadas ilegales, calle a calle. Hace sólo tres meses había presencia paramilitar en un sector de este vecindario conocido como La 29, en el cruce con la calle 107B. Los embates de los milicianos de izquierda los obligaron a replegarse. “Hubo muchos muertos”. Pero los “paras” siguen muy cerca, a sólo doce cuadras en la entrada del barrio San Pablo, en la carrera 34 con calle 97.(GIRALDO, 2002)

Como era a vida para um jovem num bairro como este? A entrevista com Esteban deu sinais para entender essas lógicas do bairro e as formas de sobrevivência:

Usted no podía pasar por una parte, por otra, porque lo iban matando, así, sin saber porque. Había mucha oscuridad porque usted pasaba de una calle para otra y ah! usted que está haciendo acá y pum! lo mataban. Sin razón, porque lo tomaban como un carrito [mensajero] que viene del otro lado y lo vamos a matar aquí, entonces era muy complicado caminar.⁸⁰

Essa expressão “havia muita escuridão” da conta do difícil que era ver claramente o panorama do bairro, não havia critérios para compreender a realidade (DAS, 2008a). Não era fácil identificar as lutas pelo controle, as alianças e as rupturas entre os mesmos grupos, reconhecer as fronteiras invisíveis, obedecer à ordem imposta nesses territórios. Obedecer, ou como ele mesmo fala “Hacer caso” converteu-se para Esteban numa tática para sobreviver num lugar onde as soberanias dos diferentes grupos estavam sempre em disputa (URIBE DE HINCAPIÉ, 1998).

Segundo a narração de Esteban a situação do bairro mudou quando os três grupos milicianos dos setores de Brisas, La Esperanza e La Avanzada uniram-se para acabar com o grupo paramilitar da 29, que controlava a rodoviária de ônibus do bairro. De alguma maneira Esteban celebrava a possibilidade de que só um dos grupos tivesse o poder. O perigo maior radicava na pluralidade de forças em disputa pelo controle do território, de seus recursos e habitantes (KALYVAS, 2001).

Quem eram esses homens que tinham o controle sobre o bairro? Tanto podiam ser protetores como inimigos. Porém, para Julián eles eram “filhos do bairro”. Apesar dos investimentos da prefeitura e as melhorias nas condições de vida dos moradores, a realidade que Julian observava era de dificuldades nas condiciones de sobrevivência de muitos dos moradores. Para transformar esta realidade, Julián formou grupos de trabalho para tentar dar solução às necessidades mais urgentes: construir casa, melhorar as ruas, atender as

⁸⁰ Entrevista com Esteban. Medellín, agosto de 2012.

necessidades básicas de alimentação e promover atividades sociais e culturais. A participação da comunidade foi massiva. Aos poucos estas ações foram tomando força no espaço público, recuperandô-lo para os moradores do bairro. O projeto além de apoiar-se no trabalho comunitário e nas lideranças, convocou outros agentes governamentais e sociais. Contudo, segundo palavras de Julian:

Pero nos dimos cuenta que nos faltaba un actor muy importante y era el actor armado y era muy importante porque eran muchachos nacidos y criados en el barrio, porque eran miembros de las familias del barrios, eran los amigos de los muchachos del barrio, los vecinos. Eran personas que formaban parte de un conflicto muy absurdo, ellos ni siquiera sabían qué era.⁸¹

Julián acreditava que para viabilizar esses projetos era necessário integrar aos jovens que faziam parte dos grupos armados, para lograr esse objetivo iniciaram, entre 2004 e 2005, um processo de reconciliação e perdão. Tinha dois objetivos, primeiro uma negociação com alguns dos grupos armados que faziam presença no bairro para evitar mais confrontos armados e para não hostilizar a população.⁸² Em segundo lugar procuravam a reconciliação e o perdão entre os vizinhos do bairro e os grupos armados (Ver fotos no. 3 y 8, p. 93). Com o apoio da OEA, Nações Unidas e ONGs locais começaram a fazer oficinas de paz e reconciliação e reunir aos integrantes dos grupos armados com os líderes da comunidade.

Para Julián esses jovens eram filhos do bairro e deviam ser considerados como tal. Ao referir-se a eles como filhos, Julián tentava integrá-los numa condição de igualdade com os outros habitantes. Não continuariam a ser homens com poder armado, senão filhos, irmãos, amigos. Para isso, segundo o sacerdote, era necessário compreender as razões pelas quais haviam ingressado aos grupos armados. Para Julián, o ingresso nos grupos de paramilitares ou de milícias esteve determinado mais pela sobrevivência que pela ideologia. Blair e Quiceno (2008) analisam como em muitas ocasiões fazer parte dos grupos armados era uma forma de sobrevivência para os jovens. Embora também existam testemunhos que argumentam a vingança e o desejo de poder e o reconhecimento como motivações (MEDINA FRANCO, 2006).

⁸¹Entrevista com Julian Gómez. Medellín, junho de 2012

⁸²O ambiente na cidade era propício devido ao processo de negociação e reinserção dos grupos paramilitares com o Governo de Alvaro Uribe Vélez. Concretamente na cidade de Medellín estavam na etapa da entrega das armas e o retorno à vida civil dos paramilitares.

Em Santo Domingo Savio agiam grupos armados com fortes nexos no território e sentido de identidade (JARAMILLO, A. M.; CEBALLOS. R.;VILLA, 1998). Por isso Julián acreditava que a maneira de lograr a reconciliação era, em primeiro lugar, reconhecer que não tinha razões ideológicas para as disputas entre os grupos, não era um assunto de guerrilheiros e paramilitares. Em segundo lugar, ver os jovens como membros da sua própria comunidade e fazê-los sentir como parte de aquilo que Julián chamava a “família de Santo Domingo”.

Essa ideia da família era uma forma de reconstruir os elementos de identificação no bairro. A relação com esses jovens não podia continuar sobo poder da coação, deviam estabelecer novos critérios para identificarem-se como membros de uma mesma comunidade. Muito antes de construir o mural e como parte das atividades realizadas no processo de reconciliação e perdão, propuseram a reconstrução da memória do bairro. Para lográ-lo convidaram aos moradores a levar fotos antigas para fazer com elas uma exposição na igreja. Os fotos lembravam os primeiros anos da fundação do bairro, os eventos importantes, os esforços dos primeiros moradores para criar um lugar digno para morar.⁸³

Afirmava Julián: “Yo empiezo a reconstruir la historia, a recordarles cómo eran ellos y a decirles miren que ustedes pueden volver a ser lo que eran”.⁸⁴ No interesse por lembrar-lhes como eles eram, Julián realizou um empreendimento de memória que tentou trazer ao presente aspectos valiosos da sua identificação como coletivo.

⁸³Entre as fotos da exposição estavam algumas tiradas pelo sacerdote Gabriel Diaz, um dos fundadores do bairro. Nestes bairros a igreja era um referente social e cultural e os sacerdotes tiveram um importante papel na sua fundação. O sacerdote Gabriel Díaz era um bom exemplo disso. Ele liderou as ações para o melhoramento das condições de vida dos vizinhos, como a construção do reservatório de água, as ruas de acesso, acompanhou as lutas para melhorar o transporte público, a construção da igreja, da cooperativa de Santo Domingo Savio, entre outras ações. Junto com ele a comunidade criou regras mínimas de convivência, umas formas de estar e de habitar que lhes permitia sobreviver e se sobrepôr às dificuldades. Ele enfrentou os urbanizadores que queriam apoderar-se do terreno e também as autoridades que queriam espoliar-los. Esta luta pela defesa do seu direito à cidade esteve baseada no principio moral da Não Violência: “Nada, aquí es con No Violencia Evangélica como nos vamos a ganar esta pelea”. (SUAREZ QUICENO; CARDONA, 2002). Foi precisamente em Santo Domingo Savio, em 1969, onde o sacerdote Gabriel celebraria o Primeiro Congresso Mundial da Não violência, com a assistência de representantes de vários países.

⁸⁴Entrevista com Julián Gómez. Medellín, junho de 2012.

5.3 A elaboração do mural: “En honor a nuestras víctimas. Que no nos vuelva a pasar”

Paralelo ao processo de reconciliação e perdão entre os grupos armados e os moradores, Julián reuniu-se com os familiares das pessoas assassinadas. Pediu que levassem à igreja, por escrito, o nome da pessoa assassinada, recopilaram mais de 670 nomes, com suas respectivas histórias.⁸⁵ Julián quis saber o que aconteceu com esses homens e mulheres, como essa morte afetou a família, as consequências emocionais e sociais das mortes. Era um momento no qual na Colômbia não se falava publicamente de reparação às vítimas: aqueles que tinham reconhecimento na esfera política nacional eram os perpetradores, os chefes dos grupos paramilitares no processo de negociação com o governo.

Posteriormente, com apoio psicológico, estabeleceram mesas para o diálogo entre os familiares das vítimas e os integrantes dos grupos armados. A partir de ali começaram a preparar um evento de encontro público de perdão e solicitaram às famílias autorização para criar um mural e escrever nele os nomes das pessoas assassinadas nos últimos anos.

O trabalho de construção do mural demorou três meses, aproximadamente. Nele participaram jovens que faziam parte das atividades da igreja e alguns que pertenciam aos grupos armados, assim como familiares de pessoas assassinadas (Ver foto no. 9, p. 93). Tomaram a decisão de fazê-lo na parede posterior da igreja. Em quanto era construído, as pessoas davam sua opinião sobre o que fazer, quais cores usar, que imagem devia agregar, entre outras. Os relatos sobre a construção revelam o altar sendo construído aos poucos e com a participação dos vizinhos. Os altares espontâneos podem ser construídos coletivamente num espaço de tempo relativamente breve, aqueles que os criam os sentem como próprios e cuidam deles. Na possibilidade da criação coletiva radica sua legitimidade e permanência no tempo (SANTINO, 2011).

⁸⁵Segundo afirma Julián, essa documentação foi destruída. Na entrevista com uma das moradoras, ela perguntava por esses papéis onde escreveram as histórias: “donde habrá quedado eso, es que es muy impresionante”. Na visita ao arquivo da igreja encontrei muita documentação deixada ali por Julián, fotos, panfletos, um diário de campo onde Julián registrava todas as atividades da Igreja. Não obstante essas cartas escritas pelos familiares não foram localizadas.

Os nomes das pessoas assassinadas foram distribuídos em colunas e escritos em cor preta, são cerca de 380 nomes. O mural tem na parte superior, com letras pretas a frase “En honor a nuestras víctimas. Que no nos vuelva a pasar” (Ver foto no. 1, p. 93). Essa frase foi dita por um dos assistentes das reuniões com os familiares das vítimas. Destaca-se o nome de Jorge Galeano, sacerdote que construiu a igreja, já morto, mas não em circunstâncias violentas.

Na parte inferior, também com letras pretas está a frase “Haznos señor instrumentos de tu paz”. No centro tem um desenho de três aves. Algum tempo depois, na parte superior do mural foi colocado um cristo de tijolo⁸⁶, com a frase “El rostro de Cristo son los pobres. Puebla” (Ver foto no. 7, p. 93).

Julián lembra que nessa noite de outubro de 2005, quando apresentaram o mural à comunidade, chovia persistentemente, ainda assim muitos assistiram à cerimônia (Ver foto no. 4, p. 93). O mural estava coberto por lençóis brancos e os assistentes portavam velas brancas acesas. Quando o mural foi descoberto, alguns dos familiares falaram sobre seus seres queridos assassinados e os representantes dos grupos armados pediram perdão por suas ações (Ver fotos no. 4 y 6, p. 93).

Nos dias seguintes as pessoas levaram velas, imagens de santos, fotos e flores para colocar junto ao mural. Em varias ocasiones foram vistos chorando diante do mural: “la gente se paraba ahí a rezar y a llorar, eso parecía un cementerio”.⁸⁷ Santino (2011) sinala estes altares como lugares sagrados por ser o vínculo entre a morte e a vida, um ponte de comunicação entre os dois mundos.

As velas, as orações, o choro, a visita diária, o fato de passar perto e fazer uma benção, tocar o nome e orar, criaram um ritual de duelo que permitiu expressar publicamente as perdas, o mural transformou-se num espaço de comemoração. Porém, o fato da criação material do mural, a parede com os nomes e a mensagem é também uma forma de inscrição da memória, uma forma privilegiada de transmitir a memória, segundo afirma Connerton (1993).

⁸⁶ O sacerdote Gabriel Díaz, junto com os vizinhos, construiu uma igreja pequena. Nessa igreja todos os santos eram de tijolo, incluso o cristo. A construção desse antigo cristo foi uma história contada repetidamente pelos moradores. Para eles esse cristo era o rosto dos pobres, uma frase dita pelos habitantes de Santo Domingo Savio muito antes que fosse promulgada em Puebla em 1979 (SUAREZ QUICENO; CARDONA, 2002). O cristo de tijolo fazia referência às suas origens como comunidades e as dificuldades enfrentadas.

⁸⁷ Entrevista com moradora do bairro. Medellín, fevereiro de 2014

No obstante, a frase “para que nos vuelva a pasar”, deixa clara a responsabilidade social do fato de lembrar, não era só o passado que estava ali inscrito, era também uma ideia de futuro coletivo. O mural não era só uma forma de expressão de uma pena, também era uma forma de ação política, no sentido de que o mural demandava mudanças e reconhecimento do passado. O mural asinalava um horizonte ético ao demandar que esses fatos não acontecessem de novo (MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, C, 2011, SANTINO, 2011).

Dias depois realizaram outros eventos públicos nos quais integrantes dos grupos armados admitiram alguns dos assassinatos, explicaram as circunstâncias nas quais aconteceram, reconheceram o erro e expressaram sua vontade de deixar as armas e iniciar uma vida diferente, por último pediram perdão aos familiares das vítimas. Em alguns casos as famílias aceitaram e perdoaram, em outros se negaram a perdoar e desconfiaram do processo porque achavam que não estava sendo dita toda a verdade.

Como vimos este altar espontâneo não responde a um fato pontual, pelo contrário, faz referência a uma situação que se apresentou durante vários anos. Ainda assim consideramos que se ajusta à definição de altar espontâneo porque é o resultado da ação conjunta entre os membros de uma comunidade, foi construído num lugar público e propiciou uma ritualização pública do luto, mas também uma expressão do descontento social e da demanda por mudanças.

Entre estas duas iniciativas de memória, o muro e a exposição das fotos para reconstruir a história do bairro, convergem duas fortes representações, uma do passado e outra do presente: a cruz de tijolo representa os inícios precários e os fortes vínculos sociais; o mural representa as últimas décadas nas quais o bairro presenciou a morte de seus habitantes, em alguns casos nas mãos de seus próprios vizinhos. À narrativa de luto, fortemente presente nos nomes dos ausentes, agrega-se outra que falava de família, perdão, de um passado comum e a possibilidade de um futuro. O simbolismo religioso católico, a cruz de tijolo como representação do passado, no entanto, faz referência ao perdão dentro do cristianismo. Outro elemento de convergência é a presença de nomes de pessoas que não morreram violentamente, porém foram importantes na criação de Santo Domingo Savio.

Doss (2006, 2002) afirma que nos altares espontâneos elaborados nos Estados Unidos, é muito forte a manifestação do proselitismo evangélico e cristão, que oculta temas sociais de peso como a alienação juvenil e a violência armada. Embora neste caso o discurso Cristiano seja relevante, consideramos que no mural também existe um forte conteúdo político, devido a que o altar o altar supõe uma discussão sobre o passado, colocando em primeiro plano elementos da identificação e ao mesmo tempo de dissolução. Entre o passado comum e o presente marcado pelas fraturas sociais, o altar criou um espaço para a socialização das emoções e percepções sobre os fatos. Era necessário deter essa estela de morte, mas também pensar sobre as razões destas mortes, as responsabilidades e as formas de evitar que acontecesse de novo.

Quais são as histórias das pessoas que estão no mural ou daqueles que sobreviveram? Porque decidiram plasmar seu nome e/ou porque tomaram a decisão de retirá-lo? Não sabemos e lamentavelmente não conseguimos falar com familiares destas pessoas. Ainda hoje há uma forte resistência de falar com estranhos e fazer referência ao passado. Como afirmava uma das entrevistadas “Yo hablo de todo, pero yo para la violencia si tengo muy mala memoria”.⁸⁸ Porém nas entrevistas e na informação obtida na imprensa local, há pistas sobre quem eram as pessoas que estavam no mural e as razões para estar ali, assim como aqueles que faltam. De alguma maneira o mural está conformado pelos que estão ali, pelo que foram apagados e por aqueles que faltam.

Segundo Esteban:

La mayoría de los que están en ese mural son los que estaban en los combos. Cuando el padre [Julián] tuvo la idea de hacer el mural, él le dijo a la gente tráigame los nombres de las personas que han matado. Y de una, más que todo las mamás de los pelos que cayeron en el conflicto, no inocentes sino los otros, los malitos, la mitad del mural es para ellos, la gente inocente a poquitos que están en ese muro.⁸⁹

Quando Julián realizou a convocatória para levar os nomes dos mortos violentamente, não fez distinção alguma, não falou de vítimas ou perpetradores. A ideia de que os jovens que faziam parte dos grupos armados eram “filhos do bairro”, o levou também a pensar que deviam estar no mural:

Nosotros no podemos juzgar al otro, no podemos sesgar al otro no lo podemos señalar, no lo podemos clasificar, porque es que aquí todos

⁸⁸Entrevista com moradora do bairro. Medellín, fevereiro de 2014.

⁸⁹Entrevista com Esteban. Medellín agosto de 2012.

de alguna manera somos culpables de lo que está pasando. Hay unos que de manera más directa son actores del conflicto, pero yo creo que todos debemos ponernos la mano en el corazón en el tema del conflicto.⁹⁰

Também se faz necessário pensar o fato de que as famílias responderam à convocatória da Igreja e incluíram os nomes de seus mortos, sem importar se fazia parte ou não dos grupos armados. Esteban incluiu na lista seu amigo da infância, assassinado pelos milicianos. No seu relato é um dos primeiros eventos a aparecer e, de alguma maneira, permeia toda sua narrativa. Embora Esteban frequentasse os mesmos locais que alguns desses jovens que morreram, ele só narrou o acontecimento da morte do seu amigo com detalhe. Prova do significativo que esse evento era na sua vida e, portanto, a importância do nome no mural. Esteban também reconhece que na lista está um miliciano que o aconselhava e que, presumivelmente, foi o responsável pela morte do seu amigo. Neste caso a coexistência no mural do amigo da infância e do miliciano não é estranho para ele, o que expressa é tristeza pelas vidas perdidas.

Como Esteban, alguns desmobilizados que participaram na construção do mural agregaram os nomes de seus amigos assassinados. De acordo com Julián, “fue bonito, porque los mismos muchachos del conflicto iban y ponían al parcero que les habían matado, entonces fue muy bonito porque ellos también tuvieron la oportunidad de expresar su sentimiento”.⁹¹

Com o passar do tempo ao mural foram agregados nomes. Eram diferentes dos demais porque estavam escritos com caneta ou com outra cor. Ao perguntar os motivos para essas adições responderam que eram pessoas que haviam morrido após ser elaborado o mural, eram os “colados”. Alguns deles morreram violentamente, no entanto havia outros que morreram por uma doença. O gesto de agregar os nomes, de permanecer quase intacto desde sua construção oferece algumas pistas para compreender a importância deste altar espontâneo, não só como uma representação do passado senão também do presente devido a que a ele são agregadas as perdas recentes. Como afirma Grider (2011) o altar perdurara vivo e incorporado à experiência da comunidade enquanto ela o mantinha ativo.

⁹⁰Entrevista com Julian Gómez. Medellín, junho de 2014.

⁹¹Entrevista com Julián Gómez. Medellín, junho de 2012.

No entanto, no mural faltam nomes: foram aproximadamente 700 as histórias compiladas por Julián na igreja, mas só 382 foram inscritos no mural. Segundo um dos entrevistados faltaram muitos mais. A primeira vez que surgiu o comentário sobre os nomes apagados do mural foi numa conversa informal com uma moradora do bairro. Ela afirmava: “El padre convocó a los pelaos y sacaron el listado, hay muchos nombres que fueron borrados porque la familia no estaba de acuerdo, pero la mayoría quiso que estuvieran los padres, los hijos, los tíos, los hermanos”.⁹² Quando quis saber pelas razões, uma mulher que estava sentada ao nosso lado respondeu: “de miedo de que se los volvieran a matar”⁹³. Segundo Esteban, alguns dos familiares afirmavam que seus filhos não deviam estar no mural junto com os membros dos grupos armados, por que eles não eram criminosos.⁹⁴

Num artigo que resenha a elaboração do mural, apresenta-se o caso de uma mulher que apagou o nome do seu filho do mural:

Blanca Margarita Mejía, viuda y ama de casa, perdió a Hernán Darío Bravo Mejía, “un buen muchacho y el mejor de los hijos”, pintor en Carpas Lufer; de 36 años, director de la banda marcial de Santo Domingo e integrante de la banda Ciudad de Medellín. El de él es uno de los pocos nombres que aparecen tachados en el mural.(...). Pocos saben por qué el nombre de Hernán está tachado, salvo sus hermanos, que nunca aceptaron que la vida de un ser querido se redujera a un nombre que se perdiera entre los nombres de quienes, a su juicio, lo mataron. Borrarlo de la lista es darle otro semblante a esa muerte que, aunque fue violenta, no quieren recordarla como un capítulo negro. “Él no era un mal muchacho”, recuerda su madre.” (HENAO, 2006)

Que acontece quando alguém decide comemorar os assassinos no mesmo espaço das vítimas? Grider (2011) analisa altares espontâneos criados após assassinatos coletivos em Columbine, Virginia Tech e Northern Illinois University. Os casos têm em comum o fato de que quanto aos altares, num momento determinado, alguém decidiu incluir os assassinos, resultando numa forte confrontação. Segundo a autora, antes de Columbine, não havia precedentes de comemoração dos assassinos. Imediatamente depois da chacina foram criados altares num campo próximo ao local dos fatos, todos para lembrar as vítimas. Mas num momento dado alguém decidiu colocar 15 cruzes, elas incluíam as treze vítimas e os dois assassinos. As cruzes estavam dispostas numa pequena colina, nos extremos eram facilmente identificáveis as

⁹²Entrevista com moradora do bairro. Medellín, julho de 2012.

⁹³Entrevista com moradora do bairro. Medellín, fevereiro de 2014.

⁹⁴Entrevista com Esteban. Medellín agosto de 2012.

cruzes que representavam Erick e Dylan, os responsáveis pelo massacre. Algumas pessoas começaram a colocar objetos e mensagens religiosos de perdão e reconciliação, outras deixavam mensagens de ódio. Por momentos as mensagens sobrepunham-se umas às outras, sobre uma delas estava escrito “isto não tem perdão”, outro escreveu “perdão, perdão, perdão”. A presença das cruzes ativou a discussão sobre os assassinos, enquanto alguns afirmavam que os assassinos deviam ser esquecidos, outros se perguntavam o que levava os jovens a fazer este tipo de coisas. O pai de uma das vítimas retirou as cruzes que representavam os assassinos e as destruiu. Neste caso o altar refletia os conflitos entre as distintas perspectivas, se num primeiro momento houve um tom conciliador, logo após adquiriu contornos que refletiam esses conflitos. Os altares, segundo Grider (2011), convidam a uma grande variedade de interpretações, na expressão dessas diferentes posições radica sua natureza política.

Em Santo Domingo Savio o altar tinha um forte conteúdo religioso expressado no símbolo da cruz, objetos como bíblias, imagens religiosas, velas, retratos e no discurso da reconciliação e o perdão. Por momentos, em ambos locais, tanto em Santo Domingo Sávio como em Columbine, esse discurso religioso parece neutralizar a discussão política sobre o que passou e sobre as consequências do que viveram. No entanto, colocar no mesmo altar as vítimas e responsáveis desencadeou um conflito de perspectivas na comunidade.

Colocar as cruzes para lembrar aos assassinos em Columbine derivou numa reação pública de apoio à iniciativa, mas também de ódio e de rejeição contra os dois jovens responsáveis pela chacina. Porém, como afirma Grider, em Columbine não existiu uma discussão sobre as políticas de controle de armas ou sobre a situação dos jovens na sociedade, entre outros. Foi privilegiado o discurso condenatório ou o discurso religioso.

Em Santo Domingo Savio a reação das pessoas que não estavam de acordo com que se acrescentassem os assassinos ao cenário de celebrações não foi tão dramática como descrito por Grider em Columbine: elas discretamente apagavam seus familiares do mural. Todavia, os testemunhos deixam claro a forte controvérsia e a discussão gerada. Não podemos esquecer que os jovens que estavam no processo de reinserção e de perdão

liderados por Julián, eram membros dos grupos armados e que a denúncia dos moradores era que eles não haviam abandonado as estruturas de poder e que continuavam com as ações ilegais. Manifestar-se publicamente contra o mural não era fácil, o medo impunha-se nas relações com esses grupos armados.

No obstante isso, devemos considerar o valor político que tem o fato de apagar os nomes. Esse gesto simples estava manifestando uma posição em relação com o processo, demandando dignidade para a memória das vítimas e também colocando em discussão a possibilidade da reconciliação entre os vizinhos. Um só gesto que incluso podia passar despercebido, questionou o processo, mas também o poder desses grupos. Era uma ação tática que estava consciente do desequilíbrio de poder, não se opondo publicamente ao processo de reinserção, mas que faz uso de ações discretas para expressar-se (SCOTT, 2000).

5.4 Os significados do mural: “El mural es sagrado”

Tal como nos altares analisados anteriormente, o mural com nomes é uma representação efetiva, convincente e contundente do que Santo Domingo Savio viveu como comunidade. A dimensão da tragédia está plasmada na lista com os nomes, onde não há datas, nem circunstâncias, nem responsáveis, nem sequer um indício da história de vida de cada um. O mural representa a dimensão do sofrimento e da perda para um coletivo. Revela a importância do esforço por recuperar a memória do passado de violência, mas também as formas de reação e de resistência frente a essa situação.

O mural expressa a vontade de fazer algo para pôr limites, a urgência por dotar de sentido uma realidade que superava sua capacidade de discernimento. Os significados do mural são múltiplos. Surpreende porque ainda que tenhamos entrevistado poucas pessoas, essa pequena mostra evidenciou os conflitos inerentes a sua construção. A intensidade das emoções em lugar de mostrar um acordo sobre o passado, proporcionou as chaves para entender os diversos significados da memória. Uma disputa política pela

definição desse passado, no qual expressam a possibilidade ou impossibilidade do reconhecimento, a reparação e a dignidade das pessoas (JIMENO, 2010).

Para Julián o mural é sagrado.⁹⁵ Para Esteban, o mural é “algo muy bonito, es el recuerdo de todos los que cayeron en el barrio, todos los que cayeron violentamente en el barrio”.⁹⁶ Existem também aquelas posições de moradores que acham que o mural é uma “má imagem” para o bairro⁹⁷. Segundo um dos entrevistados os visitantes acreditariam que o bairro era perigoso devido a que era o único em Medellín com um mural com os nomes de pessoas assassinadas. Outros achavam que o mural era uma tramóia para as pessoas do bairro. Segundo eles os integrantes dos grupos armados não tinham dito toda a verdade em relação com o acontecido no bairro e também não tinham abandonado suas atividades ilícitas.

A violência prolongada por décadas destruiu as capas de confiança do coletivo. Kai Erikson (2011) afirma que a confiança é a conquista mais difícil e mais frágil. O processo de reconciliação e perdão promovido por Julián estava pensado para reconstruir essa confiança. Atividades esportivas e culturais realizadas na rua para retomar o espaço público, incluir aos integrantes dos grupos armados em muitas dessas atividades, fazer obras sociais para o benefício do bairro, todas elas eram ações que buscavam recobrar essa confiança. No entanto, para os vizinhos resultava central que a verdade fosse dita, só assim era possível recompor os laços sociais. Como afirma Erikson reconhecer o dano é central para sanar as feridas sociais. As situações traumáticas que destroem os vínculos sociais são aquelas provocadas por seres humanos que não reconhecem sua responsabilidade. Seguindo a Erikson, o que causa o dano não é a natureza do acontecimento, senão a maneira como as pessoas reagem diante destes acontecimentos(2011).

O momento para reparar esse dano parecia ser o da confissão pública que Julián estava promovendo. Porém pedir perdão publicamente não era suficiente, eles precisavam clareza em relação com os fatos, aceitar seus erros e devolver a dignidade às pessoas mortas. O reconhecimento que demandavam para seus filhos passava por diferenciá-los dos outros, por

⁹⁵Entrevista com Julián Gómez. Medellín, junho de 2012.

⁹⁶Entrevista com Esteban. Medellín agosto de 2012.

⁹⁷Entrevista com morador do bairro. Medellín, fevereiro de 2014. Faço essa observação devido à publicação de um artigo num jornal local (HENAO, 2006), o qual integralizou sobre iniciativas de memória em Medellín (MEDELLÍN. ALCALDÍA. PROGRAMA DE ATENCIÓN A LAS VÍCTIMAS, 2010).

reiterar seu caráter de vítimas e que eles não participavam dos grupos armados.

De alguma maneira Julián sabia que esse era o verdadeiro obstáculo que enfrentava o processo de reconciliação e perdão. Não se tratava de perdoar e esquecer, mas a alternativa de expor a verdade, com todas as implicações em termos de responsabilidades e de inter-relações entre os diferentes acontecimentos e seus autores, era um trabalho que desencadearia sentimentos e reações sobre as quais os promotores desse processo não teriam nenhum controle.

Porque neste caso o reconhecimento era central na discussão pública sobre a memória? Porque sem esse reconhecimento do dano, não era possível elaborar ao luto e construir uma memória sobre o vivido (GONDAR, 2012). Em vários momentos Julián narrou situações de mães indignadas, profundamente chocadas pelo fato de que as pessoas responsáveis pela morte de seus filhos tinham uma estreita relação com a igreja, estavam ocupando espaços que eram cotidianamente habitados por elas. Para elas a petição pública de perdão não parecia ser suficiente e aumentava a condição de vulnerabilidade em que elas estavam. Como afirma Gondar, em sua leitura de Ferenczi, “reconhecimento implica em primeiro lugar, reconhecer a vulnerabilidade do outro”. (GONDAR, 2012)

Não podemos esquecer que o altar inclui tanto as vítimas como a atiradores. O que significa que houve mães, irmãos, amigos, que colocaram ali seus seres queridos apesar de terem sido responsáveis pela morte de pessoas ou por cometer delitos. Eles também demandavam seu direito de fazer um luto e manifestar publicamente seu sofrimento pela perda.

O comum entre os moradores de Santo Domingo Savio era sua vulnerabilidade. Como afirma Judith Butler(2006), “la pérdida nos reúne a todos en un tenue nosotros”. O comum nesse coletivo era a perda e a vulnerabilidade diante da violência, era sobre esse fundamento que Julián achava possível criar uma ideia de nós, aquilo que ele chamava a “família de Santo Domingo Savio” ou seria a “comunidade afetiva” de Jimeno (2010) ou o “nós” de Butler(2006).

Rosalba Cardona, líder comunitária, afirmava numa entrevista ao jornal El Colombiano em 2006, “[el mural] era el recuerdo de una guerra pasada y

en algo superada, en la que todos perdimos a alguien o algo, pero perdimos” (HENAO, 2006). Nesta afirmação pode estar a chave para compreender a posição de Julián e de todos aqueles que incluíram seus amigos e familiares no mural.

A atenção do mural não estava só naqueles que tinham morrido, estava também nos sobreviventes, na sua dor e na forma como afetou suas vidas. O mural representa essas perdas. As demandas legítimas e justas dos familiares das vítimas por reconhecimento têm outra face. Essa face questiona moralmente os fatos. Mas as perdas ocorrem também entre os familiares e amigos dos integrantes dos grupos armados também assassinados. Esta dor parece difícil de compreender e de aceitar, inclusive apresentam-se expressões de rejeição diante das expressões públicas de dor destas pessoas, uma mulher numa entrevista afirmava: “ hay una señora que llora y se persigna cada vez que pasa por ahí. Pero no cuenta a cuantos mató el hijo”.⁹⁸

Entre todas essas pessoas que levaram flores e acenderam velas no mural havia familiares e amigos desses jovens. Que reflexão deveria suscitar um jovem que faz parte de uma banda e inscreve seus amigos ou parentes entre a lista de seus mortos. Há lutos legítimos e outros ilegítimos? Butler pergunta-se diante da violência recente, quem conta como ser humano? Quais são as vidas que contam? Que é o que faz que uma vida seja digna de chorar-se? É sobre a base da perda que é possível formar um nós. Nossa vulnerabilidade é o resultado da interação social. Ser conscientes dessa vulnerabilidade permitira demandar soluciones políticas e negociadas, não militares. (BUTLER, 2003).

O mural era uma oportunidade para dar sentido e uma orientação política ao luto coletivo. Pôr os nomes de seus mortos, de todos seus mortos, era reconhecer e identificar o sofrimento próprio no rosto do outro. A expressão pública desse sofrimento que lhes era comum apagava as relações de poder e coação e os igualava a todos numa mesma posição.

Falar do que tinha acontecido e fazê-lo publicamente na elaboração do mural e nas reações que gerou significou criar as condições de elaborar o luto público, construir uma narrativa das perdas. Nas diversas camadas de significado do mural, contraditórias, dicotômicas, excludentes, havia um ponto

⁹⁸Entrevista com moradora do bairro. Medellín, fevereiro de 2014

em comum, um relato no qual coincidiam todas elas, era a narrativa do luto. Na base de todo o processo estava o reconhecimento da vulnerabilidade, é precisamente ali, como afirma Butler, onde a dor é transformada em recurso político ao fazê-la pública, ao demandar evidenciar a magnitude da violência, ao mostrar que não aconteceu só com uma família ou pessoas, pelo contrário, afetou boa parte dos vizinhos do bairro. É política por sua demanda de memória e seu clamor para que não aconteça de novo.

Ao fazer a pergunta por quem merece um luto e quem não, quais vidas merecem ser choradas, o mural destacou as perdas como base para a construção da comunidade política. Se a violência tinha rompido os laços sociais, fazer público o sofrimento, e que o mesmo fosse reconhecido por todos, permitiria recompor a comunidade política através da configuração de uma comunidade emocional ou afetiva (JIMENO, 2010).

Como vimos, recuperar a memória de décadas de violência não foi um processo livre de conflitos. Diferentes narrativas de luto disputaram o espaço público, cada uma reivindicando sua própria dor. Todavia, manter esse espaço intato, permitindo-lhe a agregação de nomes, que as pessoas interajam constantemente com ele, além das tantas discussões e divergências sobre seu significado, isso tudo também se revela uma confirmação do seu poder simbólico e emocional.

6. O GRAFITE PARA PAULA ANDREA E MAGALY: “JUGANDO CON CHISPITAS MARIPOSA”⁹⁹

No capítulo anterior analisamos o mural em Santo Domingo Savio. Como explicamos não houve um acontecimento que incitara sua elaboração, mas sim décadas de violência nas quais muitas pessoas presenciaram a morte de familiares, amigos, vizinhos. O mural eo processo de reconciliação de que fazia parte, procurava reconstruir, a partir do reconhecimento da vulnerabilidade, a confiança perdida. No caso do grafite de Paula Andrea e Magali que apresentaremos neste capítulo, também há uma luta pelo reconhecimento da perda. Porém o altar era uma forma de evitar que o silêncio se impusesse. Enquanto no caso de Santo Domingo o mural facilitou diálogo e a confrontação sobre as narrativas do passado, no grafite das duas jovens universitárias vemos o esforço por criar outra memória que devolva a dignidade às jovens mortas. O objetivo é evitar que o silêncio tome a forma do rumor e da mentira, o que acabaria por ser a única memória das jovens. Se o mural é um intento por unir novamente uma comunidade, o grafite evidencia a ruptura, de como o medo pode romper os vínculos sociais.

Na faculdade de Humanidades da Universidade Nacional, sede Medellín, há um grafite com duas borboletas, os rostos de duas mulheres jovens e a frase: “Todo es un respiro, nada es lo que fue, solo está su canto, Paulandrea y Magaly, como una música en el claro tímpano de nuestra memoria. Feb. 18 de 2005. Est. UN” (Ver foto no. 1, p. 121). O dia 10 de fevereiro de 2005 - no meio dos protestos liderados por um grupo de estudantes contra a assinatura do Tratado de Livre Comercio, TLC, entre Colômbia e os Estados Unidos-, resultaram gravemente feridas e posteriormente morreram, devido à explosão de substâncias usadas para a elaboração dos explosivos, as estudantes da Universidade Nacional, Paula Andrea Ospina e Magaly Betancur. Pouco depois da morte das estudantes, Teresa e Rosana¹⁰⁰, colegas de Paula, realizaram um grafite para deixar os sinais na universidade do trágico acontecimento.

⁹⁹ “Chispitas mariposa” é um jogo de artifício para crianças, aparentemente inofensivo.

¹⁰⁰ Os nomes foram cambiados por solicitação das entrevistadas.

6.1 As criadoras: “Yo iba enfilada para el mismo destino trágico”

Em 2005 Teresa e Rosana eram estudantes de Ciência Política na Universidade Nacional em Medellín. Conheceram-se na faculdade e criaram fortes vínculos de amizade, “tal vez porque teníamos histórias de vida muy parecidas” afirmava Rosana. As duas jovens tinham a mesma idade e vinham de famílias de classe média. Seus pais tinham participado de movimentos de esquerda na Colômbia, no entanto o tempo marcou diferenças na forma como cada um deles relacionava-se com esse passado. Para alguns era um assunto doloroso do qual era difícil falar, para outros era mais tranquilo. Nenhuma das duas teve em suas famílias estímulos para participar da atividade política, pelo contrário, seus pais mostraram bastante receio diante da participação das jovens nos movimentos universitários. Para todos era inquietante, uns temiam as traições, outros enfrentar a morte dos colegas e a culpa por tê-los sobrevivido, como afirmava o pai de Teresa.

A militância dos pais revelou-se para as jovens na faculdade, foi ali onde realmente dimensionaram essa ação política e seus efeitos. De repente num mundo que parecia completamente distante daquele da família, o passado dos pais se revelou bastante próximo de sua realidade. O pai de Rosana é caricaturista e ela encontrou num arquivo da sala de estudantes uma revista na qual havia um desenho feito por ele. Instintivamente ela guardou o papel, era um mecanismo de defesa que havia aprendido precisamente com seus pais, “que no me relacionen con nadie, que no sepan nada de mí”. Para Teresa a surpresa foi descobrir a relevância no mundo sindical e político de seu avô e seu pai. Depois, no grupo de H.I.J.O.S¹⁰¹, deu-se conta de que sua história de vida era quase uma exceção no meio das histórias de vida de todos esses jovens que haviam perdido seus pais assassinados por sua militância. Seu pai era um sobrevivente, isso a tornava diferente aos demais: “Y cuando me encuentro con mi papá y nos ponemos a hablar, él lo nombra así, ‘es la culpa

¹⁰¹ H.I.J.O.S. Colombia, Hijas e Hijos por la identidad y la justicia contra el Olvido y el Silencio. Organización internacional formada pelos filhos das vítimas do terrorismo de Estado.

del sobreviviente’, me dice, ‘qué fue lo que hice mal que no terminé como ellos?’.¹⁰²

Tanto o pai de Teresa como o de Rosana para falar sobre seu período de militância, decidem escrever para as filhas. O pai de Rosana escreveu mais de 40 páginas contando sua trajetória na esquerda. Para o pai de Teresa não foi fácil, ela pediu-lhe escrever um texto para comemorar o ano 1987, nesse ano foram assassinadas 17 pessoas da Universidad de Antioquia, uma deles era amigo do seu pai, é assim que o pai aproveita o momento para falar sobre sua militância:

Claro que con mi papá no es como, sentémonos a contarnos historias, no. Reserva del sumario. Sólo un día cuando íbamos a hacer el acto de conmemoración del 87 en la U, yo le pedí un texto o algo para los que estábamos organizando el evento, para saber qué pasó. Se tomó su tiempo y luego me mandó un escrito entre la ficción y la realidad sobre su amistad con Pacho Gaviria. Escribe un texto, no habla. Se guarda muchas cosas, no habla desde la vivencia es más una crónica de alguien que está en el lugar de los hechos, habla de acciones concretas no de su subjetividad. También es un poco un rayón por ver que buena parte de sus amigos y conocidos fueron asesinados.¹⁰³

Para Teresa e Rosana, a militância dos pais tem um contexto trágico, uma ação política feita entre a melancolia e a tristeza. Por um momento seu próprio ativismo político parecia estar encaminhado nessa direção. Teresa, ao refletir sobre os acontecimentos de fevereiro de 2005 afirmava “Yo iba enfilada para el mismo destino trágico. Cuando pasa algo tan cerca uno piensa, no quiero tener muertos para coleccionar, es muy fuerte”.¹⁰⁴

Seu ingresso na faculdade da Universidad Nacional de Medellín¹⁰⁵ coincide com o ressurgimento do movimento estudantil, não só em Medellín, senão em todo o país (Ver foto no. 3, p. 121). Segundo Mauricio Archila (2012), o movimento estudantil entre 1991 e 2011 viveu um período de crise e recomposição. O processo que em 1990, na Colômbia, derivou numa constituinte e na promulgação de uma nova constituição em 1991, teve como protagonistas aos movimentos de estudantes que demandavam mudanças nas

¹⁰² Entrevista com Teresa. Medellín, julho de 2012.

¹⁰³ Entrevista com Teresa. Medellín, julho de 2012.

¹⁰⁴ Entrevista com Teresa. Medellín, julho de 2012.

¹⁰⁵ A Universidad Nacional de Colômbia é uma instituição pública de educação superior, criada em 1867. Hoje é considerada a melhor universidade do país e uma das 200 melhores do mundo, de acordo com a consultora britânica Quacquarelli Symonds. A universidade tem campus em vários estados, entre eles em Antioquia.

regras de jogo do país. Porém na década de noventa também esteve marcada pelo fim do socialismo e a implantação na Colômbia do neoliberalismo. Ainda que a nova constituição garantisse e ampliasse os direitos sociais, econômicos e políticos, a aplicação das políticas neoliberais debilitou ainda mais a economia e as condições de vida da população. Rapidamente fizeram reformas à educação.

A Lei 30 de 1992 pretendia adequar os entes universitários às demandas do contexto global. Isso significou entre outras coisas, uma maior vigilância por parte do Estado às instituições de educação superior, mas também diminuíram os aportes econômicos às universidades. A eleição das autoridades universitárias foi reformada, criando processos participativos para a eleição, porém outorgando a decisão final aos conselhos superiores universitários. Todos estes temas foram pauta para a renovação da mobilização estudantil na década de noventa. Mais tarde, durante o governo de Álvaro Uribe Vélez, as pautas do movimento estudantil posicionavam-se contra o referendo proposto pelo governo que pretendia modificar a constituição e assinar um Tratado de Livre Comércio entre Estados Unidos e Colômbia. No primeiro, a mobilização cidadã triunfou, contudo não no segundo ponto. Todavia a ação política foi importante para romper com a aparente unanimidade que imperava na opinião pública e que estava fortalecendo o autoritarismo do governo.

Entre 2003-2004, concretamente na Universidad Nacional a eleição para reitor de Marco Palacio significou um forte enfrentamento como movimento estudantil e com o professorado. Nas reclamações à administração estava o querer encaixar a universidade dentro dos requerimentos da globalização e o neoliberalismo, debilitando assim o acesso à educação pública (ARCHILA NEIRA, 2012).

No meio da mobilização por pautas referentes à Universidad Nacional, mas com relação direta com a política da educação superior do país, o movimento estudantil da Universidad Nacional, sede Medellín, foi tomando força. Quando Teresa e Rosana ingressaram na faculdade encontraram este panorama e foram partícipes do crescimento e organização deste movimento.

Começaram a participar de organizações de estudantes como a chamada "Oficina de Estudiantes"¹⁰⁶.

Na Oficina de estudantes conheceram Paula Andrea Ospina, estudante de Ciência Política. Paula Andrea era uma boa estudante, foi assistente do professor em vários cursos e era muito ativa dentro da universidade. Rosana teve pouca proximidade com Paula. Teresa foi mais amiga, participavam juntas de algumas atividades na Oficina de Estudiantes, compartilhavam aulas e passavam tempo juntas dentro e fora da faculdade. Para Teresa, Paula "(...) era polvorita. Ella pensaba que estaba jugando con todo. Era como con un muchachito chiquito, no allá no se meta"¹⁰⁷. A descrição que ela faz é de uma jovem muito ativa, atraente por sua forma de ser e seu dinamismo:

Empezamos a salir a teatro a cine, a bailar a hacer cosas juntas, contrario a la otra gente que era exclusivamente en la Oficina [de Estudiantes]. La primera vez que estuvimos juntas en un tropel en la Nacional ella fue directo para la cocina y un amigo me dijo 'saca esa muchachita de allá'. Y yo la saqué y le dije no te metas que eso no se puede. Hey! pilas que como esta es hiperactiva quiere hacer de todo. En lo que me cuentan de la U de A [Universidad de Antioquia] es lo mismo, ella se metió donde le dio la gana. Es esa cosa de estar uno como devorándose el mundo y ella quería estar en todo. Muy bonita, entonces todos querían estar con ella. Muy atravesada. Muy confiada, casi retadora.¹⁰⁸

Sobre Magaly Betancur obtivemos pouca informação. Teresa e Rosana não tinham proximidade com ela. No entanto, nas notas que os estudantes escreveram num mural por ocasião da sua morte, surgiram algumas características da jovem. Ela era estudante de Engenharia e era descrita como uma mulher simpática, tímida e muito inteligente.

6.2 O acontecimento: "La hecatombe"

"Hecatombe" foi a palavra usada por Teresa para referir-se ao dia 10 de fevereiro de 2005. Hecatombe significa catástrofe ou grande mortandade. A

¹⁰⁶ A Oficina de Estudiantes é um espaço físico destinado para a interação dos estudantes. A Oficina propicia a criação de grupos de estudo, discussões acadêmicas e políticas. Também permite discutir assuntos relacionados com a vida universitária, sejam acadêmicos, administrativos ou de bem-estar. Fomentam atividades acadêmicas e culturais. Qualquer estudante pode fazer uso deste espaço físico.

¹⁰⁷ Entrevista com Teresa. Medellín, julho de 2012.

¹⁰⁸ Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012.

palavra vem do grego *hekatómbê*, significa sacrifício religioso de 100 bois. Por sua parte, um dos significados da palavra sacrifício é: a morte de pessoas em uma guerra ou por uma determinada causa. Esse dia aconteceu um evento crítico (DAS, 2008) que transformou suas vidas e suas percepções sobre assuntos que até então eram vitais para elas. As trágicas consequências fizeram com que o mundo tal e como era conhecido por elas mudasse e assim ressignificaram sua relação com a universidade e com o movimento estudantil.

O dia 10 de fevereiro de 2005, na Universidad de Antioquia uma centena de jovens preparava-se para realizar um protesto contra o Tratado de Livre Comércio (TLC) entre Colômbia e os Estados Unidos, que estava em rodada de negociações. Teresa e Rosana integravam grupos que iam fazer parte do “tropel”.¹⁰⁹ Cada uma tinha um pequeno núcleo de três pessoas com as quais devia agir e permanecer juntos durante os protestos. Estes grupos sabiam o que fazer e como agir. O dia do tropel Rosana anunciou a seus colegas que não ia participar, estava “angustiada”, parecia-lhe que o ambiente estava tenso, que as coisas não estavam bem. Rosana devia estar no mesmo grupo de Paula Andrea.

Os protestos iniciaram por volta das 11h. Os estudantes estavam localizados na Plaza Barrientos -área central da universidade e próxima da rua Barranquilla, principal entrada ao campus- e no prédio da Faculdade de Química onde tinham preparada a “cocinha”¹¹⁰ com as “bombas papas”¹¹¹,

¹⁰⁹O “tropel” é uma ação política e de resistência, historicamente usada nas universidades para expor uma crítica ou expressar uma opinião em relação com um tema controverso ou conjuntural ou para comemorar alguma data importante do movimento estudantil. Os participantes podem pertencer a distintos grupos políticos de esquerda que reivindicam a violência como forma de ação política. O tropel é em si mesmo um ritual. Quem faz parte da universidade pode distinguir facilmente os dias em que haverá tropel, pela quantidade de pessoas dentro do campus, pelos rumores dos dias anteriores, pelo ambiente tenso. Geralmente se reúnem jovens de diferentes universidades, inclusive estudantes de segundo grau. Os que participam costumam trocar a roupa e cobrir o rosto para não ser reconhecidos. Por esta razão são conhecidos na universidade como “encapuchados” ou “capuchos”. Num tropel varia o número de participantes, porém cada um deles pertence a um núcleo de cerca de 5 integrantes, com tarefas claras. Em geral saem de distintos prédios, um grupo faz pichações, outro invade a farmácia e as lanchonetes para tomar pela força o material que possa precisar, outros recolhem toda classe de objetos que possam ajudar para fazer bloqueios e muros de contenção contra a polícia. Finalmente estes grupos se dirigem até praça central da universidade, gritam palavras de ordem, entregam panfletos e lançam bombas papas para chamar a atenção da comunidade universitária. É ali quando começa o confronto com a polícia. Durante o governo de Álvaro Uribe foi autorizado o ingresso da polícia nos campus universitários, por conta disso os confrontos foram cada vez mais violentos, os estudantes usavam explosivos mais potentes e na polícia o uso de gases de efeito moral era ostensivo, colocando em risco a integridade física de todas as pessoas dentro do campus.

¹¹⁰Cocinha é o nome chave para designar o lugar onde serão preparados os explosivos ou “bombas papas” usados durante o protesto.

¹¹¹Bombas papa, é o nome dado a qualquer explosivo de impacto usado pelos manifestantes. Algumas vezes são pedras untadas de fósforo branco, enxofre e clorato de potássio que ao golpear o chão faz um forte barulho; outras são misturas per clorato com barras de alumínio branco e enxofre, envolvidas com

nome com o qual são conhecidos os explosivos usados durante os confrontos com a polícia. Os estudantes gritavam contra o TLC e lançavam bombas papas contra a Polícia, que respondia com gases de efeito moral.

Rosana havia decidido permanecer dentro da Universidade, para caso seus colegas precisassem de alguma ajuda. Teresa estava em companhia de outra jovem fazendo parte do “tropol”. Quando Teresa acercou-se do prédio de Química, onde estava a “cocinha”, se surpreendeu ao ver a quantidade de pólvora espalhada e o desordem. Não havia, como era de se esperar, um pequeno grupo sobre o comando, pelo contrário “havia demasiadas pessoas tomando conta”¹¹². A Teresa pareceu-lhe estranho, havia tanta gente que ela e sua colega preferiram voltar ao seu lugar. Quando chegaram ao final do corredor a cozinha explodiu.

Na Universidad de Antioquia costuma-se presenciar esse tipo de confrontações entre os estudantes e a polícia. Pelo mesmo aquele dia não era diferente de muitos outros. No entanto, essa explosão que fez tremer as paredes do campus, que impregnou o ar com cheiro de pólvora e pele queimada, é algo que nunca sairá da memória de quem ali estivemos. A explosão foi tão forte que deixou mais de 30 pessoas feridas.

Após a explosão, Teresa via as pessoas correndo no meio da fumaça. Junto com uma colega correram para fugir daí, mas rapidamente deram-se conta que deviam voltar e saber o que estava acontecendo:

Quando nos devolvemos es una cosa muy extraña, porque es un lugar que ha sido familiar toda la vida, uno que ha ido a la de Antioquia desde chiquito, se conoce todos los recovecos, los rincones. Pero es como transitar por un lugar absolutamente irreconocible. Todos los vidrios están quebrados, todo está lleno de humo, la gente corre desesperadamente. Además uno sólo ve gente correr que esta encapuchada o que está saliendo de los bloques. Es como un lugar al que cuando llegamos ya no hay gente, porque incluso la gente que estaba en la plazoleta lo que hace es correr. Cuando nos devolvemos en medio de ese humero, yo veo que alguien está cargando a una mujer, están recogiendo dos cuerpos que están absolutamente quemados, rostizados, todo negro, negro. Es como uno estar en un lugar [silencio] como si estuviera en medio de la guerra en la universidad.¹¹³

cuidado numa bola de papel alumínio do tamanho de uma papa. As bombas papa estão feitas mais para produzir barulho que dano, no entanto lançadas sobre as pessoas podem causar feridas de consideração e incluso a morte.

¹¹² Nos “tropol” cada um tem uma função claramente definida, sabe o que deve fazer e como conduzir-se no caso de alguma emergência, como sair, quais são os lugares de encontro posteriores, o que fazer e que evitar fazer.

¹¹³ Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012

Esse universo familiar para Teresa, de repente transformou-se num lugar estranho, alheio; a explosão e os momentos seguintes transformaram o campus universitário num campo de guerra, em palavras de Teresa. A reconstrução detalhada desse momento é algo que Teresa e Rosana guardam para si, há uma zona de silêncio em relação com esse instante. Zona de silêncio no sentido dado por Pollak (1990, 2006), como a impossibilidade de narrar os fatos. Pollak (2010) fala de um silêncio que quer evitar a censura às vítimas, essas mulheres compartilham lembranças que podem ser comprometedoras, por isso recorrem ao silêncio como proteção, em lugar de arriscarem-se e provocar mal-entendidos elas preferiram calar.

Os corpos dos feridos foram levados por seus mesmos colegas à enfermaria da Universidade. Logo após saíam em ambulâncias para o Hospital Universitário, onde 17 deles seriam internados, quatro em estado grave, entre eles Paula Andrea e Magaly que tinham queimaduras no 70 e 80% de seu corpo.

As notícias sobre a dimensão dos acontecimentos pegou de surpresa Teresa e Rosana: “Cuando uno sabe que hay un reporte en los hospitales para informar de los heridos que lleguen. Cuando uno se da cuenta que eso trasciende ese espacio de la Universidad, yo creo que ahí es cuando dije: en qué nos metimos”.¹¹⁴

Especialmente para Teresa que havia participado ativamente do tropel, as repercussões dos fatos tiveram efeitos familiares e afetivos importantes. Nas conversações com seus pais as consequências do acontecido vão-se configurando: possíveis processos judiciais e risco de ser vinculado com grupos armados e de ser identificado por grupos de direita como pertencentes à guerrilha, além da dor de perder aos amigos.

As autoridades da Universidad Nacional pronunciaram-se para afirmar que as duas jovens feridas não estavam no protesto como estudantes da Universidad Nacional, senão a título pessoal. As autoridades da Universidad de Antioquia lamentaram os fatos e tentaram defender o campus como um espaço para o debate. Das 17 pessoas internadas no hospital, 10 eram da Universidad de Antioquia, 2 da Universidad Nacional e os demais não tinham vínculos com

¹¹⁴ Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012.

as universidades. Segundo uma matéria publicada num jornal, os danos materiais eram da ordem dos 75 mil dólares (MONROY, 2005).

Os professores de diferentes faculdades da Universidad de Antioquia emitiram comunicados onde lamentavam a tragédia, manifestavam sua tristeza pela condição dos jovens e faziam um chamado à mesura nas decisões para não complicar ainda mais a situação dos estudantes.

Contudo, a situação se complicou quando começaram a estabelecer vínculos entre os manifestantes e a guerrilha. A mídia publicou artigos nos quais descreviam o protesto como uma ação de combate, onde tudo estava plenamente coordenado e executado como ação de guerra (“La protesta del 18 de febrero en la Universidad de Antioquia iba a ser de grandes magnitudes,” 2005). Também as autoridades do governo deram declarações que vinculavam aos estudantes com a guerrilha: “Evidentemente se trata de gente que tiene vínculos con la guerrilla y que llevaron ese día a la universidad un número importante de personas de fuera y organizaron todo un despliegue de tipo militar”, afirmou o secretario de Governo de Medellín, Alonso Salazar. (“La protesta del 18 de febrero en la Universidad de Antioquia iba a ser de grandes magnitudes,” 2005).

Num jornal local foi publicado um editorial que pedia uma reação forte contra os estudantes. Chamavam de “blandengues”, demasiado prudentes, os comunicados das autoridades universitárias e relacionava os feitos na universidade com ataques da guerrilha às forças armadas sucedidos nessa mesma semana numa região distante de Medellín. Falavam dos acontecimentos como um ato terrorista, da infiltração da guerrilha no movimento estudantil e finalmente vinculávamos fatos com a morte, dois anos antes, do chefe de segurança da Universidad de Antioquia (JARAMILLO PANESSO, 2005).¹¹⁵

Também apareceu um comunicado assinado por supostos estudantes da universidade, no qual afirmavam que “Detrás de esta tragedia hay oscuros intereses y oscuros protagonistas (encapuchados)”. Era bastante explícito ao vincular os estudantes com a guerrilha infiltrada na universidade. Neste mesmo

¹¹⁵ Editorial titulada “Guante de seda en la U. de A.” escrita por Jaime Jaramillo Panesso e publicado no jornal El Mundo. Faz parte do arquivo criado por Teresa e Rosana sobre os acontecimentos de fevereiro de 2005 e o posterior indiciamento dos estudantes. O arquivo está integrado por panfletos, boletins de prensa, declarações oficiais das distintas dependências das universidades, alertas publicadas por ONG no mundo e e-mails. O arquivo foi cedido integralmente para esta pesquisa.

comunicado faziam referência a outro texto assinado por um grupo paramilitar identificado como “Elena Guerra Comando Pablo Emilio Guarín Vera”, que enviava uma mensagem aos supostos guerrilheiros infiltrados na Universidad de Antioquia: “Los hallaremos y disectaremos (sic) sus cerebros de forma tal que lo único que desearán será la muerte, pero no morirán porque tenemos el conocimiento para prolongar los dolores”.

Num jornal de circulação nacional foi publicada uma matéria na qual também estabeleciam o vínculo entre os protestos e a guerrilha das Farc:

Las Farc habría ofrecido de 60 a 70 muchachos, y dijeron que iban a participar también sectores del Ejército de Liberación Nacional (ELN); el Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP), de reciente presencia en la U; los Comandos Armados del Pueblo (Cap), grupos minoritarios y algunos anarquistas. Cómo sería la confluencia de combos que hasta los maoistas salieron. (“La protesta del 18 de febrero en la Universidad de Antioquia iba a ser de grandes magnitudes,” 2005).

Paula Andrea e Magaly morreram o dia 18 de fevereiro. Na Universidad Nacional publicaram um sucinto comunicado da Secretaria General da instituição,¹¹⁶ porém não houve comunicados dos professores das faculdades em que estudavam as jovens, também não houve nenhum pronunciamento da Oficina de Estudiantes. O ambiente era de incerteza e medo. O temor radicava na possibilidade de um processo judicial e nas ameaças dos grupos paramilitares.

Em relação com o primeiro, é importante lembrar que o país vivia o auge da “política de seguridade democrática” do presidente Álvaro Uribe Vélez. Esta política teve três linhas de ação básicas: a continuação da ofensiva contra as Farc; uma política de paz com os grupos paramilitares e uma série de políticas específicas destinadas a alimentar as outras duas, entre elas as redes de informantes ao serviço de organismos de inteligência do Estado e recompensas por informação, isto derivado da ideia de que os grupos armados se “mimetizavam entre a população civil”.

¹¹⁶ Na imprensa local reproduziram o comunicado “Las Directivas de la Universidad Nacional de Colombia, Sede Medellín, expresan sus sentimientos de pesar y condolencia a la familia, amigos y compañeros de las estudiantes fallecidas hoy viernes 18 de febrero a consecuencia de las quemaduras sufridas en los lamentables hechos violentos sucedidos en la U. de A.”, dijo Acevedo Carmona. En la misma comunicación, la institución invitó a los miembros de la comunidad universitaria a reflexionar de manera profunda sobre el acontecimiento y a reafirmar el compromiso para que en los recintos académicos sea desechada cualquier forma de protesta que ponga en peligro la vida de las personas.” (“Murieron estudiantes heridas,” 2005)

Durante os primeiros anos da “política de seguridade democrática”, o resultado era ambivalente. As três linhas de ação pareciam não ter muita clareza e faltava coerência entre elas, os índices de homicídio haviam decrescido, embora isso fosse uma tendência iniciada em 1991; o sequestro e o deslocamento também registravam diminuição. Porém haviam aumentado as arbitrariedades por detenções massivas por suspeita e delação. (LEAL BUITRAGO, 2006). Como resultado dessa política aprofundou-se na sociedade o sentimento de desconfiança. A ideia do inimigo interno não fazia referência aos grupos armados, senão a todo tipo de organizações sociais ou pessoas com certo ativismo social. Detenções massivas e arbitrárias foram executadas, violando todas as garantias do devido processo legal.¹¹⁷ A força midiática das capturas sugeria o sucesso da política de segurança, como se estivesse realmente desarticulando as redes da guerrilha. Porém ao mesmo tempo advertia que qualquer um podia ser acusado e processado sem mais provas que o testemunho de alguém. Por isso os estudantes temiam que qualquer comentário ou vínculo com os acontecimentos do dia 10 de fevereiro desencadeasse um processo judicial sem garantias penais, devido ao estado de exceção que a política de seguridade impunha.

Em relação com o segundo ponto, as ameaças dos grupos paramilitares, o temor também não era infundado. Desde 1987, ano no qual os grupos paramilitares mataram 17 membros da comunidade universitária em Medellín, era manifesta a presença dos paramilitares e da guerrilha, especialmente na Universidad de Antioquia. Ações violentas como explosões no campus, ameaças, panfletos, acusações de infiltrações da direita e da esquerda tinham sido comuns desde então. Em 1997 Carlos Castaño enviou uma advertência: ele manter-se-ia à margem da Universidade enquanto a guerrilha fizesse o mesmo. No obstante, em maio de 1999 o professor da Universidad de Antioquia, Hernán Henao, foi assassinado em sua sala no campus. Anos mais tarde, no seu livro “Mi confesión”, Carlos Castaño (2002) admitiria o assassinato do professor, por supostos vínculos com a guerrilha. Também nesse mês de maio foram ameaçados pelas autodefesas sete líderes da

¹¹⁷ Veja o informe do ano 2003 da Comisión Colombiana de Juristas: “Veinte razones para afirmar que la situación de derechos humanos y de derecho humanitario es muy grave y tiende a empeorar”. Consultar en: http://www.coljuristas.org/documentos/libros_e_informes/colombia_veinte_razones.pdf

Coordinadora de Actividades Estudiantiles, entre eles estava Gustavo Marulanda, que foi assassinado no mês agosto de 1999 quando saía do campus. Dias antes havia sido assassinado, também dentro do campus universitário, Hugo Ángel, dono de uma das lanchonetes, supostamente por não pagar uma extorsão de um grupo armado que agia na Universidad de Antioquia. Por esses fatos vários estudantes e professores tiveram que abandonar o país, porque estavam numa lista onde eram acusados de apoiar e pertencer a grupos de esquerda.

Pela presença permanente dos paramilitares nas universidades, expressada em fatos contundentes como os que acabamos de citar, ou pela publicação de comunicados e panfletos ameaçadores, nos quais se assinalavam com nome próprio a pessoas e acusavam-nas de vínculos com a guerrilha, é compreensível que os jovens se sentissem intimidados ante o rumor de uma lista que estava circulando e que continha nomes de pessoas envolvidas nos eventos do dia 10 de fevereiro. Em conclusão, os jovens estavam diante de duas fortes ameaças, uma institucional com um processo penal na justiça; e uma para-institucional: a ameaça de serem assassinados por grupos de direita.

De fato, na madrugada do dia 4 de maio de 2005, em uma operação denominada Algebra II, Membros da Fiscalía (Órgão encarregado de acusar e processar os acusados de delitos) e o Comando Elite Antiterrorista da Policía, executaram a ordem de prisão para 14 estudantes da Universidad de Antioquia. Foram acusados de terrorismo, vínculos com as Farc e o ELN e furto agravado. Muitos deles tinham acabado de sair do hospital e se recuperavam das feridas deixadas pela explosão. Durante a captura, dois estudantes foram apresentados à mídia como integrantes das redes subversivas dentro da universidade. O Comandante da polícia metropolitana de Medellín, General Rubén Carrillo afirmava ter provas da culpa dos acusados.¹¹⁸

¹¹⁸ Os professores de Direito da Universidad de Antioquia fizeram a defesa dos processados. Após um ano presos, os estudantes foram liberados por falta de provas e irregularidades no processo. Durante o processo judicial os estudantes e os professores da Universidad de Antioquia realizaram diversas atividades de apoio aos colegas presos: assembleias dos estudantes e manifestações públicas, escritos, comunicados, conferências sobre o direito a protestar e o devido processo judicial foram permanentes dentro do campus. A Universidad de Antioquia debateu amplamente o sucedido, foram permanentes os chamados a defender o direito ao protesto, mais também a criar novas formas de manifestação sem o recurso da violência; se deliberou sobre o papel da universidade como espaço para a conciliação e o debate. Pelo contrário, na Universidad Nacional, como veremos, foi imposto o silêncio sobre os fatos do dia 10 de fevereiro e suas consequências.

Embora nenhum estudante da Universidad Nacional tenha sido incluído no processo judicial, o ambiente no campus era de temor e incerteza. Por isso as organizações estudantis guardaram silêncio em relação com a morte das colegas. Segundo Teresa: “Pero entonces nadie había dicho nada, nadie había hecho nada, eso era un silencio total y absoluto, nadie podía decir nada porque entonces nos van a relacionar con Paula”.¹¹⁹

Não obstante, o dia 18 de agosto, data da morte das jovens, alguns estudantes solicitaram à secretaria de Bem-estar Universitário pôr à disposição cartazes para escrever mensagens para suas colegas mortas. Num altar espontâneo criado para expressar seus sentimentos em relação com os fatos. Dias depois as mensagens foram compilados e publicados numa cartilha e distribuído na Universidad Nacional. A cartilha na coberta dizia:

Homenaje a Magaly Betancur Díaz y Paula Andrea Ospina Fernández. El presente documento es una recopilación de las expresiones escritas y espontáneas de los estudiantes de la Universidad Nacional, sede Medellín, que desde el pasado 18 de febrero de 2005 han venido manifestando su tristeza, su dolor, su silencio, su ruido... Sí, sí, sí... de todos aquellos que aún estamos vivos en vida. Y no vivos como muertos, sonámbulos. Indiferentes y juzgadores. A Familiares, Amigos y Conocidos de Magaly y Paula. Que este homenaje no sea un adiós para ellas sino la memoria de lo que fueron e hicieron sentir en nuestras vidas. Estudiantes. Universidad Nacional de Colombia, sede Medellín.(ESTUDIANTES UNIVERSIDAD NACIONAL, 2005)

O convite para se expressar a todos aqueles que “ainda estamos vivos em vida” era um reclamo por aqueles que estavam “vivos como mortos, sonámbulos, indiferentes e julgadores”. Frente ao silêncio institucional pelos fatos, os estudantes reclamavam uma reação ou algum tipo de manifestação das autoridades universitárias e de seus colegas. Era um chamado a sensibilizar-se com o que havia sucedido.

Muitos dos estudantes escreveram mensagens que falavam das colegas como heroína de uma luta; havia textos de escritores como Pablo Neruda, José Asunción Silva, Federico García Lorca, Julio Cortázar. Mas também havia mensagens que expressavam tristeza, raiva, saudade, convites a lembrar e pedidos para não esquecer as colegas. Entre eles estava um escrito por Teresa e dirigido à Paula, com a letra da canção “Somos el viento” do grupo Amparanoia¹²⁰ junto com uma frase escrita pela mãe de Teresa em seu

¹¹⁹ Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012.

¹²⁰ Texto escrito por Teresa no cartaz, fragmento da canção “Somos el viento”: “Comenzar es difícil. pero vamos dando los pasos por un futuro que los hijos puedan celebrar. O somos el viento que baila y que

aniversário número vinte: “A los veinte años, el doble símbolo de la mariposas tiene su sentido, el vuelo en libertad y la fragilidad de la vida”.

Nas semanas seguintes, a ‘invisibilização’ da tragédia adquiria com o tempo matizes cada vez mais bizarros. Os rumores, as fofocas, as conversações na lanchonete eram permanentes e o ambiente tenso. Numa aula a professora chamou Paula Andrea e a classe toda guardou silêncio, ninguém se atrevia a mencionar publicamente seu nome.

Seguindo com o relato de Teresa, em poucos dias, o silêncio na Universidad Nacional foi rompido por um colega ao expressar num ato público que “[...] eso le pasa a las personas que juegan a la combinación de todas las formas de lucha y que a causa de todas las formas de lucha es que uno termina muerto en un tropel”.¹²¹ Ao referir-se a elas com essas palavras, além de justificar suas mortes, insinuava que elas eram militantes de um grupo guerrilheiro ou de esquerda, porque esta frase: “combinação de todas as formas de luta” é muito usada pela esquerda. O absurdo para Teresa e Rosana consistia em ver que aqueles que conheciam Paula Andrea e Magaly, sabiam de sua trajetória universitária, de seus interesses políticos e acadêmicos, estavam em silêncio, entretanto aqueles que não as conheciam estavam tomando a palavra e julgando suas ações.

A capacidade do rumor para criar diferentes sentidos da história foi evidente para Teresa nos comentários sobre uma professora que ajudou aos familiares das jovens mortas e manifestou publicamente sua oposição ao silêncio dos professores e as diretivas. Nos rumores ela era indicada como promotora das atividades políticas das estudantes e responsável pelo desenlace dos eventos.

Os rumores também acabaram por permear as relações e instaurar a desconfiança entre Teresa e seus colegas de faculdade. Em várias ocasiões Teresa viveu situações nas quais as pessoas preferiam cambiar de tema ou não abordar certos assuntos em sua presença, devido à sua manifestação sobre o acontecido. Teresa acreditava que seus amigos tinham medo e que

canta si estamos juntos somos huracán. Solo he venido a darte mi abrazo ya mismo me voy. Somos viento. Somos el viento que sopla que viene y va. Somos viento energía y movimiento. Somos viento que es lo que somos, lo que somos en realidad, viento”.

¹²¹ Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012.

caso a polícia procurasse alguém, seria ela: “Si indagan por Paula no van a encontrarnos a nosotros, de este parche la van a encontrar es a ella.”¹²²

Como afirma Veena Das (2008), o rumor tem o potencial de produzir acontecimentos no momento mesmo de sua enunciação. Não quer dizer com isso que a linguagem tenha o poder de criar os acontecimentos, senão que a partir dos rumores eles parecem cobrar vida, como se efetivamente tivessem ocorrido. Os rumores transformaram o caráter dos acontecimentos e seus protagonistas. Aquilo que era um protesto estudantil passou a ser um ato de terrorismo, Paula Andrea e Magaly transformaram-se tanto em delinquentes como em mártires da luta armada, responsáveis por sua própria morte ou vítimas do engano da guerrilha. O rumor alimentou o medo a qualquer vínculo com as estudantes e os eventos do dia 10 de fevereiro e, por conseguinte, o silêncio acabou por ser imposto como mecanismo de proteção. Assim, o mundo conhecido e cotidiano da faculdade foi invadido pela desconfiança e a paranoia

As duas estudantes mortas pareciam apagadas da esfera pública, seus nomes não eram sequer pronunciados, suas vidas pareciam não ter um passado, só um presente marcado pelas acusações. Portanto suas mortes não eram lamentadas e suas vidas pareciam não contar. Em palavras de Butler esta “No es una cuestión simple, porque si el fin de una vida no produce dolor no se trata de una vida, no califica como vida y no tiene ningún valor.” (BUTLER, 2006, p. 61)

6.3 A criação do grafite: “Cómo lo vamos a dejar pasar?”

Durante vários dias Teresa e Rosana escutaram em todos os âmbitos, familiar, pessoal, social, universitário as mesmas advertências: “não é prudente”, “não é sensato” “não te exponhas”, “que não te relacionem”, “Não frequentes tal lugar”, “não fale em público”. Todo indicava o silêncio e a inação, porém elas decidiram fazer e dizer alguma coisa: “Cómo lo vamos a

¹²² Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012.

dejar pasar?” se perguntava Rosana, “Es muy extraño que eso pasara en blanco”, afirmava Teresa. Já tinha passado uma semana após a morte das jovens e Teresa e Rosana estavam decididas a registrar esse acontecimento: “Nos motivó la necesidad de que estuvieran. Teníamos que dejar la marca de ellas, de que ellas estuvieron en la U”¹²³.

Segundo Santino (2011), os altares espontâneos fazem referência a pessoas que morreram, mas ao mesmo tempo, as trazem de volta para o dia a dia, como se estivessem vivas: as inscrevem na cotidianidade dos sobreviventes. Essa era a intenção de Rosana e Teresa ao fazer o grafite, trazer de volta suas colegas à universidade.

O grafite foi construído à primeira hora da manhã, dias após da morte de Paula e Magaly. Teresa e Rosana prepararam com antecedência tudo o que precisavam, chegaram cedo, pintaram-no e não reivindicaram sua criação. Um colega, que também fez parte do “tropol” ajudou com os materiais, mas não quis colaborar na elaboração. Rosana afirma que a frase foi proposta por ele: “había en él mucha culpa y dolor por lo acontecido, no se sentía capaz de participar, pero no podía dejar que pasara como si nada”.¹²⁴. O grafite tem a frase: “Todo es un respiro, nada es lo que fue, solo está su canto, Paulandrea y Magaly, como una música en el claro tímpano de nuestra memoria. Feb. 18 de 2005. Est. UN”, e o desenho de uma borboleta.¹²⁵ (Ver foto no. 1, p. 129).

A elaboração do grafite foi discreta, queriam chamar a atenção para o acontecimento, a ausência das jovens, mas não para aqueles que o elaboraram. Em palavras de Rosana “Cada mural que se hacía se construía con mucha gente, porque miran o participan, y yo tengo el recuerdo de que este lo hicimos solas, nadie acompañó ese mural”.¹²⁶ Também era uma tática realizar o grafite nessas circunstâncias, assim elas conseguiam inscrever no espaço público a presença daquelas que estavam invisíveis e deixadas ao esquecimento (CERTAU, 2000). Desta forma não se expunham publicamente, porém logravam fazer público seu sentimento de luto (BUTLER, 2006).

¹²³ Entrevista com Rosana. Comunicação por internet, agosto de 2012.

¹²⁴ Entrevista com Rosana. Comunicação por internet, agosto de 2012.

¹²⁵ O grafite teve várias intervenções durante os últimos anos. Em algumas fotos aparece uma imagem do Che Guevara. Atualmente foi retocado pelos estudantes da Oficina de Estudantes, destacaram ainda mais a frase e agregaram outra borboleta no lado esquerdo e os retratos das duas jovens.

¹²⁶ Entrevista com Rosana. Comunicação pela internet, agosto de 2012.

O altar está localizado entre outros grafites que reivindicam a luta política dos estudantes ou líderes políticos assassinados (Ver foto no. 7, p. 121). Todos têm a mesma estrutura: o rosto desenhado, o nome e algumas vezes o sobrenome, uma frase alusiva às razões da morte e os ideais de justiça social. Ao localizá-lo no meio dos outros grafites, devolveram a Paula Andrea e Magaly seu lugar na universidade e na história do movimento estudantil.

O grafite não foi a única forma em que Teresa e Rosana tentaram fazer do luto por suas amigas um assunto público. Dias após, o 8 de março, na celebração do dia da mulher, fizeram um cartaz sobre uma tela, onde desenharam duas borboletas e escreveram a letra de uma canção de Fito Paez, “Quien dijo que todo está perdido, yo vengo a ofrecer mi corazón. Paula Andrea Betancur y Magaly. Oficina Estudiantil.”¹²⁷. Fizeram um caminho com flores que ia desde a prédio 46 da Faculdade de Humanidades, onde estava o grafite, até o prédio 24, de Arquitetura, onde foi instalado o cartaz. Entregaram volantes que continham dois poemas de Pablo Neruda “Tina Modotti ha muerto” e “La muerta”, e um poema de Giaconda Belli “Quedaré de nosotros”.

Rosana e Teresa haviam lançado o desafio à comunidade universitária ao colocar nesse cartaz os nomes de Paula Andrea e Magaly. Deram ao dia da comemoração da mulher outro significado, encontraram a possibilidade de falar do que tinha acontecido, de lembrar às jovens, de vencer o medo e expressar os sentimentos. Contudo, a realidade é que ninguém quis falar, por isso esse momento parecia a Teresa um enterro. Então decidiu tomar o microfone e ler um poema e fazer uma homenagem às estudantes mortas. Mais tarde seria fortemente questionada por se expor dessa forma.

No ano seguinte, Teresa e Rosana prepararam a comemoração. Dedicaram dois dias na elaboração de um cartaz. Nele pintaram a imagem de um homem em pé, com a cara coberta, um pinéu em cada mão,¹²⁸ e a frase “Febrero 2005-2006.10 F no se olvida”, numa referência aos protestos na rua. Junto com a imagem estava escrito um conto de Luis Britto García titulado

¹²⁷“Yo vengo a ofrecer mi corazón”, canção de Fito Paez: ¿Quién dijo que todo está perdido? yo vengo a ofrecer mi corazón, tanta sangre que se llevó el río, yo vengo a ofrecer mi corazón. No será tan fácil, ya sé qué pasa, no será tan simple como pensaba, como abrir el pecho y sacar el alma, una cuchillada del amor.” Para conhecer a letra da canção veja: <http://letras.mus.br/fito-paez/127042/>

¹²⁸Esta imagem foi tomada de um cd de hip hop sobre o movimento dos “piqueteros” na Argentina. Veja: <http://argentina.indymedia.org/news/2003/04/96967.php>

Rubén.¹²⁹ Neste cartaz elas reivindicavam o protesto, “el tropel”, como uma ação política legítima, marcando assim uma diferença com aqueles que haviam relacionado o 10 de fevereiro não com uma forma de ação política legítima, senão com um ato de guerra. Embora, ao mesmo tempo, a narrativa do luto, da perda, esteja presente. No conto de Luis Britto García expressa-se claramente o sentimento de dor frente à perda, toda a história de vida que há por trás da morte num “tropel”.

Como vemos, todos os elementos simbólicos usados na criação dos diferentes altares - o grafite, os cartazes, o caminho de flores, os panfletos - têm como referentes elementos próprios da cultura universitária, não há como nos outros casos que analisamos aqui, referências religiosas. Doss (2006) afirma que esses altares são realizados de acordo com códigos culturais próprios da comunidade dentro da qual foram elaborados. Contudo, neste altar as referências à música e à literatura têm como objetivo enviar uma mensagem que seja compreensível para o público universitário. As referências a certas imagens como aquela dos “piqueteros” argentinos, o poema, o conto, tudo isso fala de lutas e de perdas, porém apelando a um discurso político, não a um religioso. Teresa questionava uma iniciativa de memória criada no primeiro aniversário que consistia em cruces com os nomes dos estudantes mortos num caminho central do campus universitário. Afirmava que era um simbolismo de morte, que não agregava nada à discussão sobre o acontecido, pelo contrário destacava a morte das jovens em lugar de suas vidas.

¹²⁹Luis Britto García é um escritor e historiador venezuelano, nascido em Caracas o dia 9 de outubro de 1940. O texto é o seguinte: “Traga Rubén no brinques Rubén sóplate Rubén no te orines en la cama Rubén no toques Rubén no llores Rubén estate quieto Rubén no saltes en la cama Rubén no saques la cabeza por la ventanilla Rubén no rompas el vaso Rubén, Rubén no le saque la lengua a la maestra Rubén no rayes las paredes Rubén di los buenos días Rubén deja el yoyo Rubén no juegues trompo Rubén no faltes al catecismo Rubén amárrate la trenza del zapato Rubén haz las tareas Rubén no rompas los juguetes Rubén reza Rubén no te metas el dedo en la nariz Rubén no juegues con la comida no te pases la vida jugando la vida Rubén. Estudia Rubén no te jubiles Rubén no fumes Rubén no salgas con tus amigos Rubén no te pelees con tu hermana Rubén, Rubén no te montes en la parrilla de las motos Rubén estudia la química Rubén no trasnoches Rubén no corras Rubén no ensucies tantas camisetas Rubén saluda a tu tía Paulina Rubén no andes en patota Rubén no hables tanto, estudia la matemática Rubén no te metas con la muchacha del servicio Rubén no pongas tan alto el tocadisco Rubén no cantes serenatas Rubén no te pongas de delegado de curso Rubén no te comprometas Rubén no te vayas a dejar raspar Rubén no le respondas a tu padre Rubén, Rubén córtate el pelo, coge ejemplo Rubén. Rubén no manifiestes, no cantes el Belachao Rubén, Rubén no protestes profesores, no dejes que te metan en la lista negra Rubén, Rubén quita esos afiches del che Guevara, no digas yankis go home Rubén, Rubén no repartas hojitas, no pintes los muros Rubén, no siembres la zozobra en las instituciones Rubén, Rubén no quemes caucho, no agites Rubén, Rubén no me agonices, no me mortifiques Rubén, Rubén modérate, Rubén compórtate, Rubén aquíetate, Rubén componte. Rubén no corras Rubén no grites Rubén no brinques Rubén no saltes Rubén no pases frente a los guardias Rubén no enfrentes los policías Rubén no dejes que te disparen Rubén no saltes Rubén no grites Rubén no sangres Rubén no caigas: No te mueras, Rubén.”

Outra particularidade deste altar, que de alguma maneira tem relação com o caso do mural em Santo Domingo Savio, é que num primeiro momento as estudantes não foram vistas como vítimas, senão como responsáveis da situação.¹³⁰ Elas faziam parte do grupo que estava realizando o protesto, estavam nesse lugar por vontade própria e aceitavam os riscos de estar ali. Poucas vezes, como é assinalado por Grider (2011), os altares espontâneos fazem referências a outras pessoas que não sejam aquelas consideradas como vítimas numa determinada situação. Neste caso, as criadoras do altar não pretendiam mostrá-las como vítimas, contudo demandar reconhecimento de seu lugar na universidade, de seu passado como estudantes. O que elas demandavam era reconhecimento de que incluso essas vidas que se perderam em situações como essa, devem ser lamentadas, deve realizar-se um ritual de luto.

6.4 Os significados do grafite: “Hubo un silencio total. Pero no podíamos dejar que no valiera nada”

O grafite surge precisamente como resposta ao silêncio que pretendia dar outros significados aos fatos, negá-los ou ocultá-los e as diversas narrativas legitimadoras que buscavam justificar uma ordem dada e um poder político.

Dentro da Universidad Nacional se apresentou um silêncio institucional, que, apoiando-se na ideia do interesse geral, impôs o esquecimento prescritivo como forma de criação ou fortalecimento da comunidade política (CONNERTON, 2008).¹³¹ Era necessário esquecer esses fatos e as estudantes

¹³⁰Posteriormente, como veremos, a representação das estudantes no imaginário coletivo da universidade faz referencia a duas vítimas do sistema ou das forças armados do Estado.

¹³¹Paul Connerton (2008) afirma que o esquecimento é também uma forma de estabelecer laços sociais. Classifica, entre outros possíveis, sete tipos de esquecimento: o esquecimento prescritivo, o dever de esquecer, precipitado por um ato de Estado que argumenta velar pelos interesses maiores da comunidade política. Segundo, o esquecimento como fator importante na construção de novas identidades. Terceiro, a anulação, como possível resposta ao excesso de informação. Quarto, o esquecimento repressivo, como forma mais brutal usada nos regimes totalitários. Quinto, anamnese estrutural, quando somente lembramos aquelas associações que são importantes para nós. Sexto, a

envolvidas e pensá-los como ações isoladas sem relação com a universidade. As diretivas universitárias não propiciaram nenhum debate sobre o que essas mortes significavam, sobre o direito ao protesto, a pertinência ou não do uso da violência nos protestos estudantis, o que significava a morte de jovens em pleno processo de formação.

Por outra parte, a Oficina de Estudantes também não se pronunciou, guardaram um silêncio humilhante (CONNERTON, 2008), quer dizer, o silêncio como necessidade de esquecer e como forma de sobrevivência, pelas possibilidades de incriminação ou de receber ameaças dos grupos paramilitares. Ainda que a Oficina de Estudantes não organizasse o protesto na Universidad de Antioquia, opinar sobre os fatos demandaria também responder publicamente pela presença de membros da Oficina no protesto e tomar posição em relação a este tipo de ação política. Eles guardaram silêncio, o que para Rosana resultava incompreensível: “A los muertos que son por culpa de los otros los reivindicamos, pero a éstos que son nuestra responsabilidad, los silenciamos”.¹³²

Amplamente difundida na mídia, a narrativa legitimadora das autoridades da prefeitura e do sistema judicial, descrevia às jovens como “terroristas”, “infiltradas”, “guerrilheiras” e os fatos na universidade tinham relação, não com um protesto estudantil, senão com um ataque guerrilheiro. Quer dizer, o discurso pretendia desvirtuar o tropel como manifestação política, para transformá-lo numa ação bélica ou terrorista sem propósito. Qualquer manifestação política seria tratada, de acordo com a política de segurança democrática, como uma ação bélica e seus protagonistas como terroristas. O discurso das autoridades e da mídia estava dirigido a justificar as ações de tipo penal ou repressivo contra os estudantes e a silenciar o debate sobre o Tratado de Livre Comércio. Uma narrativa que desata uma série de rumores e atitudes de desconfiança entre a comunidade universitária, criando a ideia do inimigo interno, onde todos eram suspeitosos, qualquer um podia ser um terrorista e ao mesmo tempo qualquer um podia denunciar antes as autoridades.

obsolescência planejada, construída no mercado capitalista de consumo, a fascinação com o novo eo descarte como prática generalizada. Sete, o silêncio humilhante, onde o esquecimento é uma forma de sobrevivência.

¹³² Entrevista com Rosana. Comunicação pela internet, agosto de 2012.

Por último, uma narrativa que julga moralmente o comportamento das jovens. Entanto que o sistema judicial procurava inculpá-las de um delito, os questionamentos emitidos publicamente por diversas pessoas procuravam julgar moralmente um comportamento e ver suas mortes como merecidas ou consequências esperadas. Desde o sacerdote, durante o enterro de Paula, que pedia pelo “perdão de seus pecados”, até o colega que publicamente afirmava que essas eram as consequências da “utilização de todas as formas de luta”, ou aqueles colegas da universidade que se perguntavam “em que estavam envolvidas?”. Esses juízos morais restavam-lhes toda sua dignidade e apagavam o significado de suas vidas, para dar-lhe importância a sua morte.

Todas estas narrativas procuravam silenciar ou distorcer a memória das jovens. Foi isso o que provocou a indignação de Teresa e Rosana: “Que de toda la situación y de todo lo que estaba pasando y de todo lo doloroso que me resultaba, lo que más indignación me producía era el silencio”¹³³. Podemos imaginar quanto foi impactante para estas mulheres ver suas amigas no estado em que as viram, presenciar esses acontecimentos dramáticos, ver seu mundo cotidiano transformado num cenário de guerra. No entanto, o pior de tudo, o realmente incompreensível para elas, apresenta-se nesse segundo momento, no silêncio e os rumores que desvirtuam os fatos. Quer dizer, o não reconhecimento do valor dessas vidas, a construção de uma narrativa que desconhece totalmente suas histórias de vida e cria uma imagem falseada de Paula Andrea e Magaly. Além do silêncio daqueles que podiam desafiar essas versões, professores, amigos, colegas. Na ausência de reconhecimento da violência sofrida radica o que poderíamos denominar como o trauma vivido por estas jovens(GONDAR, 2012).

A resposta está dada em termos de uma narrativa de luto. Elas sentiam que era necessário fazer algo. Perguntavam-se: porque razão frente aos fatos não era possível elaborar um luto? Falar sobre elas, assistir ao enterro, expressar publicamente a dor, tudo era perigoso ou questionável. Porque umas perdidas podiam ser lamentadas e outras não? Teresa comparava o enterro de seu avô como líder sindical e de Gustavo Marulanda líder estudantil, com o funeral de Paula Andrea: enquanto nos primeiros havia um discurso heroico de reconhecimento, o último parecia marcado pela vergonha, os questionamentos

¹³³ Entrevista com Teresa. Medellín, junho de 2012.

e o medo. Novamente a pergunta de Butler resulta pertinente Que vidas contam como humanas, que faz com que uma vida mereça a pena?(BUTLER, 2006).

Diante da perda Teresa e Rosana decidiram fazer público esse sentimento de vulnerabilidade. Esse ato tem um conteúdo político na medida em que, segundo Butler, mostra a precariedade, sujeição à perda, fragilidade física e exposição à violência, é aquilo que podemos ter em comum, é aquilo que está fora e vincula-nos aos outros, perpassa os limites privados para se fazer público. Segundo Butler, é na perda e no luto que é possível aproximarmos à ideia de um nós: “La pérdida nos reúne a todos en un tenue nosotros”(2006).

A consciência da vulnerabilidade e a permanente exposição à violência são expressas por Teresa e Rosana numa frase enunciada pelas duas: “podia ter sido eu”. Essa consciência da vulnerabilidade as estimulou a fazê-la pública, a repensar sua relação com as formas violentas de protesto, propor uma discussão sobre o que significa perder a vida, sofrer uma perda e a responsabilidade pela vida dos outros, não permitir que acontecesse de novo. Diante das narrativas que silenciavam ou julgavam, elas propunham uma narrativa de luto que permitisse criar um nós sobre a base da vulnerabilidade da perda (BUTLER, 2006).

Não obstante essa narrativa de luto também pode ser pensada como uma forma tática de agir no espaço cotidiano (CERTEAU, 2000). Elas não desafiaram abertamente essas outras narrativas, porém encontraram a forma de fazer público seu sentimento de perda dentro dos espaços do cotidiano. Um grafite numa universidade cheia deles; um panfleto com poemas e com imagem das duas estudantes, mas sem palavras reivindicativas do movimento estudantil, tudo dentro do marco da celebração do dia da mulher. Nada do que elas fazem desafiava o poder ou chamava à atenção para as autoridades. São formas camufladas de agir num cenário público marcado pelo temor. Quase de forma imperceptível, elas encontram a forma de fazer público um tema silenciado(SCOTT, 2000).

Apesar dos intentos, elas reconhecem que suas ações para gerar um debate sobre o acontecido com as colegas não deram resultados positivos. O silêncio continuou por algum tempo. Os colegas que também resultaram feridos

durante a explosão e logo foram processados saíram em liberdade por erros no processo judicial. Porém das duas jovens pouco se falava.

No mural em Santo Domingo Savio mostrava-se como uma possibilidade de construir uma comunidade sobre a base do reconhecimento da vulnerabilidade. Para Teresa e Rosana o grafitei representava seu distanciamento do movimento estudantil e o questionamento da violência como forma de ação política. A desconfiança, o rumor, a incerteza levou à ruptura dos vínculos que até esse momento existiam. Segundo Teresa:

Ese es el momento que además marca mi ruptura frente a un montón de procesos en la U, yo dije no, esto es patético porque en los momentos en que se supone que estas redes y estas cosas sirven, es el momento en que cada quien tira para lo suyo, sálvese quien pueda, entonces yo dije a sálvese quien pueda, bueno, pues sí.¹³⁴

Ambas tomaram distância das organizações estudantis, não por temor a o que pudesse acontecer, senão porque consideravam que era necessário em primeiro lugar reconhecer a responsabilidade dos estudantes nos fatos, repensarem as formas de protesto, reconsiderar a conveniência de certas práticas e de certas lógicas dentro do movimento estudantil. Mas não encontraram dentro da organização nem o espaço, nem a vontade para prantear-se essas questões.

Essa distância propiciou desvendamento de uma realidade que parecia-lhes como falseada e a necessidade de construir novos vínculos diferentes daqueles construídos até então: “Después de los hechos nos juntamos en la amistad, no en la política. Fue un momento de rupturas y de acabar lo que conocíamos como la conocíamos”.¹³⁵

Durante as entrevistas houve um uso frequente de expressões que faziam referência ao jogo das crianças: “Todo el mundo estaba metido en la cocina, como si estuvieran dando confites”; “Uno dice, es como si estuviéramos jugando con chispitas mariposas. Uno no dimensiona lo que puede hacer la pólvora” “vea muchachita, cuidado que eso quema” “Éramos como chiquitas metidas en juegos de grandes”. Para ambas o dia 10 de fevereiro e os acontecimentos posteriores significaram uma toma de consciência, levou-as a repensar suas próprias histórias de vida, suas formas de participar nos

¹³⁴Entrevista com Terea. Medellín, junho de 2012

¹³⁵Entrevista com Rosana. Comunicação pela internet, agosto de 2012.

processos políticos e o peso das perdas na memória de seus pais, é por isso que Teresa afirma: “não quero ter mortos para colecionar”.

Esses altares criados por elas, os cartazes, o caminho de flores e os volantes, foram efêmeros e tiveram um impacto momentâneo. Ainda hoje o grafite conserva-se, guarda a memória do que passou e recupera para Paula Andrea e Magaly um espaço na memória da universidade e do movimento estudantil.

Os altares espontâneos têm uma capacidade de agência no sentido de ir além das narrativas com as quais são originalmente criados, seu efeito supera o evento que os provoca (DOSS, 2006). Eles adquirem um grande poder narrativo carregados de significado e simbolismo. Em 2012 estive vários dias no campus da Universidad Nacional entrevistando os estudantes sobre o grafite e seus significados. Os estudantes com os quais falei, uns 15 durante três dias, haviam ingressado na universidade entre 2006 e 2011. Sem exceção conheciam o grafite, alguns tinham uma referência quanto aos acontecimentos, mas outros não sabiam quem eram Paula Andrea e Magaly, nem o evento relacionado.

Entre as pessoas que conheciam os fatos, alguns o sabiam pela mídia ou pelos comentários dos professores quando ainda estavam no secundário; outros perguntaram aos colegas da faculdade ou escutaram falar delas nas assembleias de estudantes. Sobre o que se passou com elas existiam muitas versões, porém destacava-se a versão de que estavam fazendo parte de um protesto na Universidad de Antioquia e que um artefato explosivo ativado pela polícia as matou. Alguns membros da Oficina de estudantes também afirmavam que “la mano oscura del ESMAD, una confabulación, se tiró un gas o un explosivo donde ellas estaban, eso es muy lógico”.

Ao questioná-los sobre a frase e seu significado, alguns falaram sobre a fragilidade da vida, a amizade, a dor pela morte. Outros faziam referência à importância da luta, ao valor daqueles que lutavam por defender os direitos de todos. Para outros representava o absurdo da violência e a necessidade de pensar outras formas de protesto. Alguns se perguntavam quem podia tê-lo desenhado e qual seria o propósito. Outros afirmavam que quem o realizou devia ser muito mais que um colega de aula, devia ser uma companheira de lutas.

O integrante da “Oficina estudantil” falou de Paula e Magaly como símbolos da luta estudantil, e esse momento como um fato que marcava a história da universidade, pelo “sacrifício” das estudantes e o lugar da mulher nos protestos. Reivindicava que suas vidas não foram em vão e que o movimento se encarregava de manter essa memória viva. De fato o grafite foi restaurado em 2012 por integrantes da “Oficina de estudantes”, em particular o Grupo de Memória.¹³⁶ O grupo se apropriou do grafite, incluindo os retratos de Paula e Magaly. Conservaram a memória desse primeiro momento de elaboração do grafite, por isso escreveram a data da criação e adicionaram a de restauração.

Na Universidad de Antioquia Paula Andrea e Magaly são também recordadas em grafite e cada 10 de fevereiro estudantes encapuçados realizam atos de protesto, lançam explosivos e distribuem panfletos nos quais falam sobre o significado das mulheres na luta do movimento estudantil. Também na internet há crônicas escritas pelos estudantes onde as descrevem como “lutadoras incansáveis” e “heroínas do povo” e são comparadas com líderes estudantis assassinados por ser “mujeres que dieron sus vidas por un país mejor”.¹³⁷

A Rosana causa-lhe curiosidade saber quem e porque restauraram o mural, mas não está interessada em se reconhecida pelo mural. Para Teresa é um paradoxo que Paula Andrea e Magaly sejam um referência do movimento estudantil. Para ela essa é outra forma de silenciar o verdadeiro debate por trás da morte das estudantes. É necessário compreender como o dia 10 de fevereiro se converteu numa tragédia, reconhecer os erros e recolocar as formas de protesto na universidade para que esse tipo de coisas não aconteça novamente. A memória que prevalece sobre esses fatos é aquela que continua invisibilizando a tragédia desse dia, não reconhecendo as responsabilidades.

Todavia, como expressa Sylvia Grider (2011) os altares espontâneos têm uma propriedade relativa, eles existem na mirada de quem os cuida. Talvez Teresa e Rosana tenham sido suas criadoras, porém hoje esse altar foi

¹³⁶Este grupo tem um projeto de recuperar e divulgar a memória do movimento estudantil na Universidad Nacional. Criaram um blog chamado “Somos nuestra memoria”, que tem o propósito de construir um conhecimento sobre o lugar do estudante na universidade pública e no contexto em que vive. Veja : <http://somosnuestramemoria.blogspot.com.br/>

¹³⁷Veja-se: <http://kaosenlared.net/america-latina/item/43971-paula-y-magaly-flores-de-primavera-cr%C3%B3nica-de-lucha-estudiantil-en-colombia.html> também <http://prensauniversidad.blogspot.com.br/2012/02/conmemoracion-en-la-universidad-de.html>

reapropriado e adquiriu outros sentidos. É precisamente onde radica seu potencial, na possibilidade de gerar respostas interativas com outros espectadores e em outros contextos.

7. O ALTAR EM HOMENAGEM AOS JOVENS ASSASSINADOS NA CHACINA DE LA MILAGROSA: “NO PODÍA HABER PASADO Y POR QUÉ HABÍA PASADO ESO”

Os casos anteriores, o mural em Santo Domingo Savio e o grafite em homenagem a Paula Andrea e Magaly, evidenciam as fraturas sociais que a violência e a reação diante dela geraram nesses coletivos. O não reconhecimento do sofrimento vivido, a necessidade de admitir a própria vulnerabilidade para assim sentir a dor dos outros, fazem parte dessa narrativa do luto que os altares provocaram. Estamos nesses casos diante dos conflitos das diversas memórias construídas sobre o passado. A possibilidade da reconstrução da comunidade política dependerá da aceitação e reconhecimento dessa diversidade.

Na Milagrosa estamos, pelo contrário, diante de uma comunidade afetiva construída após enfrentar o terror de uma chacina. O altar é, neste caso, a lembrança de um evento que desfez os critérios de compreensão do mundo dessa comunidade. Porém, é também a evidência de sua capacidade para reconstruir as estruturas de sentido.

Na madrugada do dia 27 de dezembro de 1992, no bairro La Milagrosa, na parte leste da cidade, foram assassinadas seis pessoas por um comando armado. Eles eram o casal John Jairo Palácios e Sandra Ivonne Valencia, de 27 e 22 anos, pais de uma criança de dois anos; Dora Lucia Calderón Valencia 26 anos, prima de Sandra; Elkin Fernando Agudelo, 21 anos, que tinha acabado de terminar o ensino médio, Luis Guillermo Valencia, 40 anos, aniversariante nesse dia, e Luis Fernando Osorio, de 22 anos. Na esquina onde eles foram mortos, os familiares e os vizinhos criaram um altar em sua homenagem. O altar tem uma estátua de Nossa Senhora Auxiliadora sobre uma base pintada de azul, uma placa com os nomes das vítimas, a data da morte, 27 de dezembro de 1992, e a legenda “Descansad en la paz del señor” (Ver foto no. 1, p. 148). Embora hoje não se faça mais, costumava-se realizar anualmente uma cerimônia religiosa para lembrar os jovens assassinados.

7.1 Os criadores: “Porque es que eso sí nos marcó a todos en el barrio”

Perguntei quem tinha tido a ideia do altar, sem exceção a resposta era: os familiares e os vizinhos. Todos asseguravam ter apoiado a construção. As pessoas sentem esse altar como próprio, o que ele lembra faz parte da história de cada um deles. Todavia, hoje Rodrigo Marulanda é o encarregado de cuidar dele (Ver foto no. 5, p. 148).¹³⁸

Rodrigo conserva as chaves do cofrinho no qual se colocam as luminárias, pinta o altar quando necessário e o decora com flores. Ele tem 53 anos, é separado e tem dois filhos. É uma pessoa discreta, de falar pausado e baixo. Trabalha desde os 19 anos na mercearia que fica em frente da esquina onde está o altar. Só completou o ensino médio, mas se interessa por aprender outras coisas, como o curso de computadores, que frequenta às terças-feiras, dia de descanso da mercearia.

Em nossa primeira entrevista pedi para ele me falar daquele dia 27 de dezembro de 1992. Para minha surpresa ele começou a narrar o dia, quando tinha 13 anos, em que seu pai foi assassinado na sua presença, no interior da mercearia. Um homem chegou e disparou contra seu pai. Na sequência de sua narrativa, a violência fez presença seis anos depois, quando Jaime, um amigo muito apreciado na família por ter sido o encarregado dos negócios depois da morte do pai, foi assassinado no dia 24 de dezembro, também dentro da mercearia. O pai teria sido assassinado por ordens de um vizinho, a título de vingança. Matar Jaime era uma armadilha para conseguir que um irmão dele participasse do enterro e assim dar-lhe morte. É ali onde Rodrigo faz a ligação com a chacina:

Y llega la fecha esa. Porque hubo un tiempo que fue muy duro, eso fue en la década del 80, cuando Pablo Escobar y todo eso. Entonces primero empezó matando policías que daba un millón de pesos por

¹³⁸Rodrigo era amigo de todos os jovens assassinados e é citado no livro “Imágenes que tienen memoria” como o responsável por cuidar do Altar (MEDELLÍN. ALCALDÍA. PROGRAMA DE ATENCIÓN A LAS VÍCTIMAS, 2010). Por essa razão, em companhia de Mary Hincapié, procuramos por ele em sua mercearia, apresentando-lhe o propósito desta pesquisa e nosso interesse em fazer uma ou várias entrevistas. Apesar da sua amabilidade, mostrou-se um tanto reticente. Depois, ele me contaria que achou a proposta esquisita, pois era a primeira vez em 20 anos que alguém ia lá querendo saber sobre a chacina, nem sequer a polícia havia estado ali investigando.

policía, y después los policías en retaliación todo el que veían en esquinas le daban bala.¹³⁹

Todas essas mortes que marcam sua narrativa têm em comum a banalidade, são motivos fúteis, irracionais, mas que irrompem na sua vida para mudá-la radicalmente. A expressão “banalidade do mal” foi usada por Hannah Arendt em seu livro “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”, para se referir à estranha interdependência entre irreflexão e maldade (ARENDR, 1999). É comum na fala de Rodrigo e de seu irmão John Jairo (Ver foto no. 6, p. 148) a pergunta pelas razões para a violência, o porquê daquilo. Após tantos anos eles ainda fazem a mesma pergunta, a partir da qual é possível compreender como essa dúvida marca essas vidas. Uma fala de John Jairo resume muito bem o efeito que produz essa banalidade: “Lo que más asusta es no saber qué los motivó para hacer eso”. Uma violência completamente desprovida de sentido. Por isso a expressão recorrente nas entrevistas para falar dos fatos de dezembro de 1992, era “por que passou isso?” O que resulta dessa indagação sem resposta é o medo e a incerteza.

Daniel Pecaute(1999), sem fazer referência à filósofa alemã, também fala sobre a banalidade da violência na Colômbia. Ele se pergunta as razões pelas quais o intenso grau de violência não tem provocado na sociedade colombiana uma reação pública. Pode ser, questiona ele, que naturalizemos a violência e a percebamos como algo que sempre tenha existido? Ou seja, a trivializamos e a transformamos num fenômeno cotidiano? São os efeitos de uma guerra que se tem prolongado por décadas, transformando-se, misturando-se, fazendo impossível encontrar explicações, causas e efeitos? O tempo, o espaço e a própria experiência subjetiva se distorce dificultando o relato, misturando fatos, lugares, tempos. Por essa razão para Rodrigo há uma ligação entre o vivido quando era um adolescente e a chacina de 1992.

Como vimos nos capítulos anteriores, situações como a vivida por La Milagrosa e por Rodrigo em particular, são recorrentes em Medellín. A chacina não foi o primeiro evento violento ao qual Rodrigo se enfrentou, mas pela forma de agir dos assassinos, a quantidade de vítimas e sua proximidade com elas significou um evento crítico, no sentido dado por Das (2008). A morte dessas

¹³⁹ Entrevista com Rodrigo. Medellín, junho de 2012.

peças evidenciou o quanto essa violência era arbitrária e quão difícil era sair ileso da situação que Medellín enfrentava.

Pécaut(1999) se pergunta por que essa violência não gera uma reação na sociedade, mobilização, protestos. Neste caso também não houve passeatas, protestos ou pedidos de justiça diante das autoridades. O que houve foi o fortalecimento de uma identificação a partir do luto, do sofrimento. De maneira similar à análise feita por Alexis Cortéz(2011) para o bairro Población La Victoria em Santiago de Chile, diante de uma experiência traumática de violência surge, em lugar do relato de vitimização, o relato de solidariedade, de estreitamento de laços derivados da emoção compartilhada, da possibilidade de sentir a dor no corpo do outro, seguindo as palavras de Veena Das (2008).

Por esta razão cada um dos entrevistados sentiu esse luto como próprio. Ainda hoje, cuidam do altar à Virgem como se as vítimas fossem de sua própria família. Mas o altar representa para eles algo além da morte, simboliza o que eles fizeram em reação ao fato violento. O altar mais que representar esse momento inicial de paralisia pelo trauma causado, simboliza a força que leva a se sobrepor e agir(DOSS, 2002).

O bairro La Milagrosa é habitado por pessoas que moram ali desde a década de trinta e recebeu outra porção de migração do leste de Antioquia nas décadas de cinquenta e sessenta (NARANJO GIRALDO, 1992). É um bairro tradicional, com casas simples, mas grandes, onde moram as famílias e seus descendentes. Com ruas amplas e limpas, boa prestação de serviços básicos como saúde, educação e lazer. Muitas das famílias conservam até hoje as práticas cotidianas tradicionais, reunir-se na rua, socializar na praça e nos bares ou mercearias (Ver foto no. 3, p. 1480).

Na década de 1930 o leste de Antioquia viveu a crise do minério e uma depressão econômica, isso provocou a migração para a cidade. A maioria dessas pessoas, camponeses, comerciantes, mineiros, ao chegar à cidade ficaram na parte centro-leste. À diferença do que acontecia no Bairro Santo Domingo Savio, eles não eram camponeses deslocados pela violência, eram pessoas com certo nível de renda, que procuravam melhores condições de vida para suas famílias (NARANJO GIRALDO, 1992).

Com o aumento da densidade populacional na década de quarenta, coincidindo com um novo aceleração das migrações intraurbanas, a comuna centro-leste foi habitada por obreiros e pequenos comerciantes que surgiram com o desenvolvimento industrial. Porém, na década de setenta e oitenta, criaram-se nas periferias bairros ilegais de invasão. Assim, a configuração da comuna centro-leste foi de grande heterogeneidade e polarização, entre bairros tradicionais, bairros construídos de forma planejada e outros que surgiram sem planejamento, mas que paulatinamente consolidaram-se. (NARANJO GIRALDO, 1992).

Vale registrar também que a tradição religiosa católica é um elemento muito importante dentro da cultura dessa região. Os mesmos habitantes construíram a igreja com recursos aportados pelos fiéis ou recolhido de atividades culturais.

Na Milagrosa todos parecem conhecer-se, cumprimentam-se, falam das suas vidas, ajudam-se no possível. É comum ver as portas das casas abertas com as vizinhas sentadas e conversando. O ponto de encontro são as mercearias e pequenos bares e a igreja no centro do bairro. A mercearia de Rodrigo é um ponto de reunião para muitos, vão lá tanto para comprar alimentos como para tomar um chope e conversar com os amigos.

Para Rodrigo, o mundo tranquilo do seu bairro já estava mudando desde a década de oitenta. A violência indiscriminada, os atentados terroristas, os sicários, as bandas, nada disso lhe era estranho. Contudo, a vivência do terror que essa violência podia alcançar fez-se clara nessa noite de dezembro e nos dias seguintes.

Yo te cuento que me ha tocado, porque he vivido muchos años ahí, marcar esas diferencias de tiempo. Porque veníamos de la juventud de nosotros que era una juventud de jugar con bolas, trompos, lo máximo que hacíamos nosotros era robar frutas en las mangas. Y después empezó ese cambio de pensar en otras cosas, el vicio que empezó a verse mucho en los jóvenes y ya no era tanto como el estar jugando, el estar así distraéndose, sino otro modo de pensar distinto. Llego la época de Pablo Escobar, el dinero fácil, cogían esos pelados y vea tenga esta plata y ya. Es que no sé si te has dado cuenta que la historia aquí en Medellín empieza Pablo, antes de Pablo y después de Pablo. Pablo como que despertó a la gente y como se conseguía tan fácil la plata en ese tiempo, la gente no pensaba en trabajar sino en conseguir plata. Entonces a mí en el negocio me tocó muchas cosas difíciles, porque empecé con grupos

de jóvenes que se sentaban ahí a fumar marihuana a hablar de trabajos o así. Entonces me ha tocado verlos aparecer y acabar.¹⁴⁰

Na década de oitenta proliferam em Medellín formas de socialização dos jovens conhecidas como “galladas”. Eram grupos de jovens que se reuniam na esquina ou praças para conversar, porém não tinham um caráter delitivo. Também surgiram as “pandillas” ou “combos”, grupos de jovens que podiam ter caráter delitivo e passaram a conformar bandas mais sérias ou foram cooptadas por outras bandas (JARAMILLO, A. M.; CEBALLOS. R.; VILLA, 1998; MARTIN, 2012). Esses grupos apropriaram-se do território, da esquina, do quarteirão ou do bairro. Passaram logo a mostrar sua capacidade armada, roubavam, extorquiam locais comerciais, empresas de transporte e outros negócios. Transportavam-se em motos e tinham um modo de vestir e de falar particular.¹⁴¹

Rodrigo presenciou, durante duas décadas, a morte de mais de vinte pessoas nessa esquina. Viu crescer muitos dos jovens que logo formaram bandas, tanto as pequenas que faziam furtos ou roubo de carros, até outros que chegaram a serem chefes de importância dentro do mundo delinquencial em Medellín.¹⁴² Rodrigo pagou extorsões, as chamadas “vacinas”, em troca de uma suposta segurança e enfrentou em algumas ocasiões assaltos dentro do local, por isso teve que instalar uma grade que o separa dos clientes.

¹⁴⁰Entrevista com Rodrigo. Medellín, maio de 2012.

¹⁴¹Conhecido como “El parlache”, este dialeto social expressa as profundas transformações culturais, sociais e econômicas vividas pela cidade de Medellín entre as décadas de 70 e 80. Esse fenômeno manifesta as profundas divisões entre setores claramente diferenciados da cidade, nos quais alguns estão excluídos da educação, da vida laboral e social. É por sua vez forma de simbolizar e de mostrar a realidade urbana. Naquele momento, “El parlache” era usado pelos jovens de bairros com nível econômico baixo, mas com o passar do tempo acabou sendo apropriado pelos jovens em geral. Veja: CASTAÑEDA NARANJO, Luz Stella y HENAO SALAZAR, José Ignacio. El parlache: una variedad del habla de los jóvenes de las comunas populares de Medellín. In: *Lingüística y Literatura*. No. 24 (jul.-dic. 1993); p. 35-49.

¹⁴²En junho de 2012, quando estava realizando o trabalho de campo, Sebastian, um dos homens fortes da Oficina de Envigado, foi detido em Medellín. Os homens na mercearia não falaram comigo desse tema, mas quase em segredo comentaram para um amigo, que me acompanhava nesse dia, que conheciam a Sebastian, era vizinho do bairro. Muitas vezes, na mesma mercearia, eles testemunharam como Sebastian planejava os “trabalhos” com seus amigos.

7.2 O acontecimento: “Los mataron como tumbando flores”

Como foi apresentado na introdução, para informar-nos sobre os acontecimentos que levaram à criação dos altares, pesquisamos também na imprensa local, para registrar como os fatos haviam sido narrados. Para o caso da chacina de La Milagrosa, a imprensa documentou os eventos como um fato a mais entre outros. A sucessão de eventos violentos era tão vertiginosa que não havia possibilidade de aprofundar as notícias divulgadas. Todavia, uma breve amostra de alguns das manchetes do jornal “El Colombiano”, dará ao leitor uma aproximação do ambiente de terror que a cidade vivia.

- Novembro, 15 de 1992: Chacina em Villatina, oito crianças entre os 8 e 17 anos de idade e um adulto são assassinados por um comando armado;
- Dezembro, 1º: Tripla violência em Bello, sendo seguida de violência contra os jovens;
- Dezembro, 3: Carro-bomba na 70, assassinados nove policiais e três civis;
- Dezembro, 4: Uma pergunta de cara à barbárie: que sentido tem tido isso?;
- Dezembro, 5: Urgente mais força pública;
- Dezembro, 5: Desativado poderoso carro-bomba;
- Dezembro, 14: Escalada terrorista contra os diretórios políticos;
- Dezembro, 15: Por carro-bomba, morrem quatro inocentes mais;
- Dezembro, 20: Assassinado chefe regional de inteligência da Sijin [unidade de pesquisa criminal da polícia];
- Dezembro, 20: Desativam carro bomba em Fátima;
- Dezembro, 21: Assassinados quatro jovens em Bello;
- Dezembro, 25: Carro-bomba em Laureles;
- Dezembro, 28: Lentamente morre Medellín: continuam assassinando de forma indiscriminada. Encapuzados caminham

como Pedro pela sua casa. A autoridade nada viu. Total de onze seres humanos a menos;

- Dezembro, 29: Quarto estalido de morte: dois policiais e um civil morrem em atentado;
- Dezembro, 29: Temor no Limonar por ameaças contra os jovens;
- Janeiro, 3: Assassinato de outro agente;
- Janeiro, 3: Em Villatina confuso enfrentamento entre organismos de segurança. Policiais realizavam operativos encapuzados;
- Janeiro, 8: Explodiu outro carro bomba.

Gerard Martin(2012), afirma que entre 1988 e1993 foram os mais escuros na história da cidade e do país. A cidade tinha 1.6 milhões de habitantes e os trinta mil assassinatos desses anos criaram um trágico recorde mundial. Os homicídios triplicaram de 2.391, em 1987, a 6.349, em 1991, o ano mais violento em Medellín e no país. Entre 1988 e 1993 a cidade sofreu atentados de cerca de cinquenta carros-bomba e outros cinquenta com explosivos. Mais: média de quinze homicídios diários e um atentado terrorista a cada dois dias.

Ainda assim, não se pode assinalar um “evento” inaugural dessa situação. Como afirmam Restrepo, Vélez e Pérez (1997), na sua pesquisa sobre a violência homicida em Medellín, o fenômeno foi instalando-se na cidade de maneira lenta, porém progressiva. Cada pessoa, segundo eles, tinha um ponto de referência para seu início. Cada um define esse marco conforme o evento ou o modo como teria sido afetado por ele. Assim, para Rodrigo foi o narcotráfico o responsável pela situação vivida na cidade. Segundo suas palavras, Pablo Escobar determinou um antes e um depois. Também para a mãe de Sandra, dona Fanny, o responsável de toda essa violência era Pablo Escobar, por isso quando viu seu túmulo no cemitério “fue un descanso, él fue el responsable”¹⁴³.

Boa parte dos homicídios e dos atos terroristas era atribuída à guerra entre o Estado e o narcotráfico. Ainda assim o número de mortes foi incrementado como consequência de múltiplos fatores. As ações do

¹⁴³ Entrevista com Fanny. Medellín, julho de 2012.

narcotráfico e as bandas associadas a ele. As milícias nos bairros que lutavam contra as bandas pequenas e toda forma de delinquência exerciam vigilância, mas também executavam aqueles que não cumpriam suas regras ou eram “ovelhas negras”. Paralelo a isso, as agências de segurança do Estado realizavam operações de “limpeza” e retaliação contra jovens em bairros da cidade que, segundo eles, estavam associados ao narcotráfico. (PÉREZ TORO; VÉLEZ, 1997)

Eram tantos os interesses em jogo que era difícil compreender o panorama do que estava acontecendo na cidade. Era uma espécie de quebra-cabeças intrincado de armar. Nas análises feitas posteriormente era comum encontrar o narcotráfico como o responsável pela proliferação de bandas e a penetração na economia nacional, assim como a inversão de valores e aspirações dos jovens nos bairros. O livro, publicado em 1990, “No nacimos pa’ semilla”¹⁴⁴, de Alonso Salazar, abriu os olhos sobre este último fenômeno. Decia Salazar:

Las bandas no podrían ser controladas mientras ellas fueran el medio de socialización y el modelo de identificación para las nuevas generaciones de las barriadas populares. Mientras los niños estén creciendo bajo el signo cotidiano de la violencia y construyendo un imaginario donde la muerte es el referente fundamental”.(Salazar, A. apud MARTIN, 2012, p. 256)

No capítulo 3, fazíamos referência ao trabalho de Vilma Franco (2003) no qual ela indica três hipóteses interpretativas em relação com três momentos da violência na cidade. Lembremos que na sua análise o segundo momento corresponde à década de noventa, quando os estudos indagaram pelo substrato cultural dos comportamentos violentos, em relação com o auge do narcotráfico. Todavia, a autora não concorda com essas hipóteses interpretativas e, do mesmo modo, outros analistas chamaram a atenção sobre o perigo desse tipo de hipótese que justificava a violência contra os chamados marginais da sociedade (RESTREPO et al., 1997). Consideramos que esses estudos também são a evidência do ambiente vivido na cidade, daquilo que nossos entrevistados percebiam no dia a dia e resultou ser marcante na sua própria história de vida. A violência provocada pelo narcotráfico e sua inserção na vida cotidiana das pessoas.

¹⁴⁴Ver: Salazar, A. (1990) No Nacimos pa’semilla: La cultura de las bandas juveniles en Medellín. Bogotá: Cinep.

Nessa história a figura de Pablo Escobar resulta onipresente. Personagem que encarnou o mal, mas também o herói. Homem astuto e sinistro que criou uma poderosa organização criminal, mas também aquele que fez da droga um negócio multinacional. Figura mítica sobre a qual parecemos saber tudo, mas, ao mesmo tempo, resulta ser um enigma. Em todo caso ele exerce fascinação. Destacamos os livros “La parábola de Pablo”, escrito por Alonso Salazar (2001), e “Operación Pablo Escobar”, de Germán Castro Caycedo (CASTRO CAYCEDO, 2012). O seriado nacional “Escobar El Patrón del mal”, apresentado na Colômbia no 2012 -justo no momento da realização do trabalho de campo- rompeu todos os recorde de audiência, levou o país a falar novamente sobre ele, sobre seu significado para nossa sociedade. No entanto, também desencadeou críticas pela forma como enfatizou a figura do vilão e foram silenciadas ou minimizadas as histórias das suas vítimas. Para fazer contrapeso a essa história, foi criado num canal público, Canal Capital, uma série jornalística sobre “As vítimas de Pablo Escobar”, na qual cada capítulo narrava as memórias de pessoas, famosas ou não, que foram vítimas do terrorismo do narcotráfico.

Contudo, o impacto de Pablo Escobar não é só nacional, essa série foi transmitida nos Estados Unidos com o mesmo sucesso e agora Netflix está produzindo uma série sobre sua vida, sob direção do brasileiro José Padilha. Na revista *Zum*, número 5 de 2013, foi publicado o artigo “O álbum de Pablo Escobar”, escrito por Pablo Werneck, no qual se resenha o livro do britânico James Mollison com fotografias de Escobar e que, além disso, traz uma breve narração da vida de Pablo e de sua guerra contra o Estado. Estes são só alguns exemplos do fascínio que essa figura ainda exerce e de sua presença na memória coletiva.

Pablo Escobar inicia em 1983 uma guerra contra o Estado logo após o jornal *El Espectador* e o Ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla, o terem vinculado ao narcotráfico. Essa guerra significou a morte de jornalistas, políticos, policiais, juízes e milhares de pessoas vítimas dos atentados com carros bombas. Em 1991, após a Assembleia Nacional Constituinte ter proibido sua extradição, e sob um regime especial criado para facilitar seu julgamento, o narcotraficante entrega-se com o compromisso de ficar recluso na cadeia “La Catedral”, construída para ele e seus homens.

Em quanto Pablo Escobar esteve preso na Catedral, a cidade viveu um tempo de relativa tranquilidade. Ainda assim desde ali Escobar deu ordem de atentar contra pessoas que considerava seus inimigos ou que lhe eram desleais. Entre as pessoas contra as quais Pablo Escobar atentou durante sua permanência na Catedral estão os irmãos Castaño. Narcotraficantes do cartel de Medellín e chefes do paramilitarismo em Urabá e Córdoba. Eles não aceitavam a guerra de Escobar contra o Estado e o cartel de Cali pois mantinham fortes vínculos com as forças armadas, a polícia e o cartel de Cali (SALAZAR, 2001).

Em julho de 1992, Escobar fugiu da prisão após descobertas as inúmeras irregularidades que se cometiam na cadeia. Desde luxos e visitas não reguladas, até assassinatos de ex-aliados do Cartel de Medellín, além de continuar controlando suas atividades de narcotráfico. A fuga de Escobar gerou na cidade um ambiente de incerteza e medo. Também provocou a reativação do “Bloque de Búsqueda” comando especial da Polícia encarregado exclusivamente da procura do capo. Assim como a criação, por parte dos irmãos Castaño e de outros ex-sócios de Escobar, do grupo ‘os PEPES’ (Perseguidos por Pablo Escobar), principais aliados do Cartel de Cali e da Polícia na perseguição e posterior assassinato de Escobar.¹⁴⁵

Os habitantes de Medellín viram-se entre o fogo cruzado das ações militares do Bloque de Búsqueda; dos organismos de segurança do Estado; dos grupos de extermínio das mesmas forças armadas; das ações dos Pepes - que na sua guerra contra Escobar realizaram assassinatos, sequestros, carros-bomba; das milícias; das bandas; assim como das respostas do próprio Pablo Escobar(SALAZAR, 2001). Desta forma, foram assassinadas em Medellín 5.981 pessoas, cifra menor do que aquela de 1991, quando foram 6.349 homicídios, mas que ainda era alta demais (GIL RAMÍREZ, 2009).

O que sobreveio do confronto entre todos esses grupos armados foi uma série de assassinatos que teriam como principais vítimas a população civil:

De los dos lados, muertos generaban más muertos. Cuando el BdeB [Bloque de Búsqueda] eliminó con 18 balazos, en la casa de su novia,

¹⁴⁵ Desta associação entre inimigos de Pablo Escobar surgiram nomes dentro do paramilitarismo que foram chaves na consolidação desses grupos em Medellín, Urabá e leste antioqueño, como, por exemplo, Diego Fernando Murillo, conhecido como Don Berna. Quando era jovem Don Berna fez parte do grupo guerrilheiro EPL e logo passou a trabalhar com os Galeano, sócios de Escobar. Depois que Escobar assassinou os Galeano, Don Berna associou-se com os Pepes. Os Castaño o encarregam de controlar as bandas organizadas de Medellín no que se chamaria a “Oficina de Envigado”.

a Brances Muñoz Mosquera (alias Tayson), en aquel momento jefe sicarial principal de Escobar, la retaliación, un día después, fue liderada por su hermano Daniel (alias Tilton), en conjunto con el Chopo, el Arete, y Paloma (los dos últimos eran prófugos de La Catedral). La venganza consistió en el pago de 100 millones de pesos a bandas chichipatas por el asesinato de 38 policías. En este tire y afloje entre las bandas y la fuerza pública, un mes más tarde, en el barrio Villatina (Comuna 8) al caer la noche, encapuchados dispararon contra un grupo de jóvenes reunidos en una esquina y mataron a nueve personas, entre ellas tres menores de 16, 15 y 8 años, cinco de 17 años y uno de 22 años. Al parecer fue una venganza por la muerte de dos policías días antes en el mismo barrio.(MARTIN, 2012)

Depois da chacina de Villatina, aumentaram os rumores sobre comandos de homens armados percorrendo os bairros da comuna Centro Leste. O sacerdote na igreja do bairro La Milagrosa advertia para não frequentar a rua à noite, pois estavam circulando muitos rumores. O medo crescia, as ruas eram perigosas. Na entrevista com Juan Guillermo vizinho do bairro ele lembrava o medo que sentia de estar na rua: “Las esquinas, uno no podía estar por ahí en una esquina, no podía ir a bailar, ni salir muy tarde, mucho temor, bastante. Fue una época de mucha violencia”.¹⁴⁶ Mas, como todos afirmavam, “aquele que nada deve, nada teme”. Os habitantes acreditavam que essas ameaças não tinham nada a ver com seu bairro, que eram ações que aconteciam em lugares perigosos como Villatina, bairro vizinho e com presença de bandas armadas e milicianos. Todavia, muitos deles demonstravam desconfiança com seus novos vizinhos, os moradores do bairro Medellín sin Tugurios,¹⁴⁷ por sua relação com o chefe do Cartel. Segundo os rumores era desses bairros, e de outros em Envigado e Manrique, que o capo recrutava seus sicários.

Na noite de 27 de dezembro, às 22h30, oito jovens estavam reunidos numa esquina do bairro La Milagrosa. Durante todo o dia, comandos do exército percorreram o bairro, revistando os jovens, exigindo documentação. Todavia, uma hora antes dos acontecimentos o comando do exército já tinha saído do bairro. Várias pessoas viram passar um táxi amarelo com homens dentro dele. O carro parou na esquina onde estavam os jovens, nesse

¹⁴⁶ Entrevista com Juan Guillermo. Medellín, junho de 2012.

¹⁴⁷ Nos inícios da década de 80, Pablo Escobar construiu e iluminou quadras esportivas nos bairros mais pobres da cidade e construiu todo um bairro chamado “Medellín sin tugúrios” (ou Pablo Escobar como é comumente conhecido) que foi entregue para as famílias que viviam numa lixeira da cidade. Isso fazia parte das ações políticas do narcotraficante durante sua campanha política para o Congresso da República.

momento dois deles suspeitaram e fugiram. Eles desceram do carro e deram ordem para que os homens- John Jairo, Elkin Fernando, Luis Guillermo, Luis Fernando- se jogassem no chão e sem mediar palavras dispararam contra eles. As duas mulheres, Dora e Sandra, tinham ficado juntas à certa distância, estavam abraçadas, eles chegaram até elas se dispararam.

Segundo os jornais, o mesmo comando armado que fez a chacina na Milagrosa, percorreu vários bairros da Comuna Nordeste, El Salvador e Las Palmas. Agindo de igual forma, assassinaram cinco pessoas que se encontravam na rua (“En Medellín siguen asesinando en forma indiscriminada,” 1992).

Depois que o comando armado foi embora, todos os vizinhos tentaram auxiliar os jovens, levando-os para centros hospitalares. Quando dona Fanny, mãe de Sandra, e sua família foram avisadas do acontecido saíram na porta da casa e só conseguiram ver a multidão ali reunida e “los rios de sangre bajando por la calle”. As pessoas gritavam, choravam, tiravam dos cabelos como enlouquecidas.

Rodrigo não presenciou os fatos, só soube do ocorrido no dia seguinte, ao sair para a mercearia. Quando chegou ali se deparou com o rastro do sangue, com seu cheiro ainda forte e com as narrações do terror vivido pela sua família que morava justo em frente e presenciou tudo.

Houve duas referências muito marcantes para a totalidade dos entrevistados, o assassinato das mulheres e os rios de sangue que corriam pela rua. Segundo Rodrigo:

Yo no vi, pero sí, ellos matan a los muchachos en el bordo del murito, viendo que las muchachas no estaban ahí e ir a matarlas allá. Eso es lo que me impacta a mí, y más así como quedaron, como me dicen a mí, que quedaron abrazadas. A mí eso es lo que más impacto me da y bien jóvenes que eran, bien bonitas, mujeres de casa, no eran parranderas. Como sería eso de tenebroso, que pesar, muy bravo. Como sería el susto. Las muchachas no tenía nada que ver ahí, o que pasaría que las mataron?¹⁴⁸

A morte das jovens impactou a todos. Por sua condição de mulheres, particularmente descritas por todos como “boas mulheres”, “mulheres da sua casa”, eram consideradas “intocáveis”. O fato de encontrarem-se abraçadas no momento de morrer era a representação do horror que elas deviam ter vivido,

¹⁴⁸ Entrevista com Rodrigo. Medellín, junho de 2012.

da impossibilidade de defesa, da fragilidade das duas frente ao poder dos homens armados, porém também a evidência da crueldade e da banalidade dessa violência. Sua morte corroborava que ninguém estava a salvo da violência.

O outro fato foi ver materializar-se a expressão “rios de sangue”. Essa mancha nas ruas era a representação do evento crítico, era evidência da dimensão da tragédia, daquele momento que marcará um antes e um depois nas suas vidas. A vida como era conhecida por eles foi arrasada (DAS, 1995). Essa ideia generalizada de que o que acontecia em Medellín era uma guerra entre bandos claramente definidos, policiais - narcotraficantes, é destruída pela realidade. Qualquer um podia ser vítima dessa guerra.

Ainda hoje os vizinhos não encontram explicações para o acontecido. Alguns afirmam que a morte dias antes do chefe da Sijin (Departamento de investigação criminal da Polícia) poderia ter relação com a chacina em La Milagrosa¹⁴⁹ e em outros bairros da cidade. Os eventos dessa noite mudaram o mundo daquelas pessoas. Agora a guerra que eles viam acontecer em bairros próximos, embora indicados como perigosos, estava na sua frente, irrompendo na tranquilidade de suas vidas. Para Rodrigo foi uma espécie de trânsito da vida inocente “de roubar frutas nas árvores das casas vizinhas”, à presença contundente da violência, mas especialmente de sua arbitrariedade.

7.3 A criação do Altar: “Entonces el duelo, el pesar, porque eso sí fue muy grave”

Os testemunhos escutados têm uma forte intensidade emocional. A representação geral do evento é percebida como moralmente injusta. Os fatos parecem indicar um antes e um depois para essa comunidade. Inicialmente as pessoas procuraram nos encontros uma forma de elaborar o luto. Reunir-se foi

¹⁴⁹Na madrugada do dia 19 de dezembro foi assassinado o chefe da SIJIN em Medellín. Vinte homens que se transportavam em vários carros fizeram explodir uma forte carga de dinamite em frente da casa do alto oficial, num bairro de classe média de Medellín. Aguardaram a saída do oficial em meio dos escombros da sua casa para dar-lhe morte. Nessa mesma noite, presumivelmente o mesmo grupo, tentaram explodir uma bomba em frente da casa onde dois meses antes tinha sido assassinado o chefe dos sicários de Pablo Escobar, Brances Muñoz Mosquera. (Asesinado jefe regional de inteligencia de La SIJIN. El Colombiano, 20 de dezembro de 1992)

uma forma de aliviar seus medos e suas dores. Todavia, essa reunião também permitiu a criação de uma narrativa de luto que ajudou a dar forma a uma comunidade afetiva, com identificações construídas sobre a base do reconhecimento da dor e da injustiça. Nas palavras de Rodrigo:

Al principio sí era el dolor y uno recordando lo que pasó y a las personas, como uno las conocía a todas, siempre le venía a uno a la memoria y la rabia de eso que había pasado... La gente, cuando uno siente un dolor, la gente empieza a conmemorar eso, a sacar eso, entonces empieza por ejemplo al año, mandan a decir misas y todo eso. Y empieza muy bien, empezamos a mandar a decir misas y ya después lo que yo te conté que habían dicho para hacer un altar entre todos. Esa señora de ahí [a dona da casa em frente da qual os jovens foram assassinados] había dicho que no, que no dejaba hacer eso ahí y a lo último el padre habló con ella, que sí permitían y se hizo el altar”¹⁵⁰

O que seguiu aos eventos foi uma série de encontros no bairro onde, por ocasião dos rituais católicos da morte, as pessoas se reuniam e falavam sobre o acontecido. Tentavam compreender, procuravam razões, um por que: “es que nos parecía... no lo creía uno que hubiera pasado eso y ellos tan jóvenes, no podía haber pasado y por qué había pasado eso? Le daba a uno ese dolor y al estar todos ahí reunidos en esa misa...”¹⁵¹ As cerimônias foram realizadas na rua, na esquina onde tinham ocorrido os assassinatos (Ver foto no. 1, p. 148). Muitas pessoas assistiram às comemorações apesar do medo, do temor por uma nova incursão dos grupos armados.

Pelo que narraram nas entrevistas, as reuniões eram espaços para falar do acontecido, para tentar compreender, expressar a raiva, o medo, o desconcerto que o evento tinha provocado neles. Não era só pena por pensar na dor das famílias, a dor era um sentimento compartilhado por todos.

Juntar-se publicamente para realizar os rituais foi uma forma de enfrentar a violência a que foram submetidos, de compartilhar um sentimento e encontrar assim uma forma de esquecimento. Como afirma Rodrigo: “Los primeros años fueron muy duros, olvidar eso es duro. No es tanto olvidar sino que uno no, como es que se dice cuando uno hace un duelo, um dolor... uno olvida”.

Da mesma forma que na pesquisa de Sánchez-Carretero (2011) sobre os atentados aos trens de Madrid, na Milagrosa as pessoas sentiam a

¹⁵⁰ Entrevista com Rodrigo. Medellín, maio de 2012.

¹⁵¹ Entrevista com Rodrigo. Medellín, maio de 2012.

necessidade de estar juntos no local onde tinham acontecido os fatos. Era o lugar que estava carregado do simbolismo da morte, mas também era o último lugar onde foram vistos com vida. Assim reunir-se na rua não só teve um uso comemorativo religioso, transformou-se num cenário para expressar coletivamente os sentimentos e para confortar-se. O altar surgiu para marcar o lugar e apontar a injustiça, foi um mecanismo de elaboração do luto no espaço público (MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, 2011).

No primeiro aniversário da chacina decidiram entre todos fazer um altar no mesmo lugar onde foram assassinados os jovens. Inicialmente a dona da casa em frente do local não queria que o altar ficasse ali. Mas os vizinhos pediram a intermediação do sacerdote da igreja para que ela mudasse de opinião. Quando conseguiram, reuniram dinheiro entre os familiares e vizinhos, mandaram fazer uma base em cimento e colocaram sobre ela um cofre para as velas e as flores, uma virgem e uma placa com os nomes e o seguinte texto: “Elkin Fernando Agudelo, Luis Guillermo Valencia, John Jairo Palácios, Sandra Ivonne Valencia, Dora Lucia Calderón Valencia, Luis Fernando Osorio. 27 de dezembro de 1992, Descansad em La paz Del señor” (Ver foto no. 2, p. 148).

Embora a mãe de Luis Guillermo Valencia, dona Margarita, e sua família tiveram um papel muito ativo na construção do altar, os testemunhos falam das ações de toda a comunidade na criação e no cuidado do mesmo. Era uma forma de apropriá-lo, fazer dele uma iniciativa pública.

Como vemos, o altar não foi construído imediatamente depois dos fatos, demorou um ano para sua construção. No entanto, consideramos que efetivamente ele pode ser incluído nessa categoria de altares espontâneos, porque como afirma Santino(2011), sua criação não teve interferência de instituições governamentais ou de organizações sociais, ele tem um caráter não institucional e contém um reclamo no sentido de dizer “isto não devia ter acontecido”.

Os vizinhos da Milagrosa encontraram nos rituais de comemoração e na construção do altar uma forma de reivindicar a dignidade dos seus amigos mortos. A resposta ao evento crítico estava dada nos marcos da natureza do grupo, profundamente religioso. Ainda assim, o sentido da comemoração não era só religioso, tinha a função de reunir, de retomar a rua, de se juntar para perder o medo diante dos fatos que marcaram a rua como perigosa. Também

procuravam chamar a atenção sobre o acontecido e mostrar sua indignação, reiterar publicamente o sentimento de perda compartilhado por todos (SANTINO, 2011).

Eles ocuparam o lugar da devastação, o altar foi uma forma de criar um novo significado: um espaço para compartilhar a dor e encontrar as respostas diante de uma experiência desconhecida para eles. Por isso nas entrevistas é possível encontrar expressões de dor diante dos eventos, acontecidos há mais de vinte anos. Essa nitidez do sentimento deriva-se do fato de que a comunidade sentiu essa dor como própria, a percepção sobre a dor sentida pelas famílias expressa-se nas narrativas dos nossos entrevistados em termos de uma dor própria (DAS, 2008a).

Com o passar do tempo as comemorações diminuíram e parecia que o altar não tinha um responsável pela sua conservação. Foi aí que Rodrigo e seus amigos tomaram a decisão de tomar conta dele, de pintá-lo novamente, colocar flores e iluminá-lo:

Eso estuvo un tiempo muy abandonado, nadie se volvió a acordar. Hubo un tiempo en que un amigo me colaboraba, me decía hágale Rodrigo organicemos. Entonces el compraba un tarro de pintura, yo otro, el la organizaba y así. Y ya después yo no le volví a decir nada sino que yo lo hacía por mi cuenta¹⁵²

Ainda hoje eles cuidam do altar, pintam, limpam, decoram com flores e cada dezembro colocam luzes (Ver foto no. 4, p. 148). O altar continua interagindo com a comunidade, cada vez que a história é lembrada, cada vez que alguém pergunta pela Virgem e os nomes nela escritos, como em nosso caso, e encontra muitas pessoas interessadas em falar e contar o que ali aconteceu. Daí que o poder deste altar é diretamente proporcional ao interesse desta comunidade por manter viva a lembrança do fato e da união que se seguiu a ele (GRIDER, 2011).

¹⁵²Entrevista com Rodrigo. Medellín, maio de 2012.

7.4 Os significados do Altar: “ellos eran buenos muchachos, no tenía porque pasar eso”

No mural em Santo Domingo e no grafite da Universidade Nacional encontramos altares espontâneos que expressavam as lutas pela memória, os conflitos entre as diversas narrativas sobre os fatos, os significados e suas mudanças no tempo. Lutas pelo reconhecimento da dor perante os próprios vizinhos e colegas. Na Milagrosa, pelo contrário, encontramos uma comunidade que construiu uma versão compartilhada dos acontecimentos, que serviu de alicerce para uma ética do reconhecimento das vítimas e suas famílias e que conduz a formas de ação política diante do evento traumático (JIMENO, 2010; CORTÉZ, 2011).

Especialmente queremos chamar atenção sobre dois aspectos deste caso. O primeiro é o tipo de narrativa que se constrói ao redor dos fatos e da construção do altar. Em segundo lugar o tipo de comunidade que daí deriva e as ações que ela realiza para enfrentar o evento crítico.

Uma expressão comum em todas as entrevistas foi “ellos eran buenos muchachos, no tenía porque pasar eso”. Reiterar a inocência dos vizinhos revela-se muito importante. Esse é um ponto em comum com outros altares espontâneos muito conhecidos, resultado de chacinas em escolas ou universidades, catástrofes derivadas da irresponsabilidade de pessoas ou instituições ou atos terroristas. Nas pesquisas de Doss(2002, 2006) e nos diversos casos compilados por Margry e Sánchez-Carretero (2011) é evidente como os altares eram criados em honra de pessoas consideradas vítimas, a atividade midiática ao redor da sua criação, a quantidade de pessoas envolvidas nela, dava conta da legitimidade das reivindicações. O que está no centro das narrativas é o reclamo por justiça, a exigência de fazer algo para que fatos como esses não aconteçam de novo e a reiteração da dimensão da perda no sentido coletivo.

No entanto, em Medellín as mortes dos jovens nas circunstâncias em que ocorreram em La Milagrosa eram sempre assinaladas -pela polícia, pela mídia e pelos cidadãos- como parte da guerra entre os narcotraficantes e os policiais. As pessoas que morriam estavam, de alguma maneira, envolvidas

nesses fatos. Os sicários do narcotráfico matavam policiais e em resposta os comandos armados de policiais matavam jovens. Assim, neste caso, a criação do altar tem como premissa devolver a dignidade das pessoas assassinadas, reiterar sua inocência, contrapor a essa narrativa que legitima a violência policial contra os jovens, outra que devolva a dignidade das vítimas.¹⁵³

O narcotráfico envolveu nas suas tramas muitos jovens em Medellín, alimentou o estereótipo e o estigma que relacionava jovem com violência. Certos bairros constituíram-se, segundo este imaginário regional e nacional alimentado pela mídia, a literatura e o cinema¹⁵⁴, em berços de sicários. Daí que morar nesses bairros reduzia as oportunidades de trabalho ou estudo, criando um efeito bumerangue que contribuiu ainda mais para a expansão da violência juvenil.¹⁵⁵(RIAÑO ALCALÁ, 2006)

Para se opor a esta narrativa que justifica as ações dos grupos de extermínio, os vizinhos em La Milagrosa recorreram a uma narrativa dignificante que procurava reconhecer o lugar desses jovens na comunidade. Essa narrativa indicava a trajetória das pessoas mortas, seus vínculos familiares e sociais, seus logros, valores, histórias de vida: “era gente sana”, “eran buenas mujeres, mujeres de la casa”, “Había acabado de graduarse”, “El no era de fiestas o de estar en la calle de noche, el estaba ahí porque era su cumpleaños”, “Un buen esposo y un buen padre”.

Desde as primeiras horas, quando o jornal El Colombiano visita o bairro para realizar as entrevistas, os moradores saem em defesa dos vizinhos assassinados: “Pensar que eran gente sana, cualquiera podia responder por los actos de ellos. Nosotros los conocíamos de vista porque vivíamos aqui cerquita, pero ninguno eran gente mala”(“En Medellín siguen asesinando en forma indiscriminada,” 1992). Tanto em La Milagrosa como em Villatina os moradores foram enfáticos em relação com a inocência dos mortos, falavam de ataques indiscriminados à população jovem e exigiam justiça(“Acaso es delito

¹⁵³Para o caso da polícia do Rio de Janeiro e o discurso usado para justificar suas ações contra os jovens moradores dos bairros veja: “Autos de resistência”: uma análise dos homicídios cometidos por policiais na cidade do Rio de Janeiro (2001-2011). Michel Misse, coordenação. Pesquisa feita no Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

¹⁵⁴Romances que depois forma levados ao cinema como “Rodrigo D No futuro”, “La Virgen de los Sicarios”, “Rosario Tijeras”, “No nacimos pa’ Semilla”, ajudaram a alimentar esses imaginários nacionais e locais sobre os jovens de Medellín.

¹⁵⁵No caso de Santo Domingo pode-se observar como se apresenta essa mesma situação. Os jovens são assinalados e estigmatizados por viver em determinado setor da cidade: suas vidas podem correr riscos se forem pegos em outro bairro onde haja controle de bandas rivais.

ser joven?,” 1992, “Ser jóven es um delito imperdonable,” 1992, “Lentamente muere Medellín,” 1992).

Contrariamente ao feito pelos familiares dos meninos de Villatina¹⁵⁶, na Milagrosa não se apresenta uma disputa pública entre a memória oficial -que quis fazer com que o evento parecesse um ajuste de contas entre sicários- e a memória dos familiares -que os apresenta como vítimas de comandos de policiais armados. Na Milagrosa a memória dos fatos foi transmitida através das redes de sociabilidade afetiva, guardadas em estruturas de comunicação informais e invisíveis à sociedade (POLLAK, 2006). Assim, comparando os dois casos, Villatina y La Milagrosa, podemos concordar com o que afirma Scott: “Cada una de las formas de resistencia disfrazada, de infrapolítica, es la silenciosa compañera de una forma vociferante de resistencia pública” (SCOTT, 2000, p.235).

Em La Milagrosa não está presente um discurso de acesso à justiça institucionalizada. Muito pelo contrario, vários dos entrevistados manifestaram desconfiança das autoridades e receio porque em 20 anos nenhuma autoridade indagou pela chacina. Então o reclamo por justiça estava mais direcionado aos vizinhos, às outras pessoas do bairro. O público para quem devia ficar clara a injustiça era o que estava representado nesse microcenário do bairro. Uma sociedade maior ou o Estado não existiriam nesse diálogo.

Só agora quando estão sendo reparadas as vítimas é que se apresenta uma relação com a institucionalidade, não isenta de contradições. Os avôs maternos e paternos da filha de Sandra, uma das vítimas da chacina, estão reclamando diante da justiça a reparação econômica a que têm direito segundo a Lei de Vítimas. A reparação econômica obnubila o sentido do luto e cria conflitos entre a família. Na entrevista com a mãe de Sandra pude perceber como esse tema é controverso. Ela sente que é ela quem tem direito, que ela faria justiça com sua neta, enquanto os outros teriam interesses egoístas.

¹⁵⁶No dia 15 de novembro de 1992 foram assassinados nove jovens no bairro Villatina, centro-oeste de Medellín, agentes do Estado foram os responsáveis pelo crime. Os familiares das vítimas, com ajuda de organizações de direitos humanos, demandaram ao Estado pelo crimem. No caso de Villatina essa narrativa reivindicativa da dignidade das crianças assassinadas levou a um processo diante da justiça tanto colombiana como internacional. Processo que culminou com a condenação do Estado colombiano por parte da Corte Interamericana dos Direitos Humanos e a destituição dos três oficiais da polícia envolvidos na chacina.

Para dona Fanny a justiça diante dos fatos veio por conta dos homens, não do sistema judicial. Segundo rumores espalhados no bairro, os policiais que fizeram a chacina foram mortos dias depois, assim como Pablo Escobar que havia, segundo ela, provocado essa guerra.

Outro aspecto dessa narrativa de luto faz referência aos sentimentos expressados pelas pessoas entrevistadas. Nos casos anteriores que foram apresentados há uma ênfase nos fatos concretos e nas pessoas que fizeram parte deles. Aqui eu percebi uma forte presença de um discurso emotivo para tentar descrever o que aconteceu. O evento é narrado especialmente em termos de sentimentos: “Al principio sí era el dolor y uno recordando lo que pasó y a las personas, como uno las conocía a todas siempre le venía a uno a la memoria y la rabia de eso que había pasado”; “el miedo, la gente era con mucho miedo de lo que pasaba”; “Si, porque sobre todo los que lo vieron, uno les hablaba y les acompañaba en el dolor”; “que noche tan horrible”, “el hermano mío que parecía un loco que se arrancaba el cabello, mi mamá también, mis hermanas, eso fue tremendo”; “Ese día fuimos muy solidarios”; “Es una de esas historias que marcan, aquí nunca se había visto eso, eso no se olvida, el susto”; “yo me enloquecí, yo gritaba maldecía, decía palabras”; “supongo que quieren compartir con el dolor de uno, me imagino yo”; “Que zozobra, que tristeza”; “Ese diciembre, muy encerrados, muy tristes”.

A expressão pública das emoções, a narração da vivência compartilhada de maneira ampla permitiu sobre passar a condição de vítima, para se tornar sujeitos políticos. Jimeno afirma que para superar a condição de vítima é necessária uma recomposição do sujeito como ser emocional e isto passa pela manifestação pública da vivência e o reconhecimento público dessa dor. Quando é possível a manifestação das emoções, um público atento para a escuta e o reconhecimento do vivido é possível falar da recomposição da comunidade política(JIMENO, 2008).

Na Milagrosa esta narrativa dignificou as vítimas e logo, sobre a base da expressão das emoções, criou uma identificação, uma ideia de “nós” que estava por fora daquilo que era individual e transpassou essa esfera para se tornar comum (COIMBRA, 2013). Nesse discurso, quase sempre expressado no plural, há uma desintegração do eu, para recorrer a uma sociabilidade

fundamental da vida construída com os outros. O “nós” é quem adquire protagonismo.

Butler(2006)afirma que quando alguém morre perdemos algo de nós mesmos na outra pessoa, é precisamente ali quando se expõe a marca inconsciente da sociabilidade primária. Sociabilidade que se expressa na consciência da própria vulnerabilidade diante da violência. Da mesma forma como no caso de Teresa e Rosana, quando expõem sua própria vulnerabilidade ao pensar “eu podia ter estado ali”, “podia ser eu”. Neste caso os entrevistados também tinham essa percepção.

A violência infringida contra os moradores dos bairros era tão arbitrária que qualquer um podia ter sido a vítima. Cada um conta como viu passar o carro, como ele também estava fazia poucos minutos na rua ou na porta da casa conversando com os amigos. Eles não foram assassinados por um motivo em particular, podia ter sido qualquer um, daí que o sentimento de vulnerabilidade foi imediato. Ninguém está a salvo. Contudo, também reconhecer sua vulnerabilidade os levou a sentir que era isso o que tinham em comum.

Veena Das fala que o testemunho dos sobreviventes conceitualiza-se melhor, não na metáfora da escrita, mas no contraste entre dizer e mostrar. O retorno ao cotidiano como uma forma de redenção da vida(DAS, 2008a). Os vizinhos da Milagrosa e as famílias das vítimas não levaram suas demandas de justiça diante do Estado ou da mídia. No entanto, eles encontraram uma forma de mostrar sua dor e seu sentimento de repulsa diante dos fatos. Os vizinhos se voltaram para a rua, assistiram às cerimônias litúrgicas, reuniram-se, criaram no lugar da morte um altar que dignificava a vida, que preservava a memória.

O lugar da devastação transformou-se com o altar no símbolo de um sentimento compartilhado e na marca física de uma perda que não devia ter acontecido. O altar da Milagrosa é a evidência de como uma comunidade foi formada sobre a base do reconhecimento da dor. A possibilidade de reconstruir uma cotidianidade, neste ponto radica precisamente o potencial político do altar.

Como tinha sido dito antes, os altares espontâneos têm uma capacidade performativa. Essa capacidade inclui a agência dos objetos, as narrativas dos

indivíduos, o comportamento das pessoas envolvidas no altar. O efeito dos altares vai além do evento que os provocou, transformando-se num enunciado maior (AUSTIN apud MARGRY; SÁNCHEZ-CARRETERO, C, 2011). Antes que as mortes, era importante a resposta que veio logo após o evento. Essa importância radica principalmente no que o evento gerou. O ritual que se elabora nesse contexto redonda em ação política destinada a afrontar o medo. Assim a comunidade fez da rua o cenário onde realizar o ritual de luto para reconstruir seus vínculos sociais.

Construir o altar, reunir-se, falar sobre o acontecido foi uma forma de viver, transformar e resistir, de constituir-se em agentes da sua própria vida (CERTEAU, 2000). Poder-se-ia pensar que os vizinhos da Milagrosa foram passivos diante da violência. Mas, pelo contrário, eles encontraram uma forma cotidiana, minúscula, de recompor seu mundo e compreender o que acontece. A ação política do grupo caracterizou-se pela reapropriação e ressignificação do espaço. A resposta faz-se no marco de suas próprias práticas culturais, isso camuflava a ação, transformando-a em algo inofensivo, religioso, dentro dos marcos da tradição (CERTEAU, 2000).

Diante do discurso público por parte dos detentores do poder (SCOTT, 2000), que afirmava que a rua é perigosa, quem estivesse nela poderia ser alvo das ações dos grupos armados. Os moradores de La Milagrosa interpuseram outro discurso público religioso de dor pelo acontecido. No entanto havia um discurso oculto que falava sobre a dignidade das pessoas mortas e sobre o injusto da sua morte. É esse discurso oculto que indicava os responsáveis pelas mortes havidas.

Todavia, como afirma Scott, a essência do discurso oculto é o fato de que não contém apenas atos de linguagem, senão também uma extensa variedade de práticas. Essas práticas passam despercebidas para o poder dominante. No entanto elas têm um forte conteúdo político ao desafiar esse poder com uma forma de agir disfarçada. Segundo Scott (2000): “Su invisibilidad es, como ya hemos visto, en buena medida resultado de una acción deliberada, de una decisión táctica que está consciente del equilibrio de poder” (2000, p. 217).

Por conseguinte, realizar comemorações religiosas, reunir-se no espaço público, falar disso, colocar no altar da Virgem os nomes e a data, eram formas

simbólicas e práticas de resistência. Essas práticas fizeram com que eles expressassem seu sentimento de revolta e de injustiça com a chacina. Porém também resultou em que eles perdessem o medo de voltar a ocupar a rua. Quando perguntados por que faziam as comemorações nesse lugar apesar do risco, a resposta era a mesma, porque esse foi o lugar onde os mataram. E quando perguntava se não tinham medo de que acontecesse um atentado quando estavam celebrando uma missa ou fazendo uma oração coletiva, eles respondiam que não, porque estavam todos juntos.

Poder-se-ia pensar que não se trata de uma resistência real ao poder, que nada mudou, ninguém soube dos fatos, não se fez justiça. Contudo, seguindo a interpretação de Scott, respondemos com suas palavras:

En un nivel, este argumento es perfectamente cierto, aunque irrelevante, porque nosotros tratamos de mostrar que ésas son las formas que adopta la lucha política cuando la realidad del poder hace imposible cualquier ataque frontal. En otro nivel, habría que recordar que la acumulación de miles y miles de estos actos 'insignificantes' de resistencia tienen un poderoso efecto en la economía y en la política. (SCOTT, 2000, p. 127).

8. O CALVÁRIO DE ROBIN ASMED SANCHEZ: “HAY GENTE QUE PREFIERE OLVIDAR, YO TENGO EL CALVARIO DE MI HIJO”

Otra vez sales de mí, pequeño, mi sufriente.
Otra vez miras todo con mirada reciente,
y llenas tus pulmones con el aire gozoso.
Ya no lloras.
El mundo, de momento, no te duele.
Todo es tibio esta vez, caricia pura,
como una prolongada primavera.
Ignoras
mi útero vacío, mi sangrado.
Desconoces
que el grito de dolor de la parturienta
va hacia adentro y se asfixia, sofocado,
para que no trastorne
el silencio que ronda por la casa
como una mosca azul resplandeciente.
Mis manos ya no pueden cobijarte.
Sólo decirte adiós como en los días
en que al girar, ansioso, tu cabeza,
mi sonrisa se abría detrás de la ventana
para encender la tuya. Cuando todo
era sencillo transcurrir, no herida, ni entraña expuesta, ni desgarradura.
Piedad Bonnett
Explicaciones no pedidas

Até agora os casos têm mostrado as situações de violência vividas por grupos de pessoas e as diferentes ações levadas a cabo para confrontar e compreender o vivido. A morte violenta é o evento crítico que transborda os limites da compreensão, que paralisa. Mas também vimos como essas pessoas reagiram, fizeram algo, minúsculo, quase invisível, mas que tem um valor dentro da sua própria história.

Nesses casos, com exceção da mãe de Sandra, no caso da chacina da Milagrosa, não entrevistamos familiares diretos das vítimas. Eram amigos ou vizinhos. Agora, na parte final da tese, estamos diante de uma mãe que viu morrer seu filho assassinado por integrantes de grupos paramilitares. Carmen vai mostrar como, após o fato violento, ela reconstrói seu mundo através do descenso ao cotidiano. Não é num ato de fala desafiante ao poder senão no trabalho cotidiano da reparação como ela mantém viva a memória do filho (DAS, 2008b).

Piedad Bonnett é a autora do poema que serve de epígrafe a este capítulo. Foi escrito muito antes do suicídio do seu filho, Daniel, mas parece uma premonição do porvir. Dois meses depois da morte do filho, ela começou a escrever o livro “Lo que no tiene nombre”, dizendo que sentia necessidade de

escrever sobre o acontecido. Ela o fez para si mesma e acabou sendo uma espécie de ritual de luto. Todavia, também o fez para outros e o resultado foi um canto à vida. Ela deu a seu filho um lugar na nossa memória através do seu livro, fez dessa história pessoal um assunto coletivo.

Apresento aqui essa referência literária por duas razões. Em primeiro lugar o título do livro fez-me pensar numa condição que é inominável. Não só pela dimensão que de fato carrega a morte do filho, senão porque literalmente não existe uma palavra que possa contê-la, essa condição, mãe que perde um filho, não tem um nome. Em segundo lugar pela necessidade expressada pela autora de fazer algo, de tentar compreender a morte, de elaborar de alguma forma sua dor. Ela é escritora, escreveu um livro. Carmen fez um calvário (Ver foto no. 1, p. 173).

No altar construído para Robin Asmed Sánchez veremos o esforço realizado por Carmen para manter viva a memória dele: durante mais de dez anos ela tem cuidado do calvário do filho. Mais que reivindicar justiça diante das autoridades como nos casos de outras mães que iremos apresentar, o objetivo a que ela se lança é o de assinalar a perda e demandar reconhecimento.

8.1 A criadora: “me enferme del corazón. El doctor dijo que era porque todo el dolor lo tenía por dentro y que yo debía de llorar”.

Dona Carmen, 65 anos, é viúva, seu marido morreu atropelado em 1997, deixando-a com 5 filhos: Robim Asmed, John Fredy, Roland, Rodrigo e Jimmy (Ver foto no. 2, p. 185). Ela é uma mulher baixa, de cabelos pretos e compridos, de pele morena, com uma aparência jovem e vital. De maneiras simples, mas sempre muito bem arrumada; de fala pausada e prudente, em especial quando faz referência a outras pessoas. Só estudou até o ensino médio, mas como ela mesma afirma, fez cursos rápidos sobre primeiros socorros, relações humanas e contabilidade. Os primeiros para enfrentar o problema de adição às drogas de dois dos seus filhos, o segundo para poder

trabalhar numa mercearia que administrou por vários anos. Também trabalhou no serviço doméstico até que seus filhos pediram para ela parar.

A vida com seu esposo é descrita por ela como uma vida feliz, com precariedades econômicas, mas sem problemas no casal. Conta como o marido tinha dois trabalhos para poder manter a família. Enquanto ele esteve vivo ela nunca trabalhou, mas quando morreu, teve que procurar um emprego e deixar as crianças ao cuidado de Robin, o filho mais velho. Passou por dificuldades, ainda assim logrou “sacar mis hijos adelante”. O esforço de educar seus filhos referia-se aos perigos enfrentados num bairro com problemas de desemprego, violência, narcotráfico, bandas delinquentes.

Carmen ensinou-lhes princípios básicos e mantinha uma permanente vigilância sobre eles para que “no erraran el camino”. Nas vezes em que dois de seus filhos consumiram drogas, ela fez questão de ir por eles, levá-los para casa, dar comida, fazê-los tomar banho e deitar. Esse papel de mãe parece ser central na sua vida, especialmente após a morte do esposo. Passamos horas falando de cada um dos filhos, como nasceram, a infância, a adolescência e as vidas que levam hoje. Não falava só de Robin, ela mencionava cada um deles e seu marido. Essa imagem da mãe foi se tornando cada vez mais poderosa na sua narrativa e na minha percepção do caso e dos eventos que ela narrava.

Na sala da sua casa as paredes estão cheias de fotos da família, cartões de aniversário, do dia das mães, imagens religiosas, diplomas de estudo daqueles que lograram estudar e, claro, o escudo do Independente Medellín, time do qual boa parte da família é torcedora. É uma mãe e avó de um trato carinhoso e amável com as pessoas.

Quase sempre nossos encontros foram na sua casa e eu pude constatar como o centro da família parecia ser ela. Todo aquele que saía ou entrava passava por lá para cumprimentar e pedir a benção. Sempre com a porta aberta circulavam por ali netos, noras, filhos, vizinhas, irmãs.

Ela afirma ser uma pessoa muito feliz, ter hoje uma vida tranquila e confortável. Ainda assim ao falar sobre a morte do marido ou do filho sua voz se quebra e as palavras saem com dificuldade. Ela não chora, mas os olhos ficam úmidos e o semblante do seu rosto muda drasticamente. Contou-me que o médico falou que ela estava doente do coração, porque ela não conseguia chorar, que tinha guardado essa tristeza: “me enferme del corazón... El doctor

dijo que era porque todo el dolor lo tenía por dentro y que yo debía de llorar. Porque a mí las lágrimas se me congelan acá y acá [Sinalando seus olhos]”¹⁵⁷

Em uma das reuniões que tivemos com algumas amigas de Carmen, elas também falaram das doenças que vieram com as mortes dos filhos (Ver foto no. 5, p. 173). Rocio afirmava, “Yo también he pasado por cosas muy duras y por eso fue que a mí me dio esta enfermedad del corazón”. Duas delas descreveram situações nas quais elas teriam ficado isoladas do mundo, sem contato emocional com suas famílias ou vizinhos. Nada ao redor importava e o único que elas queriam era fugir. Edilma descreve assim seu estado emocional depois da morte do filho:

Yo estuve un año sin saber quién era yo, no me provocaba bañarme ni comer, veía a los vecinos y les tiraba la puerta, yo era un vegetal sentado. Yo trabajaba en una floristería y dejé el trabajo, no volví ni por la liquidación ni nada. Las muchachas bregaron mucho conmigo, mis hijos todos iban a decirme que tenía más hijos para salir a delante, tenía una niña de 6 años. Pero a mí no me entraba nada, yo lo veía a él a todas horas, por todas partes. Unas veces me daban ganas de salir corriendo. Así me estuve un año, hasta que yo misma fui saliendo. Yo pensaba que era verdad que tenía que salir adelante con mis otros hijos. Con el tiempo me fui a trabajar otra vez.¹⁵⁸

Assim refere Rocio a situação vivida por outra vizinha a quem os milicianos mataram o filho: “Doña Virgelina también estuvo muy mal, un día se echó a pelotiar [Rolar] por ahí pa’ bajo, después de la muerte del único hijo que ella tenía” En tanto Rocio narra a história, Virgelina, de uns 65 anos, guardava silêncio, só assentia com a cabeça. Rocio também falou da morte do esposo devido ao impacto de ver seus filhos assassinados dentro de casa: “El marido mío le tocó la muerte de esos muchachos, eso ayudó para que él se muriera porque de ahí en adelante empezó a enfermarse mucho”. Da mesma forma a morte dos irmãos foi, segundo ela, a causa da esquizofrenia do seu filho mais novo, que até hoje deve tomar medicamentos psiquiátricos. “La muerte de esos niños costo la salud de este muchacho, él se volvió esquizofrénico, se mochó ese dedito”.

No caso da chacina da Milagrosa, a mãe de Sandra também falava sobre um primeiro momento de loucura: “yo me enloquecí, yo gritaba maldecía, decía palabras, que les mataran la familia la mamá para que sintieran lo que

¹⁵⁷Entrevista com Carmen. Medellín, maio de 2012.

¹⁵⁸Entrevista com Edilma. Medellín, julho de 2012

estaba sintiendo yo. Momentos de confusión, eso es un dolor muy grande, salir sana y salva y entregármela de esa manera?”¹⁵⁹

As vidas de Carmen e suas amigas, assim como a vida de Fanny, a mãe de Sandra, sofreram uma quebra no tempo entre um antes e um depois. São vidas que parecem trincar-se num momento da história. Como no relato que sobre as mães de filhos assassinados pela polícia fazem Vianna e Farias (2011), também estas mães têm uma narrativa marcada pelas perdas e evidenciada nos corpos doentes, nas vidas que ainda não conseguem ser reconstruídas.

De igual forma podemos trazer a metáfora usada por Veena Das, “conhecimento envenenado”, para pensar a situação destas mulheres. Ao entrevistar as mulheres que foram vítimas de sequestros e violações durante a partição entre Índia e Paquistão, a pesquisadora encontrou uma “zona de silêncio” em relação com os acontecimentos. O conceito de “conhecimento envenenado” é uma metáfora utilizada pela autora para se referir ao silêncio das mulheres ao serem entrevistadas sobre certo tipo de violência, especialmente aquela infringida aos corpos. As mulheres recorriam a uma linguagem geral e metafórica para evitar falar especificamente dos fatos. Para elas era perigoso lembrar, daí a referência a um veneno que devia ser guardado no corpo, aprender a viver com ele e não permitir sua saída (DAS, 2008).

Para Carmen, Virgelina, Edilma, Rocio e Fanny, mas também para os filhos e esposos dessas mulheres, a mortes dos seres queridos provocou uma profunda estranheza do mundo, ele já não podia ser compreendido, não podia nem sequer ser habitado. Então vem o sentimento de desolação, de angústia, de não pertencimento, de “loucura” como é expresso por elas. Mas também vem a sensação de doença. Um coração que não pode expressar a dor que sente, é um coração que fica doente, afirmava Carmen. Estas mulheres guardavam para si esse “conhecimento envenenado” que no seu corpo transformava-se em doença. Apesar disso, elas continuavam com suas vidas, num intento por retornar a uma cotidianidade possível. Segundo Das “Ese es el camino hacia sanación; las mujeres llaman a esa sanación, sencillamente, el poder de soportar”(2008^a, p. 346)

¹⁵⁹Entrevista com Fanny. Medellín, junho de 2012.

Assim como as mulheres da partição entrevistadas por Veena Das, Carmen consegue narrar as situações mais difíceis usando as metáforas para descrever os momentos de maior intensidade emocional. Porém, ela não fica presa do evento violento que significou a morte do filho, ela mostra toda a trajetória da família e dela mesma e com isso consegue projetar em quem escuta uma dimensão do vivido.

Sua história de vida é parecida com a de muitos em Medellín. Ela vivia em Montebello, pequena cidade ao sudeste de Antioquia. Na adolescência migrou com sua família para a cidade, não por problemas de violência, mas para ter acesso ao sistema de saúde devido a uma grave doença de que padecia a mãe: foram morar em Medellín, no bairro Manrique.

Na comuna Centro Leste o processo de invasão ilegal de terrenos teve início na década dos quarenta (NARANJO GIRALDO, 1992). Ela, seu pai e seu esposo Rolando chegaram ao bairro na década dos 70, começaram colocando paus e plástico e habitando o lugar. Devagar fizeram pequenas adequações. De forma comunitária construíram as casas, canalizaram a água, pavimentaram as ruas. Depois o Instituto de Crédito Territorial¹⁶⁰ iniciou um processo de legalização dos prédios onde estavam as vivendas. Uma vez legalizados os prédios, a prefeitura instalou os serviços básicos de água, saneamento e energia (NARANJO GIRALDO, 1992).

Ao fazer referência ao bairro La Milagrosa, localizado na mesma comuna Centro Leste, falávamos sobre a heterogeneidade populacional da comuna. Enquanto La Milagrosa era legalizada e planejada, o setor mais acima da Centro Leste, onde está localizado o bairro La Libertad, se caracterizava por ser periférico, de origem ilegal, com um processo histórico de invasões que se perpetuam ainda hoje. É um terreno com solos instáveis, o que provocou no passado duas grandes catástrofes em Villa Tina e Media Luna¹⁶¹. (NARANJO GIRALDO, 1992).

Boa parte da família de Carmen mora no bairro La Libertad, outros moram em Villa Tina. Ela não é tida como uma líder comunitária, embora seja uma pessoa reconhecida e apreciada pelas vizinhas e pessoas próximas por

¹⁶⁰ Instituto de Crédito Territorial, ITC, criado em 1939, é um organismo do Estado, autônomo, especializado em financiar imóveis para setores populares.

¹⁶¹ Em 12 de julho de 1954 mais de 100 pessoas morreram no setor de Media Luna devido a uma avalanche de terra. Em 27 de setembro de 1987 mais de 500 pessoas foram soterradas por uma avalanche. Hoje o terreno em Villa Tina é considerado camposanto.

ser uma das fundadoras do bairro, mas também pela solidariedade dela com a vizinhança. Em ocasiões é chamada para fazer às vezes de enfermeira ou para prestar primeiros socorros.

8.2 O acontecimiento: “Esos hombres bajaron con el alma envenenada”

Robin tinha 30 anos quando foi assassinado, estava casado e tinha dois filhos (Ver foto no. 3, p. 173). Trabalhava numa fábrica de sapatos, como seu pai. Gostava de futebol e de andar de bicicleta. Seu time de futebol era o América, contrariando a sua família que são torcedores do Medellín. Gostava de rock, especialmente de *Guns and Roses* e de salsa, Oscar de León era seu favorito. Tinha muitos amigos no bairro e todos reconheciam que era educado no trato com as pessoas. No dia 22 de março de 2002, dois homens do Bloque Paramilitar Cacique Nutibara dispararam contra Robin e feriram James, um colega que estava junto com ele. Asdrúbal, o filho de Rocio, vizinha de Carmen, também estava conversando com eles, mas foi salvo porque instantes antes sua mãe mandou-lhe chamar. Este é o relato que dos fatos faz dona Carmen:

Y un día que eles [os paramilitares] estaban extorsionando una gente, les mataron dos, una muchacha y a un negro de esos, los mataron por allá en Sol de Oriente y ese día bajó esa gente toriada [com raiva, desafiantes], esos hombres bajaron con el alma envenenada. Allí en la esquina donde doña Edilma León, le tiraron el hijo al piso, se lo iban a matar y los niños chiquiticos les gritaban que no mataran al tío. Nosotros estábamos todos aquí viendo Los Magníficos [seriado da televisão] y en eso se fue la luz, como a las 6:45, cuando salió mi niño de ahí, que estaba tomando el algo con la señora y los niños, y me dijo: ¡Ay ama! -salimos todos al murito de la cera-, como iban de buenos Los Magníficos, nos quedamos sin saber que pasó ¿se demorará mucho la luz? Salió la esposa de él, que es profesora del colegio, con el niño en brazos y le dijo: ya vengo que voy a acompañar al rector al cuadradero [ponto do ônibus]. Y él me dijo: má, yo voy a prender una veladora que la casa quedó muy oscura. Yo le dije: yo voy a pasar ahí donde mi mamá que estaba mi hermanita de dieta. No se demore. Le dijo a la señora que se llevara el niño [o filho mais novo de Robin tinha poucos meses e a filha sete anos] Él se fue a ver los muchachos jugar fútbol a la cancha [três dos irmãos estavam jogando uma pelada na quadra]. Fui donde mi papá y me estaba sentando y conversando ahí con mi hermana cuando oí los tiros. Yo no pensé que fuera el hijo mío, pensé que no había salido de la casa todavía. El caso fue que él prendió la veladora y salió y se

encontró con un compañero de trabajo que venía y se pararon a conversar y a ver la oscuridad, junto con el muchacho de la esquina, todos tres conversando. Cuando la mamá del muchacho de la esquina lo llamó y le dijo: Asdrubal venga pa' que me destape esta sardina y él se fue y en ese tramo bajaron los negros que ya habían tirado a Elkin allá y lo iban a matar. Encontraron a James y a Robin. James dijo que si ellos hubieran sospechado que esos negros venían a matálos, pues ellos hubieran tenido tiempo de volasen, pero nunca pensaron que los iban a matar. Ellos llegaron y los tiraron al piso. Al hijo mío lo tiraron boca abajo, él tenía una cachucha y entonces a James lo tiraron al borde de la calle y al mío de frente y sacaron esas armas, ese man [homem] que estaba bien ardido [Com raiva] ahí mismo la montó [Cargou a arma] y el otro también. Ahí mismo James, como había estado en el servicio militar, la cabeza le dijo: ellos montaron estas armas, nos van a matar, no nos van a dejar vivos, nos van a matar. Y el que voltió así le dio en el pié y se tiró, pero antes de tirarse oyó el tiro que le dieron a mi niño en la cabeza, y al oír ese tiro se tiró por ahí volao. Él que le dio el tiro al hijo mío se voltió y pin, le disparó al otro en la pierna, al que le tenía apuntado a James y con ese tiro atravesó la pierna del amigo y le atravesó el pulmón a James [silencio, a voz de Carmen se faz mais lenta, solloza] Cuando oí los tiros le dije a mamá que mataron a alguien ahí, mi mamá me dijo que no saliera y yo le dije que sí porque todos los muchachos estaba en la calle, los demás estaban en la cancha jugando futbol. John Fredy, Jimmy y Ronald si estaban en la cancha y Rodrigo estaba en la casa. Yo salí y vi el caído ahí, si vio má mataron a uno, y dije: es Giovany. Yo pensé que era mi sobrino. Iban subiendo el negro con esas armas todavía echando humo, ese man llevando el otro herido, lo llevaba herido de la pierna. Ya el hijo mío había bajado [Rodrigo], mijo como que mataron a Giovanni, el salió más rápido. Amá no fue a Giovanni, fue a nuestro Robin. [silencio] Yo de una fui y lo alce. Mire la fortaleza, yo digo que el cariño de los corazones se comunican. Yo lo levanté con su cabecita hecha añicos, abrió los ojos y me miró, ahí mismo cerró los ojitos [silencio]¹⁶².

A primeira vez que visitei a casa de Carmen foi o dia 15 de maio de 2012. Fui acompanhada de Mary Hincapié do Programa de Atenção às Vítimas da Secretaria de Governo. Chegamos num carro oficial com os distintivos. Mary usava um crachá que a identificava. Tanta logística era necessária devido especialmente à situação de ordem pública na comuna 8, onde mora Carmen.

Na semana seguinte, em minha segunda visita, Mary marcou com uma líder comunitária para que ela esperasse por mim no ponto do ônibus e me acompanhasse até a casa de Carmen. Eu ia caminhar pelo bairro e era conveniente que as pessoas me vissem na companhia de alguém conhecido. Durante o trajeto de ônibus de uns 30 minutos entre o centro de Medellín e o bairro La Libertad, eu pude sentir o clima de hostilidade que se vivia nesse setor da cidade. As ruas vazias, as casas com portas e janelas fechadas, a

¹⁶²Entrevista com Carmen. Medellín, maio de 2012.

presença maciça da polícia, poucos ônibus circulando. As conversações dentro dos ônibus faziam referência aos confrontos na noite anterior.

Assassinatos, deslocamentos forçados, fronteiras invisíveis, fechamento do comércio, problemas para transitar dentro do bairro, isso era o que desde janeiro desse ano viviam os habitantes da comuna 8 de Medellín. Consequência dos contínuos enfrentamentos entre as bandas dos setores de Villa Tina, San Antonio, La Libertad, Villa Liliam, Tres Esquinas. As diferentes versões publicadas na imprensa falavam que a morte de um líder comunitário de San Antonio tinha causado o enfrentamento entre os grupos rivais. Também a polícia tinha a versão de que essa morte era o resultado de uma disputa interna entre membros da Oficina de Envigado. Por outra parte, um representante de uma ONG teria dito que os enfrentamentos se deviam a que um dos líderes da Oficina de Envigado tinha passado a formar parte de outra banda conhecida como Los Urabeños, antes paramilitares e agora denominados como bandas criminais, Bacrim (“Acorralados,” 2012).

Sem importar qual versão era a verdadeira, os efeitos de tudo isso se podiam sentir na casa de Carmen, condenando ela e sua família a viver, novamente, uma situação que era por todos conhecida: as crianças não tinham escola porque estava fechada por temor aos enfrentamentos entre as bandas, por medo de que algum deles fosse morto ao cruzar uma fronteira invisível ou pelas balas perdidas. Seus filhos saíam para trabalhar com o temor de ter que atravessar as ruas de bairros com bandos inimigos; sua irmã, que morava num outro setor da comuna, em Villa Tina, não lhe era permitida a passagem para La Libertad a fim de visitar seu pai que estava doente. As garotas, netas de Carmen, não eram autorizadas “por los muchachos” para sair das casas ou percorrer o bairro. Algumas mercearias foram fechadas pelas contínuas ameaças aos donos. Os ônibus não circulavam por medo das balas perdidas e dos enfrentamentos. Os confrontos eram frequentes, tanto no dia como na noite e o bairro vivia num toque de recolher, era melhor não chegar depois das seis da tarde.

Dona Carmen sempre descrevia o bairro La Libertad como tranquilo, sem bandas ou combos, onde as pessoas eram solidárias umas com outras¹⁶³.

¹⁶³ Ainda que, como afirma Uribe de Hincapié (2006), os moradores desses bairros tinham a ideia de uma idade dourada, de um passado de tranquilidade, porém, viviam sob o controle autoritário de um grupo

O problema, segundo ela eram os bairros vizinhos. De fato, uma pesquisa identifica, na primeira parte da década do 2000, nos bairros da comuna 8 (Villa Hermosa onde está localizado o bairro La Libertad) e 9 (Buenos Aires) a presença de diversos atores armados: bandas, milícias, redutos das guerrilhas das FARC e ELN, paramilitares. Contudo, essa pesquisa não menciona o bairro La Libertad (NIETO LÓPEZ, J.; ROBLEDO, 2006). Talvez efetivamente o bairro não tivesse grupos armados fortes. Ainda assim as ações de confronto pelo poder entre os diferentes bandos tinham influência na vida cotidiana de diversas formas.

Assim como em outras comunas da cidade, a comuna Centro Leste também viveu nos anos oitenta o crescimento de bandas delinquentiais ligadas ao narcotráfico. Depois, na década de 90, presenciaram a formação e crescimento de milícias urbanas, algumas com influências do M-19 ou do ELN. Todos estes grupos demandando nos seus territórios recursos e adesão, oferecendo, em troca, segurança (BLAIR TRUJILLO; QUICENO, 2008; NIETO LÓPEZ, J.; ROBLEDO, 2006).¹⁶⁴

Como afirmam Blair e Quiceno, muitos das bandas ou grupos armados que tiveram poder nos bairros durante os primeiros anos do novo século, tinham antecedentes em grupos delinquentiais menores, ou em milícias que se formavam como autodefesa. De maneira similar ao acontecido em Santo Domingo Savio, o fato de que os grupos estivessem formados por jovens do mesmo bairro não poupava as pessoas do sofrimento causado pela violência. A convivência com esses grupos armados era cotidiana. Eram eles os que impunham leis e mediavam as disputas entre os vizinhos, mas, especialmente, impunham castigos (PÉREZ TORO, 2013). Carmen conta como em certa ocasião um dos seus filhos foi ameaçado por um grupo armado. No relato o filho teve problemas com uma senhora de um boteco, ela o denunciou ante “los muchachos”. Por esta razão o filho de Carmen não saía de casa. Um dia

armado que impunha a ordem usando a força e a intimidação. Assim o sentimento de perda da paz com incursão de outro ator armado, significava a perda dessa seguridade precária que havia sido lograda.

¹⁶⁴ Nieto e Robledo afirmam que “La coyuntura de la conflictividad urbana en Medellín particularmente en la Zona Centrooriental, se estructura a partir de las tendencias recientes del conflicto político armado en términos de agudización (mayor escalonamiento) y mayor expansión”(NIETO LÓPEZ, J.; ROBLEDO, 2006, p. 6), quer dizer, que o que acontecia em Medellín estava em relação direta com o conflito armado a nível nacional, naquilo que denominavam urbanização do conflito armado. No entanto, nós concordamos com Franco (2003) Blair e Quiceno (2008), Alonso et al.(2006) que afirmam que os diferentes conflitos urbanos tinham mas a ver com os próprias dinâmicas dos bairros e dos grupos armados na cidade que com uma estratégia da guerra nacional.

Carmen tomou coragem e foi falar com eles. Explicou o que tinha acontecido e pediu-lhes para que deixassem de ameaçá-lo. No seguinte relato podemos observar a maneira como Carmen se relacionava com esses grupos :

[...] hasta que una noche me armé de valor, los encontré a los dos juntos y yo 'sino hablo ya, no hablo' y yo entre. Yo dije 'buenas noches hijos' y ellos se quedaron [ella faz um gesto de surpresa]... 'hola madre', porque son muy educados, 'hola madre, qué pasa' y yo 'no, es que yo quiero hablar con ustedes', 'qué le hicieron madre', dije yo 'no, a mi no hijos míos, a mi no me han hecho nada, pero sé que ustedes le van a hacer daño al hijo mío', 'y quién es su hijo', 'ah, fulanito', entonces me dijeron 'usted sabe por qué' le dije yo 'sí, él me contó y lo que él me contó es la verdad y no hay porque hacerle daño por tan poquita cosa, si a mi van y me dicen yo soluciono ese problema en un abrir y cerrar de ojos, lo hubiera solucionado, ¿o a ustedes les parece que una vida vale una botella? Dígame la verdad; vea, es que no solamente una botella, una caja entera se la llevo y no sólo eso, les encimo y les pido disculpas y hago que de rodillas él pida perdón si fue que él ofendió. Pero no, ¿o ustedes creen que una vida vale eso?' Entonces ellos me dijeron 'dígame que venga y hable con nosotros, tranquila madre que no se lo vamos a tocar, no llore ni se aflija, dígame que nos dé la cara que es que él no nos ha dado la cara' y yo 'pero por qué no les ha dado la cara, porque sabe que si les da la cara ustedes lo sacan ahí mismo', dizque 'no, no, tranquila madre que los hijos suyos no se los vamos a tocar', '¿Y es así como usted nos contó eso?', le dije yo 'así y si quieren vamos allá donde la del problema, vamos que ella no es capaz de negarse porque ella es madre y tiene hijos'¹⁶⁵.

Ela não só usa sua condição de mãe, como figura com legitimidade moral para falar com eles, senão que também tem para com “los muchachos” uma atitude de mãe. Ao tratá-los como “mis hijos”, ela os coloca no mesmo patamar dos seus filhos, para localizá-los numa outra posição, não como ostentadores de um poder armado senão como parte de uma “familia”, onde ela ocupa a posição de mãe, quer dizer, é ela quem tem a autoridade moral no momento de falar. Ela camufla o medo e se apresenta com respeito, revestindo-se de autoridade (SCOTT, 2000).

Mas também há nessa ação uma tática de sobrevivência, ela se mostra disposta a castigar como mãe o comportamento do filho. Como afirmam Bolivar e Nieto(2003), neste tipo de situações não estamos diante de sujeitos racionais que escolhem entre duas alternativas, por uma parte apoio às autoridades legitimamente constituídas, ou, por outra, apoio a delinquentes. Pelo contrário, é preciso compreender que entre a população e o grupo armado há vínculos afetivos ou históricos; logo pessoas como Carmen encontraram formas de mediar e de conciliar conflitos nesse quadro.

¹⁶⁵Entrevista a Carmen feita no Programa de Atención a las Víctimas del Conflicto Armado. Medellín 2011.

Isso não significa um sumiço ou aceitação do poder armado dos grupos, mas uma forma de sobreviver. São as táticas de que fala de Certau(2000). Segundo ele as pessoas aproveitam certas ocasiões, as circunstâncias o momento favorável para agir. Os sujeitos que muitas vezes são vistos como condenados à passividade da disciplina, que não têm o controle dos cenários nos quais agem, movimentam-se, mas com certa docilidade, atenta aos acasos e as possibilidades que se apresentam. Assim Carmen não desafia a relação de força existente entre os garotos que controlam o bairro e ela. De fato ela vai para pedir que reconsiderem a ordem de matar seu filho, não para questionar que eles tenham o poder de fazê-lo. Todavia, ao se dirigir a eles como “filhos” ela rompe um pouco com essa autoridade e consegue ser escutada e tratada com respeito.

As mães entrevistadas neste caso usam essa expressão “los muchachos” para se referir tanto a seus próprios filhos como a jovens próximos ou conhecidos. A forma afetiva com a qual elas se referem não expressa apoio às ações delinquentiais, mas sim proteção para jovens que são considerados como filhos (BOLIVAR, I.; NIETO, 2003). Por outra parte, a ordem estabelecida por esses grupos é muitas vezes a única conhecida. O Estado não se faz presente para garantir segurança, para mediar nas disputas entre os vizinhos. Assim os grupos armados formados pelos jovens do bairro ou de bairros vizinhos, resolviam questões sociais, políticas e econômicas. Isso fomentava uma ação recíproca entre grupos armados e moradores, que levava em muitas ocasiões a criar vínculos afetivos com esses integrantes dos grupos, porque eram filhos de pessoas conhecidas, ou porque cresceram no bairro, eram amigos dos filhos ou colegas de aula.¹⁶⁶(BERRÍO, A.; GRISALES, M.; OSORIO, 2011).

A diferença que eu percebo entre essa violência exercida pelos “muchachos”, jovens moradores do bairro, e aquela posterior exercida pelo Bloque Cacique Nutibara, é que a primeira estava dentro dos marcos da sua compreensão, sabia como reagir, com quem falar, o que fazer; com os

¹⁶⁶ Um bom exemplo desta situação é o documentário La Sierra. Neste filme narra-se a vida e a morte de Edison Flóres, um líder do bairro que foi inicialmente miliciano, que logo passou a ser parte do Bloque Metro e enfrentou-se contra o Bloque Cacique Nutibara tentando impedir sua entrada no bairro. Nele podem-se observar as complexas relações de medo, admiração, lealdade, cumplicidade e afeto dos líderes dos grupos armados com a comunidade.

paramilitares, estava-se diante de pessoas que não eram do bairro, que tinham chegado de fora para controlar esse território.

Para nomear aos recém-chegados que vêm de fora ou bairros distantes, elas usam palavras como “galladas”, “combos”, “esses homens”. Carmen refere-se a eles como os “hombres que vinieron de lejos” ou “esos negros”:

Este barrio ha tenido épocas muy buenas. Ahora es que los muchachos se volvieron a enfrentar con los de arriba. Pero ellos [Los muchachos] no atacan a los del barrio sino que ellos enfrentan a los de allá que otra vez son los benditos negros.¹⁶⁷

As lutas por manter um poder hegemônico no bairro marcaram a população como amigos ou inimigos. Por um lado estavam “los muchachos” e por outros os de acima, debaixo, do outro bairro ou aqueles que vieram de longe. Os bairros, ainda que próximos, viviam situações de mútua exclusão e estigmatização, além daquela de que já padeciam na cidade por serem integrados por moradores das comunas indicadas como violentas (BLAIR TRUJILLO; QUICENO, 2008).

Contudo, para Carmen a expressão “Los hombres que vinieron de lejos” descrevia uma realidade para além das antigas rivalidades com outras bandas. Esses homens que vieram de longe significaram para ela e para muitos dos moradores da comuna 8 uma mudança substancial nas suas vidas:

Hasta que llegó esa gente de por allá, de Urabá. Todos morenos. Empezaron a llegar en el 2001 que empezaron a invadir todos los barrios a tomárselos con esa violencia. Por allá en el 2002 llegó otra gallada de por allá, dizque los del Cacique Nutibara, y bajaban aterrizando a todo mundo, con unos abrigos [sinála como se fossem cumpridos] con chapas y esas armas por debajo de los abrigos, impresionaban.¹⁶⁸

Ainda que por momentos ela faça referência a eles como desconhecidos, em outros momentos os assinala como afrodescendentes, deslocados de Urabá, que moravam num bairro chamado La Mano de Dios¹⁶⁹. Embora para Carmen seja clara a ligação entre os homens do Cacique Nutibara e os habitantes dos assentamentos de deslocados da Mano de Dios, não necessariamente os homens dessas comunidades faziam parte dos

¹⁶⁷Entrevista com Carmen. Medellín julho de 2012.

¹⁶⁸Entrevista com Carmen, Medellín, maio de 2012.

¹⁶⁹ Mesmo que em Antioquia seja possível identificar raízes históricas e sociais neste tipo de imaginário social acerca da população afrodescendente, acredito que no caso de Carmen prevalecia seu interesse em mostrar que eles eram diferentes, recém-chegados à comunidade, que não faziam parte de uma história construída por todos.

exércitos dos paramilitares. Ainda assim, nos bairros vizinhos era frequente indicá-los como pessoas de fora, diferentes, que não pertenciam ao bairro, que tinham outra cultura e representavam costumes distintos(GÓMEZ BUILES, 2010). Para referir-se a eles usavam expressões que demarcavam diferenças: “morenos” ou “morenitos”, “costeños”. Em não poucas ocasiões eles eram assinalados como os culpados pelos conflitos no bairro.

Carmen fez a relação entre os deslocados que chagaram ao assentamento Mano de Dios e os grupos de autodefesas que começaram a fazer presença no bairro. Como veremos, efetivamente à comuna centro leste chegaram homens fortemente armados para tomar o controle do território. O bairro estava no meio de um conflito pelo poder entre narcotraficantes e grupos de autodefesa. Esses homens podiam ter chegado a Medellín provenientes de Urabá, porém seus chefes e seus interesses tinham profundas raízes na dinâmica do narcotráfico na cidade. O Bloque paramilitar Cacique Nutibara não foi a expressão de um novo grupo armado na cidade, mas a evidência da transformação na forma de agir de setores do narcotráfico da cidade.

O Bloque Cacique Nutibara submeteu ou eliminou as estruturas criminais da cidade. As primeiras foram as bandas de Frank, La Terraza e Los Triana. Depois foi o momento das milícias. Finalmente foi o turno do Bloque Metro que, como foi dito no capítulo 2, tinha uma origem rural, formado por paramilitares e narcotraficantes do leste e nordeste de Antioquia (GIL RAMÍREZ, 2009). Este Bloque estabeleceu vínculos com o exército nas áreas rurais para desenvolver ações de contraguerrilha e com a Banda La Terraza para consolidar o projeto paramilitar na cidade. Carlos Castaño usou os serviços da Terraza para levar a cabo assassinatos de pesquisadores sociais, professores, líderes de opinião, defensores de direitos humanos (MARTIN, 2012). O projeto do Bloque Metro em Medellín não foi bem sucedido porque não conseguiu controlar as pequenas bandas e combos dos bairros. E seu grande aliado, La Terraza, tinha um enfrentamento com La Oficina de Envigado por negócios de narcotráfico.

Este confronto entre La Terraza e La Oficina de Envigado reiniciou um novo período de chacinas e bombas na cidade de Medellín. Segundo a pesquisa do Instituto Popular de Capacitación, citada por Elsa Blair e Quiceno:

En el año 2000, se desata una guerra fundamentalmente por el control de las rutas de narcotráfico entre *La Terraza* y “Don Berna”, como principal jefe de la *Oficina*. La Terraza pierde esta guerra al ser asesinados la mayoría de sus líderes e integrantes, lo que permitió que “Don Berna” consolidara su poder en la ciudad. En ese momento, ante el lento crecimiento del Bloque Metro y los pocos resultados favorables frente a los grupos milicianos, las AUC toman una de las decisiones más importantes para la dinámica del conflicto en la ciudad: la “franquicia” paramilitar es vendida a Diego Fernando Murillo, alias “Don Berna”, quien desde el 2001 fue el encargado de desarrollar la estrategia paramilitar en Medellín. Su bloque se empieza a denominar Bloque Cacique Nutibara. (BLAIR TRUJILLO; QUICENO, 2008, p. 154).

No capítulo 3 falávamos sobre a estratégia de rivalidade armada, na qual múltiplos grupos com interesses, motivações e estratégias diversas desafiam as pretensões de monopólio da violência do Estado. (ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, 2006). A violência e o terror que os habitantes do bairro La Libertad viveram e vivem até hoje, é a consequência dessa competição armada entre autodefesas, narcotraficantes, bandas organizadas, milícias, com a aquiescência ou a indiferença das forças armadas do Estado e o governo municipal. Esta hipótese é demonstrada por Martin, ao fazer um resumo da situação de Medellín no início do milênio:

En realidad, como vimos las redes mafiosas que el crimen organizado y círculos del poder político y económico configuraron desde mediados de los setenta en la ciudad formaron desde sus inicios, en alianza con contrapartes rurales, el nudo fundacional principal del narco paramilitarismo. Para sus operaciones en Urabá, Mapiripan, el Nororiente y Oriente, e incluso para asesinato de personalidades nacionales, las grandes estructuras del paramilitarismo casi siempre operaban a través de Medellín. En el caso concreto de las AUC, las Oficinas de alias Lucas y Merchan, la Banda La Terraza, los enlaces corruptos o cómplices en la fuerza pública, la justicia seccional, los principales empresarios y círculos políticos involucrados, muchos tenían su sede principal en Medellín. Las AUC y otras estructuras paramilitares, a su vez, reclutaron en la ciudad un número significativo de duros, mandos medios y tropas, entre otros desertores de las milicias y la guerrilla. Así, a comienzos del siglo XXI, las AUC formaron una red en la que convergen de manera controlada y en permanente tensión los múltiples y variados protagonistas de todas las guerras y de todas las negociaciones adelantadas en Medellín en la década de los noventa. Las plazas financiera y logística más importante para las AUC no era Córdoba o Urabá, sino el Valle de Aburrá. (MARTIN, 2012, p. 381)

Em 2002, cinco das dezesseis comunas da cidade experimentavam incrementos substanciais dos homicídios. Como se pode deduzir do anteriormente exposto, eram muitos os atores envolvidos nesses enfrentamentos armados por obter o controle do território nas comunas. Eles

davam a impressão de estar vivendo uma guerra civil na cidade (MARTIN, 2012). A permanente cooptação ou eliminação de grupos fazia muito difícil diferenciar amigos de inimigos. A única certeza eram as cifras de homicídios em Medellín que novamente alcançaram níveis altíssimos: em 2002 foram assassinadas 3.721 pessoas.

O que acontecia com a população da comuna Centro Leste nessa situação de confronto? Duas pesquisas nos ilustram a vida cotidiana dos sujeitos no meio desse conflito. Elas são a pesquisa de Elsa Blair & Natalia Quiceno, “De memorias y de Guerras”¹⁷⁰(2008) e a pesquisa de Ayder Berrío, Marisol Grisales e Ramiro Osorio, “La cotidianidad, el tiempo vivido y las marcas subjetivas de la violencia”¹⁷¹(2011). Ambas têm a qualidade de analisar o contexto violento vivido na comuna centro leste na perspectiva dos sujeitos.

As pesquisas ajudaram-nos a compreender o contexto da fala de Carmen e deram luzes sobre alguns elementos presentes no seu testemunho. Blair e Quiceno, baseadas em entrevistas com moradores de alguns bairros da comuna 8, fazem uma descrição da noite em que o Bloque Cacique Nutibara entrou no bairro. Os habitantes lembram, segundo as pesquisadoras, que um dia antes os jovens que faziam parte das milícias ou do Bloque Metro tiveram que sair do bairro pelo iminente ingresso do Bloque Cacique Nutibara. Nessa noite os moradores foram surpreendidos pelo som de explosões, granadas e centos de homens encapuzados. Era o ingresso de “esos hombres que vinieron de lejos”. No dia seguinte as paredes estavam pintadas com frases ameaçadoras. Com a chegada do Cacique Nutibara a violência aumentou e os assassinatos dos moradores foram mais frequentes. A vida e o cotidiano foram totalmente interrompidos. Esta é a descrição que faz Carmen desse momento:

No podían bajar a misa, no podían salir aquí a Villa Tina, no podían bajar a la iglesia, eran encerrados en el barrio y no podían salir de allá a acá. Se enfrentaban unas balaceras allá en el filito de la casa mía, iban y formaban unas balaceras dizque las galladas de yo no sé dónde y todo mundo encerrado y gritaban y de abajo tiraban bala pa’ arriba y de aquí pa’ abajo y eso era una cosa espantosa. No había noche que no sonara la balacera más horrible..., y sí, un conflicto espantoso, uno no podía salir, nosotros salíamos a misa y nos topezábamos [encontrávamos] con esa gente en el camino, armada,

¹⁷⁰ A pesquisa indaga pelos processos de reconstrução da memória em contextos de guerra, tendo como eixos centrais o espaço e a narrativa ou o que eles denominam como o ato de testemunhar.

¹⁷¹ A pesquisa se pergunta que processos subjetivos atravessavam aqueles que enfrentavam a perda dos seres queridos e a transformação da sua cotidianidade pela irrupção da violência? Como pensar a relação da cotidianidade, o sofrimento e o tempo entre as vítimas da violência?

y uno pasaba en un solo temblor esperando que no voltearan y lo vaciaran a uno ahí en el camino, fue muy terrible, muy terrible.¹⁷²

Com a chegada dos paramilitares ao bairro foram impostas novas regras de mobilidade, de uso dos espaços, de horários e de reuniões. Todas as atividades da vida cotidiana deviam ser reorganizadas tendo em conta as novas regras.

No bairro La Libertad, os paramilitares reuniram os moradores para exigir, em troca de segurança, o pagamento semanal de um dólar por família. Fizeram o mesmo com o comércio e o transporte. Os moradores concordaram com os paramilitares no sentido de que as famílias não pagariam as “vacinas”. Todavia, o transporte e o comércio deveria pagar as extorsões.

Entre as regras impostas pelos paramilitares estava não correr, nem fugir deles. Esta foi a regra com a qual Carmen fez mais referências em nossas conversações: “Entonces los reunieron y les dijeron que nos les fueran a correr cuando los vieran, que no se echaran a correr porque todo el que corra queda tendido” Seu filho Robin também cumpriu as regras, ele não saiu correndo com James quando viram os homens descer pela rua. Apesar de cumprir a regra seu filho foi morto. Eles mesmos definiam as regras, porém segui-las não garantia a sobrevivência, assim cria-se um forte sentimento de insegurança entre os moradores.

Como foi também mostrado nas pesquisas indicadas, o sentimento de insegurança criou grandes demandas emocionais para as pessoas e um sem-número de efeitos na sua vida cotidiana. A chegada do grupo Cacique Nutibara trouxe para os moradores um tempo de muito medo, angústia, incertezas. A própria forma que eles tinham de se vestir e de percorrer o bairro gerava medo. Usavam um tipo de roupa diferente, sobretudo pretos compridos nos quais escondiam as armas (roupa pouco frequente em Medellín por ter uma temperatura próxima dos 25°C), coturnos com pontas em ferro para bater nas pessoas. Eles caminhavam em grupos ou percorriam as ruas em um utilitário branco. Foram muitas as pessoas que eles assassinaram, só no quarteirão de Carmen mataram seis pessoas, entre elas uma mulher, dona Marta, que quis sair na rua para salvar um dos filhos.

¹⁷² Entrevista com Carmen. Medellín Programa de Atención a Víctimas, 2011.

Dias depois do assassinato de Dona Marta, Carmen caminhava com suas primas e avistaram os homens que desciam pelas escadas. Imediatamente a rua ficou vazia, todos sumiram. As primas começaram a gritar “nos van a matar, nos van a matar” e a correr apavoradas. Uma das primas desmaiou do medo. Em todo momento Carmen pedia para elas não correrem.

Carmen narra que depois da morte de Robin a violência incrementou-se consideravelmente. Foi tão crítica a situação que o sacerdote esteve a ponto de cancelar as celebrações da Semana Santa. Segundo Carmen, a banda “de arriba” enfrentou os paramilitares porque não queriam continuar pagando as extorsões e estavam cansados do seu controle. Ela fala ainda da presença marcante da polícia durante esses dias. Dias depois “Los muchachos” falaram para seus filhos que os responsáveis pela morte de Robin já tinham sido assassinados num confronto com outro grupo.

Esta detalhada descrição do clima vivido pelo bairro durante vários anos de controle de milícias ou de bandas, e logo o ano 2002 com a chegada dos paramilitares é importante para compreender a criação do altar. Estamos diante de grupos que impõem com as armas, as ameaças e os fatos um forte controle sobre o território. No entanto, Carmen se sobrepõe a esse medo que os paramilitares produziam e cria o calvário do seu filho.

8.3 A criação do calvário: “es la vida de mi hijo la que tengo aquí en la bolsa”

Paul Connerton afirma que as memórias são transmitidas e conservadas através de performance. Segundo ele:

A minha tese é que, se a memória social existe, é provável que a encontremos nas cerimônias comemorativas. As cerimônias comemorativas mostram ser comemorativas (só) na medida em que são performativas. Mas a memória performativa encontra-se, de fato, muito mais difundida do que as cerimônias comemorativas, que são - embora a performance lhe seja necessária - altamente representacionais. A memória performativa é corporal. Por isso, defendendo que existe um aspecto da memória social que, tendo sido muito negligenciado, é, no entanto, absolutamente essencial: a memória social é corporal.(CONNERTON, 1993, p. 86).

Se a memória é corporal então há práticas sociais através da qual isso se apresenta. Connerton as denomina práticas de incorporação, nas quais o corpo sabe o que deve fazer, é um conhecimento adquirido em nosso contato permanente com os outros. Dar a mão para cumprimentar, os gestos, o modo de sentar-se, de comportar-se em determinadas situações. Por outra parte estão as práticas de inscrição que são nossos dispositivos para armazenar e recuperar informação. Para aclarar sua tese Connerton fala que a transição da cultura oral para a cultura escrita é uma transição de práticas de incorporação para práticas de inscrição (CONNERTON, 1993). Estas práticas corporais envolvem uma combinação de memória cognitiva e de memória hábito, quer dizer, saber como fazer e fazê-lo com relativa frequência, é ali onde radica sua persuasão e sua persistência (CONNERTON, 1993).

Trago isto à tona para analisar o momento da criação do calvário e sua permanência como altar espontâneo. No relato de Carmen, logo de que seu filho é conduzido ao hospital pelos irmãos, ela decide que deve fazer algo com os restos do corpo de Robin:

Yo me fui con una bolsa y recogí toda la sangre, toda, antes que se regara mucho. La recogí en una bolsa con una palita de jardín, recogí una bolsada de sangre y me vine con ella como a echarla al baño y de pronto ahí pensé: no, es la vida de mi hijo la que tengo aquí en la bolsa. Si es la sangre de mi niño, cómo la voy a echar por el baño? El hijo mío, el que vive conmigo, me dijo: mamá? Como sin saber qué hacer. Yo le dije: coja una pala y lo enterramos ahí, cerquita de donde lo mataron. Con dos velas nos fuimos y vacié toda la sangre de la bolsa y la cubrí con la misma tierra y le dije a él: vamos por la cruz de su papá [a voz embargada e devagar, mas ela nao chora]¹⁷³

Carmen acabava de perder seu filho, sua cabeça destroçada pelo disparo, os gritos das pessoas ao redor, suas irmãs chorando, sua mãe desmaiada, suas netas pequenas chorando. No meio da confusão, Carmen agiu como se ela soubesse exatamente o que fazer. Ela sabia que não podia deixar seu filho jogado no chão, então recolheu os restos, fez um buraco no chão, enterrou ele, colocou uma cruz. Ela fez um calvário. Seu corpo tinha uma memória incorporada do que devia ser feito. Ela mesma falou, quando foi perguntada sobre as razões, que era costume fazer aquilo e que ela sempre viu como as pessoas faziam os calvários e quem passava perto jogava pedras para ajudar aos mortos a passar o umbral para “outra vida”.

¹⁷³Entrevista com Carmen. Medellín maio de 2012.

No entanto, a criação do calvário não revela só uma memória incorporada, há também nessa prática uma memória inscrita. Carmen afirma “hay gente que prefiere olvidar, yo tengo el calvario de mi hijo”. O calvário é sua forma de inscrever na memória o fato, a violência infringida contra seu filho, sua família e ela mesma. O calvário é a representação da ausência, mas também da persistência da lembrança. Durante mais de 12 anos ela tem cuidado dele, compra flores, limpa, costuma ficar em pé perto dele como quem faz vigília, provavelmente orando ou trazendo a lembrança do filho. Trocaram a cruz quando foi preciso, colocando cada vez uma de melhor qualidade (Ver foto no. 4, p. 173). Essa ação continuada no tempo é uma representação do seu luto, porém também é uma intervenção no espaço que quer comunicar algo, interagir com o pedestre, com os vizinhos, com sua própria família.

O calvário virou para Carmen um lugar sagrado, ela afirma que nele surgiram meses depois flores de muitas cores, como se o lugar tivesse cobrado uma vida que antes não tinha (Ver foto no. 4, p. 173). Segundo ela, as pessoas passavam e ficavam surpresas de ver aquilo florescendo. Era costume também jogar moedas no calvário. Eram tantas que Carmen costumava recolhê-las e encher frascos com elas.

Nas pesquisas de Santino (2011, 2003) ele destaca a condição sagrada dos altares espontâneos. Segundo suas pesquisas, esses lugares são “portais” entre o mundo dos vivos e os mortos, é o último lugar onde foi visto com vida, mas é também o lugar da morte.

Mas para Carmen o calvário é sagrado porque é também um símbolo do perdão. No momento de criá-lo ela perdoa aos responsáveis pela morte de Robin: “Quem melhor poderia falar da dor, do sofrimento e da perda e, ao mesmo tempo, de perdão e tolerância, de reconciliação e paz, senão as mães?”(CATELA; NOVAES, 2004, p. 154).

O altar tem todo o simbolismo religioso. Similar às mães de vítimas da violência policial no Rio de Janeiro analisadas por Márcia Pereira Leite (2004), o relato de Carmen está preenchido pelo imaginário católico. Num dos encontros mais marcantes com Carmen, ela me contou como foi a despedida de seu filho. Nesses primeiros minutos depois dos disparos ela se aproximou do corpo estendido no chão e o tomou entre seus braços. Deu graças por toda a vida compartilhada e perdoou os assassinos. Em seguida, Carmen olhou

para a parte alta da montanha e o entregou a Deus. Toda a narrativa desse momento tem uma forte alusão religiosa.

Assim como a Virgem, Carmen perdoa aqueles que mataram seu filho, agradece pela vida compartilhada e o entrega a Deus. No imaginário popular, a Virgem Maria é uma mediadora entre Deus e os homens. Leite (2004) destaca esse papel para compreender a identificação da figura mítica de Maria com as mães, tal como a Virgem Maria, as mães intercedem por seus filhos, sacrificam-se por eles, aceitando-os sem se importar com suas ações. Mas também é através dessa figura que se constrói o imaginário da mãe que luta contra a violência, que tem legitimidade para se resistir diante dos poderosos, reclamar justiça, perdoá-los e, inclusive, criar um espaço de reconciliação.

Carmen passou a visitar frequentemente o calvário, levar flores, limpar, orar, chorar. A presença representa o reclamo pelo acontecido, o personifica, o incorpora. Quer dizer, o calvário como inscrição da memória e a presença de Carmen como incorporação da mesma. O calvário sem a presença de Carmen para dar testemunho do vivido é invisível ao nosso olhar. Mas Carmen precisa do calvário para que os demais lembrem o fato da morte de Robin.

Essa intrínseca relação entre o lugar e as pessoas para conservar a memória dos fatos é analisada por Diana Taylor(2010) pensando o caso chileno. A autora descreve o percorrido pela Villa Grimaldi, no Chile, guiada por Pedro Matta, um dos sobreviventes desse centro de tortura. A autora conta como Matta vai mostrando os diferentes lugares e descrevendo para os visitantes o que significou o centro de torturas e a política de desaparecimentos durante a ditadura. Por momentos ela mesma questiona a possibilidade de conectar-se com o espaço, de sentir o que ali foi vivido. Mas quando chegam ao lugar onde eram feitas as torturas, o relato de Matta se transforma, deixa de ser objetivo para dar lugar ao seu testemunho como sobrevivente. Matta fala da tortura, cai e chora. Esse lugar que parecia não comunicar todo seu potencial como artefato de memória, de repente com o relato comovido de Mattos, com suas lágrimas e sua angústia renovada, adquire para os visitantes todo seu significado. Os visitantes passam a compreender por intermédio de Matta o que a tortura faz com as pessoas e as implicações sociais da existência desse lugar.

Depois Taylor é informada de que Matta sempre realiza a mesma representação, passa pelos mesmos lugares, conta os mesmos fatos e chora ao chegar ao lugar das torturas. As pessoas se perguntam pela veracidade do sentimento: Como é que pode, uma e outra vez, representar uma situação? “Como si la rutina volviera sospechoso el sentimiento” interpreta Taylor (2010) os questionamentos das pessoas. Para ela o interessante é que a performance de Matta é em si mesma testemunho e parte do projeto comemorativo. A repetição é uma forma de expressão do trauma, o exterioriza, o marca para exigir um reconhecimento: “El trauma hace menos clara la diferencia entre el adentro y el afuera, entre el pasado y el presente, entre lo personal y lo colectivo”(TAYLOR, 2010).

De forma parecida, a performance que Carmen realiza tem como público seus vizinhos, sua família e todo aquele que mostre um certo interesse em saber o que aconteceu. Para mim significou uma experiência impactante, pela intensidade emocional presente na sua narrativa e pela identificação que se estabelece com ela como mãe. O calvário por si só não chamava a atenção de quem quer que por ali passe, mas a presença persistente de Carmen preenchia de significado esse lugar. Era essa relação entre o altar espontâneo e Carmen o que dava sentido à rememoração.

Assim como Matta, Carmen também tem na persistência uma estratégia para evitar o esquecimento e reclamar reconhecimento. Persistência que se mostra não só no que ela faz, senão também na sua narrativa. Sua forma de narrar os fatos, suas lágrimas contidas, os silêncios, o sorriso pela alegria que a lembrança provoca, seguido da tristeza pela ausência. Comparando o testemunho apresentado por ela para o Programa de Vítimas do Conflito Armado e o que ela narrou para mim é surpreendente as similitudes na descrição, nas palavras usadas, na sequência narrativa, apesar de que entre uma e outra entrevista há uma diferença de vários meses. É tão nítida sua lembrança que parece como se tivesse acontecido há pouco. Como explica Taylor, o trauma sucede sempre no presente, tal como sua performance.

8.4 Os significados do calvário: “solo una madre para saber lo que duele perder un hijo”

O Calvário de Robin é talvez o mais invisível de todos os altares que estamos analisando. Fica quase oculto na rua, no meio das plantas e das flores (Ver foto no. 2, p. 173). Por outra parte, não há nem na narrativa, nem nas ações de Carmen uma confrontação com o poder dos grupos armados. Ela expressa um comportamento de certa forma adequado às expectativas dos poderosos: é uma mãe que está fazendo o luto pela morte do filho, não representa um risco (SCOTT, 2000). Suas práticas estão, tal como em La Milagrosa, associadas aos rituais católicos da morte. Mas a tenacidade da sua presença e a conservação do calvário formam um desafio simbólico ao poder e uma forma cotidiana de resistir (SCOTT, 2000).

São muitos os exemplos de mães como ela que lutam por manter a memória dos filhos assassinados e demandam justiça. Temos casos reconhecidos mundialmente, as Mães e Avós da Praça de Maio como exemplo emblemático de agentes de memória (LIFSCHITZ, 2012). No Brasil as pesquisas de Márcia Pereira Leite, Patricia Birman (2004); Adriana Vianna e Juliana Farias (2011), entre outros, mostram as diversas lutas individuais e coletivas de mães de jovens assassinados pela polícia. Na Colômbia têm surgido movimentos e organizações de mães que lutam por restituir a dignidade dos filhos assassinados na guerra.¹⁷⁴ Como afirmam Vianna e Farias (2011), estes movimentos criam estratégias no espaço público para dar reconhecimento ao valor político das perdas:

Longe de ser um fato isolado, o acionamento da condição de mãe como elemento de autoridade moral em atos políticos nos fala de trânsitos relevantes em cenários contemporâneos: entre dor pessoal

¹⁷⁴Exemplo disso é a Organização Caminos de Esperanza Madres de La Candelaria, tal como as Madres de La Plaza de Mayo, reúnem-se numa praça do centro de Medellín desde 1999, para reclamar por seus filhos desaparecidos e reivindicar os direitos das vítimas. A Ruta Pacífica de Mujeres, criada em 1996, é formada por mais de 300 organizações. Trata-se de movimento feminista que trabalha pela tramitação negociada do conflito armado, a visibilidade dos efeitos da guerra na vida das mulheres e pelo direito à verdade, à justiça, à reparação e não repetição. A mais antiga é talvez a Organización Femenina Popular, que há mais de 40 anos trabalha na região do Magdalena Medio, e que lidera atualmente o Movimento contra a guerra e pela paz que reúne diversas organizações de mulheres no país. Por último, não sendo esta lista exaustiva, a Mesa de Trabajo Mujer y Conflicto Armado, formada por acadêmicas, membros de ONGs e vítimas do conflito armado, publica informes sobre o impacto da violência na vida das mulheres.

e causas coletivas; entre sofrimentos e direitos; entre formas e dimensões distintas do luto, aqui tomado como processo inextricavelmente individual e social(VIANNA; FARIAS, 2011, p. 83).

As mulheres que fazem parte desses movimentos, levam para o espaço público suas histórias de vida, as relações construídas e a ruptura depois do evento extraordinário. Talvez se pudesse pensar que Carmen leva a cabo um luto privado pela perda do seu filho. Ela não participa de passeatas, não frequenta as oficinas de memória do programa de vítimas da prefeitura, não procura esclarecer o que aconteceu com seu filho, não demanda justiça frente ao Estado¹⁷⁵. Não entanto, seu luto não é privado, ela evidencia o contraste entre dizer e mostrar.

Na sua pesquisa, Veena Das fala das mulheres que viveram situações de violência e como sinal de protesto negam-se a limpar seus corpos e pentear seus cabelos, a limpar as casa, para elas seu corpo é a evidência da perda. Assim Carmen rejeita os reclamos por manter viva lembrança do filho através do calvário, para ela cuidar dele é mostrar sua perda. Ao apropriar-se do espaço da rua onde seu filho foi morto, ela reocupa o espaço da devastação para ressignificá-lo. Em lugar do registro público, de acionar o aparato da justiça do Estado, em lugar de reclamar publicamente pela perda, ela voltasse para o cotidiano, rearma sua existência no dia a dia.

Veena Das analisa a complexa transação entre corpo e linguagem, através da qual essas mulheres lograram dar voz e mostrar sua dor. Carmen não faz um gesto de desafio ao poder armado, ela simplesmente aprende a conviver com essa perda. É nesse trabalho cotidiano da reparação onde ela encontra a forma de manter viva a memória.

No entanto Carmen poderia fazer disso um gesto privado, em casa. Mas não é assim, ela recolhe os signos da injúria e os transforma em maneiras de devir sujeito político (DAS, 2008a). Sua memória inscrita no calvário e incorporada na sua presença chama a atenção para a sociedade acerca dos crimes cometidos, dos milhares de vítimas das quais seu filho é uma parte. Sua presença nos lembra aquilo que se quer invisibilizar, a dor das famílias, as

¹⁷⁵ O Estado não esta presente de forma alguma neste caso, salvo quanto à possibilidade de reparação econômica às vítimas. Contudo, dessa forma, o que faz é reativar conflitos dentro da família. Sobre este tema voltaremos mais adiante. O que interessa sublinharneste momento é que Carmen não reclama justiça para seu filho diante do Estado. Ainda que ela não clame por vingança, uma ideia de ajustamento faz-se presente com o assassinato dos homens e a impossibilidade de suas mães de tomar conta dos corpos.

fraturas provocadas nessas vidas, as perdas. Porém, também sua força, a resistência, a vontade de manter viva a lembrança. Para Das(2008a) esta narrativa de luto clama por compreensão, ela pode ser reconhecida ou ignorada.

Carmen ativa todos seus vínculos sociais, com sua família, suas vizinhas, os amigos do seu filho, as pessoas do bairro. É diante deles que ela expressa sua dor e encontra uma resposta afirmativa. Ao igual que as mulheres pesquisadas por Vianna e Farias, a persistência dessa mãe em mostrar sua dor, em conservar a memória do filho, em manter um relato que recupere a dignidade perdida com a morte violenta, são percebidas pelo público que as presencia como ações que unicamente uma mãe convencida da injustiça da morte e da inocência do filho pode realizar.

Junto com as outras vizinhas do bairro formam uma comunidade de apoio e solidariedade (Ver foto no. 5, p. 173). Sobre essa base comum da perda é formada a ideia de um “nós”. Assim essas mulheres passam a reivindicar a noção de coletivo que inclui todas as mães que perderam seus filhos em circunstâncias semelhantes.

Tal e como analisam Vianna e Farias, esse coletivo forma uma “unidade moral e afetiva”, sendo sua compreensão restrita aos iguais (VIANNA; FARIAS, 2011). Os demais podem ser solidários, mas compreender o sentimento de perda é algo que só uma mãe que perdeu seu filho pode fazer. Como afirmam Vianna e Farias, elas acionam a legitimidade dos “laços primordiais” (mãe-filho), no sentido dado por Clifort Geertz a essa categoria.¹⁷⁶ Não tanto para falar da sua própria experiência, senão para falar dos outros, é a condição de mãe o que conecta a todas essas pessoas numa experiência comum.

¹⁷⁶Clifort Geertz define laços primordiais como: “Por apego primordial se entiende el que procede de los hechos ‘dados’ –o, más precisamente, pues la cultura inevitablemente interviene en estas cuestiones, los supuestos hechos ‘dados’- de la existencia social: la contigüidad inmediata y las conexiones de parentesco principalmente, pero además los hechos dados suponen el haber nacido en una particular comunidad religiosa, el hablar de una determinada lengua o dialecto de una lengua y el atenerse a ciertas prácticas sociales particulares. Estas igualdades de sangre, habla, costumbres, etc. se experimentan como vínculos inefables, vigorosos y obligatorios en sí mismos. Uno está ligado a su pariente, a su vecino, a su correligionario ipso facto, como resultado no ya tan sólo del afecto personal, de la necesidad práctica o de los comunes intereses, sino en gran parte por el hecho de que se asigna una importancia absoluta e inexplicable al vínculo mismo. La fuerza general de esos lazos primordiales y los tipos importantes de esos lazos varían según las personas, según las sociedades y según las épocas. Pero virtualmente para toda persona de toda sociedad y en casi toda época algunos apegos y adhesiones parecen deberse más a un sentido de afinidad natural –algunos dirían espiritual- que a la interacción social.(GEERTZ, 2005, p. 222)

Por isso Carmen me invita para falar com suas amigas, nessa fala todas elas expressam seu sentimento de dor pela perda dos filhos, falam sobre esses momentos iniciais de loucura, sobre a forma como o fato afetou suas vidas e suas famílias, as doenças no corpo. Expressões como “solo una madre para saber lo que duele perder un hijo” foram frequentes, elas sabiam do que estavam falando, elas encontravam no gesto de afirmação silenciosa das outras o reconhecimento dessa perda. Assim sem importar as razões pelas quais seus filhos foram mortos, cada uma delas sentia essa dor como própria: “eran hijos de todas, esos muchachitos fueron criados entre todas”.

Não entanto, essa figura da mãe tem um antagonista, a mãe do outro, do assassino (VIANNA; FARIAS, 2011). Quando Carmen é informada pelos “muchachos” que os homens que mataram seu filho foram mortos, ela reconstrói a fala dos homens da seguinte forma:

Muchachos ya matamos a ese no se tantas que mató al Robin que no tenía cuentos con nadie. Ya los matamos y no dejamos arrimar a la mamá a que lo recogiera, porque la mamá no los enseñó a vivir y nadie tenía porque tocar con el Robin. Porque la mamá de ustedes si los enseñó cómo se respeta y cómo se vive.¹⁷⁷

Segundo Carmen, essas outras mães não tinham o direito de enterrar seus mortos, nem de mostrar sua dor ou de fazer um calvário. Nessa proibição ao fazer o luto, radicava o castigo social por não ter educado bem seus filhos. Carmen perdoa os assassinos do seu filho, mas ela acha justo o castigo para as mães. Criava-se assim um antagonismo entre mães que cuidam dos filhos e os “enseñan a vivir” e aquelas que não o fazem. Assim, no seu imaginário, nem todas as mães podem fazer parte dessa comunidade moral formada pela dor da perda dos filhos.

Talvez entre esses que não tem cabida na comunidade afetiva formada pelas mães que perdem os filhos, esteja sua nora. Ela é mãe, mas não conhece a dor de perder um filho. Também estou eu. Aquilo inominável, a mãe que perde seu filho, resulta o sofrimento mais marcante de todos, daquele que pode ser observado, sentido, mas que só numa experiência extrema alcançaremos a compreender seu significado.

Essa comunidade afetiva que forma Carmen é conformada por poucas pessoas. A morte do filho, como muito bem lembrado por Piedad Bonnet, é um

¹⁷⁷Entrevista com Carmen. Medellín junho de 2012.

fato inominável. É uma dor sentida e difícil de expressar. Daí que fique contida no corpo, como um veneno. Geertz afirma que aos laços primordiais lhes são atribuído uma importância absoluta e inexplicável ao vínculo mesmo (GEERTZ, 2005). Talvez por isso quando esse laço mãe-filho é rompido com a morte violenta, a necessidade de reconhecimento dessa dor seja imperativa para as mães. Só que, como vimos no caso de Carmen, a Morte de Robinnão só marcou sua vida, mas também a vida dos irmãos, os sobrinhos, a nora e os filhos de Robin. O dano ocasionado com a morte violenta transcendeu a toda a família. Daí o reclamo por reconhecimento dessa dor que a esposa de Robin me fazia. Sim o calvário centra a atenção em Carmen, a história mostra uma espécie de onda expansiva que vai tomado conta da família, dos amigos, dos vizinhos. A morte de uma pessoa não é um fato isolado, uma estatística dentro dos dados da violência homicida na cidade, no é só a manifestação da força e do poder destruidor dos grupos armados. A morte dessa pessoa causa um incalculável a todos que com ela estão relacionados.

As mães como vimos são, em muitos casos, as que dão visibilidade a essa dor. No entanto, é necessário reconhecer que esse sentimento é também vivenciado por outros, é uma responsabilidade ética de nossa parte reconhecer essa dor.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

VOLTAR A PROCURAR OS VAGA-LUMES

Quando iniciamos esta pesquisa propusemos analisar as ações e as práticas culturais pelas quais os sujeitos reconstruem suas memórias em contextos de violência, como a vivida em Medellín, Colômbia. Identificamos os usos políticos da memória, como resistência política nos espaços do cotidiano, íntimo, familiar ou comunitário. Indagamos pelas ações políticas geradas nos micro processos da vida cotidiana; queríamos mostrar de que forma as experiências individuais conectavam-se com processos sociais mais abrangentes e como essas pequenas histórias tinham um potencial político relevante.

Para alcançar nosso propósito decidimos estudar aquelas formas de memorialização da morte em espaços públicos por ocasião da morte violenta de pessoas. Retomamos o conceito de altares espontâneos usado por Jack Santino(2011), definido como rituais públicos de luto diante de mortes inesperadas e consideradas injustas. Os altares são ao mesmo tempo formas materiais de conservar a memória dos fatos, expressão pública das emoções e demanda de mudanças sociais e de reconhecimento da dor. Identificamos as narrativas associadas a sua criação e consideramos pertinente usar a categoria de narrativas de luto proposta por Connerton(2012). Esse movimento ocorreu devido ao entendimento de que mais que reclamar por justiça ou reivindicar uma narrativa legitimadora de um poder ou de um contrapoder, essas narrativas pretendiam dar às emoções um lugar na esfera pública e demandar um reconhecimento do dano e da injustiça por parte de seus iguais, colegas, vizinhos, amigos.

As narrativas propiciaram a criação de uma comunidade sobre a base da perda e da vulnerabilidade. Os altares, ao ser uma expressão pública do luto, têm um forte potencial político, no sentido dado por Das(2008a), de Certau(2000) e Scott(2000). O potencial político das narrativas de luto revela-se no retorno ao cotidiano, nas pequenas ações políticas, quase inapreensíveis, táticas, invisíveis, e intermitentes realizadas pelos sujeitos.

Recapitularemos neste capítulo final alguns aspectos que queremos destacar em relação aos altares, sua origem, conteúdo e significados; as pessoas que o altar quer lembrar e os criadores; as narrativas de luto e a ação política inerente à sua criação. Como foi dito antes, o estudo de caso não pretende apresentar conclusões gerais sobre eventos particulares. Assim o que enunciaremos são as particularidades observadas nos casos, os aspectos comuns e suas evidentes diferenças. Diante da presença maciça na Colômbia de altares espontâneos como os aqui analisados, queremos sim, chamar a atenção para o potencial político inerente a este tipo de ação social.

Nos casos analisados, os altares espontâneos foram criados coletivamente, só o caso do calvário de Robin Asmed refere-se a uma única pessoa. A iniciativa da criação não teve a presença de instituições do Estado, ONGs, associações, movimentos ou outro tipo de coletividades políticas. Eles surgiram pela necessidade de fazer algodiante de acontecimentos críticos no sentido dado por Das (2008). No caso do Mural de Santo Domingo Savio, um sacerdote foi o promotor da criação, mas de modo algum pode afirmar-se que a Igreja como instituição teve um papel nesse processo ou que a ação do sacerdote obedecia a políticas da Igreja em relação com os conflitos na cidade.

Eles são quase invisíveis no espaço público. Um grafite numa universidade cheia deles, uma virgem num bairro que tem, literalmente, uma virgem em cada esquina, um mural na parte traseira de uma igreja e um calvário quase oculto pelo mato. Ainda assim há algo neles que convida a prestar atenção. Apesar dos muitos assassinatos no bairro La Libertad, o calvário de Robin é o único. O Grafite em homenagem a Paula Andrea e Magaly não fala da luta dos estudantes senão da perda, da fragilidade da vida, da saudade. A virgem não tem uma oração ou um pedido, tem os nomes de seis pessoas e a data da morte. O mural, tanto na intenção (lembrar as pessoas assassinadas no bairro) como no conteúdo (incluir vítimas e perpetradores), é singular.

Os altares são diferentes, ainda assim muitos deles têm referências religiosas evidentes. No entanto, o grafite na Universidad Nacional, corrobora a tese de que os altares são construídos de acordo com códigos de representação e com o contexto cultural e expressivo de sua origem. O uso de símbolos religiosos em três dos casos não oculta o sentido político da criação,

a discussão pública sobre os acontecimentos, a rejeição coletiva diante das mortes violentas, as diferentes narrativas que surgem para contra-restar outras narrativas legitimadoras.

Todos os altares destacam os nomes das pessoas mortas, sua materialidade alimenta a memória e constrói um sentido sobre a pessoa ausente (HALLAM; HOCKEY, 2001). O nome é uma forma de tornar visíveis as vítimas e individualizar as perdas. Tornar visível no sentido de recuperar a vítima do anonimato das estatísticas sobre mortes, evitar que a voragem da violência na cidade apagasse a lembrança e sua morte fosse uma mais dentro do emaranhado dos eventos. Individualizar significa mostrar que essas pessoas tinham uma história, eram filhos, irmãos, pais, amigos, colegas de outras pessoas. Mostrar como a morte criou uma onda expansiva de dano além da família e dilacerou a vida de outros que faziam parte dessa história.

Todavia, também é importante destacar que nenhum deles faz referência às circunstâncias da morte ou seus responsáveis. Há um silêncio por trás deles. Nos altares analisados por Margry e Sánchez-Carretero (2011), Doss (2006, 2012), Grider (2011), para o caso norte-americano, e Birman e Leite (2004), para o caso brasileiro, a mídia teve papel central em difundir os fatos, as razões para a criação do altar, as demandas dos criadores, indicar os responsáveis pelos assassinatos e pedir justiça. Nos casos que apresentamos nesta pesquisa não existe a presença da mídia ou de algum outro mecanismo de comunicação. Por isso o silêncio parece envolvê-los. Será necessária a presença de “outro” interessado em saber o que aconteceu para que a narrativa seja expressa.

Como ficou claro no contexto de criação dos altares em Medellín, a violência não dava espaço para as palavras. Falar, reclamar, demandar, reivindicar era perigoso. Não significa isso que ninguém o fizesse, vimos muitos exemplos de pessoas e coletivos que arriscaram suas vidas para expressar-se contra essa violência. Porém o que nossos altares mostram são as múltiplas formas que essa expressão da memória podia assumir. Assim o silêncio que parecia rodear os altares era, na verdade, uma narrativa a espera do momento propício para a escuta, como Pollak bem nos lembra (2006, 2010). Com exceção de Santo Domingo Savio, podemos afirmar que todos os criadores dos altares estiveram dispostos a falar, inclusive, aliviados em poder fazê-lo. No

entanto, a pesquisa também evidenciou como os altares estavam carregados de uma narrativa de luto compartilhada pelos vizinhos, amigos, familiares, colegas, transmitida nos espaços do bairro, da casa, da universidade.

Vimos como os altares tinham a capacidade de gerar respostas emocionais, dando-lhes agência ou capacidade de agir na forma de percepções e relações sociais. A virgem de La Milagrosa e o calvário são cuidados por pessoas que não estão dispostas a permitir que o significado original de sua criação seja esquecido. Também, apesar de que alguns foram feitos sem uma intenção de permanência, quer dizer podiam ser facilmente apagados, eles ainda hoje se conservam. Na Universidade Nacional o grafite foi reapropriado pelas novas turmas de estudantes que entraram na faculdade. Se no momento da criação era um chamado para fazer um ritual de luto pelas colegas mortas, para pensar a responsabilidade dos estudantes nos acontecimentos, para evitar o silêncio que se impunhaem relação com as estudantes, hoje Paula Andrea e Magaly são lembradas como mártires do movimento e ativas lutadoras pelas causas sociais. Por sua parte, o mural em Santo Domingo Savio, por cima das controvérsias desatadas com sua elaboração, está ainda na parede da igreja, a ele são agregados nomes de pessoas que morrem, violentamente ou não. Os altares mantêm-se enquanto objetivam conservar seu significado original ou dotar-se de novos; enquanto exista alguém interessado em lembrar o acontecido, eles terão uma forte capacidade de agência.

Nos casos pudemos observar como os acontecimentos transformaram o mundo cotidiano, instalando a incerteza, o medo, a insegurança. Sem importar que na maioria dos casos os sujeitos tivessem vivido situações extremas ou ciclos de violência no seu entorno, há um evento que assinalou um antes e um depois, que rompeu com os esquemas que permitiam compreender o contexto, movimentar-se, agir.

Mas, ao iniciar a narração sobre o evento concreto, algumas das pessoas voltavam no tempo, para iniciar seu relato num momento anterior, sempre referido à sua própria história de vida. Por exemplo, quando Julián é indagado sobre as origens do mural, ele inicia seu relato falando de sua adolescência, de como ele viu seus amigos incursionarem no narcotráfico e serem rapidamente assassinados. Teresa faz referência à historia dos pais e

como ela não queria repeti-la. Rodrigo inicia seu relato com o assassinato do seu pai, anos antes. Assim, as histórias não iniciam no momento no qual o pesquisador está interessado, a pergunta pela origem de uma história é muito mais complexa e revela negociações com o passado, o que quer ser lembrado ou esquecido. Por outra parte, o início da história revela a forma como a memória procura aquilo que pode ser considerado “o comum”, aquilo que não é próprio do sujeito, que não diz só respeito a ele senão a um nós (COIMBRA, 2013).

Ao acionar seu próprio passado essas pessoas estavam construindo um relato que vinculava suas experiências pessoais com aqueles eventos que haviam marcado a vida dos vizinhos ou colegas. Era uma forma de manifestar quanto podiam compreender o que os familiares das pessoas assassinadas sentiam. Contudo, o narrador não se localizava na posição de vítima, não se apresentava em primeiro lugar como sujeito com uma experiência única, diferenciada, excepcional. Ao relatar eventos da sua própria história de vida o sujeito reconhecia a dor do outro, criava no relato os elementos de identificação que lhe permitam falar de um nós, que ia além da sua própria história ou da história do outro. Era o reconhecimento da precariedade compartilhada, o sentimento de que o acontecido com o vizinho ou amigo não era singular ou único, não tinha acontecido por ser ele, por estar em determinado lugar ou momento, senão que era um risco permanente, podia acontecer com qualquer um. A precariedade era compartilhada, admiti-lo tinha um enorme potencial político. Como afirma Butler:

El reconocimiento de la precariedad compartida introduce unos fuertes compromisos normativos de igualdad e invita a una universalización más enérgica de los derechos, que intente abordar las necesidades humanas de alimentación, cobijo y demás condiciones para poder persistir y prosperar. básicas (BUTLER, 2010, p. 50).

Quando iniciamos esta pesquisa intuíamos que os altares eram uma expressão do silêncio das memórias subterrâneas. Não entanto, foi na possibilidade de falar sobre a experiência que surgiram as narrativas de luto. Connerton(2012) fala das narrativas de luto para fazer referência a formas de dar testemunho que não têm a pretensão de gerar consenso, pelo contrário, estão no limite entre o público e o privado, não chamam particularmente a

atenção e seus significados não são explícitos. Essas narrativas não estão no centro da discussão sobre a memória, senão nas margens.

Essas narrativas de luto que acompanhavam a criação dos altares, não pretendiam lançar um desafio, mas sim rearmar uma existência, encontrar a forma de voltar à cotidianidade. Veena Das recorre ao mito de Antígona para mostrar o contraste entre um gesto de desafio ante o poder, dramático e espetacular e outro gesto de retorno ao trabalho cotidiano da reparação. Ela se pergunta: “¿cómo no se articula la perdida a través de un gesto dramático de desafío, sino que se aprende a habitar el mundo, o a habitarlo de nuevo, en un gesto de duelo?”(Das, 2008, p. 222).

Assim não estamos diante de pessoas que publicamente ou nos estratos judiciais ou na mídia, reclamaram por justiça, ou ativaram mecanismos legais para fazer valer seu direito à verdade. As pessoas entrevistadas mostraram-nos as diversas formas como elas lograram fazer públicas suas emoções. Nesse processo envolveram outras, enviaram uma mensagem para aqueles que faziam parte do seu entorno, convocaram, com sucesso ou não, para um ritual de luto público e coletivo, que permitisse lamentar a perda, reconhecer o dano e a própria vulnerabilidade. Quer dizer estas narrativas de luto lograram dar às emoções um lugar na esfera pública.

Essa narrativa de luto foi construída em cada caso de maneira muito particular, no entanto achamos pertinente mostrar algumas similitudes e diferenças entre elas. O primeiro que haveria para dizer é que são narrativas do sofrimento, que encontraram na criação dos altares uma forma de se expressar publicamente. A narração de experiências pessoais de sofrimento permitiu criar laços entre pessoas diversas. Essa linguagem emocional que falava sobre a dor sentida, o sentimento de injustiça, o horror, as perdas, o medo encontrava eco em outros sujeitos, transformando-se num sentimento que ligava uns a outros. Nesse momento a dor não era um assunto privado ou exclusivo do indivíduo, era sentido por outros.

Assim, vimos como esses sujeitos tentaram - em alguns casos com sucesso- criar uma identificação sobre a base do reconhecimento da perda, do sofrimento causado e, do único que tinham em comum, a própria vulnerabilidade diante da violência. Nos casos do altar à virgem na Milagrosa e do calvário de Robin foi criada entre os vizinhos uma ideia de um nós, que

possibilitou a criação das comunidades emocionais, fundadas numa ética do reconhecimento (BUTLER, 2006, JIMENO, 2010). Na Milagrosa assistimos à comunidade que criou uma versão compartilhada dos fatos, que persistiu no esforço por devolver aos jovens assassinados seu lugar social e sua dignidade. Um coletivo que no esforço por compreender o que tinham vivido criaram um ritual de luto público que permitiu expressar as emoções, gerar vínculos solidários, uma percepção de segurança diante da violência arbitrária. No caso de Carmen vimos como essas mães compartilhavam uma condição inominável, aquela das mães que perderam seus filhos. Essas mulheres encontravam nas outras a compreensão para sua dor, reconheciam-se nas dores da alma e do corpo que a morte do filho trouxe.

Contudo, a criação dessas comunidades afetivas não esteve isenta de conflitos. Tanto em Santo Domingo Savio, com o mural, como no grafite da Universidad Nacional, os criadores convocaram a uma reflexão sobre o que tinham perdido: era sobre a base da perda que se interrogava como seria possível reconstruir essa comunidade emocional. O que esteve publicamente expressado foram discussões sobre a importância do reconhecimento dos erros e demandas para debater quais eram as vidas que mereciam ser vividas e por tanto choradas. Apesar dos conflitos, da disparidade dos cenários, em ambos os casos a criação do altar propiciou o debate sobre temas relevantes para esse coletivo.

Nas entrevistas surgiram outros matizes dessas narrativas de luto, que falam sobre dores compartilhadas por histórias tão diversas como as aqui descritas. Essas narrativas têm diversos momentos carregados da intensidade do vivido. É marcante, por exemplo, a memória do último adeus. Os relatos procuravam nos interstícios os sinais da vida antes da devastação, persistiam no seu desejo de convocar a vida antes da chegada da morte.

Também são marcantes os episódios em que são narradas as pequenas vitórias frente à adversidade, os desafios para lograr recuperar algo da dignidade que a morte violenta tentava destruir. A alegria na fala de Julián ao descrever os momentos nos quais os jovens pediam perdão às famílias e eram perdoados. O dia em que Teresa toma o microfone para ler um poema e falar publicamente de Paula Andrea e Magaly. O dia no necrotério em que Carmen

consegue que o funcionário devolva, com um desenho, o rosto do seu filho e com isso sua humanidade.

Todavia, as narrativas estavam especialmente marcadas pela violência. O território era uma das referências mais frequentes. A quadra de futebol, uma determinada rua, escadaria, esquina, o prédio da faculdade onde foi a explosão, a casa da vizinha onde mataram os filhos, o barranco por onde escaparam. O cotidiano estava preenchido também por esses espaços nos quais aconteceram fatos violentos, como se as pisadas da dor e o medo assinalassem o entorno. São especialmente marcantes os relatos de Esteban, Juan Guillermo, Rodrigo e de Carmen ao descrever o que significava caminhar pelo bairro sob o controle dos grupos armados, o medo percorrendo o corpo ao encontrar-se com os grupos de jovens na esquina, ao passar de um bairro a outro, ao tomar um ônibus e ver que no ponto estavam revistando as pessoas que viajavam nele.

Os assassinos também têm um lugar central nessa narrativa. Nos momentos de terror são definidos como seres alterados, desfigurados. Carmen é bastante descritiva quando disse “Esos hombres venían con el alma envenenada”. Sentimentos ambíguos ao reconhecer tanto o ser humano, como àquele transformado, no momento de matar, um ser esquisito, não humano. Não os despojam da sua humanidade, pelo contrário, os reconhecem na sua condição humana e fazem juízos morais sobre seu comportamento. Por isso Fanny, a mãe de Sandra uma das vítimas na chacina da Milagrosa, pedia para os assassinos a mesma dor que ela estava sentindo. Carmen considerava justo o castigo para as mães dos assassinos: não poder recolher da rua o cadáver do filho.

Outra particularidade das narrativas sobre os assassinos é que todos, sem exceção, são identificados. Talvez não soubesse exatamente qual era seu nome, mas sabiam quem eram, o que faziam, onde moravam. Porém ter clara a identidade dos responsáveis também evidenciava a inoperância ou a conivência das autoridades com esses grupos armados. A expressão muito usada “se passeavam como Pedro por sua casa”, dava conta da ausência total do Estado, tanto para prevenir os fatos como para castigar os responsáveis por eles.

Em três dos casos, a chacina em La Milagrosa, o assassinato de Robin Asmed em La Libertad e nos centos de mortos em Santo Domingo Savio, o Estado e o sistema de justiça são completamente ausentes. Não houve uma pesquisa policial, nem procuraram pelos responsáveis, nem houve um juízo. Todos os entrevistados reclamavam por que até hoje a polícia não se apresentou para fazer as pesquisas pelas mortes ou para tomar declarações. A polícia aparece em poucas ocasiões dentro dos relatos e quase sempre de maneira suspeita, ou como sinal de perigo.

Para algumas das pessoas entrevistadas o Estado se fez presente no momento da reparação econômica às vítimas. Como vimos no capítulo 2, a Lei de vítimas e restituição de terras foi aprovada pelo governo do presidente Juan Manuel Santos em 2011. Ela prevê a reparação econômica para aquelas pessoas que comprovem ser vítimas da guerra e estabelece os mecanismos para demandar ao Estado o reconhecimento da condição de vítima e a reparação apropriada de acordo com o dano infringido.

Os casos de Fanny, mãe de Sandra, na Milagrosa, e de Carmen, mãe de Robin, em La Libertad, mostraram como a possibilidade de uma reparação econômica trouxe entre as famílias muitos desencontros. Quem seria considerado pelo Estado como vítima? Quem tinha apresentado primeiro a demanda de reparação? Como ia ser distribuído o dinheiro? Quem receberia o dinheiro, o que devia ser feito? Nesses casos considero que o tema da reparação econômica foi um mecanismo de ativação de velhas disputas familiares. Desatou também fortes questionamentos morais pelas implicações de receber esse dinheiro.

É importante destacar que, com exceção de Julián, o sacerdote da igreja de Santo Domingo Savio, nenhuma das outras pessoas entrevistadas usava a categoria 'vítimas' para referir-se a seus familiares mortos ou a eles mesmos. A iniciativa de demandar reparação econômica diante do Estado foi sugestão de terceiros, não produto de uma reivindicação política da condição de vítima.¹⁷⁸

¹⁷⁸ A Lei 1448, de 2011, "Lei de vítimas" define como vítimas "[...] aquellas personas que individual o colectivamente han sufrido un daño por hechos ocurridos a partir del 1º de enero de 1985, como consecuencia de infracciones al Derecho Internacional Humanitario o de violaciones graves y manifiestas a las normas internacionales de Derechos Humanos, ocurridas con ocasión del conflicto armado interno". No entanto, a sentença C-781/12 da Corte Constitucional da Colômbia (Corte de controle constitucional), determinou que a expressão "com ocasião do conflito armado" tinha um sentido amplo que incluía situações acontecidas no contexto do conflito armado colombiano, não restrito às confrontações militares, ou a um ator armado específico, senão que incluem a

Contudo, como vimos nos casos, com exceção de algumas das pessoas incluídas no mural de Santo Domingo Savio, estamos diante de indivíduos que não tinham nenhuma relação com atores armados do conflito, mas que sofreram danos e perdas derivadas das dinâmicas do conflito armado na cidade de Medellín. Como ressalta o informe “Basta ya” (CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA, 2013), a maioria dos mortos produto do conflito armado na Colômbia foram pessoas sem vínculos com grupos armados ou em meio a ações de guerra.

Assim a criação dos altares propiciou a expressão das narrativas de luto através das quais foi possível fazer público o sofrimento. Narrar, compartilhar com os vizinhos, expressar-se, ainda que de modo sutil, gerou uma experiência compartilhada da dor. Esse espaço permitiu, em alguns casos, construir um relato comum sobre o evento. Assim a experiência deixava de ser individual e passava a ser intersubjetiva. Talvez por isso as pessoas não sejam sinaladas como vítimas, não sendo algo que aconteceu de forma exclusiva, senão que marcou a todos os envolvidos. Especialmente nos casos de La Milagrosa e La Libertad pode ser observada essa situação.

No caso de Santo Domingo Savio a narrativa criada no altar sobre o perdão, a reconciliação e o reconhecimento da vulnerabilidade não gerou um mesmo relato. Há divergências em relação com a memória, com a narração sobre o passado elaborado nas cerimônias de perdão, mas também no conteúdo mesmo do mural. Porém eles encontraram a forma de construir um altar que simbolizasse sua memória. Eles, como poucos, lograram sintetizar nesse mural suas histórias de vida, suas dores e seus anelos de câmbio. Vimos de que forma colocar os nomes de vítimas e atiradores trouxe múltiplas discussões sobre a demanda da verdade e sobre as vidas que merecem ser lembradas. Mas é impossível não destacar a coragem que tiveram de expor um tema politicamente e moralmente complexo como esse.

Também é necessário chamar a atenção para as diversas formas que essa narrativa de luto encontra para se expressar. O contraste entre dizer e mostrar de que fala Das(2008b). A memória inscrita nos altares igualmente encontra formas de se expressar sem palavras. O grafite, os cartazes, o

complexidade e evolução fática e histórica do conflito. Em conclusão, para declarar a condição de vítima é necessário examinar em cada caso concreto a relação próxima e suficiente com o conflito armado.

caminho de flores, todo aquilo criado por Teresa e Rosana para convidar seus colegas a fazer um ritual de luto e fazer pública a dor pela perda, não encontraram uma resposta nessa comunidade. O que não significa que a morte das colegas não importasse, muito pelo contrário: evidenciava a paralisia que o medo e o rumor produziam.

Os altares apresentados nesta pesquisa têm diversas camadas de significados, mas há um ponto em comum que encontrou no ritual público da morte um espaço para se expressar: a indignação. Como é dito por Butler(2010), a indignação frente à morte, frente à injustiça, à perda insuportável, tem um potencial político enorme. A indignação é uma reação afetiva diante de uma situação, mas que leva a fazer algo, por minúsculo que seja. Ainda seguindo a autora, a indignação depende do reconhecimento da vida que foi prejudicada, reconhecimento do dano.

Todavia, o reconhecimento passa pela consciência da própria vulnerabilidade diante da violência. Cada um deles, num momento determinado, afirmou “podia ter sido eu”, era a certeza da sua própria exposição à violência e da possibilidade da perda, não só de pessoas próximas senão também da própria vida. Assim, como afirma Butler (2006), ser consciente da própria vulnerabilidade leva a reconhecer dos outros. Assim na identificação com o sofrimento é possível elaborar um luto público e transformar a emoção num recurso político.

Emoção expressada como indignação e ação: “não podíamos deixar que passasse como se nada”, “tínhamos que fazer algo” “não podia haver passado isso”, “não podia deixar os restos do corpo de meu filho espalhado na rua”, “para que não aconteça de novo”.

Eram formas de resistência que não supunham um desafio ao poder ou aos poderes estabelecidos, embora fosse uma expressão pública de seus questionamentos. Nos relatos dos entrevistados resultou evidente como essas formas de resistência eram habitualmente usadas para sobreviver e conviver com os grupos armados. As negociações, as armadilhas, os discursos ocultos, mas também as reuniões nas ruas, as comemorações públicas, as marcas no espaço que lembram as mortes injustas, todas elas são formas quase invisíveis, mas muito eficazes no sentido de retornar ao cotidiano e rearmar a

existência. Em outras palavras, nenhuma destas práticas levou a mudanças no cenário, mas lograram ganhar certa autonomia e dignidade.

Como tem sido reiterado em múltiplas ocasiões por Gonzalo Sánchez, diretor do Centro Nacional de Memória Histórica, é necessário em nosso país privilegiar as memórias que estão nas margens, na violência cotidiana, poucas vezes documentada, quase invisível, mas que costuma deixar profundas feridas nos indivíduos que as padecem. É necessário procurar as trajetórias de vida de indivíduos comuns abatidos pela violência, tornar visíveis os nomes e as histórias ocultados pelas cifras. Do mesmo modo, compreender que por trás de cada uma dessas histórias há uma dor que não é só individual, que diz muito sobre aquilo vivido por todos nós.

A memória do vivido por nós não deve ser buscada só naqueles eventos catastróficos ou caracterizados pelo excesso de violência ou crueldade. A guerra e suas consequências não devem ser procuradas só nos territórios isolados e abandonados pelo Estado. As pessoas que enfrentaram o horror não são só aquelas reconhecidas pelo governo como vítimas. Compreender a profundidade das implicações da guerra, as múltiplas e variadas formas como ela transformou a vida de milhões de pessoas, enxergar formas como pessoas próximas a nós foram marcadas por essa guerra, talvez nos leve a compreender a necessidade imperiosa do seu fim.

Os casos analisados mostram as variadas formas nas quais os sujeitos resistiram ao controle e domínio dos grupos armados. Vimos como um altar pela morte de um ser querido pode representar uma forma de resistência ao poder, de comunicar sua indignação pelo acontecido, criando uma narrativa que privilegia as emoções. Ao mesmo tempo, esse altar revela a luta por devolver o lugar social das vítimas, denunciando a injustiça e demandando reflexão sobre o vivido.

Na introdução afirmávamos que para nós esses altares e suas narrativas de luto eram como vaga-lumes na noite, seguindo a metáfora usada por Didi-Huberman (2011). Da mesma forma, também procuramos os lampejos de luz na escuridão, invisíveis, intermitentes. Como muito bem ilustra Didi-Huberman, os vaga-lumes tentam ser tão discretos quanto possível, mas continuam a emitir seus sinais, é necessário abrir os olhos na noite, se descolar sem descanso e voltar a procurar os vaga-lumes. Talvez assim compreendamos

que a guerra na Colômbia não foi uma coisa terrível que aconteceu longe, na selva ou num lugar perdido no mapa. Pelo contrário, a guerra foi uma tragédia que atingiu a nosso vizinho, amigo, colega de faculdade, de trabalho. Atingiu a todos eles e, portanto, a nós mesmos.

Referencias

- Acaso es delito ser joven? **.El Colombiano**. Medellín, 1992.
- Acorralados. **.El Espectador**. Bogotá, 2012, June 24.
- ALONSO ESPINAL, M.; VALENCIA, G. Balance del proceso de Desmovilización, Desarme y Reinserción (DDR) de los bloques Cacique Nutibara y Héroes de Granada en la ciudad de Medellín. **Estudios Políticos**, , n. 33. 2008.
- ALONSO ESPINAL, M.; GIRALDO R., J.; SIERRA, D. Medellín el complejo camino de la competencia armada. In: C. de Gamboa (Ed.); **Justicia Transicional: teoría y praxis**. p.435–465. Bogotá: Universidad del Rosario, 2006.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México: Fondo de Cultura Económica., 1993.
- ANGARITA, P. E. Conflictos urbanos en un país en guerras: miedo, satanización y realismo trágico. In: W. Balbín Álvarez (Ed.); **Violencias y conflictos urbanos: un reto para las políticas públicas**. Medellín: Instituto Popular de Capacitación, 2004.
- APPADURAI, A. **La vida social de las cosas: perspectiva cultural de las mercancías**. México: Grijalbo, Consejo Nacional para las Culturas y las Artes, 1991..
- ARCHILA NEIRA, M. El movimiento estudiantil en Colombia, una mirada histórica. **OSAL, Observatorio Social de América Latina**, v. XIII, n. 31, 2012.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre abanalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ASSMANN, A. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. São Paulo: Unicamp, 2011.
- AVILA MARTÍNEZ, A. F. De la guerra de Jojoy a la guerra de Cano. **Revista Arcanos**, v. 14, n. 16, 2011.
- BALLESTEROS TORO, J. ET AL. Santo Domingo Savio: un territorio reterritorializado. **Territorios**, v. 22, p. 25. Medellín, 2010.
- BERRÍO, A.; GRISALES, M.; OSORIO, R. **La cotidianidad, el tiempo vivido y las marcas subjetivas de la violencia. Tras las huellas del sufrimiento social en la conflictividad urbana en Medellín**. Medellín, 2011.

BIRMAN, P.; LEITE, M. P.; COORDENADORAS. **Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Río de Janeiro: UFRGS, 2004.

BLAIR TRUJILLO, E. Memoria y narrativa: la puesta del dolor en la escena pública. **Estudios Políticos**, , n. 21, 2002.

BLAIR TRUJILLO, E. Memoria y poder: (des) estatilizar las memorias y (des) centrar el poder del Estado. **Universitas Humanística**, v. 72, 2011a.

BLAIR TRUJILLO, E. Micropolíticas de la(s) memoria(s): el sentido político de la dignidad. **Desde la Región**, , n. 54, p. 19–30, 2011b.

BLAIR TRUJILLO, E.; QUICENO, N. **De memorias y guerras. La Sierra, Villa Liliam y el 8 de Marzo en Medellín**. p.318. Medellín: Instituto de Estudios Regionales; Universidad de Antioquia; Programa de Víctimas Secretaría de Gobierno de Medellín, 2008.

BOLIVAR, I.; NIETO, L. Supervivencia y regulación de la vida social: la política del conflicto. **Nómadas**, , n. 19, p. 78–87, 2003.

BUTLER, J. Violencia, luto y política. **Iconos. Revista de Ciencias Sociales**, , n. 17, 2003.

BUTLER, J. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, J. **Marcos de guerra. las vidas lloradas**. Barcelona: Paidós, 2010.

CAMACHO GUIZADO, A. El ayer y el hoy de la violencia en Colombia: continuidades y discontinuidades. **Análisis Político**, v. 19, 1990.

CARSTEN, J. EDITOR (ED.). **Ghosts of memory: Essays on Remembrance and Relatedness**. Estados Unidos: Blackwell, 2007.

CASTAÑO, C. **Mi confesión: Carlos Castaño revela sus secretos**. Bogotá: Oveja Negra, 2002.

CASTILLEJO CUÉLLAR, A. La Globalización del testimonio: Historia, silencio endémico y los usos de la palabra. **Antípoda**, n. 4, 2007.

CASTILLEJO CUÉLLAR, A. **Los archivos del dolor: ensayos sobre la violencia y el recuerdo en la Sudáfrica contemporánea**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2009.

CASTILLEJO CUÉLLAR, A. Iluminan tanto como oscurecen. De las violencias y las memorias en la Colombia actual. **Construcción de la paz en Colombia**. Bogotá: Universidad de los Andes, 2012.

CASTRO CAYCEDO, G. **Operación Pablo Escobar**. Bogotá: Planeta, 2012.

CATELA, L. DA S. Conocer el silencio: entrevistas y estrategias de conocimiento de situaciones límite. **Oficios Terrestres**, v. X, n. 15-16, p. 42–54, 2004.

CATELA, L.; NOVAES, R. Rituais para a dor. Política, religião y violência no Rio de Janeiro. In: M. Leite; P. Birman (Eds.); **Um mural para a dor. Movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

CEBRIAN, M. **Representación histórica en la obra de Gabriel García Márquez**. Hamburgo: Diplomiica Verlag GmbH., 2009.

CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA. **Basta ya. Colombia memorias de guerra y dignidad**. Bogotá: Centro Nacional de Memoria Historica, 2013.

CERTEAU, M. DE. **La invención de lo cotidiano: artes de hacer**. México: Universidad Iberoamericana; Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, 2000.

CINEP. **Comuna 13: la otra versión. Caso Tipo No. 2Noche y Niebla**. Bogotá: CINEP, 2002.

COIMBRA, J. C. **O que resta da adoção? O comum e o testemunho sobre a busca das origens**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

COLÔMBIA. **Ley de justicia y paz, 975 de julio 25**. Colombia: Congreso de la República, 2005.

COLÔMBIA. **Ley de victimas y restitución de tierras, 1448 de junio 10 de 2011**. Colombia: Congreso de la República, 2011.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Portugal: Celta, 1993.

CONNERTON, P. Seven types of forgetting. **Memory Studies**, v. 59, n. 1, 2008.

CONNERTON, P. **The spirit of mourning: history, memory and the body**. Cambridge: Cambridge University, 2012.

CORTÉZ, A. Da memória traumática ao relato heróico: o papel da violência na identidade do Bairro da Población La Victoria, em Santiago do Chile. **Sociedade e Cultura**, v. 14, n. 2, 2011.

CUBIDES, F. **Burocracias armadas: el problema de la organización en el entramado de las violencias colombianas**. Bogotá: Norma, 2005.

DAS, V. **Critical events: an antropological perspective on contemporary India**. Delhi: Oxford University Press, 1995.

DAS, V. **Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad** (F. Ortega, Ed.). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008a.

DAS, V. Trauma y testimonio. In: F. Ortega (Ed.); **Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008b.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: IFMG, 2011.

DOSS, E. Death, art and memory in the public sphere: the visual and material culture of grief in contemporary America. **Mortality**, v. 7, n. 1, 2002.

DOSS, E. Spontaneous memorials and contemporary modes of mourning in america. **Material Religion: The Journal of Objects, Art, and Belief**, v. 2, n. 3, 2006.

DUNCAN, G. Crimen y poder: el filtro del orden social. In: J. Giraldo (Ed.); **Economía criminal en Antioquia: narcotráfico**. Medellín: Universidad Eafit; Fundación Proantioquia; Empresa de Seguridad Urbana, 2011.

En Medellín siguen asesinando en forma indiscriminada. **El Colombiano**, p. 6B. Medellín, 1992, December 28.

ERIKSON, K. Trauma y comunidad. In: F. Ortega Martínez (Ed.); **Trauma, cultura e historia: reflexiones interdisciplinarias para el nuevo milenio**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011.

ESTUDIANTES UNIVERSIDAD NACIONAL. Homenaje en memoria de Magaly Betancur Diaz y Paula Andrea Ospina Fernandez. . Medellín, 2005.

FRANCO, V. L. Violencias, conflictos urbanos y guerra civil: el caso de la ciudad de Medellín en la década de los noventa. In: J. W. Balbín Álvarez (Ed.); **Violencias y conflictos urbanos: un reto para las políticas públicas**. Medellín: Instituto Popular de Capacitación, 2003a.

FRANCO, V. L. Mercenarismo corporativo y sociedad contrainsurgente. **Estudios Políticos**, , n. 21, 2003b.

GALEANO MARIN, E. **Estrategias de investigación social cualitativa: el giro en la mirada**. Medellín: La Carreta, 2004.

GARAY SALAMANCA, J. L. ET AL. La Reconfiguración Cooptada del Estado: más allá de la concepción tradicional de captura económica del Estado. Disponible em: <http://www.transparenciacolombia.org.co/Portals/0/Captura del Estad.pdf>, 2008. Acceso em: 13 ago. 2011

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

- GEERTZ, C. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Gedisa, 2005.
- GIL RAMÍREZ, M. Y. **Paramilitarismo y conflicto urbano: relaciones entre el conflicto político armado nacional y las violencias preexistentes en la ciudad de Medellín: 1997-2005**. Universidad de Antioquia, 2009.
- GIRALDO, C. A. Conflicto armado a la vuelta de la esquina. **El Colombiano**, p. 4. Medellín, 2002, April 28.
- GIRALDO, M. ET AL. **Estudios sobre la memoria colectiva. Colombia 2000-2010**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.
- GÓMEZ BUILES, G. **Desplazamiento forzado y periferias urbanas: la lucha por el derecho a la vida en Medellín**, 2010.
- GONDAR, J. Ferenczi como pensador político. **Cardernos de Psicanálise**, v. 34, n. 27, 2012.
- GONZÁLEZ GIL, A. **Viajeros de ausencia: desplazamiento forzado y acción colectiva en Colombia**. Universidad Complutense de Madrid, 2009.
- GONZÁLEZ GONZÁLEZ, F. Aproximaciones a la configuración política de Colombia. **Para Leer la política. Ensayos de historia política colombiana**. Bogotá: CINEP, 1997.
- GONZÁLEZ GONZÁLEZ, F. Guerras civiles y construcción del Estado en el siglo XIX colombiano: una propuesta de interpretación sobre su sentido político. **Boletín de Historia y Antigüedades**, v. 93, n. 832, 2006.
- GONZÁLEZ GONZÁLEZ, F. Espacio, violencia y poder: una visión desde las investigaciones del CINEP. **Controversia**, , n. 189, 2007.
- GONZÁLEZ POSSO, C. Los grupos paramilitares avanzan: sexto informe sobre paramilitarismo 2011. . Bogotá: Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz, INDEPAR, 2011.
- GONZÁLEZ VÉLEZ, M.; CARRIZOSA ISAZA, C. Entre la planeación urbana, la apropiación del espacio y la participación ciudadana. Los pactos ciudadanos y el Parque Biblioteca España de Santo Domingo Savio. **Estudios Políticos**, v. 39, p. 117–140, 2011.
- GRIDER, S. Memorializing shooters with their victims. Columbine, Virginia Teach, Northern Illinois University. **Grassroots memorials: the politis of memorializing traumatic death**. New York: Berghahn Books, 2011.
- GRISALES RESTREPO, M.; OSPINA OSPINA, C. **Experiencia de construcción del archivo de la memoria histórica de las víctimas del conflicto armado en el municipio de Sonsón, Antioquia, en el período 1996 – 2006. Informe de práctica**. Universidad de Antioquia, 2008.

GRUPO DE MEMORIA HISTÓRICA DE LA COMISIÓN NACIONAL DE REPARACIÓN Y RECONCILIACIÓN. **Memorias en tiempo de guerra. Repertorio de iniciativas**. Bogotá: Puntoaparte, 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALLAM, E.; HOCKEY, J. **Death, memory and material cultured**. p.249. New York: Berg, 2001.

HENAO, P. Santo Domingo Savio no está pintado en la pared. **El Colombiano**, p. 12a. Medellín, 2006, July 2.

HENARE, A.;HOLBRAAD, M.;WASTELL, S. ED. **Thinking through things: theorising artefacts ethnographically**. Nova York: Routledge, 2010.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. 2nd ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JARAMILLO, A. M. Acerca de los estudios sobre conflicto armado y violencia urbana en Medellín (1985-2009). In: J. Giraldo (Ed.); **Economía criminal en Antioquia: narcotráfico**. Medellín: Universidad Eafit; Fundación Proantioquia; Empresa de Seguridad Urbana, 2011.

JARAMILLO, A. M.; GONZÁLEZ, S. **Medellín: panorama de la criminalidad y actores de violencia, 1985-2012**. Medellín, 2012.

JARAMILLO MORALES, D. Fronteras invisibles: miedo y movilidad en medellín. **Razón Pública.com: para saber en serio lo que pasa en Colombia**. Bogotá, 2013.

JARAMILLO PANESSO, J. Guantes de seda en la U de A. **El Mundo**. Medellín, 2005, February 15.

JARAMILLO, A. M.; CEBALLOS. R.;VILLA, M. **En la encrucijada: Conflicto y cultura política en el Medellín de los noventa**. Medellín: Corporación Región, 1998.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. España: Siglo XXI, Social Science Research Council, 2002.

JELIN, E.; LANGLAND, V. (COMP). **Monumentos, memoriales y marcas territoriales**. Madrid: Siglo XXI, 2003.

JIMENO, M. Lenguaje, subjetividad y experiencia de violencia. In: F. A. Ortega (Ed.); **Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008.

JIMENO, M. Emoções e política: A vítima e a construção de comunidades emocionais. **Mana**, v. 16, n. 1, p. 99–121, 2010.

KALDOR, M. **Las nuevas guerras: violencia organizada en la era global**. España: Tusquets, 2001.

KALYVAS, S. N. La violencia en medio de la guerra civil. Esbozo de una teoría. **Análisis Político**, , n. 42, 2001.

La protesta del 18 de febrero en la Universidad de Antioquia iba a ser de grandes magnitudes. **El Tiempo**. Bogotá, 2005.

LATOURETTE, B. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor red**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEAL BUITRAGO, F. La política de seguridad democrática, 2002-2005. **Análisis Político**, , n. 57, 2006.

LEITE, M. As mães em movimento. In: L. Márcia; P. Birman (Eds.); **Um mural para a dor. Movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

LEITE, M.; BIRMAN, P. **Um mural para a dor. Movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Lentamente muere Medellín. **El Colombiano**. Medellín, 1992, December 28.

LIFSCHITZ, J. La memoria social y la memoria política. **Aletheia**, v. 3, n. 5, 2012.

LIFSCHITZ, J.; ARENAS GRISALES, S. Memoria política y artefactos culturales. **Estudios Políticos**, n. 40, 2012.

MARGRY, P.; SÁNCHEZ-CARRETERO, C. **Grassroots memorials: the politics of memorializing traumatic Death**. New York: Berghahn Books, 2011.

MARTIN, G. **Medellín tragedia y resurrección. Mafia, ciudad y estado 1975-2012**. Medellín: Planeta, Alcaldía de Medellín, 2012.

Medellín en manos de Sebastián. **El Espectador**. Bogotá, 2010, November 10.

MEDELLÍN. ALCALDÍA. Encuesta de calidad de vida 2004. Medellín, 2004. Disponible en <http://www.medellin.gov.co/irj/portal/ciudadanos?NavigationTarget=navurl://989d4d490a613029d514576628ec8ad8> Acceso em:3 mar. 2013

MEDELLÍN. ALCALDÍA. **Plan de Desarrollo Comuna 1. 2005-2015**. Medellín: Alcaldía de Medellín; Corporación Convivamos, 2009.

MEDELLÍN. ALCALDÍA. Observatorio de Políticas Públicas de Medellín. Medellín, 2013. Disponible em:

<http://www.medellin.gov.co/irj/portal/ciudadanos?NavigationTarget=navurl://d77b9858039cf353a9bb8ef54f4377b9> Acceso em: 3 abr. 2013

MEDELLÍN. ALCALDÍA. PROGRAMA DE ATENCIÓN A LAS VÍCTIMAS. **Imágenes que tienen memoria**. Medellín: Alcaldía de Medellín2010.

MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN. Informe Ejecutivo de Derechos Humanos 2009:XIX semana de los derechos humanos. . Medellín: Personería de Medellín, 2009.

MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN. **Situación de los derechos humanos en Medellín: informe 2010**. Medellín, 2010. Disponible em: <http://www.personeriamedellin.gov.co/index.php/finish/155-informe-anual-de-ddhh-2010/2777-periodico-situacion-de-los-derechos-humanos-en-medellin-2010.html> Acceso em: 3 abr. 2013

MEDELLÍN. PERSONERÍA DE MEDELLÍN. **Informe sobre la situación de los derechos humanos en la ciudad de Medellín 2013**. Medellín: Personería de Medellín, 2014. Disponible em: http://www.personeriamedellin.gov.co/documentos/documentos/Informes/Situacion_DDHH_2013/INFORME_DDHH_vigencia_2013.pdf Acceso em: 3 abr. 2013

MEDINA FRANCO, G. **Una historia de las milicias de Medellín**. Medellín: Instituto Popular de Capacitación, 2006.

MONROY, J. Explosión deja 17 heridos en la UdeA. **El Colombiano**, p. 2D. Medellín, 2005.

MONTOYA ARANGO, V. **Memorias en fuga. Violencia y desarraigo en Colombia**. Universidad de Barcelona, 2012.

Murieron estudiantes heridas. **El Colombiano**. Medellín., 2005, February 19.

NARANJO GIRALDO, G. **Medellín en zonas: Monografías**. Medellín: Corporación Región, 1992.

NIETO LÓPEZ, J.; ROBLEDO, L. **Conflicto, Violencia y Actores sociales en Medellín**. Medellín: UNAULA, 2006.

NIETO LÓPEZ, J; ROBLEDO, L. **Conflicto, Violencia y Actores sociales en Medellín**. Medellín: UNAULA, 2006.

NIETO, P. **Los escogidos**. Medellín: Sílabas, 2012.

NIETO, P. COMP. **Me gustaba mucho tu sonrisa**. Medellín: Alcaldía de Medellín; Programa de Atención a las Víctimas del Conflicto Armado, 2007.

NIETO, P. COMP. **Donde nació aún crece la hierba**. Medellín: Alcaldía de Medellín; Programa de Atención a las Víctimas del Conflicto Armado; Universidad de Antioquia, 2010.

NIETO, P.; BETANCUR, J. M., COMP. **Jamás olvidaré tu nombre**. Medellín: Alcaldía de Medellín; Programa de Paz y Reconciliación, 2006.

NORA, P. **Pierre Nora en Les lieux de mémoire**. Santiago: LOM Ediciones, Trilce, 2009.

ORTEGA, F.; RINCÓN, C.; BORJA, J.; IZQUIERDO MALDONADO, J. (EDS.). **la irrupción de lo impensado: cátedra de estudios culturales Michel de Certeau**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2004.

ORTEGA MARTÍNEZ, F. Rehabitar la cotidianidad. In: F. A. Ortega (Ed.); **Veena Das: sujetos del dolor, agentes de dignidad**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008.

PÉCAUT, D. Configuraciones del espacio, el tiempo y la subjetividad en un contexto de terror: el caso colombiano. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 35, n. Ene.-Dic, 1999.

PÉCAUT, D. Memoria imposible, historia imposible, olvido imposible. **Memorias en conflicto: aspectos de la violencia política contemporánea**. Perú: Embajada de Francia en Perú; Instituto de Estudios Peruanos, et al., 2004.

PÉREZ TORO, W. Lugares y transacción del castigo. . Medellín: Foro Justicia transicional en tiempos de negociación. 24 de abril de 2013, 2013.

PÉREZ TORO, W.; VÉLEZ, J. Seguridad ciudadana y homicidio en Medellín Title. **Estudios Políticos**, , n. 11, 1997.

POLLAK, M. **L'Expérience concentrationnaire: Essai sur le maintien de l'identité sociale**. Paris: Éditions Métailié, 1990.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudios Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, M. **Memoria, olvido, silencio: la producción social de identidades frente a situaciones límite**. Buenos Aires: Ediciones la Margen, 2006.

POLLAK, M. A gestão do indizível. **WebMosaica**, v. 2, n. 1, 2010. Disponible em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/viewFile/15543/9299> Acceso em: 3 mar. 2012

PROANTIOQUIA, ET AL. Medellín Cómo Vamos. Informe de calidad de vida de Medellín, 2011. Disponible em: <http://www.medellincomovamos.org/quienes-somos>. Acceso em: 7 ago. 2011,

PULGARÍN RUIZ, J.; RINCÓN, A. (ASESORA). **Gestión territorial a partir de la violencia urbana en los barrios Andalucía, Popular y Santo Domingo Savio de la zona nororiental de Medellín.** Universidad Nacional de Colombia, 2009.

QUICENO, N. Puesta en escena, silencios y momentos del testimonio. El trabajo de campo en contextos de violencia. **Estudios Políticos**, , n. 33, 2008.

QUINCHÍA ROLDÁN, S.; ARRIETA NEIRA, E. ELurbanismo social, una política pública en Medellín (Colombia). Entre le discurso y la espacialización. XII Seminario Internacional RII. **Anais...** . Belo Horizonte, 2012.

RESTREPO, W.; VÉLEZ, J.; PÉREZ, W. **Violencia homicida en Medellín, 1986-1996.** Medellín, 1997.

REYES MATE, M. **Por los caminos de exterminio.** Barcelona: Anthropos, 2003.

RIAÑO ALCALÁ, P. **Jóvenes, memoria y violencia en Medellín. Una antropología del recuerdo y el olvido.**, Medellín: Editorial Universidad de Antioquia; ICANH, 2006.

RICOEUR, P. **La memoria, la historia y el olvido.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

RÍOS, M. **Función Social del Centro de Documentación del Museo Casa de la Memoria: diagnóstico 2011- 2012 desde la Arquitectura de Servicios.** Universidad de Antioquia, 2014.

ROMERO, M. **Paramilitares y Autodefensas 1982-2003.** Bogotá: Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales; Universidad Nacional de Colombia, 2003.

RUIZ RESTREPO, J.; VÉLEZ CIFUENTES, B. **Medellín: fronteras invisibles de exclusión y violencia.** Medellín: Centro de Estudios de Opinión, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Antioquia, 2004.

SALAZAR, A. **La parábola de Pablo.** Bogotá: Planeta, 2001.

SALAZAR J., A.; JARAMILLO, A. M. **Medellín: Las subculturas del narcotráfico.** Bogotá: CINEP, 1992.

SÁNCHEZ, G. Guerra y política en la sociedad colombiana. **Análisis Político**, , n. 11, 1990.

SÁNCHEZ, G. Guerras, memoria e historia. **Memorias en conflicto: aspectos de la violencia política contemporánea.** Perú: Embajada de Francia en Perú; Instituto de Estudios Peruanos, et al., 2004.

SÁNCHEZ, G. Memoria histórica. Conferencia. Medellín. Biblioteca Pública Piloto. 31 de mayo de 2012. **Anais...** . Medellín, 2012.

SANCHÉZ MEDINA, L. A.; VILLA, M.I.; JARAMILLO, A. M. Caras y contracaras del miedo en Medellín. In: M. I. Villa (Ed.); **El miedo: reflexiones sobre su dimensión social y cultural**. Medellín: Corporación Región, 2002.

SÁNCHEZ-CARRETERO, C, C. **El archivo del duelo: análisis de la respuesta ciudadana ante los atentados del 11 de marzo en Madrid**. Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, 2011.

SANTINO, J. Spontaneous shrines memmorialization, and the public ritualesque. **Ritsumeikan> revista del Instituto de Humanidades**, v. 94, 2003. Disponible em: http://www.ritsumei.ac.jp/acd/re/k-rsc/hss/book/ki_094.html. Acceso em: 3 abr. 2012

SANTINO, J. Between commemoration and social activism: spontaneous shrines, grassroots memorialization, and the public ritualesque in Derry. In: P. Margry; C. Sánchez-Carretero (Eds.); **Grassroots memorials: the politis of memorializing traumatic death**. New York: Berghahn Books, 2011.

SCHRAMM, K. Introduction: Landscapes of Violence: Memory and Sacred Space. **History & Memory**, v. 23, n. 1, 2011.

SCOTT, J. C. **Los dominados y el arte de la resistencia: discursos ocultos**. México: Era, 2000.

Ser jóven es um delito imperdonable. **.El Colombiano**. Medellín, 1992, November 22.

SHINDEL, E. Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano. **Política y Cultura**, , n. 31, 2009. Disponible em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/267/26711982005.pdf>. Acceso em: 12 fev. 2011

SUAREZ QUICENO, C.; CARDONA, R. **La Santa Montaña: historias del barrio Santo Domingo Savio No. 1. Convenio 008 de 2000. Municipio de Medellín**. Medellín, 2002.

TAYLOR, D. Trauma, memoria y performance: Un recorrido por Villa Grimaldi con Pedro Matta. **E-misférica**, v. 7, n. 2, 2010. Disponible em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/e-misferica-72/taylor>. Acceso em: 3 abr. 2013

TROUILLOT, M. R. **Silencing the past: power and the production of history**. Boston: Beacon, 1995.

UPRIMNY, R. Ley de Víctimas: avances, limitaciones y retos. **UN Periódico**. Bogotá. Agosto 13, 2011. Disponible em: <http://www.unperiodico.unal.edu.co/dper/article/ley-de-victimas-avances-limitaciones-y-retos.html>. Acceso em: 3 abr. 2013

URIBE DE HINCAPIÉ, M. T. Legitimidad y violencia: una dimensión de la crisis política colombiana. **Rasgando velos: ensayos sobre la violencia en Medellín**. Medellín: Universidad de Antioquia, 1993.

URIBE DE HINCAPIÉ, M. T. Las soberanías en vilo en un contexto de guerra y paz. **Estudios Políticos**, , n. 13, 1998.

URIBE DE HINCAPIÉ, M. T. Las palabras de la guerra. **Estudios Políticos**, , n. 25, p. 11–34, 2004.

URIBE DE HINCAPIÉ, M. T. Notas preliminares sobre resistencias de la sociedad civil en un contexto de guerras y transacciones. **Estudios Políticos**, v. 29, n. Jul.-Dic., p. 63–78, 2006.

VALENCIA, G.; MEJÍA, C. Ley de Justicia y Paz, un balance de su primer lustro. **Perfil de Coyuntura Económica**, , n. 15, 2010. Disponible em: <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/coyuntura/article/viewFile/7663/7086>. Acceso em: 3 abr. 2013.

VIANNA, A.; FARIAS, J. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Caderno Pagu**, , n. 37, 2011.

YARCE, E. Medellín busca la paz total. **El Colombiano**, p. 14d. Medellín, 2005, September 11.

YIN, R. **Applications of case study research**. Los Angeles: SAGE, 2012.

YOUNG, J. Cuando las piedras hablan. **Puentes**, n. 1, 2000. Disponible em: <http://www.memoriaenelmercosur.educ.ar/wp-content/uploads/2009/04/puentes01.pdf>. Acceso em: 3 abr. 2013